

**A
VIDA
NOS
MUNDOS
INVISÍVEIS**

Robert Hugh Benson

1

Cópia de boletim escrito por Oswaldo Polidoro

Avisamos o leitor que

A Vida Além do Véu e A Vida nos Mundos Invisíveis,

esses dois livros, psicografados na Inglaterra, entre 1910 e 1920, representam o máximo já vindo, espelhando o mundo espiritual. Quem quer que tenha noção de que vai um dia desencarnar e prestar contas à JUSTIÇA DIVINA, tem por obrigação conhecê-los e divulgá-los. Eles representam o testemunho da VERDADE, quando ela se manifesta em sua culminância significativa, que é relatar como funciona a JUSTIÇA DIVINA, no mais profundo de cada pessoa ou espírito, obrigando cada um a receber o merecido, em Luz e Glória, ou trevas, pranto e ranger de dentes, segundo como tenha procedido durante a encarnação. Também, fugindo ao xaropismo e ao mediocrismo de caudais de obras mediúnicas, comportam relatos sobre os Altos Escalões Direcionais de Mundos e de Humanidades, de Planetas, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, na palavra de VERDADEIROS ALTOS MENSAGEIROS, culminando com algumas manifestações de Jesus, em circunstâncias divinamente preciosas, aquelas em que os fatos oportunos demonstram e provam o quanto superam intermináveis e nauseabundas comunicações de espíritos vazios de Verdade, de Amor e de Virtude. Ter esses dois livros à cabeceira da vida, ou do leito, é ter encontro marcado com as sublimes promessas do Princípio, Deus ou Pai Divino, através de todos os Grandes Iniciados, Profetas, Mestres ou Cristos, porque apresentam OS RESULTADOS DA ENCARNAÇÃO, ba ou ruim, em plena convergência com a JUSTIÇA DIVINA, com quem jamais alguém poderá discutir, por ser INFINITAMENTE ACIMA DE PALPITES HUMANOS, de encarnados ou de desencarnados, bem ou mal intencionados.

Também os condensados iniciáticos de Oswaldo Polidoro colocam o leitor a par das VERDADES BÍBLICO-PROFÉTICAS, na hora apocalíptica em que a Humanidade terá de enfrentar O NOVO CÉU E A NOVA TERRA, depois de tremendas comoções que tudo abalarão, como está assinalado no Sermão Profético de Jesus, e no Livro da Revelação, o Apocalipse. Aos inteligentes e honestos, portanto acima de fanatismos religiosos, sectarismos, igrejinhas, panelas e panelinhas conchavistas, lembramos a indispensável leitura de:
ORAÇÕES E VERDADES DIVINAS
CRISTIANISMO VERDADEIRO E ORAÇÕES
ORAÇÕES MARAVILHOSAS E EVANGELHO DA JUSTIÇA DIVINA
A MENSAGEM DO ANJO DO SARÇAL
POR QUE, A HIPOCRISIA COMANDA O ESPETÁCULO?

livraria Freitas Bastos S/A
Rio – Rua Sete de Setembro, 113
São Paulo – Rua 15 de Novembro, 62 a 66
(editor deste boletim à época em que foi escrito)

A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS 1

ESCRITO POR MONSENHOR ROBERT HUGH BENSON
PSICOGRAFADO POR ANTHONY BORGIA

INTRODUÇÃO por Mike Rigby

Querido leitor:

Como editor deste trabalho, sinto que seja necessário explicar que tentamos publicar este livro sem alterar muito o texto original. Fizemos todos os esforços para reproduzi-lo da forma em que foi encontrado.

Você pode achar que a linguagem do autor pareça um tanto floreada às vezes. Mas isto se deve ao seu passado inglês e ao fato de que ele escreveu intensamente. Deve ser lembrado que a profissão do autor era a de pastor, e que seu lazer na terra era limitado. Sua sabedoria, que aumentou muito, é ainda restrita em algumas áreas por causa da sua falta de progresso espiritual, o que ele rapidamente admite.

Ficará aparente ao leitor que muito do que foi escrito é o que o autor chama de fatos, baseados no que ele vê, toca, experimenta e ouve. Então ele tira algumas conclusões destes fatos, que são baseadas em seu julgamento com respeito ao conhecimento e a espiritualidade que ele sente que então possui.

Ficará ao seu encargo, leitor, determinar o montante de verdade que pode ser relanceada através deste trabalho. Esperamos que lhe agrade e auxilie nesta aproximação positiva à vida depois da morte.

PREFÁCIO

Conhecimento é o melhor antídoto para o medo, especialmente se este medo for da possível ou provável existência depois que tenhamos feito a mudança desta vida para a próxima.

Para se descobrir de que tipo de lugar é o mundo seguinte, devemos inquirir alguém que lá habite, e registrar o que é dito. Isto é o que foi feito neste presente volume.

O comunicante, a quem conheci em 1909 – cinco anos antes de sua passagem para o mundo espiritual – era conhecido na terra como Monsenhor **Robert Hugh Benson**, filho de Eduard White Benson, primeiro Arcebispo de Canterbury.

Até que estes escritos fossem redigidos, ele não havia se comunicado comigo diretamente, mas uma vez me disse (por outro espírito amigo) que havia certos temas que ele desejava deixar acertados. As dificuldades de comunicação foram explicadas a ele por

espíritos amigos e conselheiros, mas ele manteve-se em seu propósito. Então, quando o tempo certo chegou, disseram-lhe que ele poderia se comunicar através de um amigo de seus tempos na terra, e foi privilégio meu atuar como seu amanuense.

O primeiro texto foi composto sob o título **Além desta Vida**; o segundo como **O Mundo Invisível**.

No primeiro, o comunicador faz, numa visão geral, uma preleção de sua passagem e a subsequente viagem através das várias partes dos planos espirituais. No segundo escrito, ele lida com mais ênfase com um número de fatos interessantes e importantes, e as facetas da vida espiritual, sobre os quais ele havia tocado apenas de leve ou de passagem.

Por exemplo: em *Além desta Vida* ele menciona os reinos mais elevados e os mais baixos. Em *O Mundo Invisível* ele realmente os visita e descreve o que viu e o que aconteceu nas duas regiões. Apesar de que cada um dos dois textos é completo em si mesmo, o segundo estende e amplia muito o primeiro, e, juntos, formam a composição num todo.

Somos velhos amigos, e sua passagem para lá não perturbou a amizade antiga; pelo contrário, fortaleceu-a, e deu mais oportunidades de encontro que seria possível se ele tivesse ficado na terra. Ele constantemente expressa seu prazer nesta habilidade de voltar à terra de uma maneira natural, normal, saudável e prazerosa, e dar testemunho de suas aventuras e experiências no mundo espiritual, como sendo um “morto” (como muitos diriam dele), mesmo assim, falante.

Anthony Borgia

ÍNDICE

PARTE I – ALÉM DESTA VIDA

- I Minha vida na terra
- II Passagem para a vida espiritual
- III Primeira experiência
- IV Casa de Repouso
- V Saguões de aprendizado
- VI Algumas perguntas respondidas
- VII Música
- VIII Planos para o trabalho futuro
- IX Os reinos trevosos
- X Uma visitação

PARTE II – O MUNDO INVISÍVEL

- I As flores
- II O solo
- III Métodos de construção
- IV Tempo e espaço
- V Posição geográfica
- VI Os reinos inferiores
- VII Algumas impressões iniciais
- VIII Recreação
- IX Personalidades espirituais
- X A Esfera das Crianças
- XI Ocupações
- XII Pessoas famosas
- XIII Organização
- XIV Influência Espiritual
- XV Os reinos mais elevados

PARTE I

ALÉM DESTA VIDA !

I - MINHA VIDA NA TERRA

Quem realmente sou, não importa. Quem fui, menos ainda. Não trazemos nossas posições terrestres conosco para o mundo espiritual. Minha importância na terra, deixei para trás. Meu valor espiritual é o que conta agora, a qual, meu bom amigo, está bem abaixo do que deveria ser e do que poderia ser. Isto é o tenho, sobre o que sou. Quanto ao que fui, eu deveria dar alguns detalhes concernentes à minha atitude mental antes de minha passagem para cá, para o mundo dos espíritos.

Minha vida na terra não foi difícil, no sentido de que jamais passei por privações físicas, mas certamente foi uma vida de trabalho mental duro. Na minha juventude fui enviado para a Igreja, porque o misticismo da Igreja atraía meu senso místico. Os mistérios da religião, através de suas manifestações externas de luzes, vestimentas e cerimônias, pareciam satisfazer meu apetite espiritual de uma maneira que nada mais faria. Havia mais, claro, que eu não entendia, e desde que vim ao mundo espiritual, descobri que tais coisas não importam. Eram problemas religiosos levantados pela mentalidade humana, e não têm qualquer significância no amplo plano da vida. Mas naquela época, como muitos outros, eu acreditei em tudo isto de forma geral, sem um relance de entendimento, ou quase nenhum. Pensava e pregava de acordo com meus ortodoxos livros de textos, e assim estabeleci para mim uma reputação. Quando contemplava um estado futuro de existência, pensava – e vagamente – sobre o que a Igreja havia me ensinado sobre este tema, que foi infinitesimalmente pouco e incorreto. Eu não percebia a proximidade dos dois mundos, o NOSSO e o SEU, apesar de ter tido muita demonstração disso. As experiências secretas que tive, assim eu pensava que eram, eu as trouxe para cá, pela extensão de leis naturais, e devem ter sido consideradas como ocorrências incidentais, em vez de regulares, dadas como raras, em vez de repetidas.

O fato de eu ter sido um sacerdote não impediu que eu fosse visitado pelos que a Igreja preferiu chamar de demônios, apesar de que, devo confessar, jamais vira antes qualquer coisa que remotamente me permitisse considerar como tal. Eu não alcançava o fato de que eu era o que é chamado, no plano terrestre, um sensitivo, um psiquista, alguém dotado com o Dom da vidência, apesar de que num grau limitado.

Esta incursão da faculdade psíquica em minha vida sacerdotal, eu achava que era consideravelmente perturbadora, já que entrava em conflito com a minha ortodoxia. Busquei aconselhamento sobre o fato entre meus colegas, mas eles sabiam ainda menos que eu, e eles apenas decidiram rezar por mim, para que estes “demônios” pudessem ser afastados de mim. As preces deles não me adiantaram de nada – isto era esperado, como agora sei. Se minhas experiências tivessem sido num plano elevado, haveria uma chance de eu ter sido considerado como sendo um homem muito santo. Mas não foi assim; elas foram apenas como as experiências que ocorrem com os sensitivos comuns da terra. Como aconteceram com um sacerdote da Santa Igreja, foram encaradas como tentações do “demônio”. Se acontecessem a alguém laico, seriam encaradas como tratos com o “demônio”, ou como alguma espécie de

aberração mental. O que meus colegas não entenderam é que este poder é um Dom – um Dom precioso, como agora compreendo – e que é individual, assim como o é a quem o possui, e orar para que fosse tirado é tão sem sentido quanto orar para que seja tirado de alguém a habilidade de tocar piano ou pintar quadros. Não seria apenas sem sentido, seria inquestionavelmente errado, já que tal Dom de ser competente para ver além do véu foi dado para ser exercido para o bem da Humanidade. Pelo menos posso regozijar-me pelo fato de nunca ter pedido que me fosse tirado esse Dom. Rezar, eu rezei, mas para maior ilustração no assunto.

A grande barreira para qualquer investigação progressiva sobre estas faculdades foi a atitude da Igreja sobre elas, que era – e é - inflexível, inequívoca, estreita e ignorante. Qualquer que seja o alcance de qualquer investigação, em qualquer que seja a direção, o julgamento final da Igreja era sempre o mesmo, e seus pronunciamentos invariáveis – “tais coisas têm sua origem no demônio”. E eu fui limitado pelas leis desta Igreja, administrando seus sacramentos e divulgando seus ensinamentos, enquanto o mundo espiritual estava batendo à porta toda a minha existência, tentando mostrar-me, para que eu visse por mim mesmo, o que tão freqüentemente buscara – nossa vida futura.

Muitas das minhas experiências nos acontecimentos psíquicos eu incorporei em meus livros, dando às narrativas um volteio para que tivessem um sabor religioso ortodoxo. A verdade estava lá, mas o significado e o propósito estavam distorcidos. Num trabalho mais amplo senti que deveria proteger a Igreja contra os ataques daqueles que acreditavam na sobrevivência espiritual na morte corporal, e que era possível ao mundo espiritual se comunicar com o mundo terreno. E naquele trabalho mais amplo eu descrevi o “demônio” – contra meu melhor julgamento – que eu realmente sabia ser nada mais que o trabalho de leis naturais, além e inteiramente independente de qualquer religião ortodoxa, e certamente de origem nada maligna.

Seguir minhas próprias inclinações seria impor uma reviravolta em minha vida, uma renúncia à ortodoxia, e muito provavelmente um grande sacrifício material, já que havia firmado uma segunda reputação, como escritor. O que já havia escrito tornar-se-ia sem valor aos olhos de meus leitores, e eu poderia ser visto como herético ou louco. A maior oportunidade de minha vida na terra, eu a deixei passar assim. Quão grande foi aquela oportunidade, e quão grande foi minha perda e o remorso, isso fiquei sabendo quando passei para este mundo, cujos habitantes já havia visto tantas vezes e em tantas ocasiões diferentes. A verdade estava ao meu alcance, e eu a deixei escapar. Segui a Igreja. Seus ensinamentos conseguiram se fixar bastante em mim. Via milhares acreditando como eu acreditava, e encorajei-me com isto, já que não podia pensar que pudessem estar todos errados. Tentei separar minha vida religiosa de minhas experiências psíquicas, e lidar com elas como se não tivessem ligação uma com a outra. Era difícil, mas dirigi-me firmemente num caminho que me fizesse o menor distúrbio mental possível, e assim continuei até o fim, quando finalmente me postei no limiar daquele mundo que já havia visto de relance. Daquilo que me aconteceu quando parei de ser um habitante da terra e passei para o grande mundo espiritual, espero agora lhe dar alguns detalhes.

II. PASSAGEM PARA A VIDA ESPIRITUAL

O processo real de desenlace não é necessariamente doloroso. Durante minha vida na terra, eu havia testemunhado muitas almas passando pela fronteira ao espiritual. Tinha tido a chance de observar com os olhos físicos as batalhas que acontecem quando o espírito almeja libertar-se para sempre da carne. Com minha visão psíquica também presenciei o espírito sair, mas em lugar algum pude descobrir - isto é, nas fontes ortodoxas – o que exatamente acontece no momento da separação, nem fui capaz de conseguir alguma informação sobre as sensações experimentadas pela alma que desencarna. Os escritores dos livros de textos religiosos não nos dizem nada de tais fatos por uma razão muito simples – eles nada sabem.

O corpo físico muitas vezes parecia estar sofrendo demais, por uma dor real ou por uma respiração artificial, ou mesmo asfixiante. Por causa disso, tais passagens tinham a aparência de serem extremamente dolorosas. Será que seriam assim? – era a pergunta que sempre eu fazia a mim mesmo. Fosse qual fosse a verdadeira resposta, nunca pude realmente acreditar que o processo físico verdadeiro da “morte” fosse doloroso, ainda que assim aparentasse. Eu sabia que teria, um dia, a resposta à minha pergunta, e sempre desejei que, pelo menos, minha passagem não fosse violenta, por mais que pudesse ser. Minhas esperanças foram realizadas. Meu final não foi violento, mas foi dificultoso, como foram tantos que testemunhei.

Eu tive o pressentimento de que meus dias na terra estavam chegando a um fim próximo somente um pouquinho antes de minha passagem. Havia um peso em minha mente, algo semelhante a uma sonolência, enquanto estive acamado. Muitas vezes senti a sensação de sair flutuando e lentamente retornar. Sem dúvida, durante tais períodos, aqueles que cuidavam do meu bem estar físico tiveram a impressão de que, se não passasse realmente, estava caminhando rapidamente para isso. Durante os intervalos de lucidez que tive, não experimentei sensações de desconforto físico. Podia ver e ouvir o que acontecia em torno de mim, e podia “sentir” a tensão mental que minha condição estava ocasionando. Mas ainda tinha a sensação da mais extraordinária animação em minha mente. Eu sabia, com certeza, que minha hora de passar chegara, e estava pleno de ansiedade para ir. Não tinha medo, nenhum receio, nenhuma dúvida, nenhum arrependimento – até então – por sair assim do mundo terreno. (Meu arrependimento chegaria mais tarde, mas disto falaremos na ocasião correta). Tudo o que eu queria era ir-me de vez.

Repentinamente, senti uma grande vontade de me levantar. Não tive qualquer sensação física, tanto como nos sonhos as sensações físicas são ausentes, mas eu estava mentalmente alerta, entretanto meu corpo parecia contradizer tal condição. Imediatamente a este ímpeto de me levantar, percebi que realmente estava fazendo isto. Eu, então, descobri que os que estavam em torno de minha cama não pareciam ter percebido o que eu estava fazendo, já que não fizeram o menor esforço em me acudir, nem tentaram me proteger de forma alguma. Ao me voltar, percebi então o que acontecera. Vi meu corpo físico deitado sem vida sobre a cama, mas aqui estava eu, meu eu real, vivo e bem. Por um minuto ou dois, fiquei observando, e o pensamento do que fazer em seguida dominou minha mente, mas a ajuda estava próxima. Eu podia ainda ver bem claramente o quarto em torno de mim, mas havia uma certa névoa nele, como se tivesse sido preenchido com fumaça muito bem distribuída. Olhei para mim mesmo, imaginando o que estaria usando como roupa, porque havia obviamente acabado de me levantar de uma cama de enfermo e não estive em condições de me mover para longe dali.

Fiquei extremamente surpreso ao ver que usava minha roupa usual, como a que usava quando me locomovia livre e saudavelmente em minha própria casa. Minha surpresa foi momentânea, já que pensava comigo mesmo, que espécie de roupa esperava que usasse? Certamente que não seria alguma coisa diáfana. Tal costume é normalmente associado à idéia convencional de um anjo, e eu não necessitava assegurar-me de que não era um deles!

O conhecimento do mundo espiritual que pude obter pelas minhas experiências instantaneamente veio em meu auxílio. Eu soube rapidamente da alteração que ocorrera em minha condição; soube, em outras palavras, que havia “morrido”. Soube, também, que estava vivo, e que afastara de mim minha última doença a ponto de ficar em pé e olhar em torno. Em nenhum momento fiquei preocupado, mas estava ansioso pelo que aconteceria em seguida, já que aqui eu estava, totalmente imbuído de minhas faculdades mentais, e, sem dúvida, sentindo-me "fisicamente" como jamais me sentira antes.

Apesar de ter levado certo tempo para ser contado, para que fosse passado o maior número de detalhes possível, todo o processo deve ter levado apenas alguns minutos na contagem de tempo da terra.

Tão logo gastei este breve tempo para olhar em torno de mim e apreciar meu novo estado, vi que estava acompanhado por um antigo colega – um sacerdote – que havia passado para esta vida alguns anos antes. Cumprimentamo-nos afetuosamente, e percebi que se vestia como eu. Novamente, isso não me pareceu estranho, porque se ele estivesse vestido de outra forma, eu teria sentido que algo estava errado, já que eu somente o havia visto com as vestimentas clericais. Ele expressou seu grande prazer ao me ver novamente, e de minha parte antevi a ligação de muitos fios que haviam sido rompidos com sua “morte”.

Nos primeiros momentos permiti que ele fizesse todo seu discurso; eu ainda não havia me acostumado à novidade das coisas. Pois você deve se lembrar que eu havia acabado de me levantar da cama por uma doença terminal, e que na retirada do corpo físico eu havia também retirado de mim a moléstia, e a nova sensação de conforto e a liberação dos males do corpo eram tão gloriosas que levou uns momentos para que eu compreendesse totalmente. Meu velho amigo pareceu saber logo a extensão de meu conhecimento, que eu estava consciente de ter passado para cá, e de que tudo estava bem.

E aqui deixe-me dizer que toda a idéia de um “tribunal” ou de “dia do juízo” foi totalmente varrida de minha mente no real processo de transição. Era tudo normal e natural demais para sugerir a pavorosa provação que deveríamos passar depois da “morte”. As concepções de “juízo” e “inferno” e “céu” pareciam hoje impossíveis. Indubitavelmente, elas eram totalmente fantasiosas, agora que me via vivo e bem, “vestindo minha mente verdadeira”, e, de fato, vestindo minhas roupas habituais, e diante de um velho amigo, que apertava cordialmente minhas mãos, cumprimentando-me dando suas saudações, demonstrando exteriormente – e neste caso – genuínas manifestações de ter prazer em me ver, tanto quanto eu tinha prazer ao vê-lo. Ele, em si, apresentava muito boa vontade ao estar ali, dando-me as boas vindas como, no plano terrestre, dois velhos amigos fazem depois de longa separação. Isto, em si, foi suficiente para mostrar que todos os pensamentos de ser conduzido a um julgamento eram inteiramente ridículas. Nós dois estávamos tão alegres, tão felizes, tão despreocupados e tão naturais, e eu, por mim, esperava excitado por qualquer forma de revelação prazerosa sobre este mundo novo; e sabia que não poderia haver ninguém melhor que meu velho amigo para dá-la a mim. Ele disse-me que me preparasse para um número imensurável de surpresas as mais agradáveis, e que ele havia sido enviado para encontrar-se

comigo em minha chegada. Como ele já sabia o limite de meus conhecimentos, assim sua tarefa era mais fácil.

Tão logo pude dominar minha língua, depois de nosso primeiro colóquio, percebi que falamos como sempre o fizemos na terra, isto é, simplesmente usamos nossas cordas vocais e falamos, quase como usualmente. Não requeria pensar, e realmente não pensei em nada. Meramente percebi que era assim. Meu amigo então propôs que, já que não tínhamos necessidade nem éramos chamados a estar nas imediações do meu passamento, poderíamos seguir adiante, e ele me levaria para um “lugar” muito agradável e que havia sido aprontado para mim. Ele fez a referência a um “lugar”, mas apressou-se em explicar que, na realidade, eu estava indo para a minha própria casa, onde me sentiria imediatamente “em casa”. Sem saber, então, como se procedia, ou, em outras palavras, como faria para chegar lá, coloquei-me inteiramente em suas mãos, e era precisamente para isto, ele me disse, que ele estava ali!

Não pude resistir ao impulso de me virar e dar uma última olhada ao quarto de minha transição. Ainda apresentava a aparência enevoada. Aqueles que inicialmente estiveram ali haviam saído, e pude me aproximar da cama e olhar para “mim mesmo”. Não fiquei nada impressionado pelo que vi, mas os restos de meu corpo físico pareciam bem plácidos. Meu amigo então sugeriu que fôssemos então, e estando de acordo, movemo-nos dali.

Conforme partimos, o quarto gradualmente tornou-se mais enevoado, até que, sumindo de minha visão, finalmente desapareceu. Até então, eu tinha o costume, como é usual, de usar minhas pernas num passeio simples, mas em vista de minha última moléstia e pelo fato de, conseqüentemente, eu precisar de um período de descanso antes de me exercitar mais, meu amigo disse-me que seria melhor que não usássemos os meios costumeiros de locomoção – nossas pernas. Então ele pediu que segurasse sua mão firmemente e não tivesse medo de nada. Eu poderia, se quisesse, fechar os olhos. Talvez fosse melhor, disse ele, que assim eu fizesse. Peguei seu braço e deixei o resto com ele, como havia dito. Logo experimentei a sensação de flutuar, como nos sonhos físicos, apesar de que este era bem real e desprovido de qualquer dúvida a respeito de segurança pessoal. O movimento pareceu tornar-se mais rápido conforme o tempo passava, e eu ainda mantinha meus olhos fechados. É estranha a determinação com que se fazem as coisas por aqui. No plano terrestre, se circunstâncias similares fossem possíveis, quantos de nós teriam fechado os olhos em plena confiança? Aqui não havia sombra de dúvida de que tudo estava bem, de que não havia nada a temer, que nada de mal poderia acontecer, e que, acima de tudo, meu amigo tinha controle completo da situação.

Depois de um intervalo, nossa progressão de alguma forma pareceu diminuir, e pude sentir que havia algo sólido sob meus pés. Disseram-me que abrisse meus olhos. Assim fiz. O que vi foi minha antiga casa, onde havia morado no plano terrestre; minha velha casa – mas com uma diferença. Era melhorada de uma forma que não sou capaz de fazer em sua contrapartida terrena. A casa em si foi rejuvenescida, como me pareceu num primeiro olhar, mais que restaurada, mas foram os jardins em torno dela que me atraíram a atenção mais firmemente.

Pareciam ser mais amplos, e estavam num estado da mais perfeita ordem e arranjo. Mas com isso não quero dizer a ordem comum a que estamos acostumados a ver nos jardins públicos no plano terrestre, mas que eles eram magnificamente mantidos e cuidados. Não havia crescimento desordenado ou emaranhados de folhagem ou ervas daninhas, mas a mais gloriosa profusão de flores maravilhosas, arrançadas de tal forma a mostrarem-se em absoluta perfeição. Das flores em si, quando fui capaz de observá-las mais acuradamente, devo dizer que jamais vira algo parecido, nem suas réplicas sobre a terra, de tantas que havia lá, em

plena florescência. Numerosas pareciam ser de antigas florescências familiares, mas de longe, na maioria pareciam ser completamente novas no meu parco conhecimento sobre flores. Não foram apenas as flores em si e sua inacreditável variedade de colorações soberbas que captaram minha atenção, mas a atmosfera vital da vida eterna que elas emanavam, como eram, em todas as direções. E conforme alguém se aproximava de qualquer grupo em particular de flores, ou mesmo de qualquer um botão, parecia que emanavam grandes correntes de poder energizante, que elevava espiritualmente a alma e lhe dava força, enquanto os perfumes celestes que exalavam eram tais, que nenhuma alma vestida em seu manto de carne jamais experimentou. Todas estas flores eram vivas e respiravam, e eram, como informou meu amigo, incorruptíveis.

Havia outro fato espantoso que percebi quando delas me aproximei, era o som de música que as envolvia, fazendo suaves harmonias conforme correspondiam exata e perfeitamente com as cores lindas das flores em si. Temo que eu não seja suficientemente culto, musicalmente, para poder lhe dar uma explanação técnica do som neste fenômeno maravilhoso, mas espero trazer a você alguém com conhecimento neste campo, que seja capaz de aprofundar a explicação com mais precisão. Basta por agora, então, dizer que estes sons musicais estavam em consonância com tudo o que havia visto até então – que era muito pouco – e que em todos os lugares havia harmonia perfeita.

Eu já estava de tal forma cômico do efeito revitalizante deste jardim celestial que fiquei ansioso em conhecer mais dele. E assim, na companhia de meu velho amigo, sobre quem eu me apoiava para ter informações e aconselhamentos, andei pelas alamedas do jardim, pisei a primorosa grama, cuja elasticidade e maciez faziam o passeio comparável a um “passeio nas nuvens”; e tentei compreender que esta superlativa beleza era parte de minha própria casa.

Havia árvores esplêndidas para serem vistas; nenhuma delas era mal formada como estamos acostumados a ver na terra, mas não havia sinal de uma estrita uniformidade de padrão. Simplesmente, cada árvore estava crescendo sob condições perfeitas, livre de rajadas de ventos que dobram e torcem os galhos novos, e livre de ser atacada por insetos e das muitas outras causas de deformidades das árvores da terra. Como as flores, também eram as árvores: Elas vivem para sempre, incorruptíveis, sempre cobertas com sua manta de folhas de todos os tons de verde, e sempre emanando vida a todos os que se aproximam delas.

Eu observei que elas não pareciam ter o que normalmente chamaríamos de sombra abaixo delas, tampouco não parecia haver sol escaldante. Parecia que havia uma radiação de luz que penetrava em cada canto, mas mesmo assim não havia indício de planura. Meu amigo contou-me que toda luz vinha diretamente do Doador de toda luz, e que esta luz era divina como Ele, e que banhava e iluminava a totalidade do mundo espiritual onde viviam os que tinham espiritualmente olhos para ver.

Percebi, também, que um calor confortável invadia cada polegada do espaço, um calor tão constante quanto perfeitamente sustentado. O ar tinha uma imobilidade, mas havia uma leve brisa perfumada – o mais verdadeiro zéfiro – que de forma alguma alterava o delicioso bálsamo da temperatura.

E aqui, deixe-me contar aos que não se importam muito com ‘perfumes’ de nenhuma espécie: Não se desapontem quando lerem estas palavras, e saibam que não seria o céu a vocês, se houvesse alguma coisa que não gostassem. Esperem, digo eu, até que testemunhem estes fatos, e sei que então terão outra opinião sobre eles.

Tenho mencionado tudo com bastantes detalhes porque estou certo de que há muita gente que quer saber sobre tudo isto.

Fiquei assombrado pelo fato de não haver nem sinal de muros, sebes ou cercas; na verdade nada, até onde pude ver, que demarque onde começa ou termina. Disseram-me que tais coisas, como limites, não eram necessárias, porque cada pessoa sabia instintivamente, sem sombra de dúvida, exatamente onde seu jardim terminava. Não havia, portanto, nenhuma intrusão nos terrenos de outros, apesar de serem todos abertos a qualquer um que quisesse atravessá-los ou por ali ficar. Eu era cordialmente bem vindo onde quer que eu fosse, sem medo de estar me intrometendo na privacidade de outrem. Disseram-me que eu deveria descobrir que essa era a regra por aqui, e que não deveria agir diferentemente a respeito dos outros que passassem em meu jardim. Eu descrevi exatamente meus sentimentos daquele instante, pois desejava, ali e naquela hora, que todos os que quisessem pudessem visitar meu jardim e apreciar suas belezas. Pessoalmente não tinha conotação de propriedade, apesar de eu saber que era meu, para ser “assumido e cuidado”. E é precisamente essa a atitude de todos aqui – possuir algo e compartilhar ao mesmo tempo.

Ao observar o maravilhoso estado de preservação e todos os cuidados com os quais o jardim era mantido, perguntei ao meu amigo sobre o gênio que cuidava dele tão assiduamente e com estes resultados tão esplêndidos. Depois de responder à minha pergunta, ele sugeriu que, como eu era recém-chegado ao mundo espiritual, seria bom que eu repousasse, ou eu não conseguiria cumprir minha visitação, afinal. Propôs, portanto, que eu encontrasse um local agradável – usava tais palavras em termos comparativos, porque tudo por ali era mais que agradável – onde poderíamos nos sentar e então ele me exporia uma ou duas das muitas questões que se apresentaram a mim no curto espaço de tempo desde que eu havia passado a ser espírito.

Passeamos, portanto, até encontrarmos um local muito bonito, entre os ramos de uma árvore magnífica, de onde visualizávamos uma boa parte da paisagem do campo, cujo verde tão rico ondulava diante de nós e se estendia para longe. Todo o cenário estava banhado de um glorioso e celestial brilho do sol, e percebi que havia muitas casas, de muitos estilos, pitorescamente situadas, como a minha, entre árvores e jardins. Deitamo-nos na relva macia, e me espreguicei profundamente, sentindo-me como se estivesse na mais fina das camas. Meu amigo perguntou-se se eu estava cansado. Eu não tinha a sensação normal de cansaço terreno, mas de alguma forma ainda sentia a necessidade de um relaxamento corporal. Ele contou-me que minha última doença era a causa desta minha vontade, e que se eu quisesse poderia passar por um estado de sono completo. Absolutamente, não sentia necessidade disso naquele instante, e disse-lhe que preferia ouvi-lo falar. E ele começou.

“Aquilo que o homem semear”, disse, “ele colherá”. Estas poucas palavras descrevem exatamente o grandioso processo eterno pelo qual tudo o que você vê aqui, realmente diante de você, foi concretizado. Todas as árvores, as flores, os bosques, também as casas que são os lares felizes de gente feliz – tudo é o resultado visível de “tudo que o homem semear”. Este plano, onde eu e você habitamos agora, é o plano da grande colheita, cujas sementes foram plantadas no plano terrestre. Todos os que aqui habitam conquistaram por si mesmos precisamente a habitação que receberam através de seus atos na terra.

Realmente eu estava percebendo muitas coisas, a principal delas, e que me tocava mais intimamente, era a atitude adotada, totalmente errada, pela religião em relação ao mundo espiritual. O fato verdadeiro estava ali onde eu estava, constituído de uma completa refutação de tanta coisa que pensei e sustentei durante minha vida sacerdotal na terra. Eu podia ver volumes de ensinamentos ortodoxos, credos e doutrinas desaparecendo, porque não têm base, porque não são verdadeiras, e porque não têm uso nem no eterno mundo espiritual nem para o

grande Criador e Sustentador dele. Agora podia ver claramente o que antes era nebuloso, que a ortodoxia é feita pelo homem, mas que o Universo é dádiva de Deus.

Meu amigo continuou a descrever quem eu encontraria morando nas casas que podíamos ver de onde estávamos deitados, toda sorte de pessoas e condições; pessoas cujos pontos de vista religiosos também eram variados quando estavam na terra. Mas um dos grandes fatos da vida espiritual é que as almas são, no instante que passaram para a vida espiritual, exatamente as mesmas do instante anterior. Os arrependimentos do leito de morte não contam, já que a maioria deles nada mais é do que covardia nascida do medo do que está por acontecer – um medo do inferno teologicamente erigido, arma útil no arsenal eclesiástico e que talvez tem causado mais sofrimento por sua vez que muitas outras doutrinas errôneas. Os credos, então, não fazem parte do mundo dos espíritos, mas porque as pessoas levam com elas todas as suas próprias características ao mundo espiritual, os partidários fervorosos de alguma religião continuarão a praticá-la no mundo espiritual até o tempo em que suas mentes tornem-se espiritualmente iluminadas. Temos aqui, como amigos me informaram, - encontrei muitos deles por aqui – comunidades inteiras ainda praticando sua antiga religião terrena. O fanatismo e os preconceitos estão ali, religiosamente falando. Eles não prejudicam, exceto a si mesmos, desde que mantenham tais assuntos entre si. Não há coisas como fazer adeptos, por aqui.

Se fosse o caso, então, suponho que nossa própria religião estivesse bem representada aqui. Realmente, estava! As mesmas cerimônias, o mesmo ritual, as mesmas velhas crenças, tudo é levado adiante com o mesmo zelo desperdiçado – em igrejas erigidas a propósito. Os membros destas comunidades sabem que desencarnaram, e pensam que parte de suas recompensas celestiais é continuar com suas formas de adoração feitas por homens. Assim continuarão até que venha o tempo de um despertar espiritual. Nunca haverá pressão sobre essas almas; sua ressurreição mental deverá vir por si mesmos. Quando acontece, experimentarão pela primeira vez o significado real de liberdade.

Meu amigo prometeu que, se eu quisesse, poderíamos visitar algumas corporações religiosas mais tarde, mas, sugeriu, haveria muito tempo e seria melhor que, antes de mais nada, eu me acostumassem à nova vida. Ele havia deixado sem resposta, até então, minha pergunta sobre quem seria a alma gentil que cuidava tão bem de meu jardim, mas leu meu pensamento não pronunciado, e voltou ao tema.

Tanto a casa como o jardim, disse-me, eram a colheita que fiz por mim mesmo durante minha vida na terra. Tendo ganhado o direito de possuí-los, eu os construí com a ajuda de almas generosas que usam suas vidas no mundo espiritual em atos de bondade, servindo aos outros. Não somente era seu trabalho, mas ao mesmo tempo era-lhes verdadeiro prazer. Frequentemente tal serviço é assumido e cumprido por aqueles que, na terra, eram especialistas nisso, que amavam o que faziam. Aqui podem continuar com sua ocupação sob certas condições que apenas o mundo espiritual pode oferecer. Tais tarefas trazem-lhes recompensas espirituais, apesar de que o pensar em recompensas não está nas mentes de quem as cumpre. O desejo de servir aos outros sempre se sobrepõe.

O homem que ajudou a tornar realidade este lindo jardim era um amante da jardinagem no plano terrestre, e, como pude ver por mim mesmo, também era um expert. Mas uma vez que o jardim era criado, não havia a necessidade da labuta incessante para mantê-lo, como nos grandes jardins da terra. É a constante deterioração, as pressões das tempestades e dos ventos, e várias outras causas que demandam trabalho na terra. Aqui nada deteriora, e tudo o que cresce o faz sob as mesmas condições nas quais existimos. Contaram-me que o jardim praticamente não requeria atenções, como as que conhecemos, e que nosso amigo jardineiro

ainda o manteria sob seus cuidados se eu assim o desejasse. Longe de apenas querer isso, expressei meu desejo de que ele realmente o fizesse. Expressei minha gratidão pelo seu lindo trabalho e desejei poder encontrá-lo para transmitir-lhe meus sinceros agradecimentos e apreciações. Meu amigo explicou que isso era simples, e a razão por que eu ainda não o tinha encontrado era o fato de ser recente a minha chegada e ele não se intrometeria até que eu me sentisse em casa.

Minha mente voltou-se novamente à minha ocupação enquanto estive na terra, a condução do serviço diário e todas as outras obrigações de um pastor da Igreja. Como tais ocupações, no que me concernia, não eram mais necessárias, confundia-me imaginar que futuro imediato estaria reservado para mim. Fui novamente lembrado de que teria tempo suficiente para ponderar sobre tal tema, e meu amigo sugeriu que eu descansasse e o acompanhasse em algumas visitas de inspeção – havia muito o que ver e muita coisa que eu consideraria mais que surpreendente. Havia também inúmeros amigos que esperavam encontrar-me depois de longa separação. Ele acabou com minha ânsia de começar ao pedir que descansasse primeiro, e para tal propósito, que melhor lugar, se não a minha própria casa?

Segui seu conselho, portanto, e voltamos para casa.

III. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Já mencionei que logo que me apresentaram a minha casa espiritual observei que era a minha mesma casa terrena, mas com uma diferença. Assim que adentrei a porta, logo percebi que aconteceram várias mudanças. Estas mudanças eram na maioria estruturais, e eram exatamente da mesma forma que eu sempre quis fazer em minha casa terrena, mas que, por razões arquiteturais e outras, nunca pude fazê-las. Aqui, as necessidades da terra não existem, por isso eu encontrei minha casa espiritual, numa disposição geral, exatamente como sempre desejei que fosse. Os requisitos essenciais indispensáveis associados a uma casa da terra eram, claro, completamente supérfluos aqui; por exemplo, o tema severamente mundano de se prover os corpos com comida. Este é um exemplo da diferença. E assim com outros, é bem fácil imaginar.

Enquanto atravessamos vários aposentos juntos, podia ver muitos exemplos de consideração e bondade daqueles que trabalharam tão energicamente para ajudar-me a reconstruir minha velha casa em sua nova vizinhança. Enquanto dentro de suas paredes, atentei ao estar lá comparando com a que tinha deixado para trás. Mas era uma estadia que eu sabia que poderia terminar; permanente apenas enquanto eu desejasse que assim fosse. Era mais que uma mera casa; era um porto espiritual, moradia da paz, onde os cuidados e responsabilidades domésticos eram totalmente ausentes.

A mobília que continha consistia em sua maioria naquela que eu tinha no original terreno, não particularmente porque fosse bela, mas porque eu a achava útil e confortável, e adequadamente ajustada aos meus poucos requisitos. A maioria dos pequenos adornos podia ser vista nos mesmos locais costumeiros, e toda a casa em geral apresentava um inconfundível ar de ocupação. Eu realmente havia “chegado em casa”.

Na sala que antes era meu escritório percebi algumas prateleiras cheias de livros. Primeiramente fiquei surpreso ao ver essas coisas, mas pensando melhor, não pude achar razão por que, se casas assim podem existir com todas as suas variações, não haveria lugar para livros no projeto. Eu estava interessado em ver de que tipo eram os livros, por isso fiz um exame mais acurado. Vi que muitos deles eram meus próprios trabalhos. À medida que fiquei diante deles, tive a clara percepção da razão, a verdadeira razão, por estarem ali. Muitos destes livros continham aquelas narrativas de que falei antes, nas quais discorri sobre minhas experiências psíquicas, depois de dar a elas um necessário cunho religioso. Um livro em particular parecia aparecer em minha mente mais do que outros, e cheguei à completa percepção de que agora desejava nunca tê-lo escrito. Era uma narrativa distorcida, onde os fatos, como eu realmente os conhecia, receberam um tratamento injusto, e onde a verdade fora suprimida. Eu me sentia cheio de remorsos e, pela primeira vez desde a chegada a este plano, de arrependimento. Não era arrependimento de ver que tinha, finalmente, chegado ao mundo espiritual, mas era pena por, com a verdade diante de mim, deliberadamente tê-la deixado de lado e ter colocado em seu lugar falsidade e má interpretação. Eu sabia que enquanto meu nome existisse, isto é, tanto tempo quanto tivesse valor comercial, aquele livro continuaria ser reproduzido, circularia e seria lido – e tido como verdade absoluta. Eu tinha o desagradável conhecimento de que jamais poderia destruir o que fiz daquela forma.

Não havia, de forma alguma, nenhum senso e condenação sobre isso. Pelo contrário, eu podia sentir uma atmosfera distinta de uma imensa simpatia. De onde vinha, eu não sabia, mas, não obstante, era real e concreta. Virei-me para meu amigo que, durante a minha

inspeção e a descoberta, ficou ali discretamente e, compreensivelmente, a uma pequena distância, e pedi a sua ajuda. Ele veio instantaneamente, explicou-me que sabia exatamente o que acontecia em mim, com referência a este livro, mas eximiu-se de fazer qualquer comentário em relação a ele antes que eu o descobrisse por mim mesmo. Depois que o fiz, e depois de meu subsequente apelo por ajuda, estava apto a vir em meu auxílio.

Minha primeira questão era perguntar-lhe como poderia consertar este tema. Ele respondeu-me que havia várias formas pelas quais eu poderia fazer isso, algumas mais difíceis – mas mais eficazes – que outras. Sugeriu que poderíamos voltar ao plano da terra e contar aos outros sobre esta nova vida e a verdade sobre a comunicação entre os dois mundos. Muitas, muitas pessoas, disse ele, tinham tentado, e ainda estavam tentando, fazer isso, e quantos acreditavam neles? Eu estaria pensando que teria melhor sorte? Certamente nenhum destes que leram meus livros chegaria perto de receber ou acreditar em alguma comunicação vinda de mim. E eu percebi, também, que se eu precisasse me apresentar a tais pessoas, elas logo me chamariam de ‘diabo’, se não o próprio Príncipe das Trevas!

‘Deixe-me colocar’, disse ele, ‘algumas considerações antes que considere sobre comunicar-se com o mundo encarnado. Você bem sabe que isso é possível, mas tem alguma idéia das dificuldades que envolvem?’

‘Vamos presumir que você tenha encontrado os meios para se comunicar. A primeira coisa a que você será solicitado será deixar bem clara e definida a sua identificação. Bem provavelmente, depois de sua primeira declaração sobre quem é, haverá certa hesitação em aceitarem seu nome simplesmente porque ele tinha peso quando você estava encarnado. Por mais importantes ou famosos que tenhamos sido quando estivemos no plano da terra, assim que saímos para o plano espiritual, referem-se a nós no pretérito! Qualquer trabalho literário que tenhamos deixado para trás passam a ter maior importância que os de outros autores, pois para o mundo terrestre estamos ‘mortos’. Para a terra, a voz viva se foi. E apesar de que estejamos ainda bastante vivos – tanto para nós quanto para os demais daqui – para as pessoas da terra tornamo-nos memórias, algumas vezes permanentes, mais freqüentemente memórias que rapidamente se vão, deixando meros nomes para trás. Além disso, sabemos que estamos muito mais vivos do que jamais estivemos; a maioria das pessoas da terra vai considerar que nós nunca estivemos mais ‘mortos!’

‘Vão mandar, então, que providencie uma grande quantidade de identificações. É apropriado em tais circunstâncias; as providências não são levadas ao extremo, como geralmente acontece. Após preencher esta condição, o que virá em seguida? Você desejará convencer que está vivo e bem. Se as pessoas com quem estiver se comunicando forem meros conhecedores, não colocarão nenhuma dúvida sobre suas colocações. Mas se quiser expandir ao mundo em geral tais novidades através dos canais usuais, aqueles que acreditarem que é realmente você quem fala, serão aqueles que já conhecem e praticam a comunicabilidade com o mundo espiritual. E o resto, quem acreditará que é você? Ninguém, - certamente nenhum dos seus leitores anteriores. Dirão que não pode ser você, mas um ‘demônio’ usando sua personalidade. Outros, provavelmente, nem vão tomar conhecimento. Haverá, claro, um número que imaginará que, por causa de sua passagem para o mundo espiritual, você ficou dotado da inteligência mais profunda, e tudo o que disser serão declarações infalíveis. Perceba algumas das dificuldades com as quais se confrontará neste simples caso de dizer a verdade aos que ainda estão sentados na escuridão do mundo na terra’.

Meu previdente amigo deixou-me bem aflito, mas estudei as dificuldades extremas, e fui persuadido a largar o projeto para a hora certa. Consultaríamos outros, mais sábios que nós, e

talvez algum rumo pudesse ser delineado, por onde eu conseguisse alcançar meu desejo. Eu precisaria entender que com a passagem do tempo – falando no sentido da terra - meus desejos mudariam. Não havia necessidade de me angustiar. Havia muito o que ver e fazer, e muita experiência a ser adquirida que me seria inestimável se, afinal, resolvesse tentar e assumir minhas intenções. Seu melhor conselho foi que eu deveria ter um descanso profundo, durante o qual ele me deixaria. Ainda, quando eu estivesse bem descansado, que eu pensasse nele, e ele receberia o pensamento e rapidamente voltaria. Assim, deitando-me confortavelmente no sofá, mergulhei num confortável estado de sonolência, no qual estive completamente consciente do meu entorno, mas ao mesmo tempo podia sentir fluir uma nova energia que passava por todo o meu ser. Pude sentir transformar-me no que era, mais leve, com os últimos traços das antigas condições da terra sendo para sempre eliminados.

Por quanto tempo estive neste estado agradável não tenho idéia, mas levemente cochilei e acordei num estado de saúde que no mundo espiritual é perfeito. Logo lembrei do pedido de meu amigo e enviei meu pensamento a ele. No espaço de alguns segundos do tempo terrestre, ele entrava pela porta. Sua resposta foi tão desconcertantemente rápida que minha surpresa o fez gargalhar alegremente. Ele me explicou que na realidade era muito simples. O mundo espiritual é um mundo de pensamento; pensar é agir, e o pensamento é instantâneo. Se pensarmos estar em algum lugar, viajaremos com a velocidade do pensamento, e isso é tão perto do instantâneo quanto é possível imaginar. Eu descobri que esse era o meio comum de transporte, e que deveria logo poder usá-lo.

Meu amigo logo percebeu a mudança em mim, e cumprimentou-me por recuperar meu total vigor. É impossível transmitir, mesmo que em parte, este primoroso sentimento de suprema vitalidade e bem estar. Quando vivemos no plano terrestre, constantemente somos lembrados de nossos corpos físicos em maneiras variadas – pelo frio ou calor, pelo desconforto, pela fadiga, pelas pequenas dores, e por outras incontáveis formas. Aqui não trabalhamos com tais inaptidões. Mas com isso não quero dizer que somos troncos insensíveis, refratários às influências externas, mas que nossas percepções são mentais, e que o corpo espiritual é impermeável a qualquer coisa que seja destrutiva. Sentimos através de nossas mentes, não através de qualquer órgão físico dos sentidos, e nossas mentes são diretamente sensíveis ao pensamento. Se devemos sentir frio em alguma circunstância definida e particular, teremos tal sensação com nossas mentes, e nosso corpo espiritual não sofrerá. Não nos lembramos dele continuamente. Do reino de onde agora estou me reportando, tudo está exatamente sintonizado aos seus habitantes – sua temperatura, a paisagem, suas diversas moradas, as águas dos rios e riachos, e, o mais importante de tudo, os habitantes entre si. Não há, portanto, nada que possivelmente criasse qualquer infelicidade, desprazer ou desconforto. Podemos esquecer completamente nossos corpos e permitir que nossas mentes fluam livres, e através de nossas mentes podemos apreciar os milhares de delícias que as mesmas mentes nos ajudaram a construir.

Às vezes nos sentimos entristecidos, -e às vezes nos divertimos-, por aqueles que, estando ainda na terra, ridicularizam, desprezam e desdenham nossas descrições dos planos espirituais. O que sabem estas pobres mentes? Nada! E pelo quê estas mesmas mentes substituiriam as realidades do mundo espiritual? Não sabem. Tirariam de nós estas belas regiões, nossas flores e árvores, nossos rios e lagos, nossas casas, nossos amigos, nosso trabalho, e nossos prazeres e recreações. Para quê? Que concepção podem fazer estas mentes embrutecidas sobre um mundo espiritual? Por suas afirmações estúpidas, nenhuma. Por eles, seríamos apenas fantasmas sem substância, sem inteligência, meramente sobrevivendo num estado nebuloso, obscuro, vaporoso, em desserviço a tudo que seja

humano. Em minha saúde perfeita e completa vitalidade, e vivendo entre as belezas deste mundo de realidade absoluta – do qual apenas pude transmitir uma pálida sugestão – estou muito impressionado pela magnitude da ignorância demonstrada por certas mentes da terra.

Chegou o tempo, senti, em que quis conhecer mais desta região maravilhosa e, por isso, em companhia de meu amigo, iniciamos o que era, para mim, uma viagem de descobertas. Todos vocês que na terra já viajaram para ver novas paisagens entenderão como me senti na partida.

Para que tivéssemos uma visão mais ampla, fomos a um plano mais elevado, de onde se descortinava um lindo panorama diante dos olhos. À nossa frente, os campos se estendem a regiões aparentemente sem fim. Em outra direção, eu podia perceber claramente o que parecia ser uma cidade de construções imponentes, pois deve ser lembrado que nem todas as pessoas daqui têm gostos iguais, e que, como na terra, muitos preferem a cidade ao campo, e vice-versa, enquanto outros também apreciam ambos. Fiquei profundamente interessado em ver de que tipo de cidade seria. Parecia bem simples visualizar o campo aqui, mas as cidades pareciam ser essencialmente o trabalho do homem no mundo material. Por outro lado, não podia atinar uma razão lógica para que o mundo espiritual não pudesse ter erguido suas cidades. Meu companheiro se deliciava com meu entusiasmo que, como disse, era igual ao de um colegial. Não era seu primeiro contato, entretanto, com tal efusão; a maioria das pessoas, quando chega para cá pela primeira vez, sente-se da mesma forma! Isso dá aos nossos amigos um prazer sem fim em nos mostrar tudo por aqui.

Eu podia vislumbrar à distância uma igreja, externamente construída da mesma forma terrena, e foi proposto que fôssemos naquela direção, incluindo outros pontos no caminho. Sendo assim, partimos.

Seguimos por uma trilha que seguia ao lado de um riacho, cujas águas límpidas reluziam na luz do sol celestial. Ao seguirem seu curso, as águas emitiam notas musicais que freqüentemente mudavam, mesclando-se em sons das mais suaves tonalidades. Alcançamos a margem para que eu pudesse vê-la mais de perto. A água parecia ser quase como um cristal líquido, e à medida que o sol a atingia, cintilava com todas as cores do arco-íris. Deixei que um pouco das águas fluísse pelas minhas mãos, esperando, pela aparência, que fosse bastante fria. Qual não foi o meu espanto ao verificar que era deliciosamente tépida. Mas tinha ainda mais, um efeito eletrizante que se estendeu para cima de minha mão direita, até o braço. Era uma sensação estimulante, e imaginei o que seria tomar um banho completo ali. Meu amigo disse que me sentiria sendo recarregado em minhas energias, mas que não havia profundidade suficiente ali para submergir apropriadamente. Eu teria esta oportunidade assim que chegássemos a um local mais fundo, o que convidaria a um banho. Quando retirei minha mão do riacho, percebi que a água escorreu em gotas, deixando-me seco!

Voltamos ao nosso passeio, e meu amigo disse que gostaria de visitar um homem que morava na casa da qual estávamos nos aproximando. Cruzamos jardins artisticamente trabalhados, atravessamos um lindo gramado e chegamos até o homem sentado nas proximidades de um pomar enorme. Conforme nos aproximávamos, ele levantou-se e veio ao nosso encontro. Meu amigo e ele cumprimentaram-se de uma maneira muito cordial e fui apresentado como um recém-chegado. Foi-me explicado que este senhor se orgulhava das frutas de seu pomar, e fui convidado a experimentar algumas. O proprietário deste lugar agradável parecia ser um homem de meia idade, tanto quanto pude julgar, apesar de que poderia ser mais velho do que aparentava à primeira vista. Eu já havia aprendido que tentar adivinhar as idades das pessoas por aqui é difícil e quase que uma tarefa perigosa! Vocês devem saber – divagando um pouco – pois é lei, ao progredirmos espiritualmente, mudamos de

aparência da forma como é conhecida na terra. Perdemos as rugas com que a idade e os problemas do mundo marcaram em nossas feições, junto às outras indicações da passagem dos anos, e tornamo-nos mais jovens na aparência, enquanto amadurecemos em sabedoria, inteligência e espiritualidade. Não quero sugerir que assumimos uma forma exterior de juventude extrema, nem que perdemos os traços externos da personalidade. Isso nos faria totalmente uniformes, mas, na verdade, voltamos – ou avançamos, de acordo com a idade com a qual passamos ao mundo dos espíritos – em direção ao que sempre conhecemos como “flor da idade”.

Retomando: nosso anfitrião nos guiou pelo pomar onde avistei muitas árvores em alto grau de cultivo, e completamente cheias de frutos. Ele olhou para mim por momentos, e levou-nos a uma esplêndida árvore muito parecida com uma ameixeira. As frutas eram perfeitas no seu formato, com a coloração profundamente rica, penduradas em grandes cachos. Nosso anfitrião colheu e nos deu algumas, dizendo-nos que nos fariam bem. A fruta era bem fresca ao toque, sendo bastante pesada para seu tamanho. Seu sabor era bem gostoso, a casca era bem macia, sem que fosse difícil ou desagradável manusear, e uma grande quantidade do suco verteu dela. Meus dois amigos me observaram cuidadosamente enquanto eu comia as ameixas, demonstrando cada um, em suas faces, uma expressão antecipada de divertimento. Enquanto o néctar escorria, fiquei preocupado em deixar cair em minhas roupas. Para meu prazer, apesar de que o suco caía em mim, percebi, depois de examinar bem, que não havia nenhum traço dele. Meus amigos gargalharam com o meu espanto, e eu comecei a rir com a piada, mas estava confuso. Eles se apressaram em me explicar que, como eu estava num mundo incorruptível, qualquer coisa ‘indesejável’ imediatamente retorna ao seu próprio elemento. O suco da fruta que eu havia acabado de derramar em mim retornara à árvore de onde a fruta fora retirada.

Nosso anfitrião informou-me que aquela espécie em particular de ameixa que eu acabara de comer era uma das que ele sempre recomendava às pessoas que acabavam de chegar ao mundo espiritual. Ajuda a restaurar o espírito, especialmente se a passagem fora causada por doença. Ele observou, entretanto, que eu não aparentava que tivesse tido uma longa doença, acrescentando que minha passagem deveria ter sido bem rápida – o que era bem verdade. Eu tinha passado por uma doença bastante fulminante. As várias frutas que ali cresciam não eram apenas para quem precisava de tratamento depois de suas doenças físicas, todos gostavam de comê-las pelo seu efeito estimulante. Ele gostaria, se eu não tivesse minhas próprias árvores frutíferas, e mesmo que as tivesse!, que eu viesse me servir o quanto desejasse. ‘As frutas estão sempre na época,’ acrescentou, com grande prazer, ‘e você jamais deixará de encontrá-las carregadas.’ Em resposta ao meu pensamento sobre como elas cresciam, ele disse que, como a tantas outras perguntas neste plano, a resposta só era possível se vinda dos reinos mais elevados, e mesmo se lhe dessem aquela resposta, há a forte possibilidade de que não a entenderíamos até que a hora em que nós, por nós mesmos, fôssemos habitar tais reinos. Ficamos bastante felizes, disse, em ter tantas coisas como elas são, sem perguntar como vieram, e sabemos que tais coisas nos vêm incessantemente, porque emanam da Fonte Inesgotável. Não há uma necessidade real de pesquisar tais assuntos, e a maioria de nós fica satisfeita em apreciá-las cordialmente agradecidos. Quanto ao real abastecimento de frutas, nosso anfitrião nos contou que a única coisa que sabia era que assim que se colhia uma delas, outra aparecia em seu lugar. Nunca apodreciam, porque eram frutas perfeitas e, como nós mesmos, imperecíveis. Ele nos convidou para andarmos pelo pomar, onde vi todas as espécies de frutas conhecidas pelo homem, e muitas outras espécies conhecidas apenas no mundo espiritual. Destas, eu experimentei algumas, mas é impossível

contar o delicioso sabor, porque não há nenhuma fruta terrestre que eu conheça com a qual eu pudesse comparar. Podemos, sempre, dar uma indicação em comparação com aquilo que já experimentamos. Se não experimentamos algo, então teremos uma completa e absoluta falta de termos de comparação de qualquer sensação, especialmente no campo do paladar.

Meu amigo explicou ao nosso gentil anfitrião que estava acompanhando-me num giro para mostrar o plano de minha nova vida, e este, então, deu-nos suas boas vindas, colocando-nos a caminho. Repetiu seu convite para que eu o visitasse quando quisesse, e mesmo que ele não estivesse ali, que eu me servisse, sem pedir, da fruta que mais me aprovesse. Disse que eu perceberia que as árvores frutíferas fariam a vez de anfitriãs tanto quanto ele – senão melhor! E assim, expressando nossa gratidão e agradecimentos, continuamos o passeio.

Retornamos ao nosso caminho anterior, ao longo do riacho, e continuamos a andar em direção à igreja. Depois de andarmos um pouquinho, percebemos que o riacho começou a alargar até que atingiu as dimensões de um lago. Podíamos ver muitos grupos de pessoas alegres na beira da água, algumas delas estavam se banhando. O lago era cercado por uma fileira de árvores, e havia flores em abundância, arranjadas de tal forma que podíamos ver que havia ordem, apesar de não haver um sinal distinto de propriedade. Pertencia a todos com igualdade de direitos, e observei mais particularmente que não foi feita nenhuma proibição no sentido de colher ou arrancar nada, ou qualquer coisa que causasse distúrbio. Um ou duas pessoas eram vistas com suas mãos em volta de alguns botões em flor, de forma muito cuidadosa, uma atitude que para mim parecia tão incomum que pedi ao meu amigo que me esclarecesse sobre isso. Ele respondeu levando-me até uma jovem que também estava tão curiosamente ocupada. Tinha vergonha de ser tão intruso, mas me foi dito ‘espere e verá’. Meu amigo inclinou-se ao seu lado enquanto ela virou a cabeça, endereçando-lhe uma palavra amigável e um sorriso de boas vindas. Concluí que eram velhos amigos, mas isto não vem ao caso. Na verdade, depois ele me contou que nunca a havia visto antes, e explicou que aqui no mundo espiritual não necessitamos de apresentações formais; constituímos um imenso e unido grupo em termos de relacionamento social. Depois que estamos por aqui já há algum tempo e ficamos acostumados ao nosso novo ambiente e modo de vida, vemos que nunca somos intrusos, desde que possamos ler logo a mente da pessoa que por instantes queira um período de segregação. E quando vemos pessoas fora, em espaço aberto, - no parque ou campo – seremos sempre bem-vindos ao nos aproximarmos para mantermos conversas amigáveis com elas.

Esta jovem era, como eu, uma recém-chegada, e nos contou como alguns amigos haviam mostrado a ela o método de obter das flores tudo o que elas tinham tão dadivosamente a ofertar. Inclinei-me a seu lado, e ela deu uma demonstração prática do que fazer. Ao colocarmos as mãos, disse ela, em torno da flor, como se estivéssemos segurando-a numa espécie de copo, eu sentiria o magnetismo fluindo braços acima. Conforme coloquei minhas mãos em torno de um lindo botão, vi que a flor no topo do talo moveu-se em minha direção! Fiz o que me ensinara, e instantaneamente senti uma corrente vital subindo pelos meus braços, enquanto o aroma mais delicado era exalado por ela. Ela advertiu-me para que não colhesse as flores, pois elas cresciam eternamente; faziam parte desta vida, como também nós mesmos. Fiquei muito grato por sua advertência oportuna, já que seria a coisa mais natural do mundo colher as que estavam ali em tamanha profusão. Não era bem o caso das frutas, aprendi, porque elas estavam ali para serem consumidas. Mas as flores em si eram decorativas, e cortar uma flor para que fosse colhida era o equivalente a derrubar uma árvore frutífera. Havia flores, entretanto, que cresciam expressamente com o propósito de serem colhidas, mas estas que estávamos considerando agora tinham como sua principal função a de doadoras de saúde.

Perguntei à nossa jovem se já tinha experimentado algumas das boas frutas que acabáramos de conhecer, ao que respondeu que sim.

Meu amigo sugeriu que eu gostaria de me aproximar da margem da água, e, se a jovem estivesse sozinha, talvez pudesse apreciar juntar-se a nós em nossos passeios. Ela respondeu que nada lhe daria mais prazer, então nós três seguimos em direção do lago. Expliquei a ela que meu amigo era um morador habituado a estas paragens, e que estava atuando como meu guia e conselheiro. Ela pareceu estar feliz com nossa companhia, não que estivesse solitária, já que tais coisas não existem neste reino, mas ela tinha tido poucos amigos enquanto esteve na terra e sempre vivera uma vida algo solitária, apesar de nunca, neste caso, ter sido indiferente ou desligada dos problemas e das dores dos outros. Desde que chegou ao mundo espiritual encontrou muitas almas gentis, de disposição similar à dela, e supôs que estaríamos no mesmo caso. Contei a ela rapidamente alguns fatos sobre mim, e porque estava ainda usando minha vestimenta - quero dizer, seu duplo! – ela soube, mais ou menos, a que me dediquei profissionalmente. Estando meu amigo vestido similarmente, ela disse, rindo, que se sentia em mãos seguras.

Recorri à minha mente sobre o que me havia sido dito sobre o banho, mas estava indeciso sobre como abordar o assunto da necessidade de equipamento para tal propósito. Entretanto, meu amigo salvou a situação ao referir-se ele mesmo sobre isso.

Tudo o que precisávamos para o propósito de nos deliciar num banho era a necessária água na qual nos banharíamos! Nada poderia ser mais simples. Devíamos entrar na água precisamente como estávamos. Saber nadar ou não, não traria conseqüências. Devo dizer que fiquei espantado com esta estranha saída dos procedimentos usuais, e naturalmente hesitei um pouco. Entretanto, meu amigo calmamente caminhou para dentro do lago, até que ficou completamente imerso, e nós dois seguimos seu exemplo.

O que eu esperava como resultado disso, não posso dizer. Pelo menos antevia o efeito costumeiro das águas cobrindo alguém, em circunstâncias similares na terra. Grande, então, foi minha surpresa – e meu alívio – quando descobri que a água, ao invés de líquido penetrante, mais parecia um manto tépido colocado em torno de mim. O efeito magnético da água era semelhante ao do riacho no qual eu havia colocado minha mão, mas aqui a força revitalizadora envolveu todo o corpo, dando-lhe nova vida. Era deliciosamente morna e permitia a flutuação. Era possível ficar em pé dentro dela e, claro, afundar completamente abaixo da superfície sem o menor desconforto ou perigo. Se eu tivesse parado para pensar, teria sabido que isso seria impossível. O espírito é indestrutível. Mas além desta influência magnética havia uma adicional segurança que vinha da água, que era a amizade em sua essência, se assim posso dizer. Não é fácil transmitir nada desta experiência fundamentalmente espiritual. Que aquela água era viva, não havia dúvida. Respirava-se sua bondade ao contato com ela, e estendia sua influência celestial individualmente a todos que adentravam nela. Por mim, senti uma exaltação espiritual, assim como uma renovação vital, de tal envergadura que esqueci minha hesitação inicial e o fato de que estava totalmente vestido. Agora parecia uma situação bastante natural, e melhorava ainda ao observar meus dois companheiros. Meu amigo, claro, estava completamente acostumado à água, e nossa nova amiga parecia ter se acomodado rapidamente aos novos usos.

Minha mente não se perturbou quando lembrei que quando retirei minha mão do riacho e a água saiu toda, deixando-a seca. Já estava preparado, então, para o que aconteceria quando saísse do lago. Quando saí, a água meramente escorreu, deixando minha roupa do jeito que estava antes. Penetrara no material da mesma forma que o ar ou a

atmosfera da terra fariam, mas não deixara nenhum efeito visível ou palpável. Nós e nossas roupas estávamos perfeitamente secos!

E agora mais uma palavrinha sobre a água. Era límpida como cristal, e a luz refletia, deslumbrantemente, cores brilhantes a qualquer movimento ou pequena ondulação. Era incrivelmente suave ao toque, e sua flutuação era a mesma da atmosfera, ou seja, suportava o que estivesse nela ou sobre ela. Como por aqui é impossível cair acidentalmente, como na terra acontece, da mesma forma é impossível afundar na água. Todos os nossos movimentos são respostas diretas da nossa mente, e não podemos nos machucar ou sofrer acidentes. Isto é, tenho bastante dificuldade em dar-lhes uma descrição de algumas dessas coisas sem avançar o limite das mentes e das experiências humanas. Tudo tem que ser testemunhado primeiramente, para que se possa ter uma idéia adequada das maravilhas destes reinos.

Uma curta caminhada nos trouxe até a igreja que eu havia visto à distância e expressei o desejo de visitar.

Era uma construção de tamanho médio em estilo gótico, parecendo uma familiar igreja parisiense da terra. Estava situada em uma agradável localidade, parecendo mais espaçosa pela ausência de qualquer grade ou muro que definisse seus limites eclesiásticos. A superfície das pedras com que era construída tinha a aparência e a textura de um prédio novo, mas, de fato, existia há muitos anos da medida de tempo da terra. Sua limpeza exterior apenas estava em consonância com todas as coisas por aqui – não há decadência. Também não há atmosfera poluída que cause escurecimento ou descoloração! Não havia, claro, nenhum cemitério agregado. Mesmo que algumas pessoas apeguem-se tão tenazmente às suas velhas predileções religiosas terrenas, é difícil pensar que, ao construírem uma igreja para reunirem-se, incluiriam também um cemitério totalmente inútil!

Perto da porta principal havia o costumeiro quadro de avisos, mas este apenas noticiava o tipo de serviços, que eram os da Igreja Estabelecida. Não havia menção ao horário dos serviços, e fiquei imaginando como uma congregação deste tipo poderia reunir-se onde o tempo, como é conhecido na terra, não existe. Pois aqui não há noite ou dia por onde poderia ser medido o tempo ao alternarem-se. É perpetuamente dia. O grande sol celestial brilha eternamente, o que já lhe contei. Também não temos outra forma de contagem de tempo que os force a uma consciência terrestre – como, por exemplo, fome ou fadiga. Nem mesmo na medida mais longa da passagem de tempo, como a idade do corpo físico e o entorpecimento das faculdades mentais. Não temos as costumeiras estações de primavera, outono ou inverno. Ao invés disso, deliciamo-nos com a glória do eterno verão – e jamais nos cansamos!

Como sempre, voltei-me para meu amigo para informar-me sobre esse tópico de reunião da congregação. Reunir as pessoas para a igreja era muito simples, disse. Quem for o encarregado deve enviar seus pensamentos para sua congregação, e os que querem vir, virão! Não havia a necessidade do toque de sinos. As emissões do pensamento eram mais minuciosas e exatas! É simples, se a congregação tiver interesse. Eles devem simplesmente esperar até que o pensamento os atinja, ou pela chamada direta, ou pelo desejo de assitirem. Mas onde o clérigo obtém a indicação de que se aproxima a hora dos serviços? Esta pergunta, disseram-me, levava a um problema maior.

Na ausência da contagem do tempo no mundo espiritual, nossas vidas são ordenadas pelos eventos; eventos são, portanto, parte de nossas vidas. Eu não me refiro às ocorrências acidentais, mas àquilo que, na terra, seria chamado de acontecimento periódico. Temos muitos deles por aqui, espero poder mostrar-lhe à medida que prossigamos e, ao fazer isso, verá como certos acontecimentos, individual ou coletivamente, são trazidos claramente às nossas mentes. O estabelecimento desta igreja que agora inspecionamos assistiu também um crescer

gradual de uma ordem regular de serviços, como aqueles que pertencem a esta seita em particular na terra estão familiarizados. O clérigo que atua como pastor neste estranho rebanho sentiria, pelas suas obrigações na terra, a aproximação do 'dia' costumeiro e da 'hora' em que os serviços aconteciam. Seria, a este respeito, instintivo. Ainda mais, tornar-se-ia mais forte com a prática, até que esta percepção mental assumisse regularidade absoluta, como é considerada na terra. Com isto firmemente estabelecido, a congregação tem apenas que esperar pelo chamado de seu ministro.

O quadro de avisos dava uma lista dos serviços comumente vistos numa igreja da mesma seita na terra. Um ou dois itens estavam notavelmente ausentes, entretanto; os que se relacionam ao casamento e ao batismo. A primeira omissão eu podia entender; a última poderia implicar que o batismo era desnecessário, já que somente os batizados alcançavam os céus – onde presumivelmente eles julgavam que esta igreja estivesse situada!

Entramos, e nos encontramos em uma construção agradável, convencional em sua planta, e contendo pouco do que já não seja visto em qualquer igreja da terra. Havia algumas janelas lindas em mosaico, representando cenas das vidas de 'santos', através das quais a luz filtrava uniformemente para todos os lados da igreja ao mesmo tempo, produzindo um estranho efeito no ar com as cores dos vidros das janelas. Providenciar um sistema de aquecimento era, claro, supérfluo. Havia um belo órgão em uma extremidade, e o altar principal, construído em pedra, era ricamente entalhado. Exceto ele, havia uma certa simplicidade que de maneira nenhuma diminuía a beleza no total, como peça arquitetônica. Em todos os lugares havia evidências de cuidados pródigos dispensados a tudo, o que, considerando-se onde a igreja fora construída, não surpreende se lembrarmos a graça pela qual a igreja afinal pode existir!

Sentamo-nos por instantes, no ar calmo e pacífico que encontramos por toda parte, e então decidimos que já havíamos visto tudo o que havia para ser visto, e então saímos.

IV. CASA DE REPOUSO

Conforme caminhamos, dois de nós ponderavam a respeito do que havíamos visto – e suas implicações. Nossa jovem amiga – que nos contou que seu nome era Ruth – formulou-nos várias perguntas, mas absteve-me de responder, já que eu mesmo era apenas um recém-chegado, em favor de meu amigo, cujo nome – Edwin – omiti até agora.

Ruth, pelo que parecia, nunca foi uma “devota” ativa ainda na terra, mas era uma alma gentil, como era fácil de se constatar, e era fácil de constatar, também, que seu afastamento da igreja não fizera diferença nenhuma quanto ao seu destino final sob o ponto de vista terreno. Sua dedicação ao próximo havia feito mais pelo seu bem estar espiritual do que todos os exteriorismos da religião congregacional, os quais são, freqüentemente, apenas exteriorismos. Tanto quanto eu, ela ficou muito surpresa ao encontrar, aqui no mundo espiritual, a parafernália completa da religião ortodoxa. Edwin disse-lhe que ela apenas havia visto um exemplo até aqui, haveria muitos outros. Ao vermos este, entretanto, já se tinha visto todos eles, mais ou menos. Cada denominação, é claro, se prende ao credo em particular e suas formulações, tal como na terra, com umas poucas pequenas diferenças, como já vimos.

Esta sonolência espiritual não é novidade no mundo dos espíritos. A culpa é do mundo encarnado. As travas e as controvérsias religiosas estão no fundo de toda a ignorância e da falta de conhecimento que tantas pessoas trazem para o mundo espiritual, e se as mentes de tais pessoas são teimosas, e se realmente elas são incapazes de pensarem por si mesmas, então realmente permanecerão algemadas aos estreitos pontos de vista religiosos, pensando que são toda a verdade, até que o dia do despertar espiritual amanheça para eles. Verão, então, que sua adesão servil aos seus credos estava retardando-os. É para se lamentar que, para cada um que abandona para sempre estas congregações extraviadas, outro virá preencher seu lugar – até que chegue o tempo em que toda a terra saiba a verdade sobre o mundo espiritual. Claro que elas não causam dano à medida que estejam, por aqui, retardando seu próprio progresso espiritual. Uma vez que percebam o que estão fazendo a si mesmos, dando então o primeiro passo à diante, sua alegria é ilimitada. Perceberão o ‘tempo’ que aparentemente desperdiçaram.

Agora se pode perguntar se, com o adquirir de conhecimento e da verdade, colocadas de lado estas extensões das religiões terrenas no mundo espiritual, o que se colocaria no lugar? Soa como uma condenação à adoração comunal.

Absolutamente. Temos nossas reverências comunais aqui, mas são livres de qualquer traço sem sentido dos credos, doutrinas ou dogmas. Adoramos o Grande e Eterno Pai em verdade, absoluta verdade. Temos um pensar, e apenas um. E ninguém é chamado a crer cegamente – ou declarar que o faz – algo que é totalmente incompreensível a qualquer mente. Há muitas, muitas coisas aqui que não entendemos – e levará eras antes que venhamos a ter um rápido relance sobre tal entendimento. Mas não somos cobrados a entender essas coisas; pedem-nos que as conduzamos da forma que são. Não faz diferença ao progresso do espírito. Temos que poder progredir bastante – e ainda mais além – antes de precisarmos pensar a respeito do entendimento sobre tais assuntos. E assim temos uma só mente em nossa adoração ao Supremo.

Discutimos assuntos como esse – e era Edwin que expunha – enquanto andávamos no maravilhoso ar do céu de Deus.

Ruth observou um prédio bastante imponente localizado em campos arborizados, o qual também aguçou minha curiosidade. Ao apelarmos ao nosso guia, Edwin nos contou que era uma casa de repouso para aqueles que chegaram ao mundo espiritual depois de longa enfermidade, ou aqueles que tiveram uma passagem violenta e que, em consequência, sofreram trauma. Imaginamos se poderíamos dar uma espiada por dentro, sem parecer intrusos curiosos. Ele nos assegurou que poderíamos fazê-lo, pois já trabalhara ali e, portanto, seria uma presença grata. Acrescentou a isso o fato que ele sabia que tínhamos a simpatia necessária, a qual baniria qualquer pensamento inquiridor. Conforme nos aproximávamos, pude ver que o prédio de forma nenhuma se assemelhava a um 'hospital' em sua fachada, fossem quais fossem suas funções. Foi construído em estilo clássico, dois ou três andares de altura, e era totalmente aberto em todos os lados, isto é, não tinha janelas como as conhecemos na terra. Era de coloração branca quanto aos materiais empregados, mas imediatamente acima podia ser visto um fecho de luz azul que descia sobre o prédio inteiro, envolvendo com sua radiação cujo efeito era para dar uma notável coloração azul ao edifício. Este grande fecho era o verter da vida – um raio curador – enviado aos que já tinham passado para cá, mas que ainda não acordaram. Quando estivessem totalmente restaurados em sua saúde espiritual, haveria um magnífico despertar, e então poderiam ser apresentados ao seu novo reino.

Percebi que havia um certo número de pessoas estava sentado sobre a grama, ou passeando por ali. Eram os pais ou amigos dos que estavam em tratamento na casa de repouso e cujo despertar era iminente. Apesar de que, sem dúvida, poderiam ser chamados no exato momento, mesmo assim, seguindo os velhos instintos terrenos, preferiam esperar ali por perto pelo momento feliz. Todos estavam bastante alegres e bastante excitados, como podia ser confirmado pela expressão de seus rostos, e foram muitos os sorrisos amigáveis que recebemos enquanto passávamos entre eles, pois pensavam que estávamos ali pela mesma causa que eles. Contamos do nosso verdadeiro propósito, entretanto, e apressaram-se em nos deixar livres.

Observei que a maioria das pessoas que esperavam pelos jardins não estava vestida em suas roupas terrestres, e concluí que a maioria deles deveria estar no mundo espiritual já por bastante tempo. Não seria necessariamente o caso, disse-nos Edwin. Eles tinham o direito de usar suas roupas espirituais em virtude do fato de que eram habitantes deste reino onde agora estávamos. E as roupas que usavam eram eminentemente apropriadas tanto para o local quanto à ocasião. É difícil descrever esta roupagem porque teria que fazer a comparação em relação a alguma coisa já fabricada na terra. Aqui não temos tais materiais, e tudo o que é exterior é produzido não pela textura do material, mas pelo tipo ou graduação de luz que é a essência de uma roupa espiritual. Estas que agora havíamos visto tinham uma forma 'fluída' e longa, e as cores – azul e rosa em várias gradações de intensidade – pareciam entrelaçar-se na substância da roupagem. Pareciam muito confortáveis de se usar e, como tudo por aqui, não requerem atenções para mantê-las em perfeito estado de preservação, levam apenas em conta a espiritualidade do usuário.

Nós três ainda estávamos usando nosso modo de vestir terreno, e Edwin sugeriu que, para nossas atuais pretensões, deveríamos mudar para nosso elemento natural em matéria de roupagem. Eu estava desejando, claro, seguir qualquer sugestão que fizesse, e virei-me em sua direção em busca do que me faltava saber. Ruth também parecia bastante ansiosa por esta mudança, mas a questão que nos intrigava era como se realizaria.

Possivelmente há pessoas na terra que gostariam de acreditar que uma situação como essa envolveria a cerimônia de ser formalmente apresentado com a roupa espiritual na

presença de um grupo agradável de seres celestiais, que teriam vindo para testemunhar nossa recompensa celeste, e então sermos oficialmente convidados para começarmos nosso 'descanso eterno.'

Deixem que me apresse em dizer que, enfaticamente, esse não é o caso.

O que aconteceu foi simples assim: imediatamente após eu ter manifestado o desejo de seguir a sugestão de Edwin para trocarmos as roupas terrenas, elas desapareceram – dissolveram-se – e apareci vestindo minha própria roupagem espiritual – com a mesma descrição daquelas que acabara de ver. Da mesma forma, as roupas de Edwin também mudaram, e percebi que emanavam uma cor mais intensa que as minhas. As de Ruth eram iguais às minhas e, desnecessário dizer, ela ficou completamente feliz por esta nova manifestação espiritual. Meu amigo já experimentara esta mudança anteriormente, sua roupa não era novidade para ele. Mas falando de mim – e estou certo que falo por Ruth – nunca, em nenhum momento, senti o menor embaraço, ou estranheza, ou consciência desta revolucionária – como poderia parecer ser – alteração em nossa aparência externa. Ao contrário, pareceu-me bastante natural e perfeitamente em ordem; inquestionavelmente era apropriado para nossa atual localização, e mais ainda, como logo descobri quando entramos na casa de repouso. Nada teria sido mais incongruente do que nossa roupagem da terra dentro daquele prédio, o qual, por sua disposição interior e suas acomodações, era totalmente diferente de qualquer outro conhecido na terra.

Assim que entramos, Edwin foi cumprimentado como velho amigo por alguém que veio ao nosso encontro. Resumidamente, ele explicou qual era a sua tarefa e sobre nossa presença, e fomos convidados a ver tudo o que desejássemos.

Um vestíbulo exterior levou-nos a um imponente hall de consideráveis dimensões. O espaço que seria normalmente para as janelas foi ocupado por pilares altos, algo distanciados, e esse modelo repetia-se nas quatro faces do prédio. Havia muito pouca decoração interior, mas que não se pense que nos apartamentos víssemos uma aparência de alojamento. Não havia nada disso. O chão era acarpetado por uma cobertura de desenhos sóbrios, aqui e ali uma tapeçaria lindamente bordada era vista nas paredes. Ocupando todo o espaço do andar, havia sofás aparentemente muito confortáveis, cada um deles tendo uma pessoa recostada, quase imóvel, obviamente dormindo profundamente. Movendo-se silenciosamente em torno, havia homens e mulheres observando os diferentes sofás e seus ocupantes.

Assim que entrei neste hall, percebi que ficamos sob a influência do raio azul, e seu efeito era tanto o de energizar quanto tranquilizar. Outro fator notável era a total ausência de qualquer traço de ser uma instituição, com sua inevitável oficialidade. Não havia sinal de patronato, nem senti o menor sinal de estar entre estranhos. Os que atendiam aqueles que dormiam faziam-no não com a atitude de quem tem uma tarefa para cumprir, sem mais nem menos, mas demonstravam desempenhar um trabalho de amor, e alegria ao fazê-lo. Esse era exatamente o caso, sem dúvida. O despertar alegre destas almas sonolentas sempre era um evento muito feliz a eles, não menos feliz que aos das pessoas que vinham acompanhar o fato.

Aprendi que todos os 'pacientes' deste hall em particular tinham atravessado longas doenças antes de fazerem sua passagem para cá. Imediatamente depois da desencarnação, são postos gentilmente a dormir um sono profundo. Em certos casos, o sono vem imediatamente – ou praticamente sem interrupção – à morte física. Longas enfermidades antes da passagem para o mundo espiritual têm um efeito debilitante sobre as mentes, a qual, por sua vez, influencia o corpo espiritual. Isso não é sério, mas a mente requer um repouso absoluto de duração variada. Cada caso é tratado individualmente, e responde perfeitamente

ao tratamento. Durante este estado de sono, a mente está repousando completamente. Não há sonhos desagradáveis, febres ou delírios.

Enquanto observava esta perfeita manifestação da Divina Providência, vieram-me à cabeça as absurdas noções terrenas de 'descanso eterno', 'sono eterno', e muitas outras besteiras semelhantes, e fiquei imaginando se, por algum fato, ou outra coisa, este sono que via fora distorcido pelas mentes terrestres como sendo um estado de sonolência eterna pelo qual todas as almas passam, ao desencarnar, esperando por incontáveis anos o terrível último dia – o temível 'Dia do Julgamento Final'. Aqui estava uma visível refutação desta crendice sem sentido.

Nenhum dos meus dois amigos acordou neste – ou outro - local de repouso, como me disseram. Como eu mesmo, não sofreram longa doença, e o fim de suas vidas na terra chegara rápida e prazerosamente.

Ver os pacientes descansando em seus sofás era tranquilizador. Constantemente são observados e, ao menor sintoma de retorno à consciência, outros são chamados, ficando tudo pronto para o despertar completo. Alguns despertarão parcialmente, e então mergulharão novamente na sonolência. Outros despertarão rapidamente, e é aí que as almas experimentadas terão, talvez, que desempenhar uma tarefa mais difícil. Até aquele momento, havia sido um caso de observar e esperar. Em muitos casos tem que ser explicado ao espírito recém-despertado que ele 'morreu' e está vivo. Relembrarão suas longas enfermidades, mas alguns ignoram que passaram ao mundo espiritual, e quando a grande verdade for gentil e pausadamente explicada, eles normalmente expressam um enorme desejo de voltar para a terra, talvez para aqueles de quem têm saudades, talvez para aqueles de quem tomavam conta ou por quem eram responsáveis. Falam-lhes que nada pode ser feito a respeito de sua volta, e que outros, experientes, tomarão conta das circunstâncias que os deixam entristecidos. Estes despertares não são felizes, em comparação aos que acordam com a plena consciência do que lhes aconteceu. Se a terra fosse mais ilustrada, este não seria o caso mais freqüente, haveria bem menos tristezas para as almas recém- despertadas.

A terra pensa que está muito avançada, muito 'civilizada'. Esta opinião vem da ignorância cega. O mundo terreno, por todas as coisas as quais se deseja, é vista como se fosse de grande importância, e o mundo espiritual é visto como algo obscuro e distante. Só quando finalmente um espírito chegar até aqui, aí será tempo de começar a pensar sobre isso. Até que chegue essa hora, não há necessidade de se preocupar com nada. Esta é a atitude de pensar de milhares de milhares de almas encarnadas; e aqui, nesta casa de repouso, testemunhamos pessoas acordando de seus sonos espirituais. Vimos bondosos e pacientes espíritos tentando duramente convencer estas mesmas pessoas de que elas tinham realmente 'morrido'. E esta casa de repouso é apenas um lugar, dos muitos, onde o mesmo trabalho acontece incessantemente, e tudo porque o mundo da terra é tão superior em sapiência!

Mostraram-nos outro hall amplo, decorado de forma similar, onde aqueles cuja passagem tinha sido violenta e repentina estavam também em seu sono temporário. Estes casos eram comumente mais difíceis de se conduzir que aqueles que acabamos de ver. A rapidez de sua partida aumentava em muito a grande confusão em suas mentes. Ao invés de uma transição firme, o corpo espiritual tinha sido, em muitos casos, ejetado de seu corpo físico, e precipitado ao mundo espiritual. A passagem tinha sido tão rápida que não parecia que houve uma ruptura em suas vidas. Tais pessoas são cuidadas muito rapidamente por grupos de almas que devotam todo seu tempo e todas as suas energias em tal função. E na casa de repouso podíamos ver agora os resultados de seus esforços. Se muitos destes espíritos tivesse

tido apenas um pequeno conhecimento das coisas espirituais, estes despertares seriam muito mais felizes.

Asseguro-lhes de que não é uma visão agradável ver estes trabalhadores gentis e pacientes lutando mentalmente – e algumas vezes quase fisicamente – com pessoas que são totalmente ignorantes do fato de serem já ‘mortas’. É a visão mais triste, posso atestar, porque vi. E quem é o culpado deste estado de coisas? A maioria destas almas culpa-se a si mesmas quando ficam por aqui o tempo suficiente para entenderem sua nova condição, ou, por outra, culpam o mundo que acabaram de deixar, por tolerar tal cegueira e estupidez.

Edwin indicou-nos que talvez tivéssemos já visto tudo o que queríamos, e, verdade seja dita, tanto eu quanto Ruth não ficamos tristes por irmos embora dali. É bem lembrar que nós éramos, comparativamente, recém-chegados, e não tínhamos a experiência suficiente para podermos suportar as visões que, por si mesmas, eram estressantes. Por isso fomos para fora novamente, e tomamos um caminho que nos levou a um amplo pomar com árvores frutíferas, similar, apesar de mais extenso, àquele onde experimentei minha primeira fruta celeste. Estava bem próximo para o uso dos recém-acordados – e, é claro, para qualquer um que quisesse compartilhar dos estimulantes frutos.

Ocorreu-me que Edwin estivesse gastando muito tempo conosco, talvez prejudicando seu próprio trabalho. Mas ele contou-nos que aquilo que agora ele estava fazendo era, sob muitos aspectos, seu trabalho normal – não somente ajudar pessoas a se acostumarem aos seus novos ambientes, mas ajudar os que estavam começando a pôr em cheque suas velhas idéias religiosas e romper com a asfixia em suas mentes como membros das comunidades ortodoxas daqui. Fiquei feliz em saber disso, porque significava que poderia continuar sendo nosso cicerone.

Agora que estávamos novamente a céu aberto, uma pergunta surgiu: continuaríamos com nossas roupas espirituais ou deveríamos voltar às antigas? Quanto à Ruth, ela não queria ouvir falar em mudar de volta. Declarou estar perfeitamente satisfeita como a que estava usando, e questionou qual seria a roupa terrestre que possivelmente seria melhor que esta. Diante de tão poderoso argumento, tivemos que nos submeter. Mas quanto a Edwin e eu? Meu amigo apenas havia voltado ao seu uniforme terreno para fazer-me companhia e ajudar a me sentir à vontade. E assim, decidi que ficaria com as novas roupagens como estava agora – no meu vestuário espiritual.

Enquanto passeávamos, começamos a conversar sobre as mais variadas noções terrenas em relação à aparência pessoal dos espíritos. Ruth mencionou as ‘asas’ relacionadas aos ‘seres angélicos’, e todos logo concordamos que não havia nada mais irracional que tal idéia. Haveria algum meio de locomoção mais desajeitado, ou pesado, ou completamente impraticável? Supusemos que os artistas dos velhos tempos devem ter sido os responsáveis por este tamanho afastamento da realidade. Presume-se que eles pensavam que alguns meios de locomoção pessoal eram essenciais para os espíritos, e que os métodos mundanos de se usar as próprias pernas eram terrestres demais para serem admitidos, mesmo em remota possibilidade, nos reinos espirituais. Não tendo conhecimento qualquer do poder do pensamento por aqui, e sua aplicação direta no nosso movimento nestes reinos, lançaram-se sobre o único meio de movimento através do espaço conhecido por eles – o uso das asas. Imagina-se se ainda exista na terra quem acredite realmente que somos parcialmente aparentados com grandes pássaros! Em meio a tais pensamentos, a ciência moderna procurou dispersar algumas das absurdas concepções que há tanto prevalecem.

Não tínhamos ido longe ainda, e Edwin recordou-se que gostaríamos de seguir para a cidade que podíamos avistar não muito longe dali. Eu digo ‘não muito longe’, mas não devo ser

mal interpretado, já que distância aqui não conta. Certamente que não! Digo que a cidade está perto de nós o suficiente para que a visitemos sem desvios de nossa rota primeira. Ruth e eu concordamos em que deveríamos seguir para lá, já que uma cidade do mundo espiritual deveria ser, por si só, uma grande novidade para nós.

Então nos veio a dúvida: deveríamos andar, ou empregariamos um método mais rápido? Ambos decidimos que tentaríamos exatamente o que o poder do pensamento pode fazer mas, como antes, em outras circunstâncias, invocamos ajuda para sabermos o que fazer para colocar em ação tais forças. Edwin explicou-nos que uma vez dominado este simples processo de pensar, não teríamos dificuldades no futuro. Em primeiro lugar, era necessário ter confiança; em segundo lugar, nossa concentração de pensamento não deveria ser dividida. Numa comparação terrestre, nós 'nos desejamos' lá, onde quer que seja, e ali nos encontraremos! Nas primeiras vezes, é necessário fazer-se um esforço consciente; depois poderemos nos mover aonde queiramos – e alguém poderia até dizer, 'sem pensar'! Para retomarmos os métodos terrenos, quando alguém quer sentar, ou andar, ou fazer qualquer outra ação que seja familiar, não se tem consciência de nenhum esforço de pensamento para levar tais ações à prática. O pensamento de que quero sentar muito rapidamente passa pela mente, e então eu me sento. Não há controles especiais aos movimentos musculares envolvidos na ação simples, e assim por diante. Tornam-se muito naturais. É precisamente assim conosco aqui. Apenas pensamos que queremos estar em algum lugar, e lá estamos. Devo, claro, explicar a afirmativa ao dizer que nem todos os lugares são abertos a nós. Há muitos reinos onde não podemos entrar, exceto em circunstâncias muito especiais, ou se a nossa evolução permitir. Isso, entretanto, não afeta o método de locomoção por aqui; meramente restringe-nos em certas direções bem definidas.

Sendo bastante prático, mencionei a Edwin que como nós três queríamos estar juntos, será que teríamos desejar estar no mesmo lugar, ou deveríamos ter uma localidade definida em mente, na qual focariamos nossos pensamentos? Ele respondeu que havia vários fatores para se ter em mente nesta circunstância em particular. Um fator seria que esse é o nosso passeio inicial através da locomoção por pensamento, e ele teria, mais ou menos, que 'tomar conta' de nós. Deveríamos apenas permanecer sintonizados uns aos outros, desde que mencionamos o desejo e a intenção de assim fazer. Estes dois fatores juntos eram suficientes para nos permitirem uma chegada segura e certa em grupo no nosso destino desejado! Quando nos tornarmos bastante adestrados nestes métodos, não teremos dificuldades nesta conexão.

Deve ser lembrado que o pensamento é tão instantâneo quanto se possa imaginar, e não há possibilidade de nos perdermos no espaço ilimitado! Tive meu primeiro exemplo de viajar através do espaço desta forma depois de minha morte, mas movi-me vagorosamente, com meus olhos firmemente fechados. Edwin então sugeriu que nos daria muito prazer se tentássemos por nós mesmos. Assegurou-nos de que, em nenhuma circunstância, poderíamos nos machucar. Propôs que Ruth e eu nos projetássemos até um pequeno grupo de árvores a um quarto de milha de distância – na medida da terra. Nós três nos sentamos na grama, observando o nosso alvo. Ele advertiu que se nos sentíssemos nervosos, poderíamos ficar de mãos dadas! Ruth e eu preferimos ir sozinhos, enquanto ele ficaria na grama. Precisaríamos apenas pensar que queríamos estar entre as árvores. Olhamo-nos um para o outro, divertidos, pensamento no que aconteceria em seguida, nenhum de nós tomando a iniciativa. Estávamos nesta ponderação, quando Edwin disse: "Partam!" Sua atitude deve ter suprido do estímulo necessário, porque tomei a mão de Ruth e a próxima coisa foi perceber que estávamos entre as árvores!

Olhamos um para o outro, se não surpreendidos, algo parecido com isso. Olhando para o lugar de onde saímos, vimos Edwin acenando para nós. Então, uma coisa estranha aconteceu. Percebemos bem próximo, diante de nós, o que parecia ser um fecho de luz. Não era ofuscante, nem nos assustava, de forma alguma. Simplesmente captou nossa atenção como o sol da terra faria ao sair de uma nuvem. Iluminava um pequeno espaço na frente de nossos olhos, enquanto estávamos ali. Ficamos parados, cheios de expectativas sobre o que viria em seguida. Então, claramente, sem nenhum vestígio de dúvida, escutamos – ou com os ouvidos, ou em nossas mentes, não posso dizer – a voz de Edwin nos perguntando se gostamos de nossa curta jornada e pedindo que voltássemos a ele, exatamente como fomos. Nós dois comentamos algo sobre o que ouvimos, tentando decidir se teria sido realmente Edwin quem ouvimos falando. Mal tínhamos mencionado nossa perplexidade diante desta manifestação do espírito, quando a voz de Edwin falou de novo, assegurando-nos que tinha nos escutado enquanto cogitávamos sobre o assunto! Tão surpresos e maravilhados estávamos com esta nova manifestação do poder de pensamento, seguida uma da outra, que nos determinamos a voltar a Edwin naquele instante, pedindo uma explanação completa. Repetimos o procedimento, e ali estávamos, mais uma vez, sentados um de cada lado de meu velho amigo, que ria divertido com nosso encantamento.

Ele estava prevenido contra a investida que se seguiu – e nós o bombardeamos de perguntas – e ele nos contou que nos preparou isso como surpresa, de propósito. Aqui, disse ele, está mais um exemplo da materialização do pensamento. Se podemos nos mover através do pensamento, segue-se que podemos também enviar nossos pensamentos, independente de todas as idéias de distância. Quando focamos nossos pensamentos sobre alguma pessoa no mundo espiritual, seja em forma de mensagem definida, ou apenas de natureza afetiva, tais pensamentos alcançarão seu destino sem falhar, e serão recebidos sem filtragem. Isso é o que acontece no mundo espiritual. Como acontece, não estou preparado para responder. Esta é mais uma das coisas que assumimos da forma que encontramos, e rejubilamo-nos com isso. Tínhamos usado, até aqui, nossos ‘órgãos de fala’ para conversarmos uns com os outros. Era bem natural, e não demos ao assunto qualquer ênfase. Não ocorrera a mim, nem a Ruth, que outros meios de comunicação à distância fossem usados por aqui. Ainda estávamos limitados pelas condições da terra, e até então não observáramos nada que substituísse o modo usual de comunicação da terra. Esta verdadeira falha, talvez, nos levava a esperar pelo inesperado.

Apesar de podermos enviar nossos pensamentos desta forma, não se pode concluir que nossas mentes sejam como livros abertos para que todos leiam. De forma alguma. Podemos, se desejarmos, manter deliberadamente nossos pensamentos em nós mesmos, mas se pensarmos à vontade, como estávamos, se deixarmos nossos pensamentos perambularem sem controle, então poderão ser lidos pelos outros. Uma das primeiras coisas a serem feitas quando se chega por aqui é perceber que pensamentos são concretos, que podem criar e construir, e que nosso próximo passo é colocar nossos pensamentos sob controle apropriado e adequado. Mas como tudo no mundo espiritual, logo aprendemos a nos ajustar às novas condições se nos propusermos a isso, e não devemos nos esquecer da ajuda dos mentores em qualquer uma, ou em todas, nossas dificuldades. Esses, Ruth e eu já havíamos encontrado, para nosso alívio e gratidão. Ruth agora estava bastante impaciente para visitar a cidade, e insistia em que Edwin nos levasse imediatamente. E desta forma, sem mais delongas, decolamos da grama, e com uma palavra de nosso guia, seguimos para lá.

V. SALÕES DE APRENDIZADO

Conforme nos aproximamos da cidade fomos tendo uma idéia de sua extensa proporção. Ela era, nem preciso dizer, totalmente diferente de qualquer coisa que eu já tinha visto. Consistia em muitos prédios imponentes, cada um deles cercado de jardins magníficos e árvores, com espelhos d'água e fontes espalhadas aqui e ali, de águas claras como cristal, refletindo cada nuance das cores conhecidas na terra, com outras colorações que só podem ser vistas nos reinos espirituais.

Nem se pode imaginar que esses jardins tenham a mais leve semelhança a qualquer coisa vista na terra. Os mais lindos jardins da terra serão os mais pobres aqui, se os compararmos com os que agora visitamos, com sua presença em colorações perfeitas e os perfumes celestiais exalados. Caminhar pelos gramados, com esta natureza em torno de nós, deixa-nos encantados. Eu imaginava que a beleza dos campos onde eu havia tido toda minha experiência nos mundos espirituais dificilmente poderia ser superada.

Minha mente recordou os caminhos estreitos e pavimentos lotados; os prédios amontoando-se em virtude do espaço exíguo e valioso; o ar pesado e poluído que piora com a corrente de tráfego, lembrei-me da pressa e do tumulto, e de toda a agitação da vida comercial e a excitação dos prazeres passageiros. Eu não tinha a menor idéia de uma cidade de belezas eternas, tão distante da cidade da terra quanto a luz do dia é distante da escuridão da noite. Aqui tínhamos amplas ruas de gramados esmeraldinos perfeitamente cultivados, irradiando, como os raios de uma roda, de uma construção central que, como pude observar, era o centro de toda a cidade. Havia uma coluna imensa de pura luz que descia sobre o domo deste edifício, e sentimos instintivamente – sem que Edwin tenha nos dito – que dentro deste templo poderíamos enviar nossos agradecimentos à Grande Fonte de tudo, e que ali encontraríamos nada mais que a Glória de Deus na Verdade.

Os prédios não tinham grande altura, se pudéssemos medir comparando com as estruturas da terra, mas eram extremamente amplos na maioria deles. É impossível descrever o material de que são feitos porque são de matéria essencialmente espiritual. A superfície de cada um era lisa como mármore, mas mesmo assim tinham uma delicada textura e eram translúcidos como alabastro, à medida que cada edifício emanava, como que para o ar em torno, uma irradiação de luz de pálidas colorações. Alguns destes prédios eram entalhados com desenhos de folhagens e flores, e outros foram deixados quase sem adornos, levando-se em conta os pormenores, ficando num estilo meio clássico. Sobre tudo havia a luz celeste brilhando perenemente e sem interrupção, portanto não havia localidades escuras.

Esta cidade era dedicada à busca do aprendizado, ao estudo e à prática das artes e ao prazer de todos deste reino. Não era exclusiva de ninguém, mas aberta a todos para deleite com igualdade de direitos. Aqui era possível dedicar-se a muitas daquelas ocupações prazerosas e frutíferas que foram começadas na terra. Aqui também muitos espíritos poderiam ser favorecidos em alguma forma de diversão que lhes fora negada, por inúmeras razões, enquanto encarnados.

O primeiro salão ao qual Edwin nos conduziu era dedicado à arte da pintura. Este salão era de grandes proporções e continha uma longa galeria, em cujas paredes estavam penduradas todas as grandes obras primas conhecidas pelo homem. Foram dispostas de tal forma que cada passo do progresso da terra podia ser seguido na ordem, começando com os primórdios e tendo continuidade até os dias presentes. Cada estilo de pintura estava

representado, compilado de todos os pontos da terra. Não se deve imaginar que tal coleção, como a que estávamos vendo agora, servisse ou interessasse apenas aos que tinham profundo conhecimento ou apreciação da arte dos pintores. Nem de longe era o caso.

Havia um bom número de pessoas na galeria quando entramos, algumas delas movendo-se aonde levava sua fantasia. Mas havia muitos grupos escutando as palavras dos professores competentes que estavam demonstrando as várias fases na história das artes expostas nas paredes, e estavam, ao mesmo tempo, fazendo uma exposição tão clara e interessante que ninguém deixava de compreender.

Reconheci algumas destas pinturas, que já havia visto em seus 'originais' nas galerias da terra. Ruth e eu ficamos atônitos quando Edwin nos contou que aquilo que víamos naquelas galerias não eram os originais. Agora estávamos vendo os originais pela primeira vez. O que havíamos visto era a contrapartida terrena, as quais eram perecíveis pelas causas usuais – por exemplo, pelo fogo ou desintegração geral pela passagem do tempo. Mas aqui estávamos vendo os resultados diretos do pensamento do pintor, criados no éter antes de serem transferidos realmente, tais pensamentos, às telas da terra. Podia ser amplamente observado, em muitos casos, onde a pintura na terra perdera perante aquilo que o pintor tinha em sua mente. Empenhara-se em reproduzir a sua exata concepção, mas, pelas limitações físicas, tal concepção o havia desiludido. Em algumas vezes foram os pigmentos que falharam quando, nos primeiros tempos, o artista não conseguia obter ou atingir uma nuance em particular da cor que queria. Conseguira-a em espírito – pelos resultados que agora podíamos ver – mas falhara na tela material.

Esta era a maior diferença que percebi nas pinturas, em comparação com o que havia visto no plano terrestre. Outro grande ponto de dissimilaridade – e o mais importante – era que por aqui as pinturas eram todas vivas. É impossível transmitir uma idéia do que seja esta suprema diferença. Estas pinturas espirituais daqui devem ser vistas para isto ser entendido. Posso apenas dar uma pálida idéia. Estas pinturas, então, tanto paisagens quanto retratos, nunca eram planas, isto é, não pareciam ter sido pintadas em uma tela plana. Possuíam, por outro lado, a perfeição do relevo. O tema ressaltava como se fosse um modelo – um modelo onde se podiam captar todos os elementos que estavam no compor do tema do quadro. Sentese que as sombras são sombras reais, lançadas por objetos reais. As cores brilham com vida, mesmo nos trabalhos mais antigos, anteriores a tanto progresso atingido.

Um problema me ocorreu, e recorri naturalmente a Edwin para sua solução. Era esse: como não era desejável, talvez até impraticável, pendurar-se nestas galerias todas as pinturas que foram emanadas da terra, qualquer idéia de tratamento preferencial baseado no julgamento de outros não parecia combinar com o espírito da lei, tanto quanto eu podia compreendê-la. Que sistema havia sido usado para a seleção das pinturas para que fossem penduradas nestas paredes? Foi-me dito que esta pergunta era freqüentemente feita pelos visitantes desta galeria. A resposta é que quando um artista, seja ele bom, ruim ou mesmo comum, ajusta-se à sua nova vida, ele não tem mais ilusões – se é que teve alguma antes – sobre seu trabalho. Usualmente uma extrema modéstia se instala, reforçada pela beleza imensa e superlativa deste reino. Isso, no final das contas, torna-se um problema de escassez, mais que de abundância!

Quando olhamos para os retratos de tantos homens e mulheres cujos nomes eram mundialmente conhecidos, fossem de tempos mais antigos ou mais atuais, veio a Ruth e a mim um sentimento estranho ao pensarmos que nós éramos agora habitantes do mesmo mundo que eles, e que eles, como nós, eram bastante vivos, e não meras figuras históricas das crônicas da terra.

Em outras partes deste mesmo prédio havia salas onde estudantes de arte podiam aprender tudo o que há para ser aprendido. A alegria destes estudantes é imensa ao estarem livres das restrições terrenas e das limitações corporais. Aqui a instrução é fácil, e a aquisição e a aplicação do conhecimento igualmente fácil aos que desejam aprender. Afastadas estão todas as lutas do estudante para superar as dificuldades da terra, tanto mentais quanto manuais, e progredir rumo à competência é, conseqüentemente, fácil e rápido. A alegria de todos os estudantes que havíamos visto por si mesma se espalhava por todos os que a presenciavam, pois não há limites aos esforços quando aquele bicho-papão da vida da terra – tempos fugazes – e todos os vexames mesquinhos da existência mundana foram abandonados para sempre. Será que se duvida que os artistas deste salão, e, sem dúvida, em todos os outros salões na cidade, estavam passando horas douradas em sua recompensa espiritual?

Para se fazer um estudo realmente exaustivo de todas as pinturas na galeria nos tomaria um tempo longo demais para o nosso atual propósito, que é adquirir uma idéia a mais compreensiva possível do que era este reino, por isso devíamos seguir nosso caminho e conhecer mais, e voltar aos lugares que nos atraíssem mais. Este era o pensamento de Edwin, e Ruth e eu concordávamos de coração. E assim não tardamos mais no salão de pintura e seguimos para outro imenso edifício.

Este era o hall de literatura, e continha toda obra que merecesse tal nome. Seu interior era dividido em salas menores que no hall de pintura. Edwin nos conduziu a um espaçoso departamento que continha as histórias de todas as nações do plano terrestre. A alguém que tivesse o conhecimento da história da terra, os volumes com os quais as prateleiras desta seção da grande biblioteca estavam cheias provariam ser ilustradores. O leitor poderia obter, num primeiro relance, a verdade sobre a história de seu país. Toda palavra contida nestes livros era literalmente a verdade. Ocultar é impossível, porque nada a não ser a verdade pode entrar nestes reinos.

Retornei a esta biblioteca e gastei um tempo muito proveitoso entre estes incontáveis livros. Particularmente, mergulhei em história e fiquei pasmo quando comecei a ler. Naturalmente esperava que a história fosse tratada da maneira pela qual estamos acostumados, mas com a diferença essencial de nos apresentarem a verdade de todos os atos e eventos históricos. Logo descobri que era o caso, mas fiz outra descoberta, que num primeiro momento me deixou surpreendido. Percebi que lado a lado com as colocações do puro fato, de cada atitude tomada pelas pessoas de notoriedade histórica, pelos homens de governo em cujas mãos estava o controle de seus países, pelos reis que estavam à frente daqueles mesmos países, lado a lado com aquelas declarações estava a verdade nua e cega de todos e de cada uma das motivações de governo, ou o que estava subjacente aos seus numerosos atos – a verdade além da disputa. Muitas destas motivações eram elevadas, muitas, muitas delas totalmente vis; muitas mal interpretadas, muitas distorcidas. Escritas indelevelmente sobre esses anais espirituais estavam milhares de narrativas verdadeiras dos seres que, enquanto em sua jornada na carne, foram participantes ativos nos negócios de seus países. Alguns eram vítimas da deslealdade e da baixaza; outros eram a causa ou a origem da deslealdade e da baixaza. Nada foi desperdiçado, nada foi omitido. Tudo estava lá, para que todos vissem – a verdade, em nada expandida, em nada suprimida. Estes registros não respeitavam pessoas, fossem elas reis ou cidadãos, clérigos ou leigos. Os escritores apenas tinham exposto a história verídica, como ela era. Não requeria adornos, nem comentários. Falava por si só. E eu fiquei grato por uma coisa – que esta verdade foi mantida afastada de nós até que viesse o tempo em que estivéssemos onde estávamos agora, com nossas mentes, de certa forma, preparadas para revelações como as que agora tínhamos recebido.

Até aqui apenas mencionei a história política, mas também escavei a história da igreja, e as revelações que obtive nesta direção não eram melhores que as da esfera política. Eram, de fato, piores, considerando-se em Nome de Quem tantas ações diabólicas foram cometidas por homens que, exteriormente, professavam que serviam a Deus, sendo apenas instrumentos de homens tão vis quanto eles próprios.

Edwin prevenira-me sobre o que esperar ao consultar tais histórias, mas jamais eu anteciparia o grau de loucura que encontraria nas narrativas dos fatos verdadeiros. Os motivos supostos que foram expostos em nossos livros de história estavam longe dos motivos reais em incontáveis ocasiões!

Apesar destes livros darem testemunho contra os perpetradores de tantos feitos obscuros na história do mundo, também dão testemunho de muitos atos grandiosos e nobres. Não estavam ali, especificamente, pelo propósito de prover evidências pró e contra, mas porque a literatura tornou-se parte da trama da vida humana. As pessoas têm prazer em ler. Não estaria de acordo com esta vida, ter livros que ler? Podem não ser exatamente iguais aos da terra, mas combinam precisamente com tudo por aqui. Vê-se que a busca de conhecimento é muito maior por aqui do que no plano da terra, já que a necessidade de mudar nossas mentes pelas carências mais urgentes e as exigências da vida encarnada não mais existem por aqui.

Passamos por muitas outras salas, onde os volumes sobre cada tema imaginável estavam à disposição de todos que quisessem estudá-los. E talvez um dos temas mais importantes é o que alguns dos espíritos mais iluminados chamam de 'ciência psíquica' – porque é ciência. Fiquei atônito diante da quantidade de literatura sob este título. Nas prateleiras estavam livros que negavam a existência do mundo espiritual, e negando a realidade do retorno espiritual. Muitos dos seus autores já tinham tido a oportunidade de rever seus próprios trabalhos – mas com sentimentos bastante diferentes! Tornaram-se, eles próprios, testemunhas vivas contra o conteúdo de seus próprios livros.

Ficamos muito tocados pelas belas capas nas quais os livros foram envoltos, o material em que foram impressos e o estilo de impressão. Voltei-me para Edwin, para informar-me sobre esses pontos. Ele disse-me que a reprodução dos livros no mundo espiritual não era pelo mesmo processo como que no caso de pinturas. Eu vi por mim mesmo como a verdade tinha sido suprimida nos volumes da terra, se através de intenção deliberada ou pela ignorância dos fatos reais. No caso das pinturas, o artista desejava descrever na verdade, por assim dizer, mas não por culpa sua, não foi capaz de fazê-lo. Eles não perpetuaram a inverdade, entretanto; ao contrário, suas mentes gravaram o que era totalmente verdadeiro. O autor de um livro dificilmente o escreveria com intenções diametralmente opostas às expressas nele. Quem, então, escreve o livro de verdade em espírito? Os autores dos volumes terrenos escrevem – quando vêm ao mundo espiritual. E ficam felizes por fazê-lo. Torna-se seu trabalho, e por esse trabalho poderá alcançar o progresso de sua alma. Não terá dificuldades com os fatos, já que estão por aqui para que os registre, e ele os registra – mas, desta vez, a verdade! Não há necessidade de acobertar – de fato, seria inútil.

Para a encadernação não há máquinas impressoras na terra? Claro que há! Então, com certeza o mundo espiritual estaria menos provido a esse respeito? Nós temos nossos métodos de impressão, mas são totalmente diferentes dos da terra. Temos nossos especialistas, que também são artistas em seu trabalho, e é trabalho que amam fazer, ou não o fariam. O método de reprodução por aqui é totalmente um processo mental, como tudo, e o autor e o impressor trabalham juntos, em completa harmonia. Os livros que resultam desta co-operação tão sintônica são obras de arte, são belas criações que, fora o conteúdo literário, são agradáveis

de se ver. A capa do livro é outro trabalho de especialista, feito por mais artistas, em materiais maravilhosos jamais vistos na terra, já que são apenas de espírito. Mas os livros desta forma produzidos não são objetos mortos que requerem uma concentração de toda a mente sobre eles. Eles vivem tanto quanto as pinturas que vimos vivas. Quando se escolhe um livro, começar a lê-lo significa também percebê-lo com a mente, de uma forma não possível na terra, toda a história sendo contada como foi, tanto história, quanto ciência, ou arte. O livro, uma vez pego nas mãos pelo leitor, instantaneamente responde, da mesma forma que as flores respondem quando alguém se aproxima delas. O propósito é diferente, claro.

Toda aquela vasta quantidade de livros que vimos estava ali para todos usarem em seu lazer e para deliciar seus corações. Não havia restrições, nem regras enfadonhas ou regulamentos. Diante de tamanha riqueza em conhecimento, eu estava estarelecido com minha própria ignorância, e Ruth sentia o mesmo. Entretanto, Edwin tranqüilizou-me ao nos dizer que não deveríamos deixar que a visão de tanta sabedoria nos assustasse, já que tínhamos toda a eternidade diante de nós! Foi um aviso reconfortante, e estranho de se dizer, um fato que se tende a negligenciar. Leva tempo para se tirar finalmente aquele sentimento de instabilidade, de transição, que é tão associada à vida da terra. E, em conseqüência, sentimos que devemos ver tudo o mais rápido que podemos, apesar de que o fator tempo, como um fator de nossas vidas, tinha cessado suas funções.

Então, Edwin pensou que seria justo com Ruth se lhe mostrasse algo de seu interesse especial, e nos levou ao hall dos tecidos. Também era espaçoso, mas as salas tinham dimensões maiores que aquelas que acabáramos de visitar. Aqui estavam guardadas amostras e mais amostras de lindos materiais e roupas tecidos através dos séculos, e dos quais praticamente nada restou sobre a terra. Era possível ver aqui espécies de materiais sobre os quais lemos em histórias e crônicas, em descrições sobre cerimônias pomposas e ocasiões festivas. E seja lá que possa ser dito da mudança de estilos e gostos que aconteceram através dos tempos, o mundo perdeu uma grande quantidade de suas cores em troca de uma monotonia sombria.

O colorido de muitos dos antigos materiais era simplesmente soberbo, enquanto os desenhos magnificamente elaborados revelavam-nos a arte que se perdera na terra. Apesar de perecíveis na terra, são imperecíveis no mundo espiritual. Depois de feita a concessão justa, pela eterização destes tecidos por estarem no mundo espiritual, ali eles permitiam que guardássemos em nossas mentes uma concepção vívida de como tais ricos tecidos aparentavam quando no elemento terreno. Aqui, novamente, era possível observar o progresso gradual no desenho e no fabrico dos materiais da terra, e pode-se perceber, até onde posso julgar, que o progresso atingiu um ponto em que, então, se notou um movimento retrógrado. Estou, claro, falando em termos gerais.

Uma sala de tapeçarias continha alguns exemplares soberbos dos gênios dos artistas, as contrapartidas terrenas do que havia há muito deixado de existir. Anexas a este departamento, havia salas menores onde muitas almas alegres e laboriosas estavam estudando e praticando a arte da tapeçaria com outros, igualmente felizes, que estavam sempre ao seu lado para ajudar e instruir. Não era um trabalho tedioso de aluno e professor, mas a alegria do puro prazer, que poderiam interromper, para outras atividades, a qualquer momento, se assim desejassem. Ruth disse que adoraria participar de um grupo que estava envolvido numa tapeçaria enorme, e foi dito a ela que ela poderia vir quando quisesse e que seria recebida com toda a alegria do mundo nesta comunidade de amigos. Entretanto, ela deveria, por agora, ficar conosco em nossas expedições.

Pode-se pensar que o que havíamos visto até agora não passava de museus celestiais, contendo, é bem verdade, magníficos espécimes do que não é visto na terra, mas, apesar de tudo, museus. Os museus terrestres são bastante tristes. Têm um cheiro de ranço e de preservantes químicos, já que o que exibem deve ser protegido da deterioração e da decadência. E eles têm que se proteger contra o homem, também, através de vitrines de vidros. Mas por aqui não há restrições. Todas as coisas dentro destes salões estão livres e abertas para serem vistas e seguras com as duas mãos. Não há mofo, já que a beleza dos objetos emana sutis perfumes, enquanto a luz celestial invade tudo, vinda de todas as partes, para acentuar as glórias do artesanato do homem.

Não, não são museus, longe disso. São templos, melhor dizendo, nos quais nós os espíritos tornamo-nos cônscios dos agradecimentos eternos que devemos ao Grande Pai por nos dar tanta alegria, sem limites, num mundo do qual tantos na terra negam sua realidade. Eles fariam tudo isso desaparecer – para quê? Nem sabem. Há muitas, muitas belezas no plano da terra, mas nós em espírito não podemos ter nenhuma! Talvez seja essa outra razão pela qual tenha um sentimento tão profundo quando passamos ao mundo espiritual – porque acham que deixamos para trás tudo que é lindo, para passar para um estado de vazio – um vácuo celestial. Tudo o que é belo, então, tornou-se exclusivo ao mundo terrestre. A inteligência do homem não é usada quando passamos para cá, porque aqui não há nada no que exercitá-la. Só o vazio! Eles nem imaginam que a realidade e a imensa plenitude do mundo espiritual vêm como num choque revelador aos que antecipavam um eterno e celestial nada!

É essencial que se entenda que cada ocupação e cada tarefa concluída pelos habitantes deste e dos mais altos reinos é feita de boa vontade, pelo puro prazer de se fazer, e nunca por uma atitude de ter que ser feita “quer goste, ou não”. Não se tem que fazer nada compelido, ao cumprir-se uma tarefa. Nunca se expressa ou se sente repugnância. Não se diz que se espera o impossível. Podemos ver o resultado de alguma ação ou outra – ou, se não pudermos, há outros, mais sábios e mais conhecedores, que podem – e saberemos se cumprimos a tarefa ou suspenderemos até o tempo chegar. Nunca esperamos por ajuda ou advertência. Lembre-se de minha própria sugestão de tentar a comunicação com a terra para arrumar alguns itens de minha vida, e que Edwin avisou-me que deveria procurar mais tarde por conselhos sobre a praticabilidade daquele projeto. Por isso, é verdadeiro dizer que o desejo de fazer e de servir é a idéia fundamental por aqui. Menciono estes temas para se obter um melhor entendimento de um hall em particular, onde Edwin nos levou depois que saímos do hall das fábricas.

Era, pelas intenções e propósitos, uma escola onde almas, que tinham tido o infortúnio de perder os benefícios de algum conhecimento ou aprendizado na terra, poderiam aqui se construir intelectualmente.

Conhecimento e aprendizado, educação e erudição não têm conotação de valor espiritual, e a inabilidade para ler e escrever não implica na ausência dele. Mas quando alguém passou para esta vida, quando vê a grande e ampla via abrindo-se diante dele, com suas oportunidades múltiplas e multiformes, vê também que o conhecimento pode ajudar na caminhada espiritual. Ele pode não ser capaz de ler. Estariam aqueles esplêndidos livros ali para ficarem para sempre fechados para ele, agora que ele tem a oportunidade para ler, mas lhe falta habilidade? Talvez lhe seja perguntado: de fato não é necessário saber ler no mundo espiritual? As coisas sendo como são, deve haver alguma forma de percepção mental a ser adquirida dos livros sem a ajuda material das palavras impressas? A mesma questão deve ser perguntada a respeito das pinturas e de tudo por aqui. Por que a necessidade de qualquer

coisa tangível? Se seguimos esta linha de pensamento, isso vai nos levar a um estado de vazio que já mencionei.

O homem que não sabe ler sentirá em sua mente que algo está contido dentro do livro que ele tem em mãos, mas não saberá instintivamente, ou por qualquer outra forma, o conteúdo dele. Mas alguém que sabe ler começará, imediatamente após começar a ler, a se colocar *en rapport* com os pensamentos que o autor expôs, e assim o livro responderá a quem lê.

Ser hábil em escrever não é necessário, e muitos que foram incapazes disso antes de virem para cá, não se incomodaram em suprir essa falta depois de sua chegada.

Encontramos muitos espíritos ocupados em seus estudos nesta escola, e plenamente satisfeitos consigo mesmos. Adquirir conhecimento por aqui não é tedioso, porque a memória funciona perfeitamente – isto é, infalivelmente – e os poderes da percepção mental não são mais tolhidos e confinados num cérebro físico. Nossas faculdades de entendimento são aguçadas e a expansão intelectual é certa e rápida. A escola era o lar de ambições realizadas para a maioria dos estudantes. Conversei com vários deles, e cada um deles disse-me estar estudando o que desejou estudar na terra, mas lhe fora negada a oportunidade, por razões que são por demais conhecidas. Alguns perceberam que as atividades comerciais não deixaram tempo, ou mesmo a batalha pela vida absorveu todos os meios para fazê-lo.

A escola estava bastante confortavelmente instalada; não havia, claro, nem insinuação de regulamentos. Cada estudante seguia seus cursos independentemente dos demais. Sentava-se comodamente, ou ia para os lindos jardins lá fora. Começava quando queria, terminava quando queria, e quanto mais mergulhava em seus estudos, mais interessado e fascinado por eles ficava. Posso falar por experiência pessoal deste último comentário, pelo muito que já estudei na grande biblioteca desde meu primeiro contato com ela.

Quando saímos da escola, Edwin sugeriu que talvez gostássemos de nos sentar na grama embaixo de alguma árvore para repousarmos um pouco. Esta era o seu modo – perfeitamente natural – de se expressar. Não sofremos a fadiga física, mas, ao mesmo tempo, não ficamos na mesma ocupação o tempo todo, isto significaria monotonia, e não há monotonia aqui, como a que enfrentamos na terra. Mas Edwin sabia, por experiência, as diferentes emoções que ocupam as mentes dos recém-chegados aos planos espirituais, e assim ele parou um pouco, antes das próximas explorações.

VI. ALGUMAS PERGUNTAS RESPONDIDAS

Edwin contou-nos que a grande maioria das pessoas recém-chegadas é tomada de um grande entusiasmo à medida que o mundo espiritual se revela a eles, em sua nova vida, e imediatamente querem retornar à terra e contar ao mundo tudo o que há por aqui. Ele já havia me explicado algumas das dificuldades quando da minha sugestão de retornar.

Outra tendência bastante natural era fazer inúmeras perguntas sobre essa vida em geral, e reparou que, neste quesito, tanto eu quanto Ruth havíamos exercitado uma restrição bastante rara! Certamente me restringi em questionar demais, mas então Edwin havia explicado tanto quanto eu podia entender, conforme seguíamos. Confessei, entretanto, agora que mencionara a questão, que havia muitas coisas sobre as quais eu gostaria muito de saber. Ruth disse que sentia o mesmo e que, sem dúvida, muitas de nossas perguntas seriam coincidentes. A dificuldade estava em onde começar.

Tínhamos permitido que nossos passeios trouxessem seus próprios problemas para a solução de Edwin, mas havia outras considerações de natureza genérica que vinham da contemplação do mundo espiritual como um todo. Uma das primeiras que veio à minha mente, conforme nos sentamos na grama com flores celestes em torno de nós, era a extensão deste reino no qual agora vivíamos. Ia até onde o olho podia alcançar – e era bem mais longe do que podíamos ver no plano da terra no dia mais límpido do verão. Isto era lindo demais para se colocar em palavras, mas dava uma indicação da imensidão deste reino em particular. E havíamos visto apenas uma pequenina fração dele até agora! Ainda pensávamos em termos de distâncias terrestres. Havia alguma fronteira neste reino? Estendia-se ainda mais além do alcance de nossa visão? Se havia algum término, o que havia além? Poderíamos ir e ver por nós mesmos?

Certamente que há uma fronteira neste reino, explicou-nos Edwin. E poderíamos ir e ver quando quiséssemos. Além desse há outro e ainda mais outros reinos. Cada espírito que passa para o mundo espiritual vai para o reino que fez por alcançar quando esteve na terra – naquele, e não em outro. Edwin, no início, havia descrito este plano como o plano da grande colheita – uma colheita que havia sido plantada na terra. Podíamos julgar por nós mesmos, então, se consideramos a colheita boa ou má. Veríamos que havia outras infinitamente melhores – e outras infinitamente piores. Falando claramente, há outros reinos imensuravelmente mais lindos que este no qual estávamos agora vivendo felizes; reinos de beleza insuperável nos quais não podemos penetrar até que chegue a hora em que tenhamos conquistado esse direito, tanto como visitantes, quanto como habitantes. Apesar de que não possamos entrar neles, as almas gloriosas que moram ali podem vir aos reinos de menor celestialidade, e podem vir nos visitar. Edwin já havia visto alguns deles, e esperamos que possamos vê-los também. De fato, eles constantemente nos visitam para consultas e conversas com os habitantes daqui, para advertir e ajudar, e dar conselhos e recomendações, e não havia dúvidas de que meu próprio problema poderia ser colocado diante de um destes mestres para uma orientação.

Em certas ocasiões, também, estes seres transcendentais fazem visitas especiais quando todo o reino está celebrando uma grande ocasião como, por exemplo, as duas maiores festas da terra: Natal e Páscoa. Ruth e eu ficamos atônitos, porque pensamos que as duas festas eram essencialmente da terra. Mas é a maneira de celebrá-las, e não a festa em si, que é particular da terra. No mundo espiritual, tanto o Natal quanto a Páscoa são encaradas como

aniversários: a primeira, de um nascimento no mundo; a segunda, de um nascimento no mundo espiritual. Neste reino, as duas celebrações sincronizam-se com as duas na terra, já que há uma grande ligação entre os dois mundos nesta época, maior do que haveria no caso das festas serem comemoradas independentemente da época. Não é assim, entretanto, nos planos mais elevados, onde leis de natureza diferente vigoram.

No plano da terra, a data do aniversário do Natal tem estado fixa por muitos séculos. O dia exato do primeiro natal se perdeu, e é impossível agora averiguar com precisão, pelos meios terrenos, quando ocorreu. Mesmo que fosse possível, é tarde demais para se fazer qualquer alteração, pois a atual foi estabelecida por longa tradição e prática. A festa da Páscoa é móvel – um costume estúpido, já que freqüentemente as datas não têm relação com a primeira e original. Há alguma esperança de que uma mudança ocorra e a festa estabilize-se. De forma alguma somos subservientes à terra nestes termos, mas ao mesmo tempo uma tola obstinação nos levaria a lugar algum. Então é assim que cooperamos com o plano da terra ao unirmos nossas alegrias.

Os reinos mais elevados têm suas próprias boas razões para o que parece ser uma saída da ordem reconhecida. Tais razões não concernem a nós – até que nós mesmos passemos para estes planos mais altos.

Além destes dois grandes festivais, nós não temos muita coisa mais em comum com o mundo, em matéria de festas. A maioria delas são meramente eclesiásticas que não têm significação em um senso mais profundo, já que tantas são o resultado de doutrinas religiosas que não têm aplicação no mundo espiritual. A festa da Epifania, por exemplo, está baseada numa história muito colorida, e era antigamente celebrada pelas pessoas numa forma secular, tanto quanto religiosa. Agora é somente religiosa, e de muito pouco reflexo por aqui. A festa do Pentecostes é outro exemplo da cegueira da Igreja. O Espírito Santo – para usarmos a expressão da Igreja – foi, é, e sempre será a descida sobre todos aqueles que merecem recebê-lo! Não em uma ocasião especial, mas sempre.

Eu e Ruth estávamos interessados em aprender como o Natal era celebrado nestes planos, pois, na terra, além de poucos serviços nas igrejas, a festa da Natividade evoluiu como uma festa secular, sendo o principal fato o comer e beber prodigiosamente. Edwin contou-nos que o espírito pode experimentar o mesmo grau de alegria que na terra, onde a alegria for a expressão ou o resultado da bondade; onde o festejar for misturado com o reconhecimento ou a recordação daquele cuja data estamos comemorando. Aqueles que desejarem – e há muitos – podem decorar suas casas e locais de habitação com sempre-vivas, como fazíamos na terra. Quando digo sempre-vivas, quero mencionar aquelas árvores e arbustos em particular que na terra têm esse nome. Aqui, tudo é eternamente ‘sempre-vivo’! Nós nos reunimos em grupos alegres, e se sentimos que não seria correto não ter algo que comer, então, não há uma superabundância das mais perfeitas frutas, das quais já lhes contei, para deliciar os corações dos mais meticulosos?

Mas apenas contei a vocês o lado mais pessoal desta festa. É neste tempo que temos visitantes dos planos mais elevados para nos ver, seres perfeitos, entre eles está aquele cujo aniversário terreno estamos celebrando. E estes lindos seres precisam apenas passar sobre nós em seus caminhos para nos deixar em êxtase pela emanação espiritual, que ficará conosco por muito tempo depois que eles retornem aos seus altos planos.

No tempo de Páscoa, temos visitas similares, mas há muito mais alegria, porque para nós é o nascimento no mundo espiritual que deve, pela natureza dos fatos, ser, de longe, o de maior significação. Sem dúvida, quando uma vez tenhamos deixado o plano da terra,

inclinamo-nos a esquecer nossos aniversários, já que o maior contém o menor. São somente nossas conexões terrenas, se tivermos alguma, que servirão para nos recordar.

Alonguei-me neste tema para tentar mostrar-lhes que não vivemos em estado de religiosidade fervorosa para toda a eternidade. Somos humanos, apesar de que tanta gente ainda no plano da terra nos tenha de forma diferente! Tais pessoas inevitavelmente estarão na mesma posição que nós um dia, e calcula-se que nada instila maior humilhação quanto perceber o que mantivemos como opinião firme e decidida.

Divaguei um pouco do nosso primeiro tópico quando nos jogamos na grama, mas na nossa conversação uma coisa puxou a outra, até que pareceu que nos desviamos do nosso curso.

Só feita uma menção a respeito dos planos mais elevados. E sobre os planos mais baixos dos quais Edwin falara quando me referi às fronteiras deste reino em particular? Poderíamos visitá-la quando quiséssemos. Sempre podemos ir a um plano mais baixo que o nosso, e também não podemos ir aos mais altos. E nos foi avisado que não andássemos nas esferas inferiores a não ser com um guia conhecedor, ou quando for dada uma instrução apropriada. Antes de nos informar mais sobre este tema, Edwin aconselhou-nos a ver mais de nosso agradável plano primeiro.

E agora sobre o que se constitui a fronteira precisa deste reino. Estamos acostumados ao conhecimento da esfericidade da terra e a ver com nossos olhos o horizonte distante. Ao contemplarmos este mundo espiritual devemos, em muitos aspectos, abandonar a idéia de distância que medimos com os olhos, já que a distância é anulada pelo nosso meio de trânsito, imensamente rápido. Qualquer sugestão de planura da terra é logo descartada pela visão das colinas e montes.

Novamente, a atmosfera é cristalina e nossa visão não é limitada pelo instrumento de um corpo físico. Não somos obrigados a manter nossos pés no chão. Se podemos nos mover para todos os lados sobre essas terras pelo poder de nossos pensamentos, podemos também nos mover verticalmente – disse-nos Edwin. E devo dizer que isso nunca ocorrera a Ruth e a mim ainda. Estamos, de certa forma, ainda limitados pelas nossas noções terrenas e hábitos de pensamento. Se pudemos mergulhar água abaixo sem nos machucar, pelo contrário, com muita alegria, então, claro, poderemos voar pelos ‘ares’ com a mesma segurança e prazer! Ruth não expressou nem o mínimo desejo de fazer isso! Ela preferiu esperar, disse, até que fique mais ambientada. De todo coração, compartilhei de seus sentimentos sobre esse assunto, o que causou ao nosso bom amigo a maior alegria.

Ao mencionar essas poucas características, eu assim fiz porque o mundo sempre olhou para o mundo espiritual como estando, relativamente, acima ou abaixo. São considerações realmente de tipo muito científico, e não sou competente para elucidar mais sobre o tema; como habitante destes planos, minha perspectiva, mental e espiritual, teria que sofrer varreduras e mudanças fundamentais, apesar do fato de que eu tive algum conhecimento antes do passamento. Realmente, num átimo se sabe a localização precisa do mundo espiritual com suas muitas esferas ou reinos.

Onde está o limite entre o mundo da terra e o mundo espiritual? No instante do meu passamento, do qual você se lembra, eu estava plenamente consciente quando me levantei da cama em resposta a um impulso bem definido. Naquele momento fui para o mundo espiritual. Os dois mundos, então, devem interpenetrar-se um em outro. Mas assim que me movi dali sob o auxílio e a guia de Edwin, estava consciente de que estava me movendo sem um rumo definido. Devo ter viajado para cima, ou para baixo, ou para os lados. Movimento, certamente foi. Edwin mais tarde informou-me que atravessei as esferas mais baixas – e nada agradáveis

– e pela autoridade de sua missão de vir ajudar-me neste reino, ambos estivemos protegidos contra toda e qualquer qualidade de influência nefasta. Estivemos, com efeito, completamente invisíveis a todos, menos aos de nosso próprio reino e aos de acima de lá.

A transição de um reino a outro é gradual no que se concerne à aparência exterior, tanto quanto a outros aspectos, por isso seria difícil assinalar qualquer localidade particular como limite. Desta forma, exatamente, situam-se os limites de nosso reino. Parecem interpenetrar-se quase imperceptivelmente, um em outro.

Edwin nos propôs que, para uma ilustração prática, deveríamos ir e ver tais limites que nos deixaram tão surpresos. Colocamo-nos novamente sob a guia sábia de Edwin e movemo-nos para lá.

Num instante encontramos-nos sobre uma ampla extensão de gramado, mas percebemos que era menos macio abaixo de nossos pés; estava, de fato, ficando cada vez mais duro à medida que andávamos. O lindo verde esmeraldino estava rapidamente esmaecendo, a grama começava a tomar uma triste aparência amarelada, bastante semelhante à grama da terra que foi queimada pelo sol e pela falta de água. Não vimos flores, nem árvores, nem habitações, e tudo parecia deserto e estéril. Não havia sinais de vida humana, e a vida parecia estar rapidamente desaparecendo debaixo de nossos pés, agora tendo a grama já desaparecido de vez, ficando nós com os pés no chão batido. Percebemos, também, que a temperatura caíra consideravelmente. Desaparecera todo aquele calor genial e confortante; havia um frio e uma umidade no ar que parecia nos dominar e gelar nossas almas. Pobre Ruth, agarrou-se nos braços de Edwin, e não me envergonho de dizer que fiz o mesmo, e fiquei feliz por isso. Ruth, visivelmente trêmula, parou abruptamente e nos implorou que não fôssemos adiante. Edwin enlaçou-nos, seus braços em torno de nossos ombros, e disse-nos que não tínhamos necessidade de termos o mínimo temor, pois ele tinha o poder de nos proteger completamente. Entretanto, ele podia ver o estado de profunda depressão, tanto quanto opressão, que havia nos dominado, e por isso virou-nos gentilmente, colocou suas mãos em nossas cinturas e mais uma vez nos vimos sentados abaixo daquelas lindas árvores, com as flores gloriosas ao nosso lado, e o nosso próprio ar cálido mais uma vez nos envolvendo com seu bálsamo celestial.

É supérfluo, talvez, acrescentar que Ruth e eu estávamos felizes por retornarmos à cidade novamente. Estivemos apenas no limiar das esferas inferiores, mas fomos longe o suficiente para sabermos sobre o que há além. Eu sabia que levaria um tempo até que eu penetrasse ali, e podia agora perceber claramente a sabedoria das admoestações de Edwin.

Enquanto estivemos no tema destas fronteiras espirituais, e apesar do fato de termos parado temporariamente com nossas explorações, não pude deixar de perguntar a Edwin sobre as fronteiras dos reinos mais elevados. Sabia que não poderia ser tão desagradável como essas, então sugeri que, para um contraste e para compensar nossa recente e gélida experiência em outra direção, que poderíamos talvez visitar o limite através dos quais os nossos celestiais visitantes passavam. Edwin respondeu que não havia objeções, e assim, mais uma vez, decolamos dali.

Novamente nos encontramos num gramado, mas com uma diferença notável. A grama onde estávamos andando era infinitamente mais macia que aquela do interior do reino. O verde das plantas era ainda mais brilhante que pensávamos ser possível. As flores estavam crescendo em uma profusão ainda maior, e a intensidade das cores, do perfume, e do poder vital doado transcendia a tudo que havíamos encontrado. O próprio ar parecia estar imbuído com as cores do arco-íris. Havia umas poucas habitações no local onde estávamos, mas atrás de nós podiam ser vistas algumas das mais imponentes e bonitas casas que jamais eu havia

visto. Nestas casas, assim disse nosso amigo, moravam maravilhosos espíritos que, apesar de nominalmente habitarem em nosso reino, permaneciam, em virtude de sua evolução espiritual, de seus dons particulares e de trabalho, em contato próximo com os reinos mais elevados, nos quais eles tinham total autoridade e o poder requerido para sobrepassarem em várias ocasiões. Edwin prometeu que voltaríamos a este lugar depois que tivéssemos visto tudo o que desejássemos da cidade, e lá discutiríamos – em uma das casas – meu futuro trabalho, e também o da Ruth. Ele tomara Ruth sob sua asa, e da parte dela, expressava gratidão por sua bondade em fazer isso. Várias vezes atravessara minha mente qual seria a forma de trabalho espiritual na qual eu poderia me engajar, assim que ficasse suficientemente familiarizado com a nova vida e o novo lugar.

Com a mesma intensidade que estivemos pesados com o frio e a opressão na fronteira das esferas de treva, assim estávamos agora aquecidos e plenos com uma exaltação que nos deixava quase silenciosos pelas maravilhas. Conforme nos movimentamos, banhados na radiação, sentimos uma grande alegria, vindo à mente a descrição de Edwin sobre a visitação das personalidades dos reinos mais elevados, e fiquei sabendo o que esperar quando fosse afortunado em testemunhar tal visitação. Estando aqui, tem-se o desejo opressivo de lutar pela evolução que pode nos capacitar a morar numa daquelas casas lindas, e qualificar-nos para a honra de servir a um dos habitantes desta esfera superior em cujo portal estávamos.

Andamos um pouquinho adiante, mas não pudemos continuar. Não havia barreiras visíveis, mas sentimos que não poderíamos respirar se continuássemos. Toda a atmosfera estava se tornando mais rarefeita conforme nos adiantamos e, finalmente, tivemos que voltar sobre nossos passos para o nosso próprio solo.

Pude ver muitos espíritos usando vestimentas mais tênues, as cores suaves delas não pareciam pertencer a elas, mas flutuar sobre os tecidos das roupagens – se pudermos chamar de tecido. Aqueles que se aproximaram o bastante de nós sorriram num cumprimento tão amigável que soubemos que não estávamos nos intrometendo, e alguns acenaram suas mãos. Meu amigo disse-nos que eles estavam avisados de nosso propósito ali, e por esta razão não se aproximariam de nós. Permitiriam que nos deliciássemos com nossa experiência por nós mesmos, e silenciosamente absorvêssemos as belezas e os esplendores desta maravilhosa fronteira.

E assim, bem relutantes, retornamos; rapidamente nos achamos de volta à cidade, em nosso ponto inicial sobre as árvores. Ambos nos sentimos mais leves que nunca depois desta visita breve, e estou certo de que Edwin também, mesmo sendo, todavia, espírito há mais tempo que nós.

Não falamos nada por um tempo depois de nosso retorno, cada um de nós preso aos seus próprios pensamentos, e quando finalmente quebramos o silêncio, foi para encher o nosso bom Edwin com perguntas. Enumerar todas elas seria tedioso, por isso, darei, de forma consecutiva, as respostas de Edwin como um todo.

Primeiro, considerando as esferas inferiores, cujo limiar tanto nos deprimira. Já as visitei em grupos, com Ruth e Edwin, e tenho feito expedições através delas, exatamente como estamos fazendo através de nosso próprio reino. Entretanto, não quero antecipar o que vou dizer mais tarde, quanto a nossas experiências por lá. Por agora, então, apenas direi que quando viemos visitar a fronteira, fizemos nosso caminho direta e rapidamente, e não tivemos consciência dos estágios intermediários através dos quais passamos. Foi por essa razão que nossa repentina mudança de ambiente foi tão notada. Se tivéssemos feito a progressão escalonadamente, teríamos percebido o declínio gradual de todas aquelas características agradáveis e felizes que constituem o céu deste reino. E aqueles que habitam nesta área de

declínio estão na mesma posição relativa que nós, a respeito do movimento: eles seriam inibidos ao passarem para mais alto, exatamente como fomos nas fronteiras daquele reino superior.

As mesmas condições obtidas em nossa jornada às bordas do reino superior. Atravessamos a distância tão rapidamente que fomos incapazes de observar a alteração gradual em nosso entorno. De outra forma, teríamos visto o país tomando um grau mais alto de eterização, uma intensificação maior das cores e brilho, observável não somente nas características físicas do reino, mas também nas vestimentas daqueles cujas casas aproximavam-se mais do limite.

Para visitar os reinos inferiores é necessário ter – para a própria proteção – certos poderes e símbolos, dos quais Edwin contou-nos ter total posse. Tais lugares não são para curiosos, e ninguém seria bobo o suficiente para ir até lá sem um propósito que não fosse legítimo. Aqueles que vagueiam naquela direção sozinhos, sem autoridade, são logo retornados por almas bondosas cujo trabalho é salvar outros dos perigos que estão além dali. Muitos espíritos estão passando continuamente para lá e para cá através daquela triste fronteira ao cumprirem seus trabalhos. É verdade que não vimos nenhum sinal de alguém perto de nós quando estivemos lá, mas como nós, quando fizemos nossa jornada por ali, eles se movem rapidamente em direção aos seus destinos.

Na fronteira aos altos reinos não há necessidade de tais sentinelas para manter os outros afastados, porque a lei natural previne isso. Quando alguém dos reinos mais baixos viaja para algum mais elevado, é sempre com autoridade, mesmo que investida no viajante, ou em alguma outra pessoa da esfera superior, que servirá de acompanhante. No primeiro caso, tal autoridade toma a forma de símbolos ou sinais que são dados aos portadores, que sempre receberão em cada ocasião – mesmo que não requisitada – toda a assistência que possa precisar.

Muitos desses símbolos têm o poder em si mesmos de preservar o viajante com os efeitos dominantes na atmosfera nos reinos superiores. Estes não prejudicam as almas, claro, mas alguém despreparado ver-se-ia como na situação da terra, quando emerge na luz do sol brilhante depois de prolongado período em escuridão profunda. Mas, no caso do brilho do sol na terra, pode-se, depois de um curto período de tempo, ficar completamente à vontade na luz brilhante, mas não é assim no caso dos altos planos. Não há tal adaptabilidade ali. O efeito ‘cegante’ será contínuo a alguém de reino inferior. Mas com numa concessão, são providenciados meios para que aquele visitante possa seguir sem desconforto ou infelicidade. E isso é o que poderia se esperar, já que tais visitas são feitas por motivos felizes, e não como testes de força espiritual ou resistência. Quando é necessário fazer uma jornada para esferas superiores, então se torna imperativo, em muitos casos, que um habitante daqueles reinos jogue, como fizeram, um manto sobre seu guardado, da mesma forma que Edwin, em menor escala, jogou seus braços protetores sobre nós enquanto caminhávamos naquele reino inferior.

Isso foi, em essência, o que Edwin nos contou em resposta às nossas perguntas.

Nós agora nos sentíamos suficientemente ‘descansados’, e, quanto à proposta de Edwin de continuarmos nossa inspeção da cidade, concordamos e assim fizemos.

VII. MÚSICA

Sendo a música um elemento vital no mundo espiritual, não é de se surpreender que um grande edifício fosse devotado à prática, ensino e criação de todos os tipos de música. O prédio seguinte, ao qual nosso amigo nos conduziu, era totalmente dedicado a este estudo tão importante.

Quando eu estava na terra, nunca me considerei um músico, no sentido ativo, mas apreciava a arte sem muito entendê-la. Eu havia escutado algumas peças vocais esplêndidas em minhas breves estadas, em diferentes ocasiões, em uma de nossas catedrais metropolitanas, e tinha tido algumas poucas experiências em escutar música orquestrada. A maioria do que vi neste hall de música era novo para mim, e a maior parte, bastante técnica. Acrescentou muito ao meu pequeno conhecimento, porque percebi que quanto mais se sabe de música, mais ajuda a entender muitas coisas da vida por aqui, onde a música tem um papel muito importante. Não sugiro que todo espírito devesse tornar-se músico a fim de compreender sua própria existência! A imposição de tal condição sobre nós nunca estaria consoante com as leis naturais daqui. Mas muitas pessoas têm algo latente, senso musical inato, e, pelo encorajamento aqui, maior pode ser a satisfação deles. Com efeito, foi isso exatamente que fiz. Ruth já tinha um treino musical extenso, por isso sentiu-se bem à vontade nesta enorme escola superior.

O hall de música seguia o mesmo esquema amplo dos outros edifícios de artes. A biblioteca continha livros que tratavam da música assim como a vasta quantidade de músicas que foram compostas na terra por compositores que agora passaram ao mundo espiritual, ou por aqueles que ainda estavam na carne. Aquilo que na terra é chamado de ‘obra-prima’, estavam todas completamente representadas nas prateleiras, entre as várias músicas, e eu fiquei interessado ao verificar que quase não havia nenhum trabalho que não tivesse sido alterado pelo próprio compositor quando este viera para cá. As razões de tais ‘melhoras’ eu explicarei depois. Retomando, a biblioteca tinha a história completa da música desde os mais antigos tempos, e os que sabem ler música – não necessariamente instrumentalmente, mas com familiaridade sobre o que as notas impressas indicam – poderiam ver diante deles os passos largos que a arte deu durante as eras. O progresso, parece-nos, foi lento, como nas outras artes, e as caprichosas formas de expressão invadiram-se entre si. Desnecessário dizer que as posteriores não são tocadas aqui por razões ligadas àquelas que inspiram os compositores para alterarem seus trabalhos depois de passarem para cá.

Também estavam na biblioteca muitos dos livros e trabalhos musicais que há muito desapareceram da terra, e são mesmo raras e, portanto, fora do alcance da maioria. Um antiquário musical achará tudo aquilo pelo qual ele procurou na terra, mas que lhe foi negado, e aqui ele poderá consultar, livre, trabalhos que, por causa de sua preciosidade, nunca lhe seria permitido colocar as mãos na terra. Muitos aposentos foram instalados ao lado para os estudantes poderem aprender música em cada ramo, da teoria à prática, com professores que são mundialmente conhecidos. Há alguns, talvez, que pensariam que esses nomes tão famosos não doariam de seu tempo ao ensino de formas simples de música aos simples amantes de música. Mas deve ser lembrado que, como com os pintores, os compositores têm uma avaliação diferente dos frutos de seus cérebros depois que passam ao mundo espiritual. Como todos nós aqui, eles vêem as coisas exatamente como elas são – incluindo as suas composições. Percebem, também, que a música do mundo espiritual é bastante diferente

dos resultados exteriores da música tocada na terra. Aqui eles descobrem que seu conhecimento musical deve superar mudanças, totais em muitos casos, antes que possam começar a se expressar musicalmente. Em música, pode-se dizer que o mundo espiritual começa onde o mundo terreno termina. Há leis musicais por aqui que não têm aplicação na terra, porque a terra não está evoluída o suficiente por um lado, e por outro porque o mundo espiritual é do espírito, enquanto que a terra é material. Põe-se em dúvida se a terra vai se tornar etérea o suficiente para ouvir muitas das músicas espirituais dos planos mais elevados. Tentaram inovações, assim me disseram, no plano da terra, mas o resultado não é só selvagem, mas infantil também. Os ouvidos materiais não estão sintonizados à música que é essencialmente dos reinos espirituais. Por alguma oportunidade estranha, as pessoas da terra ensaiaram compor tais músicas no plano terrestre. Jamais o farão, até que os ouvidos dos ainda encarnados tenham sofrido uma alteração fundamental.

Os muitos tipos de música instrumental tão familiares na terra são vistos na faculdade de música, onde os estudantes são ensinados a tocá-las. E aqui novamente, onde a destreza das mãos é tão essencial, a tarefa de evoluir em eficiência nunca é árdua ou pesada, e é, acima de tudo, muito mais rápida que sobre a terra. Conforme os estudantes adquirem domínio em seu instrumento, podem unir-se a uma das muitas orquestras que existem aqui, ou podem limitar suas execuções ao grupo de seus amigos. Não é de forma alguma surpreendente que muitos prefiram a primeira forma, porque podem ajudar a produzir, junto a seus colegas músicos, os efeitos tangíveis da música numa escala muito maior, onde tantos mais podem apreciar tais efeitos. Ficamos extremamente interessados nos vários instrumentos que não têm correspondente no plano terrestre. São, na maioria, especialmente adaptados às formas de música que são exclusivas do mundo espiritual, e por esta razão são mais elaborados. Tais instrumentos são tocados somente com outros de sua espécie, por causa de sua música distinta. Para aquilo que é comum na terra, os instrumentos costumeiros são suficientes.

É natural que este prédio tenha um anfiteatro para concertos. Era um amplo hall, com capacidade de acomodar muitos milhares sentados confortavelmente. Era de forma circular, com os assentos subindo em fileiras sem interrupção desde o chão. Não há, claro, nenhuma necessidade de que tal hall seja coberto, mas essa prática meramente segue outras neste reino, - nossas próprias casas, por exemplo. Não necessitamos delas, realmente, mas gostamos delas, crescemos usando-as enquanto na carne, elas são perfeitamente naturais para a vida, por isso nós as temos.

Observamos que o hall de música estava em terrenos bem mais extensos que aqueles que já havíamos visto, e a razão logo se tornou clara a nós. Atrás do hall estava o grande centro dos concertos. Consistia de um vasto anfiteatro como um grande aquário afundado abaixo do nível do chão, mas era tão amplo, que sua profundidade real não era tão aparente. Os lugares mais afastados do palco ficavam exatamente ao nível do terreno. Envolvendo bem proximamente esses lugares, havia ramos das mais lindas flores de todas as cores possíveis, com um espaço gramado além, enquanto que a área total deste templo da música a céu aberto era cercada por um magnífico conjunto de árvores altas e graciosas. Apesar da platéia estar instalada numa escala tão ampla, muito mais do que seria praticável na terra, mesmo assim a gente não sentia que estava afastado dos músicos, mesmo nos lugares mais altos. Relembremos que nossa visão não é tão restrita em espírito, como na terra.

Edwin sugeriu-nos que deveríamos apreciar um concerto no mundo espiritual, e então fez uma estranha proposta: Não nos sentaríamos nos lugares do teatro, mas tomaríamos posição a uma certa distância. A razão, disse ele, apareceria assim que a música começasse. Quando o concerto estava para começar, seguimos esta misteriosa indicação, e sentamo-nos

na grama, a alguma distância do anfiteatro em si. Imaginei se poderíamos escutar bem estando tão distante, mas nosso amigo nos assegurou que sim. E, realmente, fomos acompanhados por numerosas pessoas, até ali, que, sem dúvida, vieram pelo mesmo motivo que nós. Todo o lugar, que estava vazio quando Edwin nos trouxe pela primeira vez, agora tinha muitas pessoas, algumas passeando, e outras, como nós, sentados calmamente na grama. Estávamos num local delicioso, com as árvores e flores e pessoas simpáticas ao redor, e jamais havia experimentado um sentimento como esse que sentia agora, de real e genuíno prazer. Estava com saúde perfeita e felicidade plena, sentado com dois dos mais encantadores companheiros, Edwin e Ruth; sem restrição de tempo ou clima, nem mesmo pensando nisso, livre de qualquer limitação que é comum na nossa antiga vida encarnada.

Edwin disse-nos que andássemos sobre o teatro e olhássemos para baixo, na platéia mais uma vez. Assim fizemos, e para nosso espanto, vimos que todo o vasto hall estava lotado de pessoas, onde não havia uma só alma para ser vista tão pouco tempo atrás. Os músicos estavam em seus lugares, esperando a entrada de seu maestro, e essa enorme assistência tinha chegado como por mágica – ou assim parecia. Quando ficou claro que o concerto começaria, retornamos a Edwin rapidamente. Em resposta à nossa pergunta sobre como aquela assistência teria chegado tão rápido e tão imperceptivelmente, ele lembrou-me do método de chamar a congregação da igreja que havíamos visitado nos primeiros dias de nossos passeios. No caso deste concerto, os organizadores haviam meramente mandado seus pensamentos às pessoas em geral que estivessem interessadas em tais apresentações, e eles se reuniram. Assim que Ruth e eu mostrássemos nosso interesse e desejo por esses concertos, estabeleceríamos uma ligação, e deveríamos sentir esses pensamentos nos alcançando quando fossem emitidos.

Nós não veríamos, claro, nenhum dos músicos de onde estávamos sentados, e quando um sussurro chegou até ali, ficamos informados de que o concerto iria começar. A orquestra era formada de uns duzentos músicos, que estavam tocando instrumentos bem conhecidos na terra, por isso pude apreciar o que ouvi. Assim que a música começou, percebi uma diferença notável do que eu estava acostumado a ouvir no plano da terra. Este som, emitido pelos vários instrumentos, era facilmente reconhecível como antigo, mas a qualidade do tom era imensamente mais pura, e o balanço e combinação eram perfeitos. O trabalho que seria tocado era um tanto longo, como fui informado, e seria contínuo, sem intervalos.

O movimento de abertura era de tipo suave, como num cumprimento em volume de som, e percebemos que, no instante em que a música começou, uma luz brilhante parecia elevar-se da direção da orquestra até que flutuou, numa superfície plana nivelada com os assentos superiores, onde permaneceu como uma cobertura iridescente sobre todo o anfiteatro. Conforme a música prosseguiu, este amplo lençol de luz ficou mais espesso e mais denso, formando, como era, uma firme fundação para o que se seguiria. Eu estava tão atento observando esta extraordinária formação, que mal poderia contar que música era. Estava cômico do som, mas isso era tudo. Agora, em espaços iguais em torno da circunferência do teatro, quatro torres de luz brilharam no céu em longos pináculos de luminosidade. Ficaram equilibrados por um momento, e então, lentamente, desceram, tornando-se mais largos em forma de cinturão, até que assumiram a aparência de quatro torres circulares, cada uma coberta com um domo, perfeitamente proporcionais. Enquanto isso, a área central de luz tinha ficado mais espessa, e estava começando a se elevar vagarosamente, na forma de um imenso domo cobrindo todo o teatro. Continuou a subir firmemente até que pareceram alcançar uma altura muito maior que as quatro torres, enquanto as mais delicadas cores difundiram-se através de toda a estrutura etérea. Pude entender agora por que Edwin havia sugerido que nos

sentássemos fora do teatro, e pude compreender, também, por que os compositores sentiam-se impelidos a alterar seus trabalhos da terra depois que chegavam no mundo espiritual. Os sons musicais enviados pela orquestra estavam criando, sobre suas cabeças, esta imensa forma-pensamento musical, e o formato e a perfeição desta forma baseavam-se inteiramente na pureza das harmonias, e em estarem livres de qualquer dissonância. A forma da música deve ser pura para produzir uma forma pura.

Não se deve concluir que não havia algo de desarmonia. Não ter alguma desarmonia produziria monotonia, mas tais desarmonias eram legitimamente usadas e propriamente resolvidas.

Por agora a grande forma-pensamento musical assumira o que parecia seu limite de altura, e ficou estacionária e imóvel. A música ainda estava sendo tocada, e em resposta a ela todo o colorido do domo mudava, primeiro em uma nuance, depois em outra, e muitas vezes para uma delicada mistura de algumas nuances, de acordo com a variação do tema ou movimento da música.

É difícil dar qualquer idéia adequada da beleza desta linda estrutura musical. Do anfiteatro, sendo construído abaixo da superfície do solo, nada nos era visível da audiência, dos músicos, ou do prédio em si, e o domo de luz e cores parecia estar repousado no mesmo solo firme onde estávamos.

Isto nos levou apenas um instante para ser descrito, mas a forma-pensamento musical levou certo tempo para a formação, como a extensão de um concerto completo no plano terrestre. Durante este período, observamos a construção gradual do efeito visual e exterior da música. Diferentemente da terra, onde a música pode apenas ser ouvida, ali nós tínhamos ouvido e visto. E não foi somente com os sons da peça orquestral que nos inspiramos, mas a bela e imensa forma que ela criou tinha sua influência espiritual sobre quem a observava, ou chegava perto de sua esfera. Podíamos sentir isso, mesmo estando sentados fora do teatro. A audiência lá dentro estava acalentada pelo esplendor e recebendo benefícios ainda maiores da efulgência de seus raios inebriantes. Na próxima ocasião, vamos nos sentar no enorme auditório.

A música, finalmente, chegou ao seu *grand finale*, e assim terminou. As cores do arco-íris continuavam a ondular umas nas outras. Ficamos imaginando quanto tempo duraria esta estrutura musical, e disseram-nos que esmaeceria no mesmo tempo em que um arco-íris desaparece na terra – comparativamente, alguns minutos. Nós havíamos assistido a um concerto longo, mas se uma série de números mais curtos tivesse sido tocada, o efeito e o poder deixado seria o mesmo, mas as formas variariam de forma e tamanho. Se as formas tivessem maior duração, as formas novas conflitariam com as últimas, e o resultado aos olhos seria o mesmo que, para os ouvidos, duas peças musicais diferentes e não seqüentes quando tocadas juntas

Um músico experiente pode tocar suas composições pelo seu conhecimento de quais formas os vários sons harmoniosos e melódicos terão. Ele pode, com efeito, construir edifícios magníficos com a sua música composta, sabendo muito bem qual exatamente será o resultado obtido, quando aquela música for tocada ou cantada. Por um ajuste cuidadoso dos seus temas e das suas harmonias, a duração do trabalho e suas várias marcas de expressão, ele pode construir uma forma majestosa tão grande quanto uma catedral gótica. Esta é, por si mesma, uma parte deliciosa da arte musical no mundo espiritual, e é encarada como arquitetura musical. O estudante não estudará apenas música acusticamente, mas aprenderá construí-la arquitetonicamente, e esse é um dos estudos mais absorventes e fascinantes.

O que havíamos testemunhado produzira numa escala de alguma magnitude; o instrumentalista ou o cantor, individualmente, podem contribuir, numa escala bem reduzida, suas próprias formas-pensamento. De fato, seria impossível emitir qualquer forma de som musical, deliberadamente, sem a formação de tais formas. Podem não tomar formas definidas como as que vimos, isso vem com a experiência, mas induzirão a interação de numerosas cores e nuances. No mundo espiritual, toda música é cor, e toda cor é música. Um não existe sem o outro. É por isso que as flores emitem as tonalidades agradáveis quando alguém se aproxima, como podem recordar minha recente experiência com as flores. A água que brilha e espirra cores é também criação dos sons musicais de pureza e beleza. Mas não se pode imaginar que com toda esta galáxia de cores no mundo espiritual, haja também um pandemônio de músicas tocadas constantemente. Os olhos não se cansam pela profusão de cores aqui. Por que os ouvidos se cansariam do doce som que as cores emanam? A resposta é que não se cansam, porque os sons estão em harmonia perfeita com as cores, assim como as cores estão com os sons. E a perfeita combinação da visão e do som é harmonia perfeita.

Harmonia é lei fundamental por aqui. Não pode haver conflitos. Não estou sugerindo que estejamos em um estado de perfeição. Moraríamos num reino muito mais elevado, se estivéssemos, mas estamos em perfeição na medida que este reino está. Se nós, como indivíduos, nos tornamos mais perfeitos que o reino em que estamos, nós, *ipso facto*, tornamo-nos merecedores de um avanço ao plano mais elevado, e assim o fazemos. Mas enquanto estamos onde estamos, neste reino ou em um mais elevado, vivemos um estado de perfeição de acordo com os limites daquele reino.

Demorei-me um pouco em nossas experiências musicais por causa da elevada posição da música em nossas vidas e no reino onde estamos morando. A atitude tomada por muitas pessoas na terra em relação à música sofre uma grande mudança quando eles vêm para o mundo espiritual. A música é encarada por muitos no plano terrestre como uma mera diversão, um adjunto de prazer para a vida na terra, mas não significa uma necessidade. Aqui é parte de nossa vida, não porque assim o fazemos, mas porque é parte natural da existência, como as flores e as árvores, grama e água, e colinas e vales. É um elemento de natureza espiritual. Sem ela muita alegria estaria fora de nossas vidas. Não precisamos nos tornar mestres em música para apreciar a riqueza da música que nos cerca, em cor e som, mas como em muitos outros pontos desta vida, aceitamos e gozamos por completo e, alegres por nossa herança, podemos dispor de sorrisos aos que persistem em crer que nós vivemos num mundo vazio.

Um mundo vazio! Que choque que tantas pessoas têm quando vêm para cá, ao mundo espiritual, e quão imensamente felizes e aliviados ficam ao ver que é agradável, afinal de contas; que não é um local terrificante; que não é um estupendo templo de uma religião cantadora de hinos; e ficam à vontade na terra de sua nova vida. Quando esta feliz percepção vem a eles, alguns são lembrados de que viram certas descrições desta vida, as quais tinham vindo de nós, de vez em quando, quase materializadas, e quão felizes ficam em descobrir que é assim. O que é, senão material? Os músicos que ouvimos tocando, estavam usando instrumentos bastante reais e sólidos para uma música bastante real. O maestro era uma pessoa bem real, conduzindo sua orquestra com uma batuta bem real! Mas a linda forma-pensamento musical não era tão material como eram seus entornos ou os meios para criá-la, da mesma forma, relativamente, que acontece com um arco-íris da terra, e o sol e a umidade que o causam.

Pelo risco de me fazer tedioso, reverti mais de uma vez para esta estranha falácia sobre o mundo onde vivo aqui em espírito, sobre ser vago e tenebroso. É estranho que algumas mentes sempre se esforcem em banir do mundo espiritual toda árvore ou flor, e outras mil e

uma delícias. Há algo do conceito aqui – que fazem destas coisas exclusivas da terra. Ao mesmo tempo, se qualquer alma pensa que tais coisas não têm o que fazer no mundo espiritual, ela tem liberdade para se abster tanto das visões quanto do prazer que dão, colocando-se em algum local estéril, onde suas suscetibilidades não serão ofendidas por estes objetos terrícolas, como as árvores, e flores, e água (ou mesmo seres humanos), e ali ele pode dar a si mesmo um estado de contemplação beatífica, cercado pelo Nada celestial que ele pensa que deve ser o céu. Nenhuma alma é forçada a uma tarefa indesejada aqui, nem nas cercanias que ele considera incompatíveis. Arrisco-me a declarar que não demorará muito até que saia em retirada e agrupe-se aos seus amigos numa grande alegria por todas as delícias do Céu de Deus.

Há somente uma culpa – entre uma ou duas outras – que o mundo da terra possui: a superioridade opressiva, em seu próprio julgamento, sobre qualquer outro mundo, mas principalmente sobre o mundo espiritual. Podemos nos divertir, apesar de que nosso divertimento se converte em tristeza quando vemos a tensão dos espíritos quando da sua chegada aqui, quando percebem que estão, finalmente, encarando a verdade eterna, além de todas as perguntas ou dúvidas. É aí que muito freqüentemente a humilhação aparece! Mas nós nunca reprovamos. A reprovação de dentro de cada espírito.

E o quê, talvez, será perguntado, tem tudo isso a ver com experiência musical? Só isso: depois de cada nova experiência, eu pensei o mesmo pensamento, e falei quase as mesmas palavras para Edwin e Ruth. Ruth sempre fez eco das minhas palavras; Edwin sempre concordou comigo, apesar de que, claro, o que estávamos vendo não era nada novo para ele, de forma alguma. Mas ele ainda se maravilha com tudo por aqui, como certamente nos maravilhamos, sendo recém-chegados, ou estando aqui por muitos anos, em tempo da terra.

Enquanto passeávamos depois do concerto, Edwin apontou as habitações de muitos dos professores dos vários salões de aprendizado, que preferiam viver perto dos locais de trabalho. Eram, na maior parte, casas despreziosas, e seria comparativamente fácil adivinhar a ocupação do proprietário, assim nos disseram, pelas várias evidências de seus trabalhos. Edwin disse-nos que seríamos sempre bem-vindos se quiséssemos chamar qualquer um deles. A exclusividade que necessariamente rodeava tais pessoas quando estavam encarnadas desaparece quando eles vêm para o mundo espiritual. Todos os valores tornam-se drasticamente alterados em tais pontos. Os professores não cessam seus próprios estudos, e passam aos seus alunos o que adquiriram. Alguns progrediram para reinos superiores, mas ainda retêm algum interesse em sua esfera anterior, e continuamente a visitam – e a seus muitos amigos – para procurarem seus ensinamentos.

Mas já gastamos algum tempo neste assunto, e Edwin está esperando para nos levar a outros locais de importância na cidade.

VII. PLANOS PARA O TRABALHO FUTURO

Uma caminhada curta nos trouxe a um grande prédio retangular que, informou nosso amigo, era o hall da ciência, e minha agradável companheira e eu estávamos querendo saber como a ciência, como sempre entendemos a palavra na terra, poderia ter lugar no mundo espiritual. Entretanto, logo aprenderíamos muitas coisas, a principal delas era que o mundo da terra de vê agradecer ao mundo espiritual por todas as maiores descobertas científicas que foram feitas através dos séculos.

Os laboratórios do mundo espiritual estão muitas décadas em avanço, comparando com os do plano da terra. Passarão anos até que seja permitido que muitas descobertas revolucionárias sejam enviadas ao mundo terreno, porque a terra ainda não está suficientemente evoluída.

Nem Ruth nem eu tivemos qualquer inclinação em direção à ciência ou engenharia, e Edwin, sabendo disso, propôs que gastássemos apenas um ou dois momentos neste hall em particular.

No hall da ciência, cada campo da investigação científica ou de engenharia, estudos ou descobertas era incentivado, e aqui eram vistos muitos daqueles homens cujos nomes tornaram-se palavras cotidianas, e que, desde que passaram ao mundo espiritual, têm continuado suas vidas de trabalho com seus colegas cientistas, com os recursos imensos e plenos do mundo espiritual ao seu comando. Aqui podem resolver os mistérios que os bafejavam quando estavam na carne. Não há tais coisas como rivalidade pessoal. Não há mais ter que se construir reputações, e muitas vantagens materiais são abandonadas para sempre. Segue-se que, onde tal agrupamento de sábios possa existir, juntamente com recursos ilimitados, os resultados devam ser, correspondentemente, grandes. Nas épocas passadas, todas as descobertas vieram do mundo espiritual. Por si mesmo, o homem encarnado pode fazer muito pouco.

A maioria das pessoas fica contente em considerar a terra como suficiente. Sem dúvida que não é! O cientista é, fundamentalmente, um homem de visão; pode ser limitada, mas está lá, apesar de tudo. E nossos próprios cientistas espirituais podem – e fazem – impressionar seus colegas terrenos com os frutos de sua investigação. Em muitos casos, onde dois homens estão trabalhando sobre o mesmo problema, aquele que está no mundo espiritual estará bem mais adiante que seu confrade que ainda está na terra. Uma sugestão do primeiro, freqüentemente, é o suficiente para direcionar o segundo no caminho certo, e o resultado é uma descoberta para o benefício para a humanidade. Em tantos casos a humanidade tem sido bastante beneficiada, mas, ai!, em muitos casos a humanidade sofreu dores e atribulações por perversões maldosas destas descobertas. Cada uma delas que tenha sido enviada do mundo espiritual é para vantagem e para o progresso espiritual do homem. Se mentes pervertidas usam estas mesmas coisas para a destruição do homem, então o homem tem apenas a si mesmo para responsabilizar. É por isso que afirmo que o mundo terreno não está suficientemente evoluído para receber muitas invenções esplêndidas mais que já foram aperfeiçoadas por aqui. Estão prontas e esperando, mas se fossem enviadas para o plano da terra em seu atual estágio de mente espiritual, seriam mal usadas por pessoas inescrupulosas.

As pessoas da terra podem ver que as invenções modernas são empregadas somente para seu bem material e espiritual. Quando vier o tempo em que for atingido um progresso espiritual real, então o plano terreno poderá esperar uma torrente de novas invenções e

descobertas que virão através dos cientistas e engenheiros do mundo espiritual. Mas o plano terreno tem um longo e doloroso caminho a percorrer antes que esse tempo chegue. E, nesse meio tempo, o trabalho dos cientistas espirituais continua.

Nós, no mundo espiritual, não precisamos de muitas invenções terrenas. Penso que já deixei bem colocado que nossas leis por aqui são totalmente diferentes das do plano da carne. Não temos o que fazer com as invenções que aumentam a velocidade de viajar, como vocês. Nosso método de trânsito é tão rápido quanto o pensamento, porque o pensamento é o poder propulsor. Não temos necessidade dos métodos de salvar vidas, porque somos indestrutíveis. Não necessitamos de centenas de invenções que fazem a vida mais fácil, segura, mais confortável e deliciosa, porque nossa vida é tudo isso, e mais ainda que isso. Mas no hall das ciências muitos, muitos homens devotados estiveram trabalhando para a melhoria do plano material através de seus recursos, e lamentando tanto que nada poderia ser trazido ao mundo porque não seria seguro ainda.

Foi-nos permitido ver o progresso que foi feito na locomoção, e ficamos impressionados pelo avanço que foi realizado desde o tempo em que estivemos na terra. Mas ainda não é nada pelo que ainda está por vir. Quando o homem exercitar sua vontade na direção certa, não haverá fim para os enormes prêmios que receberá em progresso material, mas o progresso material deve andar lado a lado com o progresso espiritual. Até que o façam, ao mundo terreno não será permitido que tenha as muitas invenções que estão prontas e esperando para serem enviadas.

O povo em geral da terra é muito teimoso. Ressente-se por qualquer invasão naquilo que preserva, ou naquilo que clamaram presunçosamente como preservado. Nunca houve intenção de que quando os resultados das pesquisas de nossos cientistas eram comunicados à terra, que eles ficassem restritos a uns, com a exclusão de outros. Os que assim fizeram descobriram que têm a pagar um preço bastante caro pelo seu breve período de prosperidade na terra. Nem foi intenção que os dois mundos, o seu e o meu, devessem ser como agora – tão apartados em pensamento ou contato. Certamente dia chegará em que os dois mundos serão intimamente inter-relacionados, quando a comunicação entre os dois será uma coisa cotidiana da vida, e quando a grande riqueza de recursos do mundo espiritual será aberta ao mundo da terra, para acarretar benefício para toda a raça humana.

A visão de tanta atividade por parte de meus companheiros habitantes deste reino fez pôr minha cabeça a pensar a respeito de meu próprio trabalho e de que forma seria. Eu não tinha idéia definida sobre isso, então mencionei meu problema a Edwin. Parecia que Ruth também estava com problema semelhante, portanto, nós dois estávamos tendo, pela primeira vez desde a nossa chegada, um pequeno sinal de desassossego. Nosso velho amigo não estava nem um pouco surpreso; estaria surpreso, disse ele, se nos sentíssemos diferente. Era uma sensação comum a todos, mais cedo ou mais tarde, de querer fazer algo útil pelo bem dos outros. Não era que nós estávamos cansados de ver o nosso próprio plano, mas que sentíamos uma consciência maior de nós mesmos. Edwin nos assegurou que continuaria com nossos passeios indefinidamente, se assim desejássemos, e ninguém nos criticaria ou comentaria as nossas ações. Seria tomado como um assunto de que apenas a nós concernia. Entretanto, nós dois decidimos que gostaríamos de colocar a questão sobre nosso futuro trabalho, e apelamos de comum acordo pela orientação de nosso bom amigo. Edwin logo sugeriu que poderíamos ir aos limites dos reinos superiores onde, recordem, ele disse que cedo poderíamos tratar desse assunto. E assim saímos do hall de ciências, e mais uma vez nos achamos nas fronteiras de nosso reino.

Fomos levados a uma casa muito linda que, pela aparência e situação, era claramente de alguém de um grau mais elevado do que aquelas mais para o interior. A atmosfera era mais rarefeita e, tanto quanto pude observar, estávamos aproximadamente no mesmo lugar da primeira visita àquele limiar. Edwin levou-nos para dentro da casa com toda a liberdade do mundo, dando-nos as boas vindas. Assim que entramos, eu soube instintivamente que ele estava nos levando à sua própria casa. Estranho dizer, mas nunca havíamos perguntado sobre sua casa, ou onde estaria situada. Ele disse que, de propósito, havia tirado esse assunto de nossas mentes, mas era por sua natural timidez. Ruth estava encantada com tudo o que via, e ralhou com ele por não ter nos contado mais cedo. A casa era construída em pedra e, apesar de que ao olhar poderia parecer despojada, a amizade emanava de cada canto. Os aposentos não eram muito amplos, mas de tamanho médio, e adaptados aos propósitos de Edwin. Havia muitas cadeiras confortáveis e muitas prateleiras de livros bem alinhados. Mas era a sensação geral de calma e paz que invadia toda aquela habitação que nos impressionou mais fortemente.

Edwin convidou-nos a sentar e que nos sentíssemos em casa. Não havia necessidade de termos pressa, poderíamos discutir nosso problema *in extenso*. Logo admiti francamente que não tinha nenhuma idéia em particular sobre o que poderia fazer. Enquanto estive na terra, fui afortunado por poder seguir minhas próprias inclinações e tive, conseqüentemente, uma vida ocupada. Mas meu trabalho terminara – pelo menos a esse respeito – quando terminou minha vida terrena. Então Edwin propôs que talvez eu gostasse de me juntar a ele em seu trabalho, que principalmente concernia em pegar pelas mãos os recém-chegados cujas crenças religiosas fossem da mesma que tivéramos na terra, mas que, como nós mesmos, eram incapazes de perceber a verdadeira mudança que haviam feito, e a irrealidade de sua religião.

Por mais que tivesse gostado da proposta de meu amigo, não me sentia competente de conduzir tal trabalho, mas Edwin deixou de lado minha objeção. Eu trabalharia, disse ele, ao lado dele no princípio. Quando me acostumassem à tarefa, poderia continuar independentemente, se desejasse. Falando pela experiência, Edwin disse que duas ou mais pessoas – e aqui, olhou para Ruth – freqüentemente ajudavam mais que apenas uma, trabalhando completamente sozinha. A quantidade de pessoas parecia ter um poder maior de convencimento sobre alguém particularmente obstinado em manter suas antigas idéias religiosas da terra. Já que Edwin sentiu que eu seria realmente ser útil a ele, fiquei muito feliz em aceitar sua oferta de somar às suas forças. E aqui Ruth veio colocar-se como outra candidata para servi-lo, sujeita, é claro, à sua aprovação. Não só foi instantaneamente bem-vinda, como também sua oferta foi gratamente aceita. Havia mais, disse ele, que a jovem poderia fazer, e nós três, trabalhando com esta harmonia e amizade, poderíamos cumprir juntos tarefas gratificantes. Fiquei mais do que feliz por Ruth participar, já que, desta forma, nossa amizade não se desfaria.

Entretanto, havia um assunto em minha mente, e era sobre aquele livro em particular que eu desejaria não ter escrito quando estive na terra. Não estava deprimido pelo pensamento fixo nisso, mas queria ficar livre dele; sem dúvida, meu novo trabalho eventualmente me traria aquela paz de espírito completa, entretanto sentia que queria lidar com isso de maneira mais direta. Edwin descobriu o que me afligia, e lembrou-me o que já havia dito sobre as dificuldades de comunicação com o mundo terreno. Mas também havia mencionado que deveríamos buscar orientação dos superiores. Se eu ainda queria tentar me comunicar, então devíamos apelar por aquela orientação e aconselhamento agora, e assim poderíamos deixar determinadas todas as questões do meu futuro trabalho.

Edwin, então, deixou-nos e foi para outra sala. Mal tinha começado a conversar um momento com Ruth sobre nossa nova ocupação, quando nosso amigo retornou trazendo consigo um homem muito notável que, logo percebi, tinha vindo de uma esfera superior em resposta ao chamado de Edwin. Não parecia ser um de nossos compatriotas, e minha observação estava correta, pois ele era Egípcio, como Edwin explicou mais tarde. Falava nossa língua perfeitamente. Edwin nos apresentou e explicou meus desejos e as possíveis dificuldades de seus cumprimentos.

Nosso visitante tinha uma personalidade forte, e impressionou-nos pela calma e placidez. Pode imaginar que sempre esteja perfeitamente sereno.

Sentamo-nos confortavelmente, e Edwin deu a conhecer toda a extensão de meu conhecimento concernente à comunicação com o mundo terreno.

O Egípcio colocou-me algumas de suas considerações. Se, disse nosso visitante, eu estivesse convencido de que, pelo retorno ao plano da terra para falar, eu corrigiria a situação que estava me causando remorso, então ele faria qualquer coisa para me assistir, a fim de que eu alcançasse meu propósito. Não seria possível fazer o que eu queria, entretanto, por alguns anos. Mas, neste meio tempo, eu deveria aceitar sua afirmativa de que eventualmente poderia me comunicar, e fez a promessa que levaria a efeito. Se eu tivesse paciência, tudo sairia como eu desejava. Eu deveria deixar tudo nas mãos dos que eram delegados para esses assuntos, e tudo estaria bem. O tempo – usando uma expressão terrena – passaria logo, e a ocorrência de certos eventos, enquanto isso, faria iluminar o caminho e proveria a oportunidade requisitada.

É de se lembrar que o que eu estava pedindo não era meramente retornar ao plano da terra para tentar registrar o fato de que ainda estava vivo! O que eu queria era tentar desfazer algo que gostaria de jamais ter feito. E era uma tarefa, podia ver, que não poderia se cumprir em um momento. O que eu escrevera jamais poderia destruir, mas poderia aliviar minha mente falando a verdade, como agora a conheço, aos que ainda estavam no plano da terra.

O gentil Egípcio, então, levantou-se e cumprimentou-nos. Congratulou-nos pela forma com que nos acostumamos às nossas novas condições de vida, desejou-nos alegria em nosso futuro trabalho, independentemente de quando começasse e, finalmente, repetiu a promessa de que meus desejos particulares teriam seu cumprimento. Tentei expressar minha gratidão por toda essa ajuda, mas ele não quis nem ouvir; e, com um aceno, foi embora. Ficamos mais um pouco discutindo nossos planos – eu ansiava por começar meu trabalho.

Que não se pense que nós fazíamos parte de uma campanha para converter pessoas, no sentido religioso em que esta palavra é usada na terra. Longe disso. Não interferimos nas crenças das pessoas, nem em seus pontos de vista; apenas prestamos nossos serviços quando somos requisitados em tais assuntos, ou quando vemos que, ao fazê-lo, podemos chegar a um propósito efetivamente útil. Não gastamos nosso tempo evangelizando pessoas, mas quando chega o chamado pedindo ajuda, então instantaneamente respondemos. Mas chega uma hora em que o desassossego espiritual acontecerá, e esse é o ponto de virada na vida de muitos espíritos que se apartaram e se restringiram pelas convicções erradas, tanto religiosas quanto em outros campos. A religião não é responsável por todas as idéias errôneas!

É surpreendente o número de pessoas que não percebem que passaram da terra para cá, pela morte do corpo físico. Resolutamente, não acreditarão que estão aquilo que na terra chamam de ‘mortos’. Percebem levemente que alguma mudança ocorreu, mas qual é a mudança, não estão preparados para dizer. Alguns, depois de uma pequena explanação, ou mesmo demonstração – conseguem atinar com o que realmente lhes aconteceu; outros são teimosos, somente serão convencidos depois de prolongada discussão. No último caso, várias vezes somos obrigados a deixar esses espíritos sozinhos por momentos, para permitir que uma

contemplação silenciosa funcione. Sabemos que buscamos o instante em que esse espírito perceba a força de nossa razão. Em muitos aspectos, é um trabalho desgastante, apesar de que uso o termo 'desgastante' estritamente no sentido limitado do mundo espiritual.

Ruth e eu estávamos mais do que agradecidos a Edwin por sua ajuda generosa em nossos trabalhos, e eu, particularmente, estava grato tanto a ele quanto ao Egípcio, pela excelente perspectiva de comunicação com mundo terreno. Por causa de nossas decisões de cooperar com Edwin em seu trabalho, ele sugeriu que, como tínhamos visto um pouco – mas muito pouco - de nossos reinos, poderíamos agora fazer uma visita proveitosa aos reinos trevosos. Ruth e eu concordamos, acrescentando que tínhamos agora a auto-confiança para testemunhar qualquer coisa tenebrosa que pudesse acontecer diante de nós. Estaríamos, claro, sob a guarda e a proteção imediata de nosso velho amigo. Desnecessário dizer que, sem isso, não desejaríamos seguir, mesmo com permissão.

Deixamos a linda casa de Edwin, atravessamos rapidamente nosso reino, e novamente estávamos nas fronteiras dos planos inferiores. Edwin nos advertiu que sentiríamos a sensação de resfriamento que já experimentáramos antes, mas com um esforço de vontade tudo seria superado. Ele se colocou no meio de nós dois, Ruth e eu segurando cada um de seus braços. Ele se virou e olhou para nós, e estava aparentemente satisfeito com o que viu. Olhei para Ruth e percebi que sua roupa, assim como a de Edwin, tomou uma coloração esmaecida, quase aproximada ao cinza. Olhando para mim, descobri que minha roupa também tinha mudado de forma semelhante. Isso nos deixou perplexos, mas nosso amigo explicou que esta troca de cores acontecia por uma lei natural posta em prática, e não significava que havíamos perdido o já ganho. A aplicação prática de tal lei significava que não chamaríamos à atenção em terreno que não era nosso, nem levaríamos a luz de nosso reino para aqueles locais trevosos, para cegar a visão dos que ali habitam.

Estávamos caminhando em uma grande extensão de solo árido. O chão era duro sob os pés; o verde das árvores e grama desapareceu. O céu estava cinzento e deprimente, e a temperatura baixara consideravelmente, mas podíamos sentir um calor interno que reagia. Diante de nós, não víamos nada a não ser uma cortina de neblina que se adensava à medida que avançávamos, até que finalmente fomos envolvidos por ela. Ondulava em torno, em nuvens pesadas e viscosas, parecendo haver um peso em nós. Repentinamente, uma figura assomou para fora da neblina e veio em nossa direção. Era a primeira pessoa que encontramos até então, e, reconhecendo Edwin, cumprimentou-o amistosamente. Edwin apresentou-nos e contou de nossas intenções. Respondeu que gostaria de se juntar a nós, pois talvez poderia ser útil de alguma forma; aceitamos rapidamente a sua oferta generosa. Reassumimos nossa jornada, e depois de andarmos pela névoa, vimos que começara a clarear um pouco, até que se extinguiu. Agora podíamos ver as cercanias perfeitamente. A paisagem era deserta ao extremo, aqui e ali havia uma habitação das mais miseráveis. Aproximamo-nos de uma, para podermos examinar melhor.

Era uma casa pequena e baixa, quadrada, sem ornamentos, e, olhando-se bem, desanimadora. Era uma visão sinistra, apesar de sua simplicidade; parecia nos repelir à medida que nos aproximávamos dela. Não havia sinal de vida nas janelas ou em torno. Não tinha jardim; apenas estava lá, solitária e deprimente. Edwin e nosso novo amigo evidentemente conheciam bastante bem, tanto a casa quanto seu morador, pois indo para a porta da frente, Edwin bateu e, sem esperar pela resposta, abriu-a e entrou, chamando-nos a segui-lo. Entramos e nos vimos na mais pobre espécie de casa. Havia pouca mobília, o mínimo, e ao primeiro olhar de olhos terrenos, diríamos que pobreza morava ali, e qualquer um sentiria pena e vontade de ajudar, oferecendo o que pudesse. Mas, aos olhos do espírito, a

pobreza vinha da alma, esquelético era o espírito, e, apesar de ter a nossa piedade, era piedade de outro tipo, onde a ajuda material não vale de nada. O frio parecia maior dentro dali, e nos disseram que vinha do dono da casa.

Passamos para o quarto dos fundos e encontramos o ocupante solitário sentado numa cadeira. Não fez menção de se levantar, nem deu qualquer sinal de boas vindas. Ruth e eu ficamos mais atrás, enquanto os outros dois foram falar como o nosso 'anfitrião' nada caloroso. Era um homem de meia idade. Tinha um certo quê de prosperidade decadente e as roupas que usava eram obviamente negligenciadas, se pela indiferença ou por outras causas, à luz de minhas lembranças terrenas, não saberia dizer. Esbravejou contra nós quando Edwin nos colocou à frente, apresentando-nos como novos visitantes. Passaram momentos antes que falasse, e então gritou incoerentemente, mas pudemos perceber que explicava estar sofrendo uma injustiça. Edwin explicou em termos bem francos que o que dizia não fazia sentido, porque a injustiça não existia no mundo espiritual. Seguiu-se uma acalorada argumentação; acalorada, pode-se dizer, da parte de nosso anfitrião, porque Edwin estava calmo e contido, e, na verdade, maravilhosamente bondoso. Muitas vezes deu uma olhada em Ruth, cuja face gentil parecia fazer brilhar todo o lugar obscuro. Eu também olhei para Ruth, que segurava minha mão, para ver como estava sendo afetada por este homem estranho, mas ela estava imperturbável.

Finalmente ele se aquietou e pareceu mais tratável, e então ele e Edwin tiveram uma conversa privada. Ao final, o homem disse a Edwin que pensaria no assunto e que chamasse se quisesse, e que trouxesse seus amigos com ele. Observei que estava quase chegando a ser amável – mas não muito. Era como se estivesse relutante em se submeter a ser agradável. Ficou na frente da casa, observando-nos sair, até quase sumirmos de vista.

Edwin parecia encantado com a nossa visita, e então deu algumas particularidades do estranho homem. Ele era espírito há algum tempo, disse ele, e em sua vida terrena tinha sido um homem de negócios de algum sucesso – sucesso, da forma como o plano terreno julga tal palavra. Não pensara em mais nada a não ser em seus negócios, e sempre considerou que qualquer meio justificaria ganhar seus lucros, tidos como legais. Era rude nas negociações com outros, e punha a eficiência ao nível de um deus. Em sua casa todas as coisas – e pessoas – eram subservientes a ele. Doava generosamente para caridade, onde houvesse forma de se obter maior vantagem ou créditos. Dava suporte à sua própria igreja e à religião com vigor, regularidade e fervor. Achava que era um ornamento da igreja, e que era muito estimado por todos que o conheciam. Construiu algumas partes dela por sua conta, e uma capela ganhou seu nome depois de ter sido o doador. Mas pelo que Edwin pôde perceber de sua história, raramente praticou um ato decente e desprovido de egoísmo, em toda a sua vida. A motivação era sempre seu próprio engrandecimento, e atingira seu propósito na terra, com custo para sua vida no mundo espiritual.

Agora, seu ressentimento era que, depois de ter vivido vida tão exemplar – na sua própria estimativa - foi condenado a viver em tamanha esqualidez. Recusava-se a ver que se condenara a si mesmo a isso, e que não havia outro a responsabilizar, a não ser ele próprio. Reclamava que a igreja o havia enganado o tempo todo, já que os óbolos tinham sido recebidos em tão grande estilo; ele acreditou que suas dádivas à igreja pesariam bastante a seu favor no 'além'. De novo, não conseguia enxergar que é o motivo que conta, e que um estado feliz no mundo espiritual não pode ser comprado por preço caro. Um pequeno serviço prestado a um companheiro mortal, generosamente e de boa vontade, edifica mais espiritualmente, para a glória de Deus, do que grandes somas de dinheiro gastas em tijolos eclesiásticos ou cimento, erigidos para a glória do homem – com ampla ênfase sobre o doador.

O estado atual deste homem era o de raiva, que era enorme, porque ele jamais negara nada enquanto estivera na terra. Jamais se acostumaria a tais circunstâncias tão degradantes como as atuais. Suas dificuldades aumentavam pelo fato de não saber bem a quem culpar. Esperando altos prêmios, fora lançado às profundezas. Não havia feito amigos verdadeiros. Parecia que não havia ninguém – de sua posição social, disse ele – que poderia aconselhá-lo sobre a situação. Edwin tentara fazê-lo raciocinar, mas ele estava num estado mental irracional, e tinha estado assim por muito tempo. Tivera poucas visitas porque repelira a todas e, apesar de Edwin tê-lo visitado muitas vezes, o resultado era sempre o mesmo – um apego vigoroso ao senso de injustiça.

Depois da última chamada de Edwin, em companhia de Ruth e minha, e com o amigo que encontramos no caminho, havia sintomas distintos de uma mudança acontecendo. Eles ainda não se manifestavam, mas conforme nossa visita chegou ao final, ele mostrou sinais de abrandamento de sua atitude obstinada. E Edwin estava certo de que isso se devia mais à presença suave de Ruth do que seus próprios poderes de fazê-lo raciocinar. Estava certo, também, de que se voltássemos para lá em nosso caminho de volta, encontra-lo-íamos em um estado mental diferente. Ele não gostaria de admitir tão cedo que a culpa tinha sido só dele, mas a perseverança trabalhando fará maravilhas.

Ruth estava naturalmente encantada com o que pudera ser útil, e tão rápido, apesar de que colocava de lado qualquer argumento de ter feito qualquer coisa a não ser ficar ali como observadora. Edwin, entretanto, apontou-lhe que, enquanto ela diz não ter feito nenhuma ação exterior, mostrara uma piedade real e pena deste infeliz. Isto explicava seus olhares freqüentes a ela. Ele sentira aquela comiseração, e isso lhe tinha feito muito bem, apesar de não perceber a causa dela. E aqui Ruth me pede que acrescento que a sua pequenina parte teria sido pouco útil na evolução do caso deste homem, se não fosse pelo trabalho longo e incessante de Edwin em seu favor.

Este fora nosso primeiro encontro com desafortunados das esferas inferiores e, de qualquer forma, quero dar detalhes dele. Foi direto, em muitos aspectos, em comparação com o que encontramos mais tarde, e, ao recontá-lo, tive que fazer assim porque era uma introdução ao nosso trabalho futuro. Por agora, entretanto, não era esperado que fizéssemos nada a não ser nossas observações nos reinos trevosos.

Nós quatro retomamos nossa jornada. Não havia caminhos para seguir, e o chão estava se tornando pedregoso. A luz estava rapidamente escurecendo, vinda de um céu que estava pesado e escuro. Não havia viva alma, nem uma casa sequer, nem um sinal de vida para ser visto. Todo distrito parecia sem cor e vazio, e devíamos estar vagando por outro plano. Mal pudemos ver adiante de nós, depois de algum tempo, algo com a aparência de uma habitação, e fomos naquela direção.

O terreno agora era de pedras e nada mais, e aqui e ali podíamos ver pessoas sentadas com as cabeças abaixadas, parecendo quase sem vida, mas na realidade nas profundezas da tristeza e do desespero. Não nos perceberam enquanto passávamos por eles, e logo chegamos às habitações que avistamos de longe.

IX. OS REINOS TREVOSOS

Ao vermos de perto, ficou claro que estas habitações nada mais eram que choupanas. Tristes de se ver, mas era infinitamente mais triste encarar que eram os frutos da vida dos homens na terra. Não entramos em nenhuma destas cabanas – eram por demais repulsivas por fora, e em nada seríamos úteis agora se entrássemos. Em vez disso, Edwin deu-nos alguns detalhes.

Alguns dos habitantes, disse, moram aqui, ou por aqui, ano após ano – segundo a contagem de tempo da terra. Eles não tinham o senso de tempo, e sua existência era uma indefinida permanência na escuridão, por culpa unicamente deles mesmos. Muitos eram as boas almas que penetraram nestes tipos de planos para tentar efetivar uma retirada das trevas. Alguns haviam sido bem sucedidos; outros, não. O sucesso não depende tanto do socorrista, mas mais do socorrido. Se este último não apresentar nem um vislumbre de luz em sua mente, nem um desejo de dar um passo adiante na estrada espiritual, então nada, literalmente nada, pode ser feito. O desejo deve sair de dentro da alma caída. E quão baixo alguns deles caíram! Não deve se supor que aqueles que, no julgamento dos da terra, caíram espiritualmente, tenham-no feito tão baixo. Muitos nem caíram de fato, mas são, no cerne da questão, almas merecedoras cujo galardão os espera aqui.

Por outro lado, há os que em suas vidas terrenas praticaram horrores espiritualmente, apesar de que, exteriormente, foram sublimes; cuja profissão religiosa outorgada por um colarinho romano foi tomada como sinônimo de espiritualidade. Zombaram de Deus em suas vidas santarronas na terra, onde viveram em vazias encenações de santidade e bondade. Aqui se encontram, revelados pelo que são. Mas o Deus a Quem zombaram por tanto tempo não pune. Eles punem-se a si mesmos!

As pessoas que moram nestes casebres pelos quais passamos não eram, necessariamente, os que na terra teriam cometido algum crime aos olhos do povo da terra. Havia muitos que, sem terem feito nenhum mal, jamais fizeram um bem sequer a um simples mortal sobre a terra. Pessoas que viveram sempre para si mesmas, sem um pensamento dirigido aos outros, tais almas constantemente harpejam o refrão que jamais fizeram o mal a alguém. Mas prejudicaram a si próprios.

Como as esferas mais altas criaram todas as belezas daqueles reinos, aqui os habitantes destas esferas inferiores construíram as condições intimidantes de sua vida espiritual. Não havia luz nestes reinos mais baixos; nenhum calor, vegetação, nem belezas. Mas há esperança - esperança de que cada espírito dali queira evoluir. É poder de cada um, fazê-lo, e nada há em seu caminho, a não ser ele mesmo. Pode levar incontáveis milhares de anos para elevarem-se espiritualmente em uma só polegada, mas já uma polegada na direção certa.

O pensamento inevitavelmente veio em minha mente, sobre a doutrina da eterna condenação, tão amada pelas religiões ortodoxas, e dos fogos do assim chamado inferno. Se o lugar em que estávamos agora pudesse ser chamado de inferno - e sem dúvida seria pelos teologistas - então certamente não havia evidências de fogo, ou calor de qualquer espécie. Ao contrário, não havia nada sem ser uma fria e escura atmosfera. Espiritualidade significa calor no mundo espiritual; falta de espiritualidade significa frio. Toda a fantástica doutrina do fogo do inferno – um fogo que arde, mas nunca se consome – é uma das mais ultrajantes doutrinas estúpidas e ignorantes que foi inventada por clérigos igualmente estúpidos e ignorantes. Quem

realmente a inventou, ninguém sabe, mas é fortemente mantida como uma doutrina pela igreja. Mesmo o menor conhecimento do mundo espiritual revela a impossibilidade disso, porque é contra as verdadeiras leis da existência espiritual. Isso, no que concerne no sentido literal. Que dizer da blasfêmia chocante que isso envolve?

Quando Edwin, Ruth e eu estivemos na terra, tínhamos que crer que Deus, o Pai do Universo, pune, realmente pune pessoas, condenando-as a arder em chamas do inferno pela eternidade afora. Poderia haver caricatura mais grotesca de Deus, do que aquela que a ortodoxia professa idolatrar? As igrejas – de qualquer denominação – construíram uma concepção monstruosa do Celeste Pai Eterno. Por um lado, fizeram d’Ele uma montanha de corrupção à boca pequena, gastando enormes quantias de dinheiro para erigir igrejas e capelas para Sua ‘glória’, fingindo uma contrição submissa por tê-Lo ofendido, ao declarar que temem-No – temem Aquele que é todo Amor! Por outro lado, temos o quadro de um Deus Que, sem a menor compunção, atira pobres almas humanas numa eternidade do pior de todos os sofrimentos – queimar nas chamas que são inextinguíveis.

Somos ensinados a implorar com desenvoltura pelo perdão de Deus. O Deus da igreja é um Ser de humores extraordinários. Deve ser continuamente aplacado. Não é certo que, ao termos implorado o perdão, vamos consegui-lo. Ele deve ser temido – porque pode atirar sua vingança sobre nós a qualquer momento; jamais sabemos quando Ele fará isso. Ele é vingativo e jamais perdoa. Manda tantas trivialidades que estão incorporadas nas doutrinas e dogmas da igreja, que logo expõe não uma grande mente, mas pequena. Fez o portal para a ‘salvação’ tão estreito, que poucos, muito poucos estarão aptos a atravessá-lo. Construiu no plano terreno uma vasta organização conhecida como “a Igreja”, para ser a única depositária da verdade espiritual – uma organização que não sabe praticamente nada do modo de vida no mundo espiritual, mesmo assim ousa colocar leis aos encarnados, ousa dizer o que está na mente do Grande Pai do Universo, e ousa desacreditar Seu Nome ao conferir a Ele atributos que jamais poderia possuir. O que tais mentes bobas e insignificantes sabem do Grande e Onipotente Pai de amor? Vejam bem! – de amor. Então, relembremos todos os horrores que já enumerei. E mais uma vez. Encaremos isso: um céu com tudo que é lindo; um céu de mais belezas que a mente de um homem poderia compreender; um céu do qual tentei descrever um mínimo fragmento, onde tudo é paz, benevolência e amor entre os companheiros. Todas essas coisas são construídas pelos habitantes destes reinos, e são sustentadas pelo Pai do Céu em Seu amor pela humanidade.

Que dizer dos reinos inferiores – os lugares trevosos que agora estamos visitando? É por os estarmos visitando que comecei a falar desta maneira, porque ao estar nesta escuridão conscientizei-me da única grande realidade da vida eterna, que as esferas mais altas dos céus estão ao alcance de todas as almas mortais, isto é, nascidas na terra. A potencialidade para a progressão é ilimitada, e é o direito de cada espírito. Deus não condena ninguém. O Homem condena-se a si mesmo, mas não o faz eternamente, dá um repouso, e é quando se move para adiante, espiritualmente. Todos os espíritos odeiam os planos inferiores pela tristeza que há lá, e por outra razão. E por esta razão, grandes organizações existem para ajudar cada alma que ali habita a sair de lá, em direção à luz. E este trabalho continua através dos tempos incontáveis, até que a última alma seja trazida para fora destes lugares horrendos, e finalmente tudo esteja como o Pai do Universo queria que estivesse.

Temo que isso tenha sido uma longa digressão, portanto, voltemos às nossas viagens. Devem se lembrar a minha menção aos muitos perfumes e cheiros celestiais que vêm das flores e que flutuam no ar. Aqui, nestes reinos inferiores, acontece justamente o contrário. Nossas narinas primeiramente foram invadidas pelos odores mais asquerosos, odores que nos

lembraram o cheiro de carniça na terra. Eram nauseantes, e temi que fossem insuportáveis para Ruth – e sem dúvida para mim, mas Edwin advertiu-nos para que tratássemos isso da mesma forma com que mascaramos a baixa temperatura – simplesmente fechando nossa mente a isso – e ficaríamos quase sem pensar em sua existência. Apressamo-nos a fazer isso, e obtivemos sucesso perfeitamente. Não é somente a ‘santidade’ que tem seu odor!

Em nossos passeios através de nossos reinos, podemos aproveitar todas as incontáveis delícias e belezas, juntamente com as alegres conversas de seus habitantes. Aqui, nos planos trevosos, tudo é deserto e desolado. O grau bastante baixo de luminosidade lança uma névoa por toda região. Ocasionalmente, podíamos ver de relance faces de alguns infelizes, enquanto passávamos. Alguns eram, indubitavelmente, maldosos, mostrando a vida de vícios que tiveram na terra; alguns revelavam a miséria, a avareza, a besta bruta. Havia pessoas aqui de todas as camadas sociais da vida terrena, desde os tempos atuais, até lá para os séculos passados. E aqui há uma conexão com nomes que podiam ser lidos naquelas verdadeiras histórias das nações na biblioteca que visitamos em nosso plano. Edwin e seu amigo disseram-nos que ficaríamos intimidados com o catálogo de nomes, bem conhecidos da história, de pessoas que estavam vivendo aqui nas profundezas, nestas regiões infestas – homens que perpetraram vilanias e atos maldosos em nome da sagrada religião, ou pela ganância desprezível por bens materiais. De muitos desses infelizes não se podia aproximar, e ficariam assim – talvez por inúmeros séculos mais – até que, por sua própria vontade ou esforço, movam-se avidamente na direção da luz do progresso espiritual.

Podíamos ver, conforme andávamos, bandos de almas parecendo dementes a caminho de algum intento maldoso – se pudessem achar o caminho para tanto. Seus corpos externavam as mais repulsivas e horríveis malformações e distorções, o reflexo absoluto de suas mentes malvadas. Muitos deles pareciam velhos, e disseram-me que, apesar de que talvez tais espíritos estejam ali por muitos séculos, não era a passagem do tempo que mexera em suas faces, mas suas mentes doentias.

Nas esferas mais elevadas, a beleza das mentes rejuvenesce as feições, tira os sinais dos problemas e sofrimentos da terra, a apresentam aos olhos o estado físico do desenvolvimento físico que, no período de nossas vidas na terra, chamávamos de ‘flor da idade’.

Os vários sons que ouvíamos combinavam com os arredores medonhos, desde roucas risadas enlouquecidas, até o grito agudo de alguma alma atormentada – tormento infligido por outros tão malvados quanto ele mesmo. Uma ou duas vezes, vieram falar conosco uns mais corajosos que estavam ali em alguma tarefa de ajudar estes mortais aflitos. Ficaram felizes em nos ver e conversar conosco. Podíamos vê-los na escuridão, e eles podiam nos ver, mas estávamos invisíveis para os demais, já que providenciamos essa mesma proteção para os planos tenebrosos. No nosso caso, Edwin estava tomando conta de todos nós coletivamente, como recém chegados, mas aqueles cuja vida é dedicada ao socorro tinham, cada um, seus meios próprios de proteção.

Se qualquer sacerdote – ou teólogo – pudesse ao menos vislumbrar as coisas que Edwin, Ruth e eu vimos por aqui, nunca mais diria, enquanto vivesse, que Deus, Pai de Amor, condena qualquer mortal a tais horrores. O mesmo sacerdote, vendo esses lugares, não condenaria ninguém a ele. Seria ele mais bondoso ou misericordioso que o Pai de Amor? Não! É o homem que se qualifica para este estado de existência depois que passa ao mundo espiritual.

Quanto mais eu via dos planos trevosos, mais percebia quão fantasioso é o ensino da igreja ortodoxa à qual pertenci quando na terra, sobre o local denominado inferno eterno, a ser

governado por um Príncipe das Trevas, cujo único desejo é trazer todas as almas ao seu domínio, e de quem não há como escapar, uma vez tendo adentrado em seu reino. Haveria uma entidade como esse Príncipe das Trevas? Deveria haver, concebivelmente, uma alma infinitamente pior que todas as outras, talvez fosse chamado assim, e por isso seria considerado o verdadeiro Rei do Mal. Edwin nos contou que não existe a menor evidência de tal personagem. Houve os de esferas mais elevadas que vasculharam cada polegada dos reinos inferiores, e não descobriram tal ser. Também houve os que têm sabedoria prodigiosa, e que positivamente afirmaram que a existência de tal personagem não tem fundamento, de fato. Sem dúvida, há muitos que, coletivamente, são muito mais maldosos que seus companheiros de escuridão. A idéia de que um Rei do Mal exista, com a função direta de fazer oposição ao rei dos Céus, é estúpida; é primitiva, senão bárbara. O Diabo, como um indivíduo solitário não existe, mas uma alma malvada pode ser chamada de diabo e, neste caso, há muitos e muitos diabos. É essa fraternidade, de acordo com os ensinamentos da ortodoxia da igreja, que constitui o único elemento do regresso do espírito. Podemos dar risadas pelos absurdos de tais ensinamentos. Não é novidade alguns maravilhosos e ilustres espíritos serem chamados de diabo! Ainda mantemos nosso senso de humor, e nos diverte bastante, algumas vezes, ouvir algum pastor estúpido, cego espiritualmente, pregar que sabe sobre as coisas do espírito, das quais ele é, na realidade, totalmente ignorante. Os espíritos têm costas largas, e podem suportar o peso de tal lixo falacioso sem sentir nada a não ser pena destas almas cegas.

Não é minha intenção em dar mais detalhes destes reinos trevosos. Pelo menos, não agora. O método da igreja de aterrorizar as pessoas não é o método do mundo espiritual. É bastante que enfatizemos as belezas do mundo espiritual, e tentemos mostrar algo das glórias que esperam cada alma quando sua vida terrena terminar. Fica a cargo de cada um, individualmente, este lindo reino ser atingido mais cedo, ou mais tarde.

Consultamo-nos uns aos outros, e decidimos que seria bom retornarmos ao nosso reino. E assim fizemos nosso caminho de volta às terras de névoa, passamos por ali rapidamente, e mais uma vez chegamos ao nosso celestial plano, com o ar cálido e balsâmico a nos envolver. Nosso novo amigo dos reinos trevosos deixou-nos aí, depois de expressarmos nossos agradecimentos por seus bondosos serviços. Pensei que era bem tempo de ir até minha casa dar uma espiada, e pedi que Ruth e Edwin me acompanhassem, já que não queria estar sozinho, nem ficar separado de suas companhias agradáveis. Ruth não tinha visto minha casa ainda, mas tinha imaginado – como disse – como ela seria. E pensei que um pouco de fruta do jardim seria agradável depois de nossa visita – curta como o pensamento – aos reinos inferiores.

Tudo em casa estava em perfeita ordem – como eu a tinha deixado para ir aos nossos passeios – como se houvesse alguém permanentemente tomando conta dela. Ruth expressou sua aprovação para tudo o que viu, e congratulou-me a respeito da escolha da casa.

Em resposta às minhas perguntas quanto à agência invisível responsável pela ordem na casa durante minha ausência, Edwin respondeu-me fazendo uma pergunta: o que havia para perturbar a ordem da casa? Não pode haver poeira, porque não há decadência de nenhuma forma. Não pode haver sujeira, porque aqui, no mundo espiritual, não há quem a cause. Os cuidados caseiros, que são tão familiares e tão cansativos no plano terreno, aqui não existem. A necessidade de prover o corpo com comida foi abandonada quando abandonamos nosso corpo físico. Os adornos da casa, como quadros e tapeçarias, jamais precisam de renovo, porque não perecem. Perduram até que desejemos dispensá-los por outras coisas. Então, o que sobra que requeira atenção? Temos, portanto, apenas que sair de nossas casas deixando portas e janelas abertas – nossas casas não têm trancas e podemos retornar quando

quisermos – para encontrar e ver que tudo está como deixamos. Podemos achar alguma diferença, alguma melhora. Podemos descobrir, por exemplo, que algum amigo apareceu enquanto estivemos fora, e deixou-nos algum presente, algumas flores maravilhosas, talvez, ou algum outro toque de carinho. Por outro lado, descobrimos que nossa própria casa convida-nos a sermos bem-vindos, renovando nosso sentimento de estarmos ‘em casa’.

Ruth passeou sozinha por toda a casa – não temos formalidades estúpidas por aqui, e ofereci a ela que fizesse da casa como sua o quanto quisesse, e que fizesse o que lhe agradasse. O estilo antigo da arquitetura apelava por sua veia artística, e ela deleitou-se com os antigos painéis de madeira e os entalhes – o entalhe era meu adorno – de épocas passadas. Ela chegou até a minha pequena biblioteca, e ficou interessada em ver meus trabalhos entre os outros nas prateleiras. Um livro, em particular, atraiu-a, e estava folheando-o quando cheguei. Só o título já revelava muito para ela, como disse, e então pude sentir sua suave simpatia chegando até mim, quando ela soube qual era minha grande ambição, e ofereceu-me toda a ajuda que pudesse dar no futuro, quanto à realização desta ambição.

Assim que ela completou a revisão da casa, seguimos para a sala de estar, e Ruth fez a Edwin uma pergunta que estive querendo fazer há algum tempo: Em algum lugar tem mar? Se havia lagos e rios, então talvez houvesse mar! A resposta de Edwin encheu-a de alegria: Claro, temos a praia – e é linda também! Ruth insistiu em ser logo conduzida até lá e, com a guarda de Edwin, partimos.

Logo estávamos passeando ao longo de um lindo trecho de campo aberto com a grama parecendo um tapete de veludo verde sob nossos pés. Não havia árvores, mas havia vários tufo de lindos arbustos, e, claro, cheio de flores nascendo por toda parte. Finalmente, chegamos a uma ladeira e sentimos que o mar deveria estar além dela. Uma caminhada curta nos trouxe até o topo do campo gramado, e então o mais glorioso panorama oceânico descortinou-se diante de nós.

A visão era simplesmente magnificente. Jamais esperei ver tal mar. Sua coloração era a mais perfeita reflexão do azul do céu acima, e mais, refletia uma miríade das cores do arco-íris a cada menor onda. A superfície da água estava calma, mas sua calma de forma alguma implicava que a água estivesse sem vida. Não há coisas como água estagnada ou sem vida por aqui. De onde estávamos, podia-se ver ilhas de tamanho considerável à distância – ilhas que pareciam muito atrativas e que deveriam ser visitadas! Abaixo de nós havia uma faixa estreita de praia, onde podíamos ver pessoas sentadas à beira da água, mas não havia sinais de estar lotada. E flutuando sobre esse mar soberbo, perto, à mão – alguns mais distantes – havia os mais lindos barcos, apesar de eu achar que não estou fazendo justiça chamando-os meramente de barcos. Iates seria mais apropriado. Imaginei quem seria o proprietário dessas finas embarcações, e Edwin disse-nos que poderíamos tê-las, se desejássemos. Muitos dos proprietários moravam ali, não tendo outra casa senão o seu barco. Não fazia diferença. Poderiam viver ali sempre, pois aqui temos um eterno verão.

Uma curta caminhada por uma estradinha sinuosa trouxe-nos à arenosa beira do mar. Edwin informou-nos que era um oceano limpo, e que em nenhum lugar era muito fundo, comparando-se com os mares terrestres. Sendo impossíveis as tempestades de vento por aqui, a água estava sempre suave, e como todas as águas deste reino, tinha uma temperatura agradável que não fazia os banhistas sentirem frio, ou mesmo arrepios. Era, claro, perfeitamente flutuante, não tendo nenhum elemento ou característica que ferisse, mas, ao contrário, era sustentador vital. Tomar banhos em suas águas era experimentar uma perfeita manifestação de força espiritual. A areia sobre a qual estávamos andando não dava nenhuma má impressão associada com as praias do plano terrestre. Não cansava andar nela. Apesar de

que tinha toda a aparência de areia como sempre a conhecemos, ao trato era firme em consistência, apesar de macia ao toque das mãos. De fato, esta qualidade peculiar fazia parecer um gramado bem tratado ao se andar, de tão próximos que eram os grãos. Enchemos as mãos de areia, e deixamos que corresse pelos dedos, e grande foi a nossa surpresa ao vermos que não as deixava arenosas, mas ao toque aproximava-se a um macio e suave pó. Ao ser examinada bem de perto, era sem dúvida sólida. Era um dos fenômenos mais estranhos que eu já tinha visto até então. Edwin disse que era por termos feito, neste caso em particular, um exame mais minucioso daquilo a que fôramos apresentadas até então. Acrescentou que se tivéssemos escolhido fazer um escrutínio cuidadoso de tudo o que víamos, fosse o chão por onde andamos, a substância de que era feita nossas casas, ou mil e um outros objetos que perfazem o mundo espiritual, estaríamos vivendo um contínuo estado de surpresa, e teríamos tido a revelação de que tínhamos apenas uma pequena idéia – mas somente uma pequena idéia – da magnitude da Grande Mente – A Maior Mente do Universo – que sustenta este e todos os outros mundos. Na verdade, os grandes cientistas do plano terrestre descobrem, quando vêm morar no plano espiritual, que eles têm um mundo completamente novo sobre o qual começar um novo curso de investigações. Começam como se fosse do nada, mas com suas experiências terrenas por trás. E que alegria têm, em companhia de seus colegas cientistas, ao sondar os mistérios do mundo espiritual, ao coletar os dados, comparar o novo conhecimento com o antigo, registrá-los para o benefício de outros e dar os resultados de suas investigações e descobertas. E, para tanto, eles têm os recursos ilimitados do mundo espiritual para usar. E há alegria em seus corações.

Nosso pequeno experimento com a areia levou-nos a colocar nossas mãos no mar. Ruth mal esperava para testar se era salgada, mas não, para sua surpresa. Até onde pude observar, ela não tinha gosto de nada! Era um mar mais em virtude de sua grande área e as características das terras adjacentes, do que outra coisa. Em outros aspectos, assemelhava às águas dos regatos e lagos. Em aparência geral, o efeito era totalmente diferente aos oceanos terrestres, devido, entre outras coisas, ao fato de que não havia um sol para dar sua luz de um lado somente, para causar a mudança de aspecto conforme a direção da sua luz mudasse. A emanção de luz da grande fonte central de luz no mundo espiritual, constante e imutável, dá-nos um dia perpétuo, mas não se deve achar que esta constância e imobilidade da luz signifiquem uma terra monótona ou sem mudanças – ou um local beira-mar. Há mudanças acontecendo o tempo todo; mudanças de cor como jamais o homem sonhou – até que venha para o mundo espiritual. Os olhos de um espírito podem ver tantas coisas lindas no mundo espiritual que os olhos dos encarnados não podem – a menos que sejam dotados com a visão espiritual.

Queríamos muito visitar uma das ilhas que podíamos ver à distância, mas Ruth sentia que seria uma boa experiência viajar sobre o mar numa destas finas embarcações que estavam perto da praia. Mas surgiu uma dificuldade – isto é, parecia que podia surgir – quanto ao barco. Se, como eu tinha entendido, estes eram particulares, deveríamos primeiramente conhecer algum dos proprietários. Edwin, entretanto, podia ver o quanto Ruth queria andar sobre as águas, e logo explicou a posição exata - para sua alegria sem limites.

Parecia que um destes barcos elegantes pertencia a um amigo dele, mas, por outro lado, poderíamos ser bem vindos a bordo em qualquer um deles, apresentando-nos – se quiséssemos observar esta formalidade, já que era desnecessária – a quem encontrássemos a bordo. Já não tínhamos recebido, onde quer que tivéssemos ido, aquela recepção amistosa e a segurança de que éramos bem-vindos? Então, não deveria haver qualquer obstáculo, no caso dos barcos no mar, à fundamental regra de hospitalidade que vigora no mundo espiritual.

Edwin dirigiu nossas atenções para um lindo iate que estava ancorado perto da praia. De onde estávamos, parecia que era dos mais cuidados – nossa opinião depois foi confirmada. Era construído em linhas graciosas, e a grande proa prometia grande poder e velocidade; parecia muito igual a um iate da terra, isto é, externamente.

Edwin enviou uma mensagem ao proprietário, e em resposta recebeu um convite instantâneo, extensivo a todos nós. Portanto, não gastamos mais tempo, e vimo-nos no deck deste lindo iate, sendo cumprimentados com grande alegria por nosso anfitrião que, imediatamente, levou-nos para apresentar-nos à sua esposa. Ela era muito agradável, era bastante claro de se ver que os dois formavam um casal perfeito. Nosso anfitrião podia ver que Ruth e eu estávamos bastante ansiosos para conhecer o barco, e sabendo pelo Edwin que não éramos antigos no mundo espiritual, teve mais prazer em nos mostrar.

Nossas primeiras observações de perto mostraram-nos que muitos dispositivos e ajustes que são essenciais nos barcos da terra aqui eram ausentes. Este agregado indispensável, a âncora, por exemplo. Não havendo ventos, marés ou correntes nas águas espirituais, uma âncora torna-se supérflua, apesar de que nos disseram que alguns proprietários de barcos têm-nas meramente como enfeites, e porque não sentem que seus veleiros estariam completos sem elas. Havia espaço sem limites no deck, com uma grande quantidade de cadeiras longas muito confortáveis. Embaixo do deck havia salões e espreguiçadeiras. Eu podia ver que Ruth estava desapontada porque não achava nenhuma evidência de motor que impulsionasse a embarcação, e ela concluiu naturalmente que o iate era incapaz de movimento independente. Compartilhei de seu desapontamento, mas Edwin tinha no olhar uma centelha indicando que devia ter me dito que as coisas nem sempre são o que parecem ser, no mundo espiritual. Nosso anfitrião havia recebido nossos pensamentos, e imediatamente levou-nos ao tombadilho. Qual foi nosso espanto quando vimos que estávamos, gentil e lentamente, nos afastando da praia! Os outros riram alegremente da nossa confusão, e corremos para a lateral para observarmos nosso curso na água. Não havia erro nisso, estávamos nos movendo, e ganhando velocidade conforme seguíamos. Retornamos para ao tombadilho e pedimos uma rápida explicação desta aparente feitiçaria.

X. VISITAÇÃO

Nosso anfitrião disse-nos que o poder do pensamento é quase ilimitado no mundo espiritual, e quanto maior o poder de qualquer esforço de concentração do pensamento, maiores serão os resultados. Nosso meio de locomoção pessoal aqui é pelo pensamento, e podemos aplicar os mesmos meios naquilo que a terra chama de 'objetos inanimados'. Claro, nada no mundo espiritual é inanimado, e, por causa disso então, nossos pensamentos podem exercer influência direta sobre as incontáveis coisas dos quais o mundo espiritual é composto. Barcos devem flutuar e mover sobre as águas; são animados pelas forças vivas que animam a tudo por aqui, e se queremos que se movam sobre as águas, temos apenas que focar nossos pensamentos naquela direção e com aquela intenção, e nossos pensamentos produzem o resultado desejado do movimento. Poderíamos, se quiséssemos, chamar nossos amigos cientistas para que nos providenciassem uma maquinaria esplêndida para suprir o poder motor, e eles ficariam encantados em nos atender. Mas teríamos que focar nossos pensamentos na maquinaria para fazê-la gerar a força necessária para andar. Por que, então, dar toda esta volta para produzir o mesmo resultado, quando podemos conseguir diretamente e com a mesma eficiência?

Mas não se deve concluir que alguém possa mover um barco através da água meramente pensando que ele vai fazer isso. Requer, como tantas coisas, o conhecimento necessário, sua aplicação em linhas bem ordenadas, e prática naquela arte. Uma aptidão natural ajuda muito nestes assuntos, e nosso anfitrião contou-nos que ganhou prática em muito pouco tempo. Uma vez que se atinja a habilidade, ela traz, conforme ele disse, um sentimento de satisfação pelo poder aplicado corretamente, e não somente o poder, mas o poder do pensamento, de uma forma que talvez não seja possível em algumas outras formas. Perfeito como o nosso movimentar através dos reinos, também o movimento de um objeto tão grande, simples e facilmente, aumenta a maravilha de toda a vida espiritual. Nosso anfitrião explicou que este era apenas o seu ponto de vista, mas não deveria ser tomado como axioma. Seu entusiasmo aumentava com o seu entusiasmo pela água e pelo amor aos barcos.

Percebemos que ele guiava o barco da maneira usual, com o leme operado pela direção, no tombadilho. Isto, disse, era porque achava o suficiente trabalhar para prover o movimento do barco. Entretanto, se desejasse, poderia combinar as duas ações em apenas uma. Mas ele preferia usar o velho método de pilotar com as mãos, já que dava trabalho físico também, o que era, por si só, um prazer. Uma vez iniciado o movimento do barco, ele podia esquecer isso até que desejasse parar. O mero desejo de parar, rápida ou gradualmente, fazia a embarcação ficar imóvel. Não havia medo de acidente! Eles não existem – não podem existir – nestes reinos.

Durante todo o tempo em que nosso anfitrião estava explicando estes detalhes a Ruth e a mim, Edwin ficara conversando com a esposa dele – nossa velocidade havia aumentado e estamos indo em direção a uma das ilhas. O iate estava viajando através do mar no movimento mais perfeito e firme. Não havia vibração, naturalmente, da maquinaria, mas o verdadeiro movimento através das águas podia ser perceptivelmente sentido, enquanto os sons das pequenas ondas sendo cortadas formavam as mais lindas notas musicais e harmonias, assim como as muitas cores da água mudavam de tonalidade e matizes. Observamos que, ao passarmos, a água rapidamente voltava à sua forma original, não deixando sinal de termos passado por ela. Nosso anfitrião guiava a embarcação habilmente e, pelo aumento ou

diminuição da velocidade, ele podia criar, pelo grau diferente do movimento das águas, as mais notáveis mudanças de cor e sons musicais, cintilações brilhantes do mar mostrando o quão vivo ele é. Correspondia ao menor movimento do barco, como se estivessem em completa união – e de fato estavam.

Ruth ficou completamente estática em seu deleite, e correu para a esposa de nosso anfitrião em completo prazer pela nova experiência. Ela, que apreciara muito os sentimentos da nossa jovem amiga, estava também entusiasmada. Apesar de não ser novidade, no sentido de ser a primeira experiência, ela disse que jamais deixara de se encantar, mesmo tendo se tornado familiarizada com sua casa-barco, com a gloriosa distribuição que provê tais belezas e prazeres aos habitantes das localidades espirituais.

Agora já estávamos nos aproximando da ilha o suficiente para vermos bastante bem, e o barco fez a curva e seguiu a linha da costa. Depois de continuar neste percurso por um tempo, navegamos a uma pequena baía que formava pitorescamente um porto natural.

A ilha certamente excedeu nossas expectativas pela beleza de seu cenário. Não havia muitos habitantes nela, as casas que víamos eram mais casas de verão que de outro tipo. Mas o que chamou à atenção era o número de árvores, nenhuma delas muito alta, mas todas vigorosamente desenvolvidas. Nos galhos podíamos ver grupos de lindos pássaros, cuja plumagem apresentava cores em profusão. Alguns dos pássaros estavam nos sobrevoando, outros – a maior variedade – estavam andando majestaticamente pelo chão. Mas todos eles não tinham medo de nós. Andaram conosco, conforme passeamos, e quando levantamos nossos braços, alguns pequeninos vinham pousar em nossos dedos. Pareciam nos conhecer, saber que era impossível que algum mal lhes acontecesse. Não precisavam fazer buscas constantes de comida, nem exercitar uma vigilância constante contra os que, na terra, seriam seus inimigos. Eram, como nós, partes do eterno mundo espiritual, gozando, como nós a nossa, suas vidas eternas. Sua existência era apenas outra coisa, dentre milhares que nos são dadas para nosso prazer.

Os pássaros que tinham a plumagem mais colorida eram, evidentemente, das espécies que vivem nas partes tropicais do plano da terra, e que nunca são vistos pelo olho humano até que ele venha ao mundo espiritual. Pela perfeita adaptação à temperatura, podiam viver com conforto entre os de aparência menos espetacular. Todo o tempo estiveram cantando e chilreando numa sinfonia de sons. Não era cansativo, apesar da intensidade do som emitido, porque os extraordinários tipos de tonalidades mesclavam-se uns aos outros. Nem o som era agudo, apesar do canto dos menores serem mais altos. Mas o que deliciava era a sua fraterna confiança em nós, em comparação com os pássaros da terra, cuja vida lá os leva a viver em outro mundo. Aqui somos parte do mesmo mundo livre, e o entendimento entre os pássaros e nós era recíproco. Quando falamos a eles, parece-nos que eles entendem o que queremos dizer, e da mesma forma, parece que sabemos o que dizem seus pensamentos. Chamar algum pássaro em particular significa que aquele pássaro entende, e ele vem até nós.

Nossos amigos, claro, já haviam visto tudo isto antes, mas para Ruth e para mim era novo e uma experiência maravilhosa. Ocorreu-me o pensamento de que se eu tivesse pensado bem no tema, e talvez tivesse usado um pouco mais minha inteligência, teria sabido que veríamos algo assim. Por que teria, perguntei-me, o Grande Pai do Céu criado todos os lindos pássaros somente para o plano terrestre? – e fazê-los viver em locais que são, freqüentemente, inacessíveis ao homem, que quase não pode vê-los nem se alegrar com eles? E mesmo os que podem ser vistos - estarão em perigo para sempre? Seriam negadas ao distante mundo espiritual as lindas coisas que nos são dadas no mundo terreno? Aqui estava a resposta diante e em torno de nós. É da vaidade e da presunção do homem pensar que tal

beleza fora criada expressamente para seu prazer apenas enquanto na terra. O homem encarnado pensa que tem o monopólio da beleza. Quando desencarna, eventualmente acorda para o fato de que jamais tinha visto quanta beleza pode haver, e fica silencioso e humilde, talvez pela primeira vez em sua vida! É uma lição salutar, o acordar em espírito, acredite, meu caro amigo – com o choque que acompanha.

O movimento perfeito de cores de todos os passarinhos que podíamos ver sobre nós era quase demais para ser visto em uma só visita. Estava além da descrição, nem ao menos esperávamos por isso. Passeavam deliciosamente pelo arvoredo, passavam o murmúrio musical dos riachos, pelas clareiras de grama aveludada, num perfeito reino de fadas da natureza. Encontramos pessoas pelo caminho, que nos cumprimentavam ou acenavam. Todos ficavam alegres entre os pássaros. Contaram-nos que esta parte da ilha era destinada exclusivamente aos pássaros, e que nenhuma outra forma de vida animal se intrometia ali. Não que houvesse medo ou perigo de que algo os machucasse, porque seria impossível, mas porque ficavam mais felizes com os de sua espécie.

Logo voltamos ao barco e pusemo-nos ao mar novamente. Estávamos interessados em descobrir onde nosso anfitrião tinha adquirido sua casa flutuante. Esta peça intrincada de se construir requeria especialistas, certamente, para projetá-la, e outros para construí-la. Ele nos contou que um barco é construído com as mesmas condições que as casas espirituais, ou qualquer outra edificação. Um pré-requisito seria que devemos ter merecimento para o direito de possuí-lo. Isso entendemos. O que, então, acontecia com as muitas pessoas do mundo espiritual que na terra desenhavam e construíam barcos de todos os modelos, tanto como forma de ganhar a vida, quanto por recreação? Teriam esses últimos que abandonar seu prazer, quando poderiam continuar com seu artesanato? Aqui eles têm os meios e o motivo para continuar com sua tarefa, tanto pelo trabalho quanto pela diversão. E pode ser dito que apesar de muitos construírem seus barcos pelo prazer de assim fazerem, também dão grande prazer a muitos outros que gostam do mar e de embarcações. Seu prazer torna-se seu trabalho, e seu trabalho é prazer.

A tarefa de realmente construir uma embarcação é altamente técnica, e os métodos do mundo espiritual, tão diferentes dos da terra, têm que ser dominados. Apesar de que devemos ter merecimento para possuir uma no mundo espiritual, temos a ajuda dos amigos na construção real. Podemos formar em nossas mentes, quando na terra, o modelo de algo que desejamos ter – um jardim, uma casa, qualquer coisa. Será, então, um pensamento-forma, e será convertido em verdadeira substância espiritual pela ajuda de especialistas.

Nosso retorno foi tão gostoso quanto a ida. Quando chegamos, nosso anfitrião estendeu um convite permanente para que os visitássemos a bordo sempre que quiséssemos, para termos o prazer de um passeio velejando no mar.

Enquanto andávamos na areia da praia, Edwin fez-nos recordar o grande prédio no centro da cidade, dizendo-nos que muito em breve haveria a visita de um ser dos reinos mais elevados e, por isso, muita gente se reuniria no templo com a cúpula. Gostaríamos de ir com ele? Não era, de forma alguma, para se considerar um ato específico para a adoração a este personagem que estava visitando o plano. Tais coisas, como a adoração, não requerem esforços conscientes (vêm espontaneamente do coração), mas nosso visitante traria com ele não somente sua radiação, mas também a radiação da esfera celestial à qual pertencia. Imediatamente expressamos nosso desejo de ir com ele, já que sentimos que não teríamos nos aventurado em ir até lá sozinhos, até agora só estávamos sob a guarda de Edwin.

Enquanto caminhamos pela larga avenida com árvores e jardins, tomamos parte de uma grande leva de pessoas que iam na mesma direção, e obviamente para o mesmo propósito.

Estranho dizer, mas, apesar de estarmos entre tanta gente, jamais sentimos, coisa comum na terra, a impressão de estar no meio de uma imensa multidão. É uma sensação extraordinária, e Ruth sentia a mesma coisa. Supusemos que sentiríamos as antigas sensações; o medo de que, no meio desta imensa assembléia, houvesse confusão a que estamos acostumados no plano da terra; os empurrões e o barulho, e sobretudo a sensação de tempo passando, quando deveríamos sentir nosso prazer acima de qualquer coisa. Ter estas idéias era bem ridículo, e Ruth e eu rimos de nós mesmos – e Edwin também – por expressarmos tais noções, ou nos atermos a elas por momentos. Sentimos – porque sabíamos – que tudo estava em perfeita ordem; que todo mundo sabia o que fazer ou para onde ir; não havia a questão de superioridade de outros sobre nós, no sentido de privilégios. Sentimos que éramos esperados pelo que daríamos de nós, e que cumprimentos pessoais de boas vindas estavam esperando por nós. Não era o suficiente para banir todos os sentimentos de desconforto ou intranqüilidade?

Havia, além do mais, uma unidade de pensamento entre nós que não era possível na terra, mesmo entre os de mesma crença religiosa. Qual religião terrena haveria, onde todos os seus congregados sejam totalmente de mesmo pensar? Não há nenhuma. Tem sido pensamento essencial na terra que elevar agradecimentos ou reverências ao Ser Supremo deva ser um ritual complexo, com cerimônias e fórmulas, com credos e dogmas e crenças estranhas, sobre as quais há tanta diversidade de pontos de vista quantas sejam as religiões diferentes.

Deve ser lembrado que já contei sobre o estabelecimento de comunidades aqui no mundo espiritual daqueles que têm a mesma religião, portanto, neste ponto, o mundo espiritual não está melhor que na terra. Quando a terra se tornar realmente iluminada, estas comunidades irão desaparecer. É a cegueira e a estupidez do mundo terreno que é a causa de estarem aqui assim. Dão-lhes tolerância, e devem exercer tolerância entre eles, ou, de outra forma, serão banidos daqui. Não devem jamais tentar influenciar ou coagir alguém ao credo de suas doutrinas errôneas. Devem ficar confinados estritamente entre si, mas são perfeita e absolutamente livres para praticar sua religião falsa entre eles. A verdade os espera no limiar de suas igrejas quando saem de seus lugares de reverência, não quando entram. Quando um espírito, finalmente, percebe a futilidade de sua religião particular e peculiar, rapidamente dissocia-se deles, e, em completa liberdade e plena verdade, - que não tem credos ou mandamentos clericais – eleva seus pensamentos ao Pai Celestial de uma forma que saem de sua mente livres e sem estarem afetados, tirados todos os jargões, simples e do fundo do coração.

Mas temos nossos templos onde podemos receber os grandes mensageiros dos mais elevados planos, lugares próprios para receber os representantes de Deus, e onde tais mensageiros possam enviar nossos agradecimentos uníssonos e nossas petições à Grande Fonte de tudo. Não adoramos cegamente como na terra.

À medida que nos aproximamos do templo, podíamos já nos sentir carregados com forças espirituais. Edwin contou-nos que acontecia sempre, por causa do poder imenso, trazido pelos visitantes de mais alto, que não se diminuía no interior do amplo ambiente do templo. Era por esta razão que o templo ficava completamente isolado, sem outros prédios em torno. Somente jardins o circundavam – um grande mar de flores, estendendo-se, pelo menos parecia, até onde os olhos podiam alcançar, mostrando aos olhos uma galáxia de cores brilhantes, em grandes grupos, como jamais contemplamos na terra. E elevando-se de tudo isso, havia os sons musicais celestiais e os perfumes dos mais delicados, sendo que o efeito

sobre nós era de pura exaltação de espírito. Sentimos que fomos elevados diretamente a outro reino.

O prédio, em si, era magnífico. Era imponente, grande, uma inspiração por si mesmo. Parecia ser feito do mais fino cristal, mas não era transparente. Pilares maciços foram polidos até que brilhassem como sóis, enquanto cada um dos entalhes emitia suas cores brilhantes até que todo o edifício fosse um templo de luz. Nunca pensei que tais cintilações fossem possíveis, porque não só as superfícies refletiam a luz de forma extraordinária, mas também davam de sua luz própria de uma forma que podíamos sentir espiritualmente.

Edwin nos levou a uns lugares que sabíamos serem os nossos – tínhamos aquele sentimento de familiaridade com eles, o mesmo que se tem com a poltrona favorita de casa.

Acima de nós estava o grande domo de ouro perfeitamente trabalhado, que refletia as centenas de cores que cintilavam do resto do edifício. Mas o foco de toda a atenção estava sobre o santuário de mármore – palavra que usarei, querendo outra melhor – ao fundo do templo. Tinha uma balaustrada rasa com uma abertura central abrindo no topo de uma escadaria que leva ao chão. Podíamos ouvir os sons de música, mas não sei de onde vinham, já que não havia sinal de músicos. A música, evidentemente, vinha de uma grande orquestra – de cordas, somente – pois não havia som de outro instrumento orquestral.

O santuário, que tinha dimensões bem espaçosas, estava cheio de seres de planos mais elevados, com a exceção de um espaço no centro, que pensei estar reservado para nosso visitante. Todos estávamos sentados, e conversávamos em silêncio entre nós. Logo fomos avisados da presença figura imponente de um homem com cabelos pretos, que estava sendo seguido de perto – para surpresa minha – pelo bondoso Egípcio com quem nos encontramos na casa de Edwin nos limites de nosso reino. Aos que já haviam testemunhado tais visitas, a chegada deles era a indicação da chegada do alto personagem, e nós nos pusemos de pé, como todos. Então, diante de nossos olhos, ali apareceu primeiramente uma luz, que pode ser descrita como ofuscante, mas, conforme nos concentramos nossas vistas nela, imediatamente nos sintonizamos a ela, e não mais sentimos sensação de desconforto. De fato – como descobri mais tarde – era realmente a luz que se sintonizava a nós; poder-se-ia dizer que abaixou a sintonia até nós, de acordo com nosso reino. Tomou o matiz dourado nas extremidades, gradualmente brilhando mais no centro. E no centro, lentamente, tomou forma o nosso visitante. Adensou-se para que pudéssemos vê-lo, um homem de aparência jovem – juventude espiritual – mas soubemos que trazia em si um grau inimaginável dos três atributos amplos de Sabedoria, Conhecimento e Pureza. Seu semblante brilhava com uma beleza transcendental; seus cabelos eram dourados, em torno de sua cabeça havia um diadema brilhante. Suas vestimentas eram da melhor qualidade, consistindo de um manto branco puro, nas bordas uma faixa dourada, de seus ombros descia uma capa do azul celeste mais profundo, preso em seu peito por uma grande pérola rosada. Seus movimentos eram majestáticos quando levantava seus braços e enviava suas bênçãos sobre nós. Ficamos em pé e silenciosos enquanto nossos pensamentos iam até Ele, Que nos enviou alguém tão glorioso. Agradecemos e fizemos nossos pedidos. Quanto a mim, tinha um benefício a pedir, e pedi por ele.

Não me é possível transcrever a vocês uma fração da exaltação de espírito que senti durante a presença, apesar de distante, deste convidado celestial. Mas sei que não poderia ficar naquele templo, durante o tempo em que ele esteve lá, sem ter a mais esmagadora consciência de que estava abaixo, muito, muito abaixo na escala espiritual de evolução e progresso. E sabia que ele enviava para mim, assim como a todos, pensamentos de encorajamento, esperança, de bondade do mais alto grau, que me fizeram sentir que não

deveria jamais me desesperar para atingir o reino espiritual mais elevado, e que havia trabalhos bons e úteis para eu cumprir a serviço do homem, e, ao cumpri-los, teria diante de mim todos os reinos – como estão diante de cada espírito que trabalha a serviço da humanidade.

Com uma benção final sobre nós, este resplandecente e verdadeiramente régio ser sumiu de nossa visão.

Ficamos sentados por instantes, e gradualmente o templo começou a se esvaziar. Não tinha vontade de me mover, e Edwin disse-nos que podíamos ficar o quanto quiséssemos. O prédio estava, portanto, praticamente vazio quando vi a figura do Egípcio se aproximando de nós. Cumprimentou-nos calorosamente, e perguntou-me se poderia seguir com ele, pois queria apresentar-me ao seu ‘mestre’. Agradei por seu grande interesse por mim, e qual não foi o meu espanto quando ele me levou à presença do homem com quem tinha entrado no santuário. Eu só tinha podido vê-lo do meu lugar, mas de perto podia ver que um par de olhos reluzentes combinava com seu cabelo revoltado, mais pronunciado pela leve palidez de seu tipo. As cores de suas vestimentas eram azul, branco e dourado, e, apesar de serem de alta categoria, não tinham a intensidade das roupagens do visitante principal. Tive a impressão de estar na presença de um sábio – o que, realmente, ele era – e de um homem de grande senso de alegria e humor (devo sempre lembrar que alegria e humor não são, nem serão, prerrogativa única dos habitantes da terra, apesar de que gostam de proclamar ser monopólio deles, e possam gostar de negar nossa alegria tão espontânea. Continuaremos a rir, apesar de suas desaprovações).

O bondoso Egípcio apresentou-me a seu mestre, e este me levou pela mão e sorria para mim de maneira a tirar, por completo, qualquer sentimento de acanhamento que eu tivesse. De fato, ele simplesmente emanou de si segurança, deixando-me completamente à vontade. Qualquer um, sem desrespeito, poderia chamá-lo de anfitrião perfeito. Quando falou comigo, seu tom de voz era maravilhosamente modulado, de tom suave, e, portanto, muito bondosa. Suas palavras enchiam-me de alegria, já que me deixavam maravilhado: ‘Meu amado mestre’, disse ele, ‘a quem você acabou de ver, pediu-me para dizer a você que sua prece foi ouvida, e que realizará seu desejo. Não temo, porque as promessas que aqui são feitas, são sempre cumpridas.’ E então ele me disse que eu deveria esperar por um período antes do cumprimento, porque era necessário que uma cadeia de eventos acontecesse antes das circunstâncias certas surgirem, nas quais meus desejos dariam seus frutos. O tempo passaria rápido, ele disse, e eu podia, enquanto isso, continuar no meu trabalho com meus amigos. Se, em qualquer momento, precisasse de conselhos, meu bom amigo Edwin chamaria o amigo Egípcio, cuja guia estaria sempre a meu serviço. Então, deu-me sua bênção e vi-me sozinho. Sozinho com meus pensamentos e com minha memória firme, e a fragrância celestial dos nossos visitantes maravilhosos.

Juntei-me a Edwin e Ruth, e contei-lhes minha alegria. Ambos ficaram felizes com minhas novidades boas, que vieram de fonte tão elevada. Sentia agora que gostaria de voltar para minha casa, e pedi a Edwin e a Ruth que me acompanhassem. Voltamos para lá, e fomos diretamente para minha biblioteca. Em uma das prateleiras estava um livro em particular, escrito por mim mesmo no plano terreno, e o qual desejava jamais ter escrito. Tirei o livro que estava ao lado dele, deixando o espaço desocupado. De acordo com minha prece respondida, eu preencheria o espaço com outro livro, escrito depois que vim ao mundo espiritual, o produto de minha mente quando vi a verdade.

Dando-nos as mãos, nós três andamos para o jardim – para o sol celeste da eternidade.

PARTE II

O MUNDO INVISÍVEL

1. AS FLORES

Depois de ter passado para o mundo espiritual, uma das minhas primeiras experiências foi a consciência de um sentimento de tristeza, não sendo uma tristeza minha, já que fui extremamente feliz, mas tristeza de outros, e fiquei muito confuso ao saber de onde vinha.

Edwin contou-me que esta tristeza vinha da terra, e era causada pela dor causada pelo meu desencarne. Entretanto logo passou, e Edwin informou-me que o esquecimento já se iniciara entre os da terra. Só esta experiência, meu bom amigo, já daria para induzir a sentimentos de humildade, se a humildade não existisse antes!

Eu dei, asseguro-lhe, pouca importância à popularidade, então a descoberta de que minha memória estava desaparecendo das mentes dos terrenos não me causou nenhum desgosto. Escrevi e preguei pelo bem que poderiam realizar, e isto, como agora aprendi, foi microscopicamente pouco. Disseram-me que muitas pessoas, cuja figura pública era considerável quando eram encarnados, descobriram, quando foram enterrados seus corpos terrestres, que suas famas e seus inúmeros favores não os precederam no mundo espiritual. Desaparecera a admiração que experimentaram em seu cotidiano. Isto naturalmente entristecia estas almas ao deixarem para trás a sua proeminência terrena, dando-lhes um sentimento de solidão, maior ainda se, ainda por cima, a terra esquecia rapidamente tudo sobre eles.

Minha própria reputação terrena não tinha sido de grande magnitude, mas consegui entalhar um nicho para mim entre meus correligionários.

Minha transição foi calma e pacífica, e desprovida de qualquer circunstância desagradável. Não foi um tranco para mim, sair da terra. Não tive laços, a não ser o trabalho. Fui, entretanto, bastante abençoado. Edwin contou-me de outros cuja passagem fora extremamente infeliz. Muitos, que foram grandes na terra, acharam-se bastante pequenos no mundo espiritual. E muitos que eram desconhecidos no mundo, viram-se aqui tão conhecidos que ficaram abismados. De forma alguma, não são todos que se destinam aos reinos maravilhosos de eterno brilho e calor.

Já lhes dei uma vislumbrada dos reinos de trevas e sombras, onde tudo é frio e deserto e estéril, e onde almas têm suas habitações, almas estas que podem sair dali, se quiserem e trabalharem para tanto. Há muitos que gastam o tempo de suas visitas a estas regiões sombrias tentando arrancar daquela miséria alguns destes desafortunados, e colocá-los no reto caminho de luz e de progresso espiritual. Foi privilégio meu ir na companhia de Edwin e Ruth visitar os lugares sombrios além do cinturão de névoa que os separa da luz. Não é meu propósito levá-lo a estes reinos de miséria e infelicidade agora. Mais tarde espero mostrar-lhe algumas de minhas experiências. No momento, há outro assunto – mais agradável – que gostaria de abordar.

Há muitos espíritos sobre o plano da terra que buscam sondar os múltiplos mistérios da vida. Propõem teorias de diversos tipos, pretendendo explicar isto ou aquilo, e que, no curso do

tempo, passam a ser encaradas como grandes verdades. Algumas destas hipóteses estão tão afastadas da verdade quanto se possa imaginar; outras são meramente irracionais. Mas também há pessoas que até mesmo se recusam a pensarem por si mesmas, e que com indiferença agarram-se na crença de que enquanto estão encarnadas não precisam saber nada da vida dos espíritos que espera por todos para breve. Afirmam que não é propósito de Deus que lhes contem sobre tais assuntos, e, quando vierem para o mundo espiritual, saberão tudo.

Existem dois pensamentos extremos – os teóricos e os ‘partidários da porta fechada’. Estas duas escolas recebem choques severos quando adentram aos reinos espirituais para viver todo o tempo. Indivíduos com teorias estranhas vêem suas teorias demolidas pelo simples fato de se acharem frente a frente com a verdade. Descubrem que a vida no mundo espiritual não é nem de perto tão complexa quanto pensavam que era. Muitas vezes é muito mais simples que a vida terrena, porque não temos os problemas que constantemente molestam e preocupam os habitantes da terra, problemas, por exemplo, como os de religião ou política que, através dos tempos, têm causado revoltas sociais e que ainda estão tendo repercussões no mundo até hoje. Os estudantes ocultistas estão aptos a caírem nos mesmos erros que os estudantes de religiões. Fazem asserções tão dogmáticas quanto as que vêm das religiões ortodoxas, asserções que, na maioria, estão longe da verdade.

O período de tempo que vivi no mundo espiritual é como nada – nada – em comparação com algumas grandes almas com quem tive o privilégio de falar. Mas eles mostraram-me algo de seu vasto conhecimento, isto é, coisas que minha mente era capaz de entender. De resto, estou – como milhões de outros – contente por esperar pelo dia em que minha inteligência seja suficientemente evoluída para alcançar as verdades maiores.

Um tema que causa alguma perplexidade é o das flores que temos no mundo espiritual. Alguém perguntaria: por que as flores? Qual é o seu propósito ou significância? Elas têm algum significado simbólico?

Vamos colocar estas mesmas perguntas às pessoas da terra, no que concerne às flores que crescem no plano da terra. Elas têm algum significado especial? Elas têm algum significado simbólico? A resposta para ambas perguntas é Não! As flores foram dadas à terra para ajudar a embelezá-la, e para deliciar e dar prazer aos que as observam. O fato de servirem a outros propósitos é uma razão adicional para sua existência. As flores são, essencialmente, belas; evolvidas da Mente Criativa Suprema, dadas a nós como dádiva preciosa, mostrando-nos nas suas cores, em suas formas e em seus perfumes uma porção infinitesimalmente pequena da Grande Mente. Vocês têm esta glória sobre a terra. Deveríamos estar privados delas no mundo espiritual, porque alguém considera que as flores são terrenas, ou porque não colocaram nenhum significado profundo ou recôndito para a sua existência?

Temos as flores mais gloriosas aqui, algumas delas como as familiarmente apreciadas na terra, outras somente conhecidas aqui, mas todas são soberbas, a alegria perpétua de todos nós que estamos cercados delas. São criações divinas, cada uma delas respirando o ar puro do espírito, e sustentadas pelo Criador e por todos nós aqui, no amor que damos a elas. Não queremos que elas – suposição impossível! – sejam retiradas. O que teríamos em seu lugar? Por outro lado, de onde viria a grande gama de cores que vem das flores?

E não são somente as pequenas flores que temos por aqui. Não há uma só árvore florida ou arbusto de que a mente humana possa se recordar que não tenhamos aqui, florescendo em abundância e perfeição, tanto quanto as árvores e arbustos que não se vêem em lugar algum, a não ser no mundo espiritual. Estão sempre floridas, nunca morrem ou

murcham; seus perfumes difundem-se no ar, onde agem como tônico espiritual sobre todos nós. Estão unidas a nós, nós a elas.

Quando nos apresentaram as flores e árvores e toda a natureza luxuriosa do mundo espiritual pela primeira vez, instantaneamente percebemos algo que a natureza da terra nunca pareceu possuir, que é uma inteligência inerente em tudo o que cresce. Flores terrestres, mesmo vivas, não fazem contato imediato em resposta a alguém que se aproxime delas. Mas aqui é completamente diferente. As flores espirituais são imperecíveis, e isto logo sugere mais do que uma mera vida dentro delas, e as flores espirituais, assim como outras formas da natureza, são criadas pelo Grande Pai do Universo através de seus agentes dos reinos do espírito. São parte de uma imensa corrente de vida que flui diretamente d'Ele, e que flui através de cada espécie da flora. Esta corrente nunca cessa, nunca falha, e é, acima de tudo, continuamente alimentada pela admiração e o amor que nós, neste reino do espírito, muito gratamente devotamos a esta dádiva escolhida pelo Pai. Então, é para se maravilhar quando tomamos em nossas mãos o menor botão e sentimos um influxo de poder magnético, uma força revivificante, uma elevação de nosso ser, quando sabemos, na verdade, que tais forças para nossa evolução vêm vindo diretamente da Fonte de todos os bens. Não, não há outro significado para nossas flores espirituais que não seja a beleza expressa de nosso Pai do Universo e, claro, isto basta. Ele não colocou nenhum simbolismo estranho em Sua criação perfeita. Por que deveríamos nós fazê-lo?

A imensa maioria das flores não deve ser colhida. Colhê-las não significa destruí-las – é cortar o que está em contato direto com o Pai. É possível agrupá-las, claro; nenhuma calamidade desastrosa acontecerá se assim o fizermos. Mas aquele que o fizer terá remorsos profundos, certamente. Pense em algum artigo pequeno que você tenha, tesouro acima de todas as suas posses materiais, e depois pense em alguém deliberadamente destruindo-o. Isto causaria em você uma extrema tristeza, apesar de que a perda possa ser, intrinsecamente, insignificante. Tais seriam os seus sentimentos se, descuidadamente, colhesse as flores espirituais que não devem ser colhidas.

Mas há os botões, e muitos deles, que ali estão expressamente para serem colhidos, e muitos de nós o fazemos, levando-as para nossas casas, exatamente como fazíamos na terra, e pela mesma razão.

Estas flores colhidas sobreviverão ao corte por tanto tempo quanto desejarmos retê-las. Quando nosso interesse nelas começa a esvaír, elas rapidamente se desintegram. Não haverá restos feios, porque não pode haver morte no plano da eterna vida. Simplesmente percebemos que nossas flores se foram, e podemos repô-las, se assim o desejarmos.

II. O SOLO

Para se ter a idéia adequada do chão sobre o qual andamos e no qual nossas casas e edifícios são erigidos, você deve limpar sua mente de todas as concepções mundanas. Antes de qualquer coisa, não temos estradas como as que são conhecidas na terra. Temos extensas e amplas vias públicas em nossas cidades e em outros locais, mas não são pavimentadas com a substância composta que lhes dá dureza e durabilidade para a passagem de corrente contínua de tráfego. Não temos tráfego, e nossas estradas são cobertas com uma grama fininha e verde, e tão macia aos nossos pés quanto uma cama de musgo fresco. É sobre isto que andamos. A grama nunca cresce acima da condição de bem aparada, e, mesmo assim, é grama viva. É sempre mantida no mesmo nível para servir: perfeita para se andar nela, perfeita na aparência.

Nos lugares onde caminhos menores são desejáveis, e onde a grama pareceria não combinar, temos pavimentações semelhantes às da terra. Mas são construídas de materiais bem diferentes. O piso tem, na maior parte, a descrição de uma pedra, mas não tem a usual monotonia chata nas cores. Assemelha-se bastante ao material do alabastro, do qual tantos prédios são construídos. As cores variam, mas todas são de delicados tons pastel.

Esta pedra, como a grama, é muito agradável para se caminhar, apesar de que, naturalmente, não é tão macia. Mas há certa qualidade nela, uma certa elasticidade, se é que posso assim nomear, algo como a plasticidade de certa madeira da terra que é usada para se fazer pisos. É a única maneira que tenho para transmitir a idéia da diferença entre a pedra da terra e a do mundo espiritual.

Nunca há, claro, descoloração para se observar na superfície destes passeios de pedra. Preservam para sempre o seu frescor inicial. Frequentemente nossa pavimentação revela um trabalho de desenhos maravilhosos formados pelo uso de materiais de coloração diferente, combinando harmoniosamente com a região em torno.

Quando alguém se aproxima das fronteiras dos reinos mais elevados, a pavimentação torna-se notavelmente mais translúcida, e parece perder sua aparência de solidez, apesar de que, sem dúvida, ainda é sólida o suficiente.

Quando se chega perto das fronteiras dos reinos inferiores, a pavimentação toma a aparência de mais dura, começa a perder sua coloração, até que fica plúmbea e opaca, tendo a aparência de extrema solidez – quase como o granito do plano da terra.

Em volta de nossas casas, temos campos gramados, árvores e canteiros de flores, com ruelas de pedras similares àquela que acabei de descrever a você. Mas de ‘terra’ nua, vê-se pouco, ou nada. Realmente, não posso me lembrar de ter visto local assim nu, pois aqui não há abandono pela indiferença ou indolência, ou de outras causas que são tão familiares para se especificar. Onde tenhamos obtido o direito de possuir nossas casas espirituais, também temos, dentro de nós, o desejo constante de manter ou melhorar sua beleza. E não é difícil de cumprir, já que a beleza responde e prospera com a apreciação delas. Quanto mais atenção e reconhecimento nós damos a elas, maior será sua resposta, ganhando, para si mesmas, beleza ainda maior. A beleza espiritual não é uma coisa abstrata, mas uma força real e viva.

A vista de minha casa é de campos verdes, de casas bonitas situadas entre jardins e bosques, e com uma visão da cidade distante. Em lugar algum será encontrado um sinal de solo mal tratado ou nu. Cada polegada que se apresenta aos olhos é bem tratada, por isso

toda a paisagem é um turbilhão de cores, do brilhante verde esmeralda da grama às flores multicoloridas nos jardins, coroados pelo azul do céu celestial acima.

Pode se perguntar do que se compõe o solo no qual as flores e as árvores estão crescendo – seria da mesma espécie do da terra?

Há solo, certamente, mas não tem os mesmos constituintes minerais do solo da terra, já que deve ser entendido que aqui a vida deriva diretamente da Grande Fonte. O solo varia na coloração e densidade em diversas localidades, da mesma forma que no plano da terra. Não investiguei profundamente isso, tanto quanto não cuidei disso no plano terreno. Posso, entretanto, dar uma pequena idéia de sua aparência e características.

Primeiramente, então, é perfeitamente seco – não pude detectar nenhum traço de umidade. Vi que escorre pela mão da mesma forma que a areia seca. Suas cores variam num amplo leque de tonalidades, mas nunca se aproxima da aparência escura do solo terrestre. Em alguns lugares, tem a constituição granular fina, enquanto em outros é composto de partículas maiores – isto é, relativamente.

Uma das propriedades esperadas deste solo é o fato de poder ser pego nas mãos e permitir andar em cima dele livre e suavemente, e, enquanto não for perturbado, que continue firmemente coeso, suportando, tão firme quanto o solo terreno, tudo o que esteja crescendo nele.

A cor da ‘terra’ é governada pela cor da vida botânica à qual dá suporte. E aqui, novamente, não há significação especial, nenhuma razão profundamente simbólica para esta ordem das coisas em particular. Simplesmente, a coloração do solo é complementar às cores das flores e árvores, e o resultado, que não poderia ser de outra forma, é de uma harmonia inspiradora – harmonia aos olhos, harmonia à mente, e a mais calmante harmonia musical aos ouvidos. Qual melhor razão poderia haver? E mais simples?

Seguramente, este mundo dos espíritos não é feito de uma desconcertante série de mistérios profundos e complexos, explicáveis somente a poucos. Há mistérios, certamente, como há em todo o plano da terra. E como há grandes cérebros na terra que podem resolver tais mistérios, aqui também há cérebros maiores ainda – imensuravelmente maiores – que podem dar explicações quando nossos intelectos estão prontos para recebê-las e entendê-las.

Mas há muita gente na terra que seriamente acredita que nós no mundo espiritual vivemos num estado ardoroso de emoção religiosa, e que cada um da vida espiritual, cada forma ou grau de atividade pessoal, cada átomo de que o mundo espiritual é composto deve ter uma significação pia ou devocional. Esta noção estúpida está bastante, bastante difundida. Procure pelo mundo terreno, você encontrará estas idéias tão fora do natural ligadas à multiplicidade de vida que existe nele? Não há conotação religiosa num lindo pôr do sol da terra. Por que deveriam as flores espirituais – para se dar apenas um exemplo, entre tantos – ter outra razão para a sua existência que não fosse a que já lhe dei, a saber, uma dádiva magnificente para todos nós, do nosso Pai, para nossa maior alegria e prazer?

Há ainda muitos, muitos espíritos na terra que solenemente mantêm uma ‘fé’ em que o paraíso, como o chamam, será uma longa e interminável rodada de cantos do ‘salmos, hinos e cânticos espirituais’. Nada poderia ser mais fantasioso. O mundo espiritual é um mundo de atividade, não de indolência; um mundo de utilidade, não de inutilidade. Nada no mundo espiritual deixa de ter utilidade; há uma razão e um propósito definidos para tudo. A princípio, podem não estar claras, para alguém, todas as razões e propósitos, mas isso não altera a verdade das coisas.

O aborrecimento não pode ter espaço aqui, como um estado geral nos afazeres. Acontece de pessoas ficarem aborrecidas, mas este aborrecimento gera seu primeiro passo –

ou seu próximo passo – na progressão espiritual através de seu engajamento em algum trabalho útil. Há miríades de tarefas a serem cumpridas – e miríades de almas para as cumprirem, mas há sempre lugar para mais um, e sempre será assim. Não estou vivendo num mundo que é ilimitado e ilimitável?

Não habitamos uma região que corrobora as marcas exteriores de um Eterno Domingo! De fato, não há lugar para Domingo, aliás, nem existe no grande projeto do mundo espiritual. Não temos necessidade de sermos lembrados forçosamente do Grande Pai do Universo, através de colocarmo-nos frente a Ele num dia, e esquecê-lo pelo resto da semana. Não temos semana. Para nós é o eterno presente, e nossas mentes estão conscientes d'Ele plena e perpetuamente, por isso podemos ver Sua mão e Sua mente em tudo o que nos envolve.

Desviei um pouco do que havia decidido apresentar a você, mas é necessário enfatizar certos trechos de minha narrativa, porque muitas almas da terra ficam chocadas ao saberem que o mundo espiritual é sólido, que é substancial, com pessoas vivas e reais morando ali! Pensam que está longe de ser material, longe de ser parecido ao mundo material, estando apenas a um passo deles, com estas paisagens espirituais e o brilho do sol, suas casas e edifícios, seus rios e lagos, habitados por seres sensíveis e inteligentes!

Não há um reino do 'descanso eterno'. Há descanso abundante para quem necessita dele. Mas quando o descanso restaurou-os até o pleno vigor e saúde, urge que atuem em alguma tarefa útil e sensível que lhes apresentam, abundando as oportunidades.

Retornando às características do solo espiritual.

Quando nos aproximamos das regiões trevosas, o solo, como o descrevemos a você, perde sua qualidade granular e sua coloração. Torna-se grosso, pesado e úmido, até que, finalmente, dá lugar a apenas pedras, e então, rochas. Se houver grama em algum lugar dali, é amarela e seca.

À medida que nos aproximamos dos reinos mais elevados, as partículas do solo tornam-se mais finas, as cores mais delicadas, com um tom de translucidez. Um grau de elasticidade é logo observável abaixo dos pés, quando andamos nos limites destes reinos mais altos, mas a elasticidade vem tanto da natureza do reino quanto da mudança distinta no chão.

Num exame mais profundo, o solo fino revela qualidades quase de uma jóia, em cor e em forma. As partículas nunca são deformadas, estando sempre conformes um plano geométrico definido.

Ruth e eu enfiamos nossas mãos nesse solo e deixamos que caísse suavemente por nossos dedos. Conforme caía, vinham dele suavíssimos tons musicais, como se estivesse caindo sobre pequenos instrumentos musicais, produzindo ondas sonoras.

Um ouvido aguçado ouvirá muitos sons musicais numa praia da terra quando a água vai e vem, mas não há necessidade de ouvido aguçado para ouvir as harmonias ricas que o solo do mundo espiritual produz quando é posto a falar ou cantar.

Os sons emitidos desta forma variam, como variam também as cores ou seus elementos. Estão ali para todos ouvirem, e podem ser produzidos à vontade, por uma ação muito simples que já descrevi.

Como isso se produz, perguntará você?

Cor e som – isto é, som musical – são termos interagentes no mundo espiritual. Agir de alguma forma que produza cor é também produzir som, e cada criação é governada e limitada pela habilidade ou eficiência do instrumentalista ou cantor. Um mestre em música, enquanto toca seu instrumento, construirá sobre si uma forma-pensamento das mais lindas, variando suas cores e nuances de tonalidades de acordo com a música que toca. Um cantor pode criar um efeito similar, relacionado com a pureza da voz e a qualidade da música. A forma-

pensamento assim erigida não será grande. Será uma forma em miniatura. Mas uma grande orquestra ou coral de cantores construirá uma imensa forma, governada, claro, pelas mesmas leis.

A forma-pensamento não produz sons por si mesma. É o resultado do som, e se forma como se fossem uma unidade em si. Embora a música emane cor, e a cor render música, cada uma é restrita àquela forma resultante. Não continuarão reproduzindo-se uma à outra, numa constante e interminável, - ou gradualmente diminuída -, alternância de cor e som.

Não se deve pensar que com toda a vasta galáxia de cores das centenas de fontes do mundo espiritual, nossos ouvidos sejam constantemente assaltados pelos sons musicais; que vivamos, de fato, numa eternidade de música que soa e ressoa sem perdão. Haveria poucas mentes – se tanto – que possivelmente poderiam agüentar uma condição tão bombástica de sons, por mais lindos que fossem. Procuraríamos a paz e a quietude; nosso paraíso deixaria de ser paraíso. Não, a música está lá, mas buscamos o prazer se queremos ouvi-la. Podemos nos isolar completamente do som, ou podemos nos abrir totalmente aos sons, ou apenas ouvir o que nos agrada mais.

Há vezes na terra que você ouve os sinais de uma música distante sem que se perturbe com isso; ao contrário, pode até achar bastante agradável e confortante. Assim é no mundo espiritual. Mas há esta grande diferença entre nossos dois mundos – nossas potencialidades para a música da mais alta ordem são imensamente maiores que a de vocês no plano da terra. A mente de um desencarnado que tenha um profundo amor pela música naturalmente ouvirá mais, porque assim o deseja, que outros que ligam menos para isso.

Voltando à experiência que Ruth e eu fizemos quando deixamos cair o solo através de nossos dedos. Ambos tivemos muito prazer ao ouvirmos a música, Ruth muito mais que eu, já que ela foi treinada na arte musical e, portanto, aprecia melhor e capta as técnicas musicais. Eu já lhe contei que, a partir do instante que o solo deixava nossas mãos, pudemos ouvir deliciosos sons emanando dele. Outra pessoa fazendo o mesmo, mas que não possuísse nenhuma susceptibilidade musical em particular, dificilmente tomaria consciência do som produzido.

As flores e tudo o que cresce respondem imediatamente aos que os amam e os apreciam. A música que emanam opera precisamente sob a mesma lei. Uma sintonia entre a parte que filtra com a parte com que se entra em contato ou relação é um pré-requisito. Sem esta sintonia seria impossível ser consciente das tensões que vêm de todo o espírito da natureza. Por natureza do espírito quero dizer, claro, tudo o que vive, mares e lagos, - sem dúvida, todas as águas -, o solo, e o resto.

Quanto maior o poder do indivíduo de entender e apreciar a beleza em suas formas múltiplas, maior será a emanção da força magnética. No mundo espiritual nada se desperdiça nem se gasta sem uma utilidade. Ninguém nos força a nada que não queiramos, seja música ou arte, lazer ou aprendizado. Somos agentes livres, em todos os sentidos da palavra, até os confins de nosso reino.

Seria uma idéia muito aterrorizadora imaginar que o mundo espiritual fosse um imenso pandemônio musical, tocando incessantemente, totalmente inevitável, aparecendo em qualquer ocasião, e em qualquer lugar ou situação possível! Não! – o mundo espiritual é conduzido em linhas melhores que isso! Os sons musicais estão certamente ali, mas cabe somente a cada um querer ouvi-los ou não. E o segredo é a sintonia pessoal.

Há pessoas na terra que possuem a habilidade de se isolarem mentalmente de seu entorno em tal grau que se tornam até surdos a todos os sons, mesmo que intensos, que estejam em volta. Este estado de desprendimento mental completo servirá como analogia –

apesar de ser elementar – ao efeito daquilo que podemos fazer conosco em espírito, de exclusão dos tais sons que não queremos ouvir. Diferentemente do mundo terreno, não precisamos colocar grande força de concentração. É apenas outro processo de pensamento, como o que usamos para a nossa locomoção pessoal, e depois de uma breve estadia no mundo espiritual ficamos prontos a exercer estas funções mentais sem nenhum esforço consciente. Fazem parte de nossa natureza, e estaremos meramente aplicando, numa forma ampla, sem as limitações e restrições terrenas, os métodos mentais que são perfeitamente simples de se aplicar. Na terra nossos corpos físicos, num mundo físico denso, estão impedidos de processos mentais similares que produzam qualquer resultado físico. No mundo espiritual somos livres e soltos, e estas ações mentais mostram resultados diretos e instantâneos, ou levando-nos na velocidade de nosso pensamento, ou fechando qualquer visão ou audição para aquilo que não desejamos experimentar.

Por outro lado, podemos – e o fazemos – abrir nossas mentes e sintonizarmos a nós mesmos para absorver os muitos sons gloriosos que estão em todo o nosso entorno. Podemos abrir nossas mentes – ou fechá-las – aos muitos perfumes que a natureza oferece para a nossa felicidade e contentamento. Agem como um tônico à mente, mas não são impostos a nós – simplesmente nos valem deles quando queremos. Deve ser colocado nas mentes que os reinos espirituais estão fundamentados em lei e ordem. Mas a lei nunca é opressiva, nem a ordem cansativa, porque a mesma lei e a ordem ajudaram a prover todas as belezas incontáveis e maravilhas deste reino celeste.

III. MÉTODOS DE CONSTRUÇÃO

Não menos importante, entre os muitos fatos 'físicos' do reino onde vivo, são os numerosos prédios devotados ao aprendizado e à melhora das artes familiares ao plano da terra. Estes edifícios magníficos apresentam aos olhos todos os sinais que esperaríamos da aparência de eternos. Os materiais de que são construídos são imperecíveis. As superfícies das pedras são tão limpas e frescas como no dia da construção. Não há nada que as sujem, nem poluição que as corra, nem vento ou chuva que estrague os trabalhos da decoração exterior. Os materiais de que são feitos são do mundo espiritual, e, portanto, têm uma beleza que não é terrena.

Apesar de que estes finos prédios para o aprendizado terem todos os sinais de eternidade, poderiam ser demolidos se fossem considerados dispensáveis, ou se assim o desejarem. Tais prédios mudam dali, e outros tomam seus lugares.

O mundo espiritual não é estático. É sempre vibrante com vida e movimento. Contemple, por momentos, as condições normais da terra, com as muitas mudanças que acontecem continuamente – a gradual reconstrução de cidades e vilas, as alterações no campo. Algumas destas mudanças não foram para uma melhoria. Entretanto, poderão ser, mudanças são feitas, e o procedimento é visto como progresso. E, então, o que acontece no mundo espiritual? Será que não há mudanças a serem feitas no mundo onde vivo? Certamente que há!

Nós não mudamos exatamente com 'os tempos' – para se usar uma expressão da terra – porque estamos sempre bastante à frente dos tempos. E temos a necessidade de estarmos, para enfrentarmos a demanda que vem do mundo terreno.

Tomemos apenas um exemplo específico, apenas um.

À medida que a terra progride em civilização – por sua própria estimativa – os meios e os métodos de empreender uma guerra tornam-se mais devastadores e amplos. No lugar de centenas de mortos em batalhas dos tempos antigos, a mortandade agora é contada em centenas de milhares. Cada uma destas almas acabou sua vida terrena – apesar de não ter terminado com as conseqüências dela – e, em muitos casos, o mundo acabou com eles também. O indivíduo pode sobreviver na memória dos que deixou para trás; sua presença física se foi. Mas a presença espiritual estará imutavelmente conosco. A terra passou-o para nós, muitas vezes não necessariamente sabendo do que lhe aconteceu. Ele deixará para trás os que amou, e os que o amaram, mas o mundo terreno – assim pensam – não pode fazer mais nada por ele, nem pelos que lamentam sua perda. Somos nós, do mundo espiritual, que cuidaremos destas almas. Conosco não há colocar as responsabilidades em outros ombros e continuar o caminho. Encaramos estritamente a realidade por aqui.

O mundo terreno, em sua cega ignorância, manda para cá centenas de milhares de almas, mas os que habitam nos planos elevados estão completamente avisados bem antes que tudo aconteça, ou do que está acontecendo na terra, e um *fiat* segue em direção aos reinos mais próximos à terra, para que se preparem para o que vai acontecer.

Estas calamidades medonhas do plano da terra necessitam da construção de mais e cada vez mais casas de repouso no mundo espiritual. É a ocasião – e talvez a maior – para as mudanças que sempre estão acontecendo aqui. Mas há outras, e mais agradáveis.

Algumas vezes se expressa o desejo de muitos espíritos para uma ampliação dos prédios para o aprendizado. Raramente há algum problema quanto a estes desejos, porque não são egoístas, será para uso e prazer geral.

Foi em resposta a uma pergunta que fiz, que Edwin disse-me que uma ala nova estava sendo acrescida na maior biblioteca, onde eu gasto tantos momentos agradáveis e úteis desde quando vim para o mundo espiritual. Foi sugerido que talvez Ruth e eu gostaríamos de testemunhar uma construção espiritual em curso. Estando de acordo, fomos para a cidade e para a biblioteca.

Havia muitas pessoas já agrupadas ali com a mesma intenção que a nossa e, enquanto esperávamos pelo início da construção, Edwin nos contou os detalhes preliminares que são necessários antes que o trabalho realmente se inicie.

Tão logo um prédio seja desejado, o governante do reino é consultado. Desta grande alma, e de outros similares a ele em caráter espiritual e capacidade, falarei mais tarde. Conhecendo, como ele o faz, tão intimamente, as necessidades e os desejos de todos os daquele reino, nunca há um caso onde algum edifício seja requisitado para o uso e a serviço de todos e que seja recusado. O governante então transmite a requisição aos superiores a ele que, por sua vez, encaminham para os ainda mais superiores.

Nós nos encontramos no templo central da cidade, onde fomos recebidos por alguém cuja palavra é lei, a grande alma que, muitos anos atrás, em tempo terreno, fez o possível para que eu me comunicasse com o mundo terreno.

Este procedimento aparentemente complexo de passar adiante, de um para outro, pode sugerir às mentes os métodos dos funcionários públicos, que são tortuosos com suas demoras e delongas. O processo pode ser similar, mas o tempo exigido é bastante diferente. Não é exagero dizer que no espaço de alguns minutos terrenos nossa requisição tinha sido avaliada, e a permissão – com uma bênção cheia de graças que a acompanhava – foi concedida. Em ocasiões como essa, temos razão para estarmos alegres e usamos a oportunidade por completo.

O próximo passo é consultar o arquiteto, e logo se pode imaginar que temos uma hoste de mestres a quem recorrer, sem limitações. Eles trabalham pela alegria que sentem ao criar algum grande prédio que vai ser usado a serviço de seus irmãos. Estes bons homens colaboram de uma forma que quase seria impossível no plano terrestre. Aqui, eles não são circunscritos pela etiqueta profissional, ou limitados pela estreiteza do ciúme mesquinho. Cada um fica mais alegre e orgulhoso por servir que o outro, e nunca há a discórdia ou descontentamento durante o empreendimento ao se apresentar ou forçar as idéias individuais de um às custas das de outro. Talvez você diga que uma unanimidade completa está longe, bem longe, além das fronteiras da natureza humana, e que tais pessoas não seriam humanas de não entrassem em desacordo, ou mostrassem sua individualidade.

Antes que você despreze minha frase como sendo altamente improvável, ou como sendo um quadro de uma perfeição impossível de se atingir exceto nos mais altos planos, deixe-me colocar o simples fato de que a discórdia e o descontentamento, num caso como esse que estamos considerando agora, não seria possível existir neste reino onde está o meu lar. E se você ainda insistir em que isso não seja possível, eu digo – Não, é perfeitamente natural. Sejam quais forem as dádivas que possamos possuir no mundo espiritual, é parte da essência deste reino que não inflamos idéias de poder ou excelência por tais dádivas. Nós as reconhecemos com humildade, sem importâncias individuais, discretamente, abnegadamente, e somos gratos pela oportunidade de trabalho, *con amore*, com nossos colegas no serviço do Grande Inspirador.

Isto, essencialmente, é o que um destes grandes arquitetos disse-me, referindo-se ao seu próprio trabalho.

Depois que o planejamento para os novos prédios tenha sido estabelecido ao consultarem o governante do reino, há uma reunião com os pedreiros-mestres. Estes eram, quase em sua maioria, pedreiros quando em sua vida na terra, e continuam a exercer sua especialidade nos planos espirituais. Fazem isso, claro, porque têm apelo ao trabalho, como já acontecia quando estavam encarnados, e aqui eles têm condições perfeitas para continuarem seu trabalho. Fazem isso com grande liberdade e a licença para agir que lhes foi negada na terra, mas que é sua herança aqui no mundo espiritual. Outros, que não foram pedreiros por ofício, aprenderam os métodos espirituais de construção – porque sentem prazer nisso -, e dão grande ajuda aos que são mais experientes.

Os pedreiros, e um outro, são as únicas pessoas pertinentes à real construção, já que os prédios espirituais não requerem tanta coisa a ser incluída quanto nos terrenos. Por exemplo, a necessária provisão de luz por meios artificiais, e o calor. Nossa luz vem da grande fonte central de todas as luzes, e o calor é uma das características deste reino.

A reforma que estava sendo feita na biblioteca consistia num anexo, e não era de grandes dimensões. Nossa biblioteca tem pelo menos um fato em comum com as bibliotecas terrenas. Chega o tempo em que a quantidade de livros excede o espaço que os abriga, e no nosso caso o excesso é grande, porque não temos apenas as cópias dos livros da terra, mas há também os volumes que têm sua raiz aqui no mundo espiritual. Por isso, digo que estes livros não têm sua contrapartida na terra. Incluídos entre eles, estão os trabalhos concernentes apenas ao mundo espiritual, os fatos da vida daqui, e ensinamentos espirituais, escritos por autoridades que têm conhecimento infalível do assunto, e que residem em esferas mais elevadas. Há também histórias de nações e eventos, com os fatos expostos em estrita concordância com a verdade absoluta, escritas por homens que agora acham que equívocos são impossíveis.

A construção deste anexo não foi, entretanto, o que chamaríamos de um esforço maior, e requereria a ajuda de apenas uns poucos. Era de desenho simples, consistindo de duas ou três salas de tamanho médio.

Estávamos em pé, bem perto do grupo de arquitetos e pedreiros, encabeçados pelo governante do reino. Percebi que, particularmente, eles pareciam extremamente felizes e joviais, e muitas eram as brincadeiras que circulavam em torno deste grupo tão alegre.

Era estranho para Ruth e para mim – Edwin já tinha testemunhado este tipo de acontecimento antes – pensar que um prédio estava perto de subir, porque desde a minha chegada ao mundo espiritual, não vi sinal de nenhuma construção acontecendo em lugar algum. Cada ala e cada casa já estavam erigidas, e nunca me ocorreu que as coisas requerem atitudes nesta direção. Um leve pensar, claro, revelaria que as casas espirituais estão sempre sendo construídas, enquanto outras estão sendo demolidas, se não são mais desejadas. Os prédios das escolas pareciam todos tão eternos aos meus olhos desacostumados, tão completos, que não pude pensar que poderiam ter a necessidade de ampliação.

Finalmente, havia sinais de que começariam. Devo lembrar que o ato de construir no mundo espiritual é essencialmente uma operação do pensamento. Não será surpreendente, portanto, se eu disser que em nenhum lugar visível serão vistos os materiais usuais e a parafernália associada com as construtoras da terra, os andaimes, tijolos e cimentos, e outros objetos usuais. Iríamos testemunhar, de fato, um ato de criação – de criação de pensamento – e tais equipamentos ‘físicos’ não são necessários.

O governante do reino adiantou-se alguns passos, e, de costas para nós, mas encarando o local onde a nova ala deveria se levantar, pronunciou uma breve, mas apropriada,

oração. Em linguagem simples, pediu ao Grande Criador a Sua ajuda para o trabalho que iria se iniciar.

Sua prece trouxe uma resposta imediata, que veio em forma de um brilhante fecho de luz, que desceu sobre ele e sobre os reunidos imediatamente atrás dele. Tão logo isso tenha acontecido, os arquitetos e os pedreiros adiantaram-se até ele.

Todos os olhos estavam voltados para o local vazio ao lado do prédio principal, e onde percebemos que um segundo fecho de luz estava passando diretamente pelo governante e os pedreiros. Quando o segundo fecho aproximou-se do lugar do anexo, formou uma cintilação no chão, que gradualmente aprofundou-se, cresceu em largura e altura, mas parecia, como agora, não ter nenhuma substância. Combinava com a construção dos homens em cor, mas era só isso.

Lentamente, a forma cresceu em tamanho até que atingiu a altura necessária. Podíamos ver plenamente que combinava com a estrutura original em seu estilo, até os entalhes similares correspondiam.

Enquanto estava neste estado, os arquitetos se aproximaram e examinaram cuidadosamente. Pudemos observá-los se movimentando por dentro, até que trocaram finalmente de ponto de vista. Saíram por um momento e retornaram ao governante com o relatório de que tudo estava bem.

Edwin explicou-nos que este edifício espiritual era, na realidade, um esboço da estrutura terminada, moldada no modelo exato antes que a intensificação de pensamentos fosse aplicada para produzir o prédio completo e sólido. Quaisquer erros ou falhas são detectados quando o prédio está ainda em estado sutil, e rapidamente corrigido.

Entretanto, como nenhuma retificação foi necessária neste exemplo em particular, o trabalho continuou imediatamente.

O fluxo de luz agora se tornou muito mais intenso, enquanto a corrente horizontal do governante e seus colaboradores recomeçou, depois de um lapso de um minuto ou dois, com um grau similar de intensidade. Podíamos agora perceber a forma nebulosa adquirindo uma aparência de indiscutível solidez, à medida que a concentração dos pensamentos unidos lançados sobre o esboço fazia com que camada sobre camada tivessem maior densidade.

Pelo que observei, pareceu que ele transmitia ao governante para que este providenciasse que cada pedreiro recebesse exatamente a quantidade e a qualidade de força que cada um requeria para sua tarefa. Atuava, de fato, como um agente distributivo do poder magnético que descia diretamente sobre ele. Dividia-se em um certo número de correntes individuais de luzes de diferentes cores e poderes, que correspondiam ao seu apelo direto ao Grande Arquiteto. Não havia falhas ou diminuição na aplicação da substância dos pensamentos que pudesse ser percebida. Os próprios pedreiros pareciam trabalhar em completa unanimidade de concentração, e o edifício atingiu sua solidificação completa, com um grau marcante de igualdade.

No que pareceu a mim e a Ruth ser um período bastante curto, o edifício parou de adquirir densidade, os raios verticais e horizontais cessaram, e ali estava, diante de nós, a ala terminada, perfeita em cada detalhe, na medida e extensão exatamente iguais ao prédio principal, lindamente semelhante em cor e forma, e merecedor dos altos propósitos aos quais seria devotado.

Fomos até lá para examinarmos mais de perto os resultados do feito que acabara de acontecer. Passamos as mãos sobre a superfície lisa, como se fosse para nos convencermos de que era realmente sólido! Ruth e eu não fomos as únicas pessoas a fazer isso, havia outros

que estavam testemunhando pela primeira vez – e com igual surpresa – o imenso poder do pensamento dirigido.

O procedimento que governa a construção de nossas casas pessoais e bangalôs difere um pouco do que acabei de descrever a você. Um indispensável pré-requisito para o proprietário de uma casa espiritual é o direito de possuí-la, um direito que é obtido somente pelo tipo de vida que vivemos quando encarnados, ou pelo progresso espiritual depois de nossa transição ao mundo espiritual. Uma vez que tenhamos adquirido este direito, não haverá nada contra termos tais residências, se desejarmos uma.

É comum se dizer que construímos nossas casas durante nossas vidas da na terra – ou depois. Isto fica no sentido amplo. O que nós construímos é o direito de construir, já que requer um entendimento para se erigir uma casa que justifique tal nome. Minha casa foi construída para mim durante minha vida terrena, por construtores tão eficientes quanto os que ajudaram a erigir o anexo da biblioteca. Meus amigos, encabeçados por Edwin, procuraram todos os detalhes requeridos para este trabalho. Buscaram homens que cumprissem a tarefa, e Edwin fez uma linda peça de artesanato.

Quando chegar o dia em que meu progresso espiritual me leve adiante daqui, deixarei minha casa. Ficará por minha conta decidir se deixo minha casa antiga como está, para que outros a ocupem e gozem, ou se vou demoli-la.

É costume, como me disseram, dar de presente ao governante do reino para que ele disponha a outros, à sua vontade.

IV. TEMPO E ESPAÇO

No plano da terra pensa-se com freqüência que no mundo espiritual o tempo e o espaço não existem. Está errado. Temos os dois, mas nossa concepção sobre eles difere da do mundo terreno.

Algumas vezes usamos a frase ‘antes da aurora dos tempos’, para transmitir a idéia da passagem das eras, mas não temos idéia do que está contido nesta frase.

No plano da terra a medida do tempo tem sua origem na revolução da terra em torno de seu eixo, dando uma divisão de tempo conhecida como dia e noite. A ocorrência das quatro estações deu uma dimensão mais ampla, durante a qual a terra gira em torno do sol. A invenção dos relógios e calendários trouxe um meio conveniente de medir-se o tempo, ao alcance de qualquer um.

No mundo espiritual não temos relógios nem outros aparelhos mecânicos para indicar a passagem dos tempos. Seria a coisa mais simples do mundo nossos cientistas fazerem isso para nós, se tivéssemos necessidade deles. Mas não temos esta necessidade. Não temos estações periódicas, nem alternância de luz e escuridão como indicação externa da passagem do tempo, e, ainda mais, não temos lembretes pessoais, comuns a todos os encarnados, como a fome, ou sede, ou fadiga, junto ao envelhecimento dos corpos físicos. Como, então, poderíamos ter a possibilidade de cuidarmos do vôo do tempo? Como, de fato, o tempo existe?

Temos duas concepções de tempo, uma das quais, como na terra, é puramente relativa. Cinco minutos, por exemplo, de dor aguda sofrida pelo corpo físico afetarão tanto a mente, que momentos passageiros parecerão eras. Mas cinco minutos de alegria intensa e felicidade parecerão ter voado com a rapidez que o mesmo número em segundos.

Os de nós que vivemos no reino de alegria e eterno presente, não temos razão para achar que o tempo ‘se arrasta’. Neste sentido, não temos a consciência do tempo.

Nos reinos trevosos, o caso é contrário. O período de escuridão parecerá interminável aos que vivem ali. Entretanto, muitas almas podem gritar pela chegada da luz, mas ela nunca chega. Serão eles mesmos que deverão se esforçar para dar o primeiro passo em direção à luz que os espera fora daquele reino inferior. Um período de existência dentro destes reinos escuros contará como um ou dois anos no tempo da terra, parecendo ter sido uma eternidade aos sofredores.

Se, normalmente, não temos nenhum dos meios costumeiros de se medir o tempo porque não temos necessidade disso, podemos, - e o fazemos - voltar a fazer contato com o plano da terra, onde podemos averiguar a hora exata do dia, o dia do ano, e o próprio ano.

Algumas pessoas que não fizeram isso, voltaram à terra pelo prazer de satisfazer sua curiosidade quanto ao número de anos que estão no mundo espiritual. Conversei com alguns que fizeram esta jornada, e eles ficaram pasmos ao descobrir a contagem inesperada de anos que passaram desde sua transição.

Falando de mim, descobri que o tempo passou rapidamente desde que cheguei ao mundo espiritual, mas sempre soube, por todo o período, qual era o ano da era cristã. A razão no meu caso é que simplesmente prometi que um dia me comunicaria com a terra. Estive, portanto, profundamente interessado em observar, em companhia de grandes almas que estavam intimamente ligadas a isso, a concatenação dos eventos que aconteceriam, entre coisas, para alcançar meu propósito.

Edwin, que me encontrou no limiar do mundo espiritual e me conduziu à minha nova casa, estava similarmente ligado à passagem do tempo, pois ele, por sua vez, esteve me observando.

Pode-se pensar que o tempo, no sentido de ser uma sucessão medida da existência, tem pouca, ou nenhuma influência além do plano da terra. Mas, certamente, tem uma influência no plano espiritual.

Todos os eventos terrenos, tanto os individuais ou nacionais, são sujeitos ao tempo, ou governados por ele. Então, assim que tais eventos tenham sua aplicação, ou extensão no mundo espiritual, então, realmente nós, do mundo espiritual somos influenciados pelo tempo, ou sua atuação. Peguemos o exemplo mais simples e pronto: as festas de Natal. Celebramos estas festas no mundo espiritual na mesma hora que vocês. Se o dia 25 de dezembro é uma data correta, historicamente, para o evento que se comemora nela, é uma questão que não nos concerne para nossos atuais propósitos. O que importa é que as duas celebrações, a de vocês e a nossa, são sincronizadas e periódicas, ano a ano. Não somos subservientes ao mundo da terra neste ponto; nosso propósito é somente o de cooperar.

Em tempos normais da terra naquele período do ano, vem da terra uma grande força de boa vontade e bondade. Muita gente, que em outras épocas fica inclinada a ser negligente, freqüentemente lembra-se dos familiares e os amigos que passaram para o mundo espiritual, e enviará pensamentos de afeto que nós, em espírito, ficamos muito felizes em receber, e responder. A celebração do natal é sempre precedida por pensamentos de prazer antecipado. Se não houvesse mais nada que nos guiasse, estes seriam suficientes para nos dizer que a hora da festa está chegando. No mundo espiritual, naquela época, é bastante comum uma pessoa dizer para outra: 'O Natal da terra está se aproximando'. Mas a outra pessoa teria que estar completamente alheia ao fato!

No exemplo do Natal em particular, não somos totalmente dependentes do plano terrestre para sabermos da aproximação do aniversário. Nesta ocasião especial, sempre somos visitados por grandes almas vindas dos reinos superiores, e se todos os outros meios falhassem, este seria uma indicação infalível da passagem de outro ano no tempo terrestre.

Aqueles de nós que estão em contato constante e próximo com a terra saberão, claro, tão bem como vocês, o ano, o mês, e o dia. Saberemos, também, a hora exata do tempo terrestre. Não há dificuldade nisso, nem mistério. Quando atingimos as condições de vocês, podemos usar os vários meios que vocês empregam – e o que poderia ser mais simples? Em regra, não necessitamos estar continuamente informados precisamente do dia e da hora, ou de nos mantermos atualizados. Quando cooperamos ativamente com vocês, seus pensamentos em nós são indicação suficiente de que tal data voltou quando nos encontramos em trabalhos ou conversamos. Tais pensamentos são tudo do que necessitamos. É natural no mundo espiritual que, falando genericamente, percamos o senso de continuidade do tempo, na medida de sucessão que vocês têm. Deixamos que as coisas sejam assim, a menos que tenhamos razão para agirmos diferentemente. Quando esperamos pela chegada de um parente ou um amigo ao mundo espiritual, é em torno do evento que focamos os pensamentos, não no ano no qual tal fato acontecerá.

Assim, eu lhe transmi alguns fatos de meu conhecimento, derivados de minha experiência própria, e, conseqüentemente, o que contei se aplica especificamente ao reino onde vivo.

Não tenho conhecimento dos reinos superiores, e as informações que captei de conversas com os habitantes de tais reinos foram explicadas e restritas de acordo com a minha capacidade de entendê-las. E tudo o que posso dizer, então, concernente ao tempo nos reinos

mais elevados é que, naqueles estados superiores, atingimos reinos onde o saber, entre os muitos outros atributos espirituais, é de suma importância. As personalidades daqueles reinos deixam-me atônito com a precisão de seu conhecimento dos eventos que vão acontecer no plano terrestre. Seus meios de obtê-lo está além de nossa compreensão, aqui neste plano. É suficiente, neste momento, que guarde que é assim, que o tempo, então, não está restrito aos reinos de estados inferiores de progressão espiritual.

Quando pegamos o assunto 'espaço', vemos que, falando de forma geral, somos regulados, até certo ponto, pela mesma lei do plano terrestre. Temos a eternidade de tempo, mas temos também o infinito de espaço.

O espaço deve existir no mundo espiritual. Pegue apenas o meu plano como exemplo. Estando em alguma janela de um dos quartos superiores de minha casa, posso ver até longas distâncias, onde estão muitas casas e muitos edifícios. À distância posso ver a cidade com muitos mais prédios. Espalhados por toda a paisagem ampla, há bosques e prados, rios e riachos, jardins e pomares, e todos estão ocupando espaço, como todos ocupariam no plano terrestre. Não se interpenetram, assim como acontece na terra. Cada um preenche sua própria porção reservada de espaço. E sei, enquanto vejo pela minha janela, que além do campo de minha visão, e além do além de novo, há mais reinos, e ainda mais outros que constituem a designação de espaço infinito. Sei que posso viajar ininterruptamente através de áreas enormes de espaço, áreas bem maiores que o tamanho de todo o mundo, ou até maiores. Ainda não percorri nada mais que uma pequena fração da extensão completa do meu reino, mas sou livre para fazê-lo quando quiser. Meus amigos dos reinos superiores disseram-me que posso até penetrar nos planos rarefeitos, se a ocasião demandar. Vão ser dadas as facilidades e o manto de proteção que são necessários em tais viagens, portanto, potencialmente, meu campo de movimentação é gigantesco.

Olhando-se apenas com os olhos terrestres, esta imensa região obviamente iria além do alcance da maioria das pessoas, já que o movimento através dos espaços na terra seria restringido pelos meios de transporte a seu dispor, assim como outras considerações. Cem milhas do espaço terreno são uma grande distância, e, para cobri-la, leva-se tempo considerável, se um meio de transporte mais lento for empregado. Mesmo com o método mais rápido, levaria um certo lapso de tempo até que o fim da jornada de cem milhas seja atingido. Mas no mundo espiritual, o pensamento altera toda a situação. Temos espaço, e temos uma certa cognição do tempo em relação ao espaço. O pensamento pode anular o tempo em sua relação com o espaço, mas não pode anular o espaço.

Posso estar diante de minha casa e imaginar que gostaria de visitar a biblioteca na cidade que vejo à distância de algumas 'milhas' adiante. Tão logo o pensamento passe pela minha mente, vejo-me – se assim o desejar – diante das várias prateleiras que queria consultar. Fiz meu corpo espiritual – e é o único corpo que tenho – viajar pelo espaço com a velocidade do pensamento, e esta rapidez é equivalente a ser instantâneo. E o que fiz foi cobrir instantaneamente o espaço intermediário, mas o espaço continua lá, com tudo o que contém, apesar de eu não ter o conhecimento do tempo ou da passagem do tempo.

Quando eu completei a minha visita à biblioteca, encontrei alguns amigos na escadaria, e eles sugeriram que nos reuníssemos na casa de um deles. Com este agradável plano, decidimos andar pelos jardins e bosques. A casa está a alguma 'distância', mas não importa, porque nunca passamos por fadiga física, e não temos outros compromissos. Passeamos juntos, conversando alegremente, e depois de um certo lapso de 'tempo', chegamos à casa de meu amigo, cobrimos aquela distância a pé. Na jornada de minha casa à biblioteca, eu passei sobre a distância e dispensei o tempo na ocasião. Na volta, experimentei uma sensação de

tempo ao andarmos devagar, e recordei a percepção de distância em minha mente, ao mover-me em chão sólido e nos campos gramados deste reino.

Tempo – no sentido espiritual – e espaço são relativos no mundo espiritual, assim como são na terra. Mas as nossas concepções a respeito deles diferem muito – o de vocês é restrito pelas considerações de aurora e pôr do sol, e os vários modos de transitar. Temos dias eternos, e podemos nos mover lentamente ao andarmos, ou podemos nos transportar instantaneamente, se desejarmos que assim seja. No mundo espiritual, o tempo pode ficar parado, e podemos recordar nosso sentido quanto a ele quando descansamos silenciosamente ou andamos. É apenas o nosso sentido de tempo que recordamos, não o da passagem de tempo. Mas quando recebemos os pensamentos de vocês, vindos da terra, contando-nos que estão prontos para a nossa ida até lá, então, uma vez mais, ficamos sabendo que o tempo da terra passa.

E vocês devem admitir que somos invariavelmente pontuais ao cumprirmos nossos compromissos com vocês!

V. POSIÇÃO GEOGRÁFICA

O que é posição geográfica no mundo espiritual, em relação ao mundo terreno? Muitas pessoas pensaram nisto em diversas ocasiões – e incluo-me entre eles!

E isso leva a uma outra questão, concernente à disposição dos outros reinos, dos quais apenas dei-lhe alguns detalhes.

Eu já lhe contei como, quando cheguei no momento crítico final, deitado em minha cama de doença terrena, eu finalmente senti um desejo de me levantar, e que cedi a este desejo com facilidade e sucesso. Neste caso em particular, a linha de demarcação foi bastante fina entre o fim de minha vida terrena e o começo de minha vida espiritual, porque eu estava de posse plena dos meus sentidos, completamente consciente. A real transição de um mundo para o outro foi, a este respeito, imperceptível.

Mas posso estreitar as coisas ainda mais, recordando que houve um momento em que as sensações físicas referentes à minha última doença deixaram-me abruptamente, e no lugar delas, uma sensação deliciosa de alívio físico e paz mental envolveram-me completamente. Senti que queria respirar profundamente, e assim fiz. O impulso de me levantar da cama, e a retirada de todas as sensações físicas, marcam o instante de minha ‘morte’ física e o nascimento no mundo do espírito.

Mas quando isso aconteceu, eu ainda estava em meu quarto terreno e, portanto, pelo menos uma parte do mundo espiritual deve interpenetrar o mundo terrestre. Esta experiência em particular vai nos dar um ponto de partida para nossas explorações geográficas.

O próximo evento de minha transição foi a chegada de meu amigo Edwin, e nosso reencontro depois de um lapso de anos. Aparentemente, o encontro se deu no meu quarto. Então, depois de nos cumprimentarmos e conversarmos por um curto espaço de tempo, Edwin propôs que saíssemos daquele ambiente, o qual, nas circunstâncias, estava bastante sombrio. Ele me pegou pelo braço, pediu que eu fechasse os olhos e eu senti que me movimentava sutilmente pelo espaço. Não tive uma percepção clara de direção. Somente sabia que estava viajando, mas se era para cima ou para baixo, era impossível dizer. Nossa velocidade aumentou até que ele me pediu que, finalmente, abrisse os olhos e me vi diante de minha casa espiritual.

Desde aquele dia aprendi muitas coisas, e uma das primeiras lições foi a arte da locomoção pessoal através de outros meios que não fosse o andar. Há imensas distâncias aqui para serem cobertas, e algumas vezes devemos fazê-lo instantaneamente. Isso é feito pelo poder do pensamento, como já lhe delineei. Mas o fato mais estranho para mim, no começo, era que quando eu me movia no espaço em qualquer velocidade maior que a do andar, percebia que não tinha absolutamente um senso de direção, mas apenas o de movimento. Se eu escolho fechar meus olhos enquanto viajo em velocidade regular, meramente me fecho para a paisagem, ou qualquer visão que me rodeie. Pode-se pensar que alguém pode se perder. Isto está fora de questão.

Esta ausência de direção de forma alguma interfere na forma inicial de pensamento na função de locomoção. Uma vez que nos determinamos a ir a algum lugar, colocamos os pensamentos em ação e eles, por sua vez, - instantaneamente – colocam nossos corpos espirituais em movimento. Alguém pode até dizer que é preciso ‘não se pensar no assunto’. Falei com outras pessoas sobre o assunto, e comparei depoimentos gerais – é algo que todos fazemos quando somos recém-chegados no mundo espiritual; e nunca nos faltam bons amigos

que nos ajudam nas nossas dificuldades iniciais. Descobri que é comum a todos, aqui no mundo espiritual, esta ausência de percepção direcional quando se move rapidamente. Claro, quando viajamos instantaneamente não há 'tempo' a ser observado, de qualquer forma. Não há um intervalo observável de tempo entre o momento em que saímos de nosso destino e o momento em que lá chegamos.

Percebe-se que a partir deste fator de direcionamento não percebido, se é que posso nomear desta forma, que assinalar uma localização precisa no mundo espiritual, relativa ao mundo terreno, é um tema difícil. Realmente, duvido que alguém novato no mundo espiritual poderia arriscar adivinhar a sua posição geográfica relativa. Claro, há grandes quantidades de pessoas que jamais raciocinarão sobre tais assuntos. Cortaram toda a conexão com o mundo, e deixaram para trás para sempre. Sabem que estão positivamente vivos no mundo espiritual, mas quanto à sua posição exata no universo, nem se incomodam. Mas no nosso caso é diferente. Eu estou em comunhão ativa com o mundo terreno, e penso que seria interessante se eu tentasse transmitir alguma idéia de onde os planos espirituais estão situados.

O mundo espiritual está dividido em esferas ou reinos. Estas duas palavras designantes passaram à aceitação entre a maioria dos que na terra têm um certo conhecimento da comunicação com o nosso mundo, e a praticam. Falando com você desta forma, usei palavras intercambiáveis. Elas bastam para o nosso propósito – não posso pensar em nada melhor.

Foram dados números a estas esferas por alguns estudiosos, começando pela primeira, que é a mais baixa, até a sétima, a mais alta. É costumeiro entre a maioria de nós, seguir este sistema de numeração. A idéia iniciou, como me disseram, no nosso lado, e é um método útil e conveniente de se informar a alguém de sua posição na escadaria da evolução espiritual.

As esferas do mundo espiritual são percorridas em uma série de faixas formadas por uma série de círculos concêntricos em torno da terra. Estas faixas alcançam o espaço infinito, e estão ligadas invisivelmente com a terra em sua menor revolução, em torno de seu eixo, e, claro, em sua maior revolução, em torno do sol. O sol, entretanto, não tem influência no mundo espiritual. Não temos consciência dele, já que é puramente material.

Uma exemplificação dos círculos concêntricos nos é dada quando nos contam que uma visita de uma esfera superior está descendo até nós. Ele está, relativamente, acima de nós, tanto espiritualmente quanto espacialmente.

Os baixos reinos trevosos estão situados perto do plano da terra, e a interpenetram até o mais fundo. Foi através destes reinos que passei com Edwin, quando ele veio me levar até minha casa espiritual, e foi por esta razão que ele me recomendou que eu fechasse os olhos firmemente, até que me dissesse para abri-los novamente. Eu estava suficientemente alerta – demais, porque estava plenamente consciente – senão veria alguma coisa tenebrosa que o mundo lançou para estes lugares escuros.

Com o mundo espiritual construindo uma série de círculos concêntricos, tendo a terra aproximadamente no centro, vimos que as esferas são subdivididas lateralmente, para corresponderem amplamente às várias nações da terra, cada subdivisão estando situada imediatamente sobre sua nação correspondente. Quando você considera a imensa variedade de temperamentos nacionais e características distribuídas pela terra, não se surpreende que as pessoas de cada nação desejem gravitar sobre os de sua espécie no mundo espiritual, tanto quanto o fazem quando na terra. A escolha individual, claro, é livre e aberta a qualquer alma; ela pode viver em qualquer parte de seu próprio reino que lhe agrade. Não há fronteiras territoriais fixas aqui, para separar as nações. Elas fazem suas próprias fronteiras invisíveis de temperamento e costumes, mas os membros de todas as nações da terra são livres para se

mesclarem no mundo espiritual, e para terem prazer em um relacionamento social feliz e irrestrito.

A questão da linguagem não apresenta dificuldades, porque não somos obrigados a falar em voz alta. Podemos transmitir nossos pensamentos uns aos outros com certeza de que serão recebidos pela pessoa a quem estamos endereçando mentalmente. Desta forma, a linguagem não constitui barreira.

Cada uma das subdivisões do mundo espiritual tem suporte nas características de seu complementar terreno. Isso é apenas natural. Minha própria casa está situada nas vizinhanças que me são familiares e que são o complemento de minha casa terrena, em aparência geral. Estas vizinhanças não são uma réplica exata dos entornos terrestres. Por isso, quero dizer que minha casa espiritual está localizada num tipo de campo com o qual eu e meus amigos estamos familiarizados.

Esta divisão de nações se estende apenas até um certo número de reinos. Além disso, a nacionalidade, como tal, cessa de ser. Retemos apenas nossas diferenças exteriores e visíveis, tais como as cores de nossa pele, seja amarela, branca ou negra. Não somos conscientes de nacionalidades como quando estávamos na terra ou durante nossas curtas estadias nos reinos de graus inferior. Nossas casas não terão uma aparência de nacionalidade definida a partir dali, e participaremos mais do puro espírito.

Você vai se lembrar agora de como, ao se construir o anexo da biblioteca, eu lhe apresentei o governante do reino. Cada reino tem esta personalidade, apesar de que o termo 'governante' não é o melhor, porque pode transmitir uma impressão errada. Seria mais feliz e muito mais exato dizer-se que ele preside sobre todo o reino.

Apesar de que cada reino tenha seu próprio governante residente, todos os governantes pertencem a uma esfera superior àquela que preside.

A posição é tal que necessita altos atributos da parte do detentor, e o cargo é atribuído somente àqueles tenham tido longa residência no mundo espiritual. Muitos deles estão aqui por centenas de anos. Grande espiritualidade apenas não é suficiente; se fosse, haveria muitos espíritos maravilhosos que poderiam ocupar estes cargos com distinção. Mas um governante deve ter muita sabedoria e experiência de humanidade, e ainda mais, deve sempre poder mostrar discrição ao lidar com os vários assuntos que chegam diante dele. E toda a experiência e sabedoria dos governantes, toda a sua simpatia e entendimento, estão sempre à disposição dos habitantes de seu reino, enquanto sua bondade e infinita paciência estarão sempre em evidência. Esta grande alma está sempre acessível a qualquer um que queira consultá-lo, ou a quem lhe traga seus problemas para serem solucionados.

Nós temos os nossos problemas, assim como vocês os têm na terra, apesar de que nossos problemas são bem diferentes dos seus. Os nossos nunca são do tipo de preocupações e cuidados atormentadores do mundo. Falando de mim mesmo, meu primeiro problema, logo depois da transição, era como deixar certo o que eu considerava errado naquilo que fiz quando encarnado. Escrevi um livro no qual tratei a verdade da comunicabilidade com o mundo terreno com grande injustiça. Quando falei a Edwin sobre o assunto, ele – sem que eu soubesse – buscou o aconselhamento do governante do reino, e o resultado foi que outra grande alma veio discutir o problema comigo e oferecer sua ajuda e aconselhamento para as minhas dificuldades. Foi o conhecimento do governante sobre meus problemas logo no começo que trouxe bom termo ao meu assunto.

Pode-se ver através disto que o conhecimento de um governante sobre as pessoas sobre as quais ele preside é vasto. Para que não se pense que é humanamente impossível para uma mente carregar tanto conhecimento dos assuntos de tantas pessoas como as que

temos no reino, entenda-se que a mente de um encarnado é limitada em seu campo de ação pelo cérebro físico. No mundo espiritual não temos um cérebro físico para nos tolher, e nossas mentes estão completamente receptivas a toda sabedoria que chega a nós. Não esquecemos o que aprendemos no mundo espiritual, mesmo sendo lições espirituais ou fatos. Mas leva tempo, como vocês diriam, para aprender, e é por isso que os governantes dos reinos levaram centenas de anos terrestres no mundo espiritual antes de terem a seu encargo tanta gente. Os governantes têm que guiá-los e dirigi-los, ajudá-los em seus trabalhos, e unir-se a eles em sua recreação, ser uma inspiração a todos, e agir, para com eles, em todos os sentidos da palavra, como um pai devotado. Não há coisas como infelicidade neste reino – não fosse por outra razão a não ser que seria impossível com tal grande alma para eliminar todos os nossos problemas.

Cada esfera é completamente invisível aos habitantes da esfera abaixo dela, e a este respeito, pelo menos, ela providencia sua própria fronteira.

Numa jornada a um reino inferior, vê-se o terreno degenerar gradualmente.

Conforme se vai a um reino superior, acontece justamente o contrário: vemos a terra em torno de nós tornar-se mais etérea, mais refinada, e isto forma uma barreira natural aos que não tenham progredido o suficiente para serem habitantes daquele reino.

Bom, eu já lhe disse que os reinos estão uns acima de outros. Como, então, seria a continuidade, acima ou abaixo. Deve haver um ponto ou pontos em cada reino onde há uma inclinação distinta para cima, para um deles, e uma declividade distinta para o outro. Parece simples pensar, mas é o caso.

Não é difícil imaginar, talvez, uma descida gradual para as regiões que são menos salubres. Para ajudar, podemos pensar nas nossas experiências terrestres, e recordar alguns lugares pedregosos que tenhamos visitado ou escalado, traiçoeiros aos pés, conduzindo a cavernas escuras, frias, úmidas e sem atrativos, onde podemos esperar todas as maneiras ruidosas de emboscadas esperando por nós. Podemos então lembrar que acima de nós, apesar de fora do campo de visão, brilha o sol, irradiando calor e luz sobre a terra, enquanto parecemos estar em outro mundo. Podemos explorar as cavernas subterrâneas até nos perder e perdermos o mundo para sempre. Mas sabemos que há, pelo menos, uma saída, se pudermos apenas achá-la, e se perseverarmos em nossas tentativas de escalar as paredes rochosas.

Se iniciarmos nosso mundo do espírito no mais recôndito recesso deste quadro terreno das cavernas subterrâneas, podemos ver como cada um dos reinos está conectado com o reino imediatamente acima. A analogia terrena é, claro, elementar, mas o processo e o princípio são os mesmos. A transição no mundo espiritual de um reino para outro é literal – tão literal quanto passar de uma caverna escura para a luz do sol lá fora, tão literal quanto andar de um quarto a outro em sua casa, para o andar de cima ou de baixo.

Para passar deste reino onde vivo para o próximo superior, vejo-me andando ao longo de uma leve subida. À medida que prossigo, vejo todos os sinais inconfundíveis – e os sinto – de um reino de refinamento espiritual maior. Eventualmente chegarei a um ponto de minha caminhada onde não mais poderei seguir, porque me sentirei desconfortável espiritualmente. Se eu fosse estúpido o suficiente para tentar desafiar estes sentimentos, ficaria, finalmente, completamente incapacitado de arriscar um só passo adiante, sem sentir sensações que possivelmente não agüentaria. Não conseguiria ver mais nada adiante de mim, somente o que ficou para trás. Mas se estamos em cima de uma destas fronteiras, ou se ficamos bem nos confins de nosso reino, aparece uma certa linha na ponte entre os dois reinos, onde o superior torna-se invisível aos olhos dos de menor espiritualidade. Da forma que certos raios são

invisíveis aos olhos humanos, e certos sons e notas musicais são inaudíveis para os ouvidos terrenos, assim é nos reinos superiores, aos habitantes dos reinos inferiores.

A razão é que cada reino possui um timbre vibracional mais elevado que o anterior e, por isso, é invisível e inaudível aos que vivem abaixo. Desta forma, podemos ver outra lei natural operando para o nosso benefício.

VI. OS REINOS INFERIORES

Há uma esfera muito brilhante e bela no mundo espiritual, à qual foi dado o título pitoresco e muito apropriado de “Terra do Verão”.

As regiões trevosas deviam ser chamadas de “Terra do Inverno”, exceto pelo fato do inverno da terra ter uma grandeza toda sua, enquanto que não há nada mais que abominação nos reinos inferiores do mundo espiritual.

Até aqui eu apenas mencionei brevemente os reinos escuros, levando você apenas ao limite, mas, em companhia de Edwin e Ruth, realmente penetrei nas profundezas destas regiões. Não é um assunto agradável, mas fui advertido de que os fatos seriam apresentados, não com a intenção de assustar as pessoas – isso não é o método nem a vontade do mundo espiritual – mas para mostrar que tais lugares existem somente em virtude de uma lei inexorável, a lei de causa e efeito, a colheita espiritual que sucede à sementeira terrena; para mostrar que sair da justiça moral no plano da terra é encontrar a justiça estrita e inflexível no mundo espiritual.

Conforme seguimos lentamente de nosso reino em direção a estes planos tenebrosos, vemos que uma lenta degradação acontece no campo. As flores ficam raras e desnutridas, dando a impressão de batalharem pela existência. A grama é crestada e amarela, até que, com as últimas flores doentias remanescentes, finalmente desaparece, para serem substituídas pelas rochas estéreis. A luz diminui continuamente, até nos vemos numa terra cinzenta, e então vem a escuridão – profunda, negra, impenetrável escuridão; isto é, impenetrável aos que espiritualmente são cegos. Os visitantes dos planos superiores podem ver nesta escuridão sem serem vistos pelos habitantes dali, a menos que se torne vitalmente necessário indicar a presença.

Nossas visitas nos levaram ao que acreditamos ser o plano mais baixo da existência humana.

Começamos a descer passando por um cinturão de neblina que logo encontramos quando o solo torna-se duro e estéril. A luz rapidamente encolheu, os habitantes eram cada vez mais escassos, até não se ver mais ninguém em lugar algum. Áreas enormes de rocha semelhante a granito estendiam-se diante de nós, frias e repulsivas, e a ‘estrada’ que seguíamos era dura e com precipícios. Nesta hora a escuridão nos envolvia, mas ainda podíamos ver as redondezas perfeitamente bem. É uma experiência bem estranha esta, de poder ver na escuridão, e quando se vai para lá pela primeira vez, parece haver um ar de irrealdade. Mas, de fato, é bem real.

Enquanto escalamos, descendo através de uma das inúmeras fissuras nas rochas, podíamos ver e sentir o lodo repugnante que cobria toda a superfície delas, verde na cor e de cheiro insuportável. Não havia, claro, risco de que caíssemos. Seria impossível para qualquer um dos habitantes destes reinos.

Depois de termos descido aquilo que parecia ter sido uma grande distância, – imagino que uma milha na medida da terra, pelo menos - vimo-nos numa cratera gigantesca de muitas milhas de circunferência, cujas laterais, traiçoeiras e ameaçadoras, elevavam-se sobre nós.

A totalidade desta área estava intercalada com altos maciços de pedras, como se algum enorme cataclismo ou deslizamento as tivesse rompido do alto da borda da cratera e lançado para as profundezas abaixo, para se espalharem em todas as direções, formando cavernas naturais e túneis.

Nossa posição atual era sobre este mar de rochas e observávamos uma nuvem densa de vapor venenoso elevando-se dele, como se houvesse um vulcão abaixo e no ponto de erupção. Se não estivéssemos com ampla proteção, sentiríamos esta fumaça sufocante e mortal. Como estávamos, não nos fez mal algum, apesar de que podíamos perceber o grau de malignidade de todo o lugar através de nossas faculdades intuitivas. Podíamos ver vagamente através deste miasma o que poderiam ser seres humanos, rastejando como bestas sobre a superfície das rochas. Não pudemos perceber, Ruth e eu, que eram humanos, mas Edwin nos assegurou que quando estiveram na terra como humanos, comeram e dormiram, e respiraram o ar da terra, mesclados a outros homens. Mas viveram uma vida de infâmia espiritual. E na morte de seus corpos físicos, foram para sua verdadeira habitação e seu verdadeiro estado no mundo espiritual.

O vapor exalado parecia amortalhá-los de nossa visão, e descemos até estarmos nivelados com o topo das rochas.

Expressei minha vontade de ser levado por Edwin para onde quer que ele achasse que seria melhor para o meu propósito, e como ele sabia que poderia agüentar quaisquer visões que teria, fomos mais perto de algumas destas criaturas atroz. Ruth estava nos acompanhando e, desnecessário dizer, nunca teria sido permitido a ela que entrasse nestes reinos nocivos se não se soubesse, sem sombra de dúvida, que ela era completamente capaz do mais alto grau de autocontrole e fortaleza. De fato, não só fiquei encantado com sua compostura, como também profundamente agradecido por tê-la ao meu lado.

Caminhamos para mais perto de uma daquelas formas sub-humanas que estavam deitadas nas rochas. O que ainda restava de suas roupas poderia ser dispensado, pois eram apenas trapos que ainda se conservavam unidos não se sabe como, deixando à mostra partes do corpo aparentemente necrosadas. Os membros eram mal cobertos por uma pele que mal escondiam os ossos. As mãos tinham a mesma aparência das presas de aves de rapina, com unhas tão longas que se tornaram verdadeiras garras. A face deste monstro apenas lembrava um ser humano, de tão distorcida e malformada. Os olhos eram pequenos e penetrantes, mas a boca era enorme e repulsiva, com lábios grossos e salientes, colocados numa mandíbula prognata que mal ocultava os tocos de dentes.

Olhamos longa e seriamente este triste destroço do que fora um dia um ser humano, imaginando quais teriam sido as contravenções terrenas que o reduziram a este estado terrível de degeneração.

Edwin, que era tão experiente em tais visões, disse-nos que com o tempo ganharíamos certo conhecimento neste trabalho, o que nos permitiria ler nas faces e nas formas destas criaturas o que as teria reduzido a este estado atual. Não haveria necessidade de abordá-los para descobrir alguma coisa das histórias de suas vidas, já que ali estavam para que os experientes as lessem. Sua aparência verdadeira, também, seria um guia seguro quanto a sabermos se precisam de socorro, ou se ainda estão contentes em morar neste estado tão baixo.

O objeto que agora está diante de nós, disse Edwin, merece pouca simpatia já que estava ainda imerso em sua iniquidade, e não estava, obviamente, mostrando nem o menor traço de arrependimento por sua repugnante vida terrena. Estava confuso com sua perda de energia física, e quebrando a cabeça para descobrir o que lhe acontecera. Sua face mostrava que, dada a oportunidade, continuaria com suas práticas usando cada restinho de poder que tivesse.

Estava há vários séculos no mundo espiritual, o que poderia ser constatado pelos poucos farrapos de seu traje, que demonstrava ser de épocas antigas, e ele despendera a

maior parte de sua vida terrena infligindo torturas mentais e físicas os que tiveram o azar de cair em suas presas malévolas. Cada crime que cometera contra outra pessoa tinha, finalmente, revertido e caído sobre ele. Ele agora tinha, diante dele, – e fazia centenas de anos – a memória, a indelével memória de cada ato de maldade que perpetrou contra seus companheiros.

Quando ele esteve na terra, atuou com falsas argumentações ao administrar justiça. Verdadeiramente, a justiça dele não foi nada mais que uma caricatura, e agora ele estava vendo exatamente o que a justiça significa. Não era somente a sua vida de maldades constantes que estava diante dele, mas os rostos de suas muitas vítimas passavam sempre por sua mente, externados pela mesma memória que está registrada infalivelmente e para sempre em seu subconsciente. Ele não poderá jamais esquecer; deverá lembrar-se, sempre. E sua condição era agravada por uma raiva semelhante à de um animal preso numa armadilha.

Ficamos juntos, pequeno grupo de três, mas não pudemos sentir nenhum simples vestígio de simpatia por este monstro desumano. Ele não despertava nada em nós. Estava recebendo apenas os seus méritos – nem mais, nem menos. Ele julgou a si mesmo, e condenou a si mesmo, e agora estava sofrendo a punição que tinha, apenas e inteiramente, dado a si. Aqui não era o caso de um Deus vingador infligindo uma punição digna um pecador. O pecador estava ali, realmente, mas era a manifestação visível da lei inalterável de causa e efeito. A causa estava na sua vida terrena; o efeito estava em sua vida espiritual.

Se pudéssemos detectar um mínimo lampejo de luz – é uma luz real a que vemos – que é um sinal inconfundível de atividade espiritual interna, poderíamos ter feito algo por este espírito. Da forma como ele estava, não podíamos fazer nada a não ser desejar que um dia este ser terrível clame por socorro com verdadeira seriedade e sinceridade. Seu chamado será atendido – infalivelmente.

Fomos embora dali, e Edwin levou-nos por uma abertura da rocha para quase o nível do solo. Podíamos ver que esta parte da cratera era mais densamente povoada – se pudermos usar o termo ‘povo’ com os que vimos ali.

Os habitantes estavam ocupados de forma diversa: alguns estavam sentados em pequenos pedregulhos, e tinham toda aparência de estarem conspirando juntos, mas sobre qual projeto maligno falavam, era impossível dizer. Outros estavam em pequenos grupos que torturavam, de forma que não vou descrever, os mais fracos deles que, de alguma forma, caíram nas mãos de seus torturadores. Seus gritos eram insuportáveis de se ouvir, por isso fechamos nossos ouvidos a eles, firme e efetivamente. Seus membros eram indescritivelmente destorcidos e malformados e, em alguns casos, seus rostos e cabeças involuíram até uma mera forma zombeteira de semblante humano. Observamos outros estendidos no chão, como se estivessem exaustos pelas torturas que aconteceram, ou porque gastaram suas últimas energias ao torturarem, esperando retomar, com as forças renovadas, as barbaridades.

Espalhados por esta grande região terrível, havia lagos de alguma espécie de líquido. Parecia viscoso e espesso, de inexprimível sujeira. Edwin disse-nos que o fedor que vinha destas lagoas estava combinando com tudo o mais que havíamos visto por ali, e avisou-nos seriamente que nem sonhássemos experimentar aquilo. Seguimos à risca sua advertência.

Ficamos horrorizados ao vermos sinais de movimento em algumas das lagoas, e adivinhamos, sem que Edwin nos contasse, que os habitantes dali escorregavam e caíam para dentro delas. Não se afogam, porque são indestrutíveis como nós.

Testemunhamos todas as formas de bestialidades, brutalidades, barbaridades e crueldades que a mente quase não pode contemplar. Não é o meu propósito nem meu desejo

dar a você um quadro detalhado do que vimos. Alcançamos, sem dúvida, o último degrau desta escalada, mas dei detalhes suficientes do que pode ser encontrado nestes reinos de treva.

E agora você perguntará: como isso acontece? Como ou por que se permite que tais lugares existam?

Talvez o assunto torne-se mais claro quando eu lhe disser que cada espírito que vive naqueles lugares horríveis viveu um dia no plano da terra. O pensamento é terrível, mas a verdade não pode ser alterada. Não pense, nem por um momento, que exagerei na minha breve descrição destas regiões. Asseguro-lhe que não o fiz. De fato, dei-lhe uma indicação incompleta. Todas estas regiões indignas existem em virtude da mesma lei que governa os planos de beleza e alegria.

A beleza do mundo espiritual é a expressão externa e visível da evolução de seus habitantes. Quando alcançamos o direito de possuímos coisas belas, elas nos são dadas pelo poder da criação. Neste sentido, pode ser dito que as criamos. Beleza de mente e nas ações não podem produzir nada que não seja beleza, e aqui temos flores de beleza celestial, árvores e bosques; rios, riachos e mares de águas puras, claras e cristalinas, prédios magníficos para a alegria e o benefício de todos nós, e nossas casas individuais, onde podemos nos cercar de mais belezas ainda, e gozar das delícias de uma conversa alegre com nossos companheiros.

Mas mente e atos tenebrosos não podem produzir nada a não ser o que é tenebroso. As sementes dos horrores semeadas no plano da terra inevitavelmente levarão à colheita de horrores no mundo espiritual. Estes reinos trevosos foram construídos por pessoas da terra, como também foram elas que construíram os reinos de belezas.

Nenhuma única alma é forçada a ir aos reinos de luz ou aos de treva. Nenhuma alma poderia ser exceção a nada que se encontra neste reino de luz, já que descontentamento, desaprovação, desconforto e infelicidade não podem existir nestes planos. Nós somos pessoas extremamente felizes, um corpo unido, e vivemos juntos em harmonia completa. Nenhuma alma poderia, portanto, sentir-se 'fora de lugar'.

Os moradores dos reinos de trevas, por si mesmos, condenaram-se a si mesmos, cada um e todos, ao estado no qual se encontram. É a inevitável lei de causa e efeito; tão certo como a noite seguir o dia no plano terrestre. De que valem os gritos por clemência? O mundo espiritual é um mundo de justiça impoluta, uma justiça que não se adultera, uma justiça à que todos nós nos submetemos. Justiça impoluta e clemência não podem andar juntas. Entretanto, podemos, do fundo do coração e sinceramente, perdoar os erros que nos fizemos, clemência não nos é dada para ser distribuída no mundo espiritual. Cada má ação deve ser considerada por aquele que a cometeu. É um fato pessoal, que deve ser cumprido a sós, como realmente acontece no evento da morte do corpo físico, que devemos passar sozinhos. Ninguém pode passá-la por nós, mas pela grande providência sobre a qual este e todos os planos são construídos, podemos, e o fazemos, ter pronta assistência às nossas atribuições. Cada espírito que habita nestes planos escuros e tenebrosos tem o poder intrínseco de se elevar da imundície em direção à luz. Ele deve fazer o esforço individual por si mesmo, deve trabalhar por sua redenção. Ninguém pode fazer a sua parte. Cada polegada de sua estrada deve ser labutada por ele. Não há clemência esperando por ele, mas justiça inclemente.

Mas a oportunidade de ouro de uma recuperação espiritual está pronta e esperando. Ele terá apenas que mostrar um desejo firme de se mover uma fração de uma polegada em direção aos reinos de luz que estão acima dele, e encontrará uma hoste de amigos desconhecidos que o ajudarão no sentido daquela herança que é justa, mas que, em sua loucura, havia desprezado.

VII. ALGUMAS IMPRESSÕES INICIAIS

Quando a gente se vê transformado em um habitante permanente do mundo espiritual, isso é, no início, uma experiência avassaladora. Mesmo que se tenha lido muito sobre as condições da vida no mundo espiritual, ainda sobra um número ilimitado de surpresas guardadas esperando cada espírito.

Aqueles de nós que voltam à terra para contar de nossa nova vida encaram a dificuldade de tentar descrever em termos da terra o que é essencialmente de natureza espiritual. Nossas descrições transmitirão pouco da realidade. É difícil evocar nas mentes um estado de beleza maior do que aquele que já experimentamos na terra. Aumente uma centena de vezes as belezas que já lhe contei, e você ainda estará longe de uma justa avaliação.

Uma pergunta, talvez, que pode surgir na mente de não poucas pessoas seria, talvez, esta: O que foi que o abalou mais fortemente e mais prazerosamente, logo que você chegou ao mundo espiritual, e quais foram as suas impressões?

Deixe que eu me posicione no lugar de alguém que busca estas informações, para entrevistar nossos velhos amigos, Edwin e Ruth.

Edwin e eu, como já sabem, fomos pastores quando estivemos na terra. Edwin não teve conhecimento sobre o tema de retorno ao mundo espiritual, além daquele que tentei passar-lhe pelas minhas experiências. Ele era um dos poucos que realmente simpatizou-se comigo em minhas dificuldades físicas, um dos poucos, isto é, que não brandiu os ensinamentos ortodoxos da igreja na minha face. Ele já me disse que estava feliz por não ter feito isso. Quando ele estava na terra, a ‘vida que viria’ era um mistério completo para ele – como inutilmente acontece com muitos outros. Ele naturalmente conformou-se aos ensinamentos da igreja, obedeceu aos seus ‘mandamentos’, cumpriu suas tarefas, e, como francamente já admitiu, esperava pelo melhor – seja lá o que fosse esse ‘melhor’.

Mas sua vida terrena não consistiu somente de exercício religioso; ele ajudou outros em cada ocasião em que a ajuda era necessária, e onde pudesse ser dada. Tais serviços, realizados sem obstáculos, ajudaram-no muito quando chegou o tempo dele de sair do mundo. Estas ações bondosas trouxeram-no para o plano de belezas e de eterna luz.

Sua primeira impressão sobre seu acordar no mundo espiritual – para usar suas próprias palavras – foram absolutamente de tirar o fôlego. Ele visualizara, talvez subconscientemente, uma espécie de névoa na vida futura, onde haveria muita ‘oração e exaltação’. Encontrar-se num reino de beleza inexprimível, com todas as glórias de natureza terrena purgadas de sua falibilidade, refinadas e eterizadas, com uma enorme gama de cores por toda a volta e sobre ele, ver a pureza cristalina dos rios e dos riachos, com o encanto das moradias campestres e a grandeza dos templos das cidades e os edifícios voltados ao saber, achar-se no centro de todas estas glórias sem ter um sinal do que estava reservado para ele, era jogar dúvidas sobre a veracidade do que seus olhos viam. Ele não pôde acreditar que não estava no meio de um sonho lindo, fantástico, do qual em breve acordaria para se ver mais uma vez no meio das vizinhanças mais familiares. Ele pensou em como poderia relatar este sonho quando voltasse à consciência. Então considerou sobre como seria recebido – de tão lindo que tinha sido, sem dúvida, mas apenas um sonho.

E assim ele ficou observando toda essa sua riqueza de beleza. Estas foram, segundo Edwin disse, suas primeiras e maiores impressões.

Considerou parte do mesmo sonho tudo que já tinha acontecido antes, tudo que o levava a levantar e olhar maravilhado aquela cena que aparecia quase sem fim diante dele: Como ele acordou num sofá confortável, numa casa muito charmosa, para ver um antigo amigo ao seu lado que prestou o mesmo trabalho a Edwin que ele mesmo fez para mim quando veio me encontrar.

Seu amigo levou-o para fora, para ver o mundo novo. Então veio a tarefa mais difícil – convencer Edwin de que ele havia ‘morrido’ e que ainda vivia. Veja, no início ele achou que seu amigo e a explanação dele eram parte do mesmo sonho, e estava esperando nervosamente por algo que aconteceria que pudesse cortar o sonho e fazê-lo retornar à terra conscientemente. Edwin admitiu que precisou de muito convencimento, mas seu amigo era infinitamente paciente com ele.

No instante em que se assegurou de que estava realmente, verdadeiramente e permanentemente no mundo dos espíritos, seu coração sentiu uma imensa alegria, e começou a fazer o que depois eu fiz na companhia de Ruth – viajar pelos planos da nova vida com uma liberdade luxuriante de corpo e mente, que é a essência verdadeira da vida espiritual nestes reinos.

O que mais interessou à Ruth, em seu primeiro despertar no mundo espiritual, foi, como disse, a enorme profusão de cores.

Sua transição tinha sido plácida, e ela acordara, conseqüentemente, depois de um sono bem breve, calma e suavemente. Assim como Edwin, ela se viu numa casa deliciosa, pequena, asseada e compacta, e toda sua. Uma velha amiga estava a seu lado, pronta a ajudar nas dúvidas mais inevitáveis que acompanham tantos despertares no mundo espiritual.

Ruth é, por natureza, reservada, especialmente, como ela contou, quando se fala a seu respeito. No caso de Edwin, eu sabia tanto de sua vida terrena que foi fácil escrever usando meu próprio conhecimento sobre ele. Entretanto, eu jamais havia visto Ruth antes, até que nos encontramos na beira do lago. Depois de muita persuasão, consegui extrair um ou dois detalhes concernentes à sua vida na terra.

Ela nunca tinha sido, como contou, uma religiosa praticante, não porque menosprezasse a igreja, mas porque seus pontos de vista sobre ‘a vida futura’ não coincidiam com os ensinamentos da igreja. Ela viu que requeriam muita fé, e poucos fatos eram fornecidos, e ela presenciara tantas aflições e problemas dos outros em sua vida, que instintivamente sentiu que era errada a visão vaga, porém terrificante, do mundo que viria, com o aterrorizador “Dia do Juízo” que tão constantemente lhe era mostrado nos ensinamentos da igreja. A ênfase era tão preponderante sobre a palavra ‘pecador’, com a condenação de todos, que ela também sentiu estar tudo errado. Ela não era tão boba, disse, para acreditar que éramos todos santos, mas, ao mesmo tempo, nem todos somos pecadores. De todas as pessoas que ela conhecera, não podia se lembrar de nenhum que podia ser tão condenado e marcado a ferro, no sentido religioso. Aonde, então, estavam indo estas pessoas depois de suas ‘mortes’?

Ela não podia se imaginar sentada no julgamento destas almas, julgando-as como ‘pecadoras’. Seria irracional ver, acrescentou Ruth, que ela pudesse ser mais misericordiosa que Deus. Era impensável. Então, construiu para si uma fé simples, - uma prática que um teólogo logo diria ser altamente perigosa e que não devia ser, nem por um momento, encorajada. Ele falaria do ‘perigo’ que sua ‘alma imortal’ corria ao ter tais idéias. Mas Ruth jamais, nem por instantes, considerou-se uma ‘alma imortal em perigo’. De fato, seguiu alegremente, vivendo sua vida, seguindo os ditames de sua natureza gentil, ajudando os outros durante a vida, e trazendo o brilho do sol às vidas monótonas de outros. E estava firmemente

convencida de que, quando sua hora de sair do plano da carne chegasse, ela levaria consigo, para a nova vida, a afeição de seus muitos amigos.

Ela não tinha medo da morte do corpo físico, nem podia imaginá-la como sendo a experiência terrificante que tantas pessoas temiam e antecipavam. Ela não dava base para esta crença, e logo concluíra que deve ter sido atraída a ela instintivamente.

Deixando as cores gloriosas do reino aonde ela foi à parte, o que mais chocou violentamente em Ruth foi a surpreendente limpidez da atmosfera. Não havia nada igual para ser visto na terra. A atmosfera estava tão livre do menor traço de névoa, e sua própria visão parecia ter sido intensificada em poder e extensão, que a enorme gama de cores parecia duplamente vívida. Ela já tinha antes uma visão acurada para as cores, e tinha uma educação musical considerável quando estava na terra. Quando chegou ao mundo espiritual, estas duas faculdades se combinaram, e a cor e a música do novo plano desabrocharam nela com a luxúria de sua beleza soberba.

No começo, ela mal podia acreditar em seus sentidos, mas seus amigos logo lhe explicaram o que acontecera, e ela tinha tão poucas idéias sobre a vida futura, que pouco restava para desaprender. Mas, disse ela, levou alguns dias do tempo da terra para que ela pudesse absorver e compreender todas as maravilhas que estavam à sua volta. Quando ela finalmente percebeu a significação completa da nova vida, e que toda a eternidade que estava diante dela para exemplificar as maravilhas deste mundo, ela conseguiu conter seu excitação e, como disse, ‘tomar as coisas um pouco mais silenciosamente’.

Foi no tempo deste processo que a encontramos pela primeira vez. Uma vez, quando estávamos os três sentados no jardim, discutindo agradavelmente sobre todas as formas das coisas, vimos, andando na aléia do parque, uma figura que era bem conhecida por mim e por Edwin. Ele tinha sido o nosso superior eclesiástico quando estivemos na terra, e ele era o que é conhecido como ‘Príncipe da Igreja’. Estava ainda vestido em suas roupas costumeiras, e todos concordávamos – quando comparamos nossas impressões depois – que elas combinavam com o lugar e as condições. A roupa longa e seu rico colorido pareciam misturar-se com tudo em torno de nós. Não havia nada incongruente naquilo, já que ele era completamente livre para usar suas roupas no mundo espiritual, e o fez; não por causa de sua posição anterior, mas pelo velho costume, e porque ele sentiu que assim, de uma certa forma, ajudava a acrescentar no colorido de sua nova habitação.

Apesar de que seu alto cargo, o qual conduzia com distinção na terra, não tivesse contrapartida ou significação no mundo espiritual, ele era bem conhecido por muitos daqui pelo nome, de vista ou ainda pela reputação. Isto providenciou outra boa razão para que mantivesse seu estilo terreno de se vestir, pelo menos até agora. Mas, a deferência que a posição que ocupara na terra sempre evocava, ela a deixara de lado quando chegou no mundo espiritual. Ele não teria nada disso, mas insistia com todos que o conheceram – e com os que não o conheceram – que atentassem estritamente aos seus desejos a esse respeito. Ele tinha sido muito amado quando estava encarnado, e era apenas natural que, com sua chegada aos planos espirituais, os que já o conheciam mostrassem o mesmo respeito de antes. Respeito é uma coisa, já que nos respeitávamos uns aos outros nestes reinos; mas reverência deve ser dada aos de maior hierarquia em espiritualidade é completamente outra coisa. Ele logo reconheceu isso, assim nos contou, e por meu conhecimento pessoal de sua humildade inata, eu podia adivinhar que seria o caso dele.

Nosso primeiro encontro levou a outros, e muitas foram as ocasiões – e poderemos ter muito prazer em muitas mais – em que ele nos acompanhou, Edwin, Ruth e eu, quando nos sentamos no jardim, ou quando saímos juntos. Foi durante um destes passeios que perguntei

ao antigo superior se ele me daria uma breve explanação sobre suas primeiras impressões do mundo espiritual.

O que o deixou muito impressionado quando se viu aqui não foi só a imensidão e a beleza do mundo espiritual, mas a descrição do mundo em si, em relação ao mundo terreno e, mais particularmente, em relação à vida que havia deixado para trás. Antes de qualquer coisa, viera o sentimento, quase esmagador, de ter desperdiçado sua vida na terra em itens aparentemente não essenciais, irrelevâncias, e numa grande quantidade de formulários e formalismos. Mas amigos vieram em seu socorro intelectualmente, e asseguraram-lhe que o tempo em sua aplicação pessoal não fora desperdiçado, apesar de sua vida ter sido cercado pela pompa e pelo fausto de seu cargo. Apesar de que foram parte de sua vida, pessoalmente jamais ele deixara que se tornassem um fator preponderante. Dava-lhe muito conforto esta reflexão.

Mas o que ele achou mais perturbador era a invalidade das doutrinas que ele forçosamente tinha mantido. Tantas delas estavam ruindo à sua volta. Mas, novamente, ele encontrou os amigos para guiá-lo. E o fizeram de uma maneira simples e direta, que requeria sua mente alerta, a saber: esquecer os ensinamentos religiosos da vida na terra e tornar-se familiarizado com a vida espiritual e suas leis. Descartar o velho, e aceitar o novo. Então, ele fez todos os esforços para isso, e obteve sucesso. Varreu de sua mente o que não tivesse base na verdade, e fez a agradável descoberta de que, finalmente, ele estava no completo prazer de estar em liberdade espiritual absoluta. Descobriu que era muito mais fácil obedecer às leis naturais do mundo espiritual, do que obedecer aos 'mandamentos' da igreja, e que era muito agradável se livrar das formalidades de sua posição terrena. Podia, finalmente, falar livremente com sua própria voz, e não com a voz da igreja.

Resumindo, disse nosso antigo superior, sua maior impressão sobre a chegada ao mundo espiritual foi o esplêndido senso de liberdade, primeiramente de mente, depois a corporal, e sentiu isso muito mais no mundo espiritual, por causa da falta dela na terra.

VIII. RECREAÇÕES

Usei a palavra 'recreação', uma ou duas vezes, mas não dei nenhum detalhe específico deste tema relativamente importante.

A mera sugestão de que possamos ter recreação no mundo espiritual chocará, seguramente, algumas mentalidades de forma negativa. Estas mesmas mentes logo pensarão nos muitos e variados esportes e passatempos que são praticados com utilidade e de forma aproveitável no plano da terra. Transplantar-se, como foi feito, estas coisas fundamentalmente terrenas para o mundo do puro espírito é inconcebível. Inconcebível, talvez, porque toda a idéia seja forçada, ou porque o mundo espiritual é visto como um estado mais elevado. Isto é, um estado no qual devemos deixar para trás todos nossos hábitos terrenos, e viver perpetuamente numa condição de elevado êxtase, cuidando apenas daquelas coisas vagas, não-substanciais, que nossa respectiva religião nos impingiu como sendo o galardão pelo bem.

Ao se sustentar tais suposições sobre esta vida é sugerir que, pelo fato real de nossa passagem ao mundo espiritual para viver, estaremos imediatamente na presença de Deus, ou pelo menos estaremos num reino onde Deus habita, e, portanto, qualquer coisa que sugira, nem que seja remotamente, os costumes e maneiras da vida da terra, deve ser rigidamente excluída por ser profana demais para ser admitida.

Idéias como estas, claro, não fazem sentido, já que Deus não está mais próximo de nós no mundo espiritual, do que está do mundo terreno. Somos nós que estamos mais próximos a Ele, porque, entre outras coisas, podemos ver mais claramente as Mãos Divinas no mundo, e a expressão de Sua Inteligência. Este é, contudo, um tema muito profundo, que não está ao nosso alcance adentrar agora.

Muitos de nós encontramos recreação em outra forma de trabalho. No mundo espiritual não temos fadiga, nem de corpo nem de mente, mas continuar constantemente cumprindo uma determinada ocupação, sem uma mudança intermitente, logo produziria sentimentos de insatisfação ou desassossego. Nossa capacidade de nos aplicarmos a uma tarefa determinada é imensa, mas, ao mesmo tempo, atingimos uma linha bem clara de limitação no período de nosso trabalho a respeito do todo, e não a ultrapassamos. Trocamos nossa tarefa atual por outra forma de trabalho, podemos parar de trabalhar e gastar nosso tempo descansando em casa, ou em outro lugar; podemos nos ocupar de estudos; ou nos engajar em recreações que são abundantes nestes reinos.

Quando paramos de trabalhar, ficamos no mesmo caso em que estão os que ainda estão na terra. O que fazem vocês para se distraírem? Se vocês sentem necessidade de descanso físico, podem voltar-se para uma recreação intelectual. É precisamente assim conosco, aqui. A recreação intelectual, que pode tomar variadas formas, é amplamente oferecida nas alas de estudo, já que os estudos podem ser, por si só, uma recreação.

Ruth e eu tivemos muitas horas alegres na biblioteca e no hall das artes, mas houve inúmeras ocasiões em que sentimos a necessidade de algo mais forte, fomos à praia, embarcamos num daqueles lindos veleiros e visitamos alguma daquelas ilhas. Aqui, na beira da praia, temos um dos mais encantadores de nossos esportes.

Já lhe contei sobre como as nossas embarcações, no mundo espiritual, são propelas puramente pelo processo do pensamento, e já lhe disse que requer muito pouco tempo para se ficar muito eficiente na arte de aplicar pessoalmente esta propulsão. Esta eficiência é adquirida,

mas podemos testar nossos progressos e receber ajuda valiosa nas nossas tentativas ao tomarmos parte de competições aquáticas.

Vamos deixar uma clara distinção entre as competições sobre a terra e as do mundo espiritual. Aqui estamos seguros, porque conhecemos, de que toda a rivalidade é puramente amigável. Jamais há ganhos, além da experiência e o de maior habilidade, e não há prêmios pelos quais brigar ou vencer. No final de cada corrida, estamos certos da grande ajuda em nos fazer mais hábeis na capacidade de conduzir e acelerar nossos barcos.

Uma diversão em particular que tem uma considerável procura é a representação dramática, de diversas modalidades.

Temos lindos teatros, situados em ambientes maravilhosos, prédios dignos para propósitos dignos. Os arquitetos que os desenharam usaram o mesmo cuidado meticuloso que é demonstrado em tudo, e os resultados, como sempre, revelam o grau de ativa cooperação que existe entre os mestres dos ofícios. Os adornos interiores são o produto dos hábeis artistas do Hall das Tecelagens; os jardins exteriores têm os mesmos cuidados devotados. O resultado está longe de um teatro terreno, como se pode imaginar.

Antes que eu conte mais sobre este tema, gostaria de observar que sei que há gente na terra que desaprova totalmente os teatros e tudo o que esteja conectado a eles. Em muitas circunstâncias, tal aversão é fruto de educação religiosa. Não posso alterar a verdade, como a encontrei no mundo espiritual, para estar de acordo com certos pontos de vista religiosos mantidos por pessoas ainda encarnadas. Falo do que testemunhei em companhia de milhares de outros, e o fato de haver forte desaprovação pela população terrena, por aquilo que descrevi como sendo o existente no mundo espiritual, de forma alguma prova que tais coisas não existam e que, portanto, minhas declarações sejam falsas. Minha posição para a observação é incomparavelmente superior à deles, porque deixei o mundo e me tornei um habitante do mundo espiritual. Se nossas descrições do mundo que agora habitamos tivessem que ser alteradas para se adaptarem aos gostos individuais e a cada preconceito sobre o que deve ser o mundo espiritual, deveríamos, então, parar imediatamente de dar qualquer descrição, já que, sendo falsas, de nada valeriam. Para que não transcreva nenhuma impressão falsa ao dizer isso, deixe-me acrescentar que qualquer um que expresse desaprovação por todas, ou alguma, forma de recreação que encontra aqui, jamais será conduzido a participar de nada. Juntamente com outros de mesmos pontos de vista, formará uma comunidade à parte, para manter-se fora do contato com todas as coisas supostamente terrenas, podendo viver num lugar da forma que ele supõe seja o paraíso. Encontrei tais pessoas, e, via de regra, não leva muito tempo para que abandonem seu paraíso-feito-em-casa, e caminhem para um paraíso mais amplo, mais sutil, que é o trabalho da Mente Maior.

Cada teatro deste reino nos é familiar pelo tipo de peça que apresenta. As peças, freqüentemente, são bem diferentes das que vemos na terra. Não temos nada que seja sórdido, nem os autores das peças insistiriam em magoar sua audiência. Podemos ver trabalhos onde os problemas sociais da terra são tratados, mas, diferentemente de lá, são dadas as soluções aos problemas em particular – soluções que a terra é cega demais para adotar.

Podemos assistir a comédias onde, asseguro-lhe, as risadas são muito mais sinceras e volumosas que as que ouvimos nos teatros da terra. No mundo espiritual podemos rir de muitas coisas que, quando encarnados, encarávamos com seriedade demais!

Assistimos a grandiosas peças teatrais que mostraram os maiores momentos de uma nação, e não foram escritas baseadas nos fantásticos livros de história! Certamente, é muito impressionante e, ao mesmo tempo, uma experiência interessante estar presente a uma destas

peças onde são os participantes originais que atuam novamente nos eventos dos quais participaram, em primeiro lugar pela forma com que popularmente se pensa que ocorreram, e depois da forma que realmente aconteceram. Estas representações estão entre as mais esperadas por aqui, e não há gente mais atenta e extasiada na audiência que aqueles atores que, durante a sua vida na carne, desempenharam tais papéis nos palcos, papéis das famosas personalidades que agora estão assistindo atuarem 'ao vivo'.

Em peças como estas, as atitudes mais grosseiras, depravadas ou humilhantes são totalmente omitidas, pois seriam desagradáveis à audiência e, de fato, para todo o reino. Também não nos mostram cenas que sejam, dentro dos eventos principais, apenas batalhas, violência e derramamento de sangue.

No começo, experimenta-se um estranho sentimento ao se observar, pessoalmente, pessoas de nomes famosos no mundo, mas, depois de um tempo, a gente se acostuma perfeitamente a isso, e torna-se parte normal de nossas existências.

A diferença mais notável entre os dois mundos em matéria de recreação, é criada por nossas exigências. Aqui, nós não necessitamos de fazer exercícios corporais, vigorosos ou não, nem precisamos sair para 'tomar ar fresco'. Nossos corpos espirituais estão sempre em ótimas condições, não sofremos desarranjos de nenhuma forma, e o ar, que não podia deixar de ser fresco, penetra em cada canto de nossas casas e prédios, onde mantém a sua pureza. Seria impossível que ele se tornasse viciado ou contaminado, de forma alguma. Espera-se, então, que nossas recreações sejam mais baseadas no plano mental que no 'físico'.

Como a maioria dos jogos externos do mundo envolve o uso de bola, seria de se esperar que aqui, onde a lei da gravidade opera sob condições diferentes das suas, nada deste tipo onde se lança bolas através de impulso tenha os mesmos resultados. Agora estou falando de jogos de tipo competitivo.

No plano terrestre, a habilidade nos jogos é adquirida pelo domínio da mente sobre os músculos do corpo, quando a mente tenha condições saudáveis. Mas aqui estamos sempre em condições saudáveis, e nossos músculos estão sempre sob absoluto e completo controle mental. Adquirimos eficiência rapidamente, seja tocando algum instrumento musical, seja buscando aptidão de qualquer forma que requeira o uso dos membros. Logo se vê, portanto, que aqui os jogos mais usuais perderiam seu posto.

Deve-se lembrar que, por aqui, estar em recintos fechados e ao ar livre são precisamente a mesma coisa. Não temos as mudanças de clima que acontecem no decorrer das estações. O grande sol central está sempre brilhando; nunca muda, o tempo está sempre deliciosamente agradável. Nunca sentimos necessidade de uma caminhada vigorosa para nosso sangue circular melhor. Nossas casas e nossos lares não são necessidades, mas acréscimos para a nossa vida já agradável. Por aqui você encontrará pessoas que não têm uma casa; elas não querem ter uma, pois o sol sempre brilha e a temperatura é perpetuamente agradável. Nunca estão doentes, ou com fome, ou precisando de alguma coisa, e o reino por inteiro é deles, para se passear nele.

Deve-se relembrar que os pontos de vista mudam bastante quando chegamos aqui para morar. Aquilo que julgávamos muito importante quando estávamos encarnados, vemos que não é tão importante quando chegamos no mundo espiritual. E muitos dos antigos esportes terrenos parecem bastante superados e triviais diante de nossos poderes avivados no mundo espiritual. O fato de podermos nos mover instantaneamente através do espaço é suficiente para fazer a maior habilidade atlética da terra reduzida à insignificância, e nossos esportes e jogos mundanos estão no mesmo caso. Nossas recreações são mais mentais, e nunca sentimos que devemos despender uma energia física em alguma ação ativa, já que nossa

energia sempre está num nível constante, de acordo com nossos requisitos individuais. Vemos que temos tanto para aprender, e aprender é, por si só, tão agradável, que não precisamos de um certo número de recreações, ou de variações delas, como vocês. Temos tanta música para ouvir, tantos prodígios nestes planos sobre os quais queremos conhecer tudo, há tanto trabalho apropriado para ser feito, que não há razão para deixar tudo de lado por existirem alguns dos esportes terrenos ou passatempos no mundo espiritual. Há uma superabundante oferta das mais variadas coisas para serem vistas e feitas aqui que, comparando-se com elas, grande parte das recreações terrenas parecem triviais por completo.

IX. PERSONALIDADES ESPIRITUAIS

O que se sente quando se é um espírito?

É uma questão que surge nas mentes de muitas pessoas. Se, por outro lado, nos perguntassem: o que se sente quando se é um encarnado? Você se sentiria inclinado a responder que a pergunta é bem tola, porque eu já estive encarnado, e, portanto, deveria saber. Mas, antes de deixarmos a pergunta de lado por ser tola, deixe-me ver o que poderia dar-lhe como resposta.

Antes de mais nada, consideremos o corpo físico. Sofre de fadiga e, por causa disto, sua vitalidade necessita de descanso. Sente fome e sede, e deve receber comida e bebida. Pode sofrer dores e tormentos por uma variada gama de doenças e males. Pode perder seus membros por causa de acidentes, ou por outras causas. Os sentidos podem se tornar prejudicados com o passar da idade; ou um acidente pode fazer perder a faculdade da visão ou audição; ou o corpo físico pode chegar ao mundo sem estes dois sentidos e, mais ainda, pode não ter o poder da fala. O cérebro físico pode ficar tão afetado que ficamos incapazes de qualquer ação sã, e temos, em conseqüência, de ser cuidados pelos outros.

Que quadro tenebroso, diria você! É assim, e qualquer um pode ser vítima de pelo menos alguma dessas perdas que enumerei; exclua, infalivelmente e para sempre, a causa delas, e você terá em sua mente uma idéia do que sente um espírito.

Quando eu estava no plano da terra, sofri de algumas doenças que são comuns à maioria de nós, doenças que não são necessariamente sérias, e que tomamos como pertinentes ao percurso; dores menores e aflições que os encarnados agüentam vez ou outra. Somando-se a estas doenças menores, estive, claro, consciente de meu corpo físico pelos sintomas de fome, sede e cansaço. A doença final – a mais séria – foi demais para o corpo físico, e minha transição aconteceu. Imediatamente eu soube o que é ser um espírito.

Quando me levantei para conversar com o Edwin, eu me senti, fisicamente, como se fosse um gigante, apesar do fato de ter acabado de sair do leito de doença. Conforme o tempo passou, senti-me cada vez melhor. Não sentia nada que lembrasse dor, e sentia-me leve. De fato, eu não sentia como se estivesse encaixado num corpo! Minha mente estava completamente alerta, e só sentia o corpo porque podia mover os membros para onde quisesse, aparentemente sem a ação de músculos que há tão pouco era tão familiar. É extremamente difícil transcrever a você este sentimento de saúde perfeita, porque uma coisa como essa é completamente impossível na terra e, portanto, não tenho nada para usar em comparação, ou para formar uma analogia a você. Este estado pertence somente aos espíritos, e desafia completamente qualquer descrição em termos terrenos. Deve ser vivenciado, e isso você não poderá fazer, até que seja, você mesmo, um dos nossos.

Eu já disse que minha mente estava alerta. Isto é uma indicação incompleta. Descobri que minha mente era um verdadeiro armazém de fatos concernentes à minha vida da terra. Cada ato que pratiquei e cada palavra que proferi, cada impressão que recebi; cada fato sobre o qual já tinha lido e cada incidente que testemunhei, tudo isso encontrei, indelevelmente registrado, em meu subconsciente. E isso é comum a cada espírito que tenha tido uma vida encarnada.

Não se deve supor que somos continuamente assaltados por uma fantasmagoria selvagem de pensamentos misturados e impressões. Isto seria um verdadeiro pesadelo. Não. Nossas mentes são como uma biografia completa de nossa vida terrena, onde estão cada um

dos pequenos detalhes concernentes a nós mesmos, arrançados de forma ordeira, sem nada ser omitido. O livro está fechado, normalmente, mas está sempre lá, à mão, para que folheemos e recordemos os eventos que queiramos. Estou falando de forma pessoal, e de como acontece com as pessoas com as quais vivo neste reino.

A descrição que lhe dei da memória particular das almas nos reinos mais baixos, forçosamente traz outras leis, como tentei lhe mostrar. Não estou preparado para lhe contar como acontece; posso apenas lhe dizer o que acontece.

A memória enciclopédica, da qual estamos dotados, não é tão difícil de entender, quando você parar para considerar sua própria média de memória terrena. Você não é continuamente perturbado pelos incidentes de sua vida, mas eles simplesmente estão ali, para serem lembrados, quando e onde desejar, e podem surgir nas ocasiões de momento. Um incidente chamará uma seqüência de pensamentos com os quais a memória compartilha. Algumas vezes, você não consegue lembrar o que está em sua memória, mas no mundo espiritual você pode se lembrar imediatamente, sem esforços, e sem falhas. A mente subconsciente nunca esquece, e conseqüentemente nossos próprios feitos passados vêm como uma repreensão, ou ao contrário, de acordo com nossas vidas terrenas. Os registros nas chapas da mente verdadeira não podem ser apagados. Estão ali por todo o tempo, mas não nos assustam necessariamente, porque naquelas chapas também estão marcadas as boas ações, as ações bondosas, os pensamentos bondosos, e tudo aquilo pelo qual nos orgulharíamos de forma justa. E se estiverem escritas com letras maiores e mais enfeitadas do que as coisas das quais nós temos remorso, então podemos ficar mais felizes.

Claro, quando estamos no mundo espiritual nossas memórias são persistentemente retentivas. Quando freqüentamos um curso de qualquer tema, vemos que aprendemos fácil e rapidamente, porque estamos livres das limitações que o corpo físico impõe sobre a mente. Se estamos adquirindo conhecimento, reteremos aquele conhecimento sem falhas. Se estivermos nos aperfeiçoando em algo que requer destreza das mãos, veremos que nossos corpos espirituais respondem aos impulsos de nossas mentes imediatamente e com exatidão. Para se aprender a pintar um quadro, ou a tocar um instrumento, apenas para se mencionar duas atividades comuns no mundo, são tarefas que podem ser levadas a termo em uma fração do tempo que levariam quando estávamos encarnados. Para se aprender a projetar um jardim espiritual, por exemplo, ou para se construir uma casa, veremos que os conhecimentos pré-requisitados são adquiridos com a mesma facilidade e rapidez – tanto quanto nos permita nossa inteligência, já que nem todos somos dotados de intelectos acurados no momento em que nos desfazemos de nossos corpos físicos. Se fosse o caso, estes reinos seriam habitados por super-homens e supermulheres, e estamos bem longe disso! Mas nossa inteligência pode ser aumentada; é parte de nosso progresso, já que o progresso não é apenas espiritual. Nossas mentes têm recursos ilimitados para o desenvolvimento e expansão intelectual, não importando o quanto atrasados fôssemos quando chegamos no mundo espiritual. E nossa progressão intelectual avançará certa e firmemente, de acordo com nossos desejos de fazê-lo, com os mestres sábios e capazes, de todos os ramos de conhecimento e aprendizado. E ao longo de nossos estudos, seremos assistidos por nossa memória retentiva e infalível. Não haverá esquecimentos.

Vamos ao corpo espiritual em si. O corpo espiritual é, falando amplamente, a contrapartida de nossos corpos terrenos. Quando chegamos ao mundo espiritual, somos, reconhecidamente, nós mesmos. Mas deixamos para trás de nós as nossas inaptidões físicas. Temos nossos membros, nossa visão e nossa audição plenos; de fato, todos os nossos sentidos estão funcionando plenamente. Realmente, os cinco sentidos, como os conhecemos

na terra, tornam-se vários graus mais acurados quando desencarnamos. Qualquer condição supernormal ou subnormal do corpo físico, como corpulência ou magreza, se esvai quando chegamos nestes reinos, e aparecemos como deveríamos ser, se a terra não tivesse uma variedade de razões que nos fizeram ser de outra forma.

Há uma fase em nossas vidas na terra que chamamos a flor da idade. É para esta forma que todos mudamos. Os que são velhos ou mais velhos que isso quando passam para o mundo espiritual, voltarão ao período da flor da idade. Outros, que são jovens, avançarão em direção a esta fase. E todos nós preservamos nossas características naturais – elas não nos deixam. Mas vemos que muitas características físicas menores bem que poderíamos dispensar, deixamos com nossos corpos físicos certas irregularidades do corpo com as quais talvez nascemos, ou que aconteceram a nós durante o curso do tempo. Quantos de nós, penso eu, estando encarnados, não pensam em alguma melhora que gostariam de fazer em nossos corpos físicos, se fosse possível? Não muitos!

Eu já lhe contei sobre como as árvores crescem neste reino, em estado de perfeição – eretas, limpas e bem formadas, porque não há rajadas de vento para incliná-las e torcer seus galhos novos até a malformação. O corpo espiritual é sujeito às mesmas leis, aqui no plano espiritual. As tempestades da vida podem torcer o corpo físico, e se esta vida for espiritualmente horrível, o corpo espiritual será similarmente torcido. Mas se a vida terrena for espiritualizada, o corpo espiritual será correspondente. Há muitas almas lindas habitando corpos terrenos deformados. Há muitas almas malignas habitando corpos terrenos bem formados. O mundo espiritual revela a verdade para que todos vejam.

Como o espírito aparece anatomicamente, perguntaria você? Anatomicamente, exatamente como o seu corpo. Temos músculos, temos ossos, temos tendões, mas eles não são da terra; são puramente do espírito. Não sofremos de dores – isso seria impossível no mundo espiritual. Portanto, nossos corpos não requerem constantes cuidados para se manter em estado de saúde perfeita. Aqui, nossa saúde é sempre perfeita, porque temos um grau de vibração em que a doença, e os germes que a causam, não podem entrar. Má nutrição, no sentido em que a conhecem, não pode existir aqui, mas a má nutrição espiritual – isto é, de alma – mais certamente existe. Uma visita aos reinos trevosos e suas vizinhanças logo revelam isso!

Parece estranho que um corpo espiritual possa ter unhas ou cabelos? Como queriam que fôssemos? Não diferentes de vocês neste aspecto, não é? Não seríamos um espetáculo revoltante sem nossos traços anatômicos e característicos? Parece uma frase elementar, mas algumas vezes é necessária e eficiente para enunciar o elementar.

De que é coberto o corpo espiritual? Muitas pessoas – penso que seria verdadeiro dizer a grande maioria – acordam nestes reinos vestidos com a contrapartida das roupas que usavam quando na carne na hora da transição. É razoável que assim seja, porque tal traje é usual, especialmente quando a pessoa não tem maiores conhecimentos das condições espirituais. Poderão ficar assim vestidas por tanto tempo quanto queiram. Seus amigos terão contado de seu verdadeiro estado, e podem mudar para as roupas espirituais se assim desejarem. A maioria das pessoas fica muito feliz por poder fazer a troca, já que o velho estilo de roupas terrenas parece bastante apagado nestes reinos tão coloridos. Eu não estava aqui há muito tempo, quando descartei minha roupagem clerical em troca de meu verdadeiro traje. Preto também é uma cor muito sombria dentro desta galáxia de cores.

As roupagens espirituais são longas; isto é, alcançam os pés. São suficientemente longas para caírem em dobras suaves, e é nestas dobras que aparecem as mais lindas nuances e tonalidades de cores, pelo efeito do que na terra seria chamado ‘luz e sombra’.

Seria impossível transmitir a você algo compreensível sobre as características adicionais diferentes que compõem a vestimenta espiritual.

Muitas pessoas são vistas usando um cinto ou uma faixa em torno da cintura. Algumas vezes são do mesmo material, outras vezes parecem ser entrelaçados ou tecidos de ouro ou prata. Em todos os casos, são galardões por serviços prestados. Não há como se conceber o brilho superlativo dos cintos dourados ou prateados que são usados pelas grandes personalidades dos reinos mais elevados. Usualmente, são adornados com as mais lindas pedras preciosas dos mais variados formatos, montadas em engastes maravilhosamente trabalhados, de acordo com os ditames que regulam tais assuntos. Os seres mais evoluídos também serão vistos usando os mais magníficos diademas, tão brilhantes quanto seus cintos. As mesmas leis se aplicam aqui. Os de grau menor em evolução podem usar, talvez, tais adornos com os que descrevi, mas de formatos bem diferentes.

Há um enorme conhecimento da espiritualidade por trás de todo esse assunto de adornos espirituais, mas um fato pode ser completamente colocado: todos estes adornos devem ser conquistados. Os galardões somente são dados por merecimento.

Podemos usar o que gostarmos em nossos pés, e a maioria de nós prefere usar uma cobertura de qualquer tipo. Usualmente é uma sandália ou um sapato leve. Já vi muita gente por aqui que tem preferência por andar descalço, e assim o fazem. Tudo bem, não acarreta comentários de espécie alguma. É natural e comum entre nós.

O material de que são feitas nossas vestimentas não é transparente, como alguns talvez estariam imaginando! É suficientemente substancial. E o porquê de não ser transparente é que nossas roupas têm o mesmo grau vibracional que aquele que a usa. Quanto mais alto se progride, mais elevado este grau é, e, conseqüentemente, os moradores das altas esferas têm uma inimaginável sutileza no corpo espiritual e nas vestimentas. Esta sutileza é mais aparente a nós que a eles, isto é, externamente, pela mesma razão que uma pequenina luz parecerá bastante brilhante por estar na escuridão. Quando a luz se intensifica mil vezes – e é o caso dos mais altos planos – o contraste é imensuravelmente maior.

Raramente cobrimos a cabeça. Não me lembro de ter visto nada disso por aqui, neste reino. Não precisamos de proteção contra os elementos!

Penso que você já concluiu agora que ser um espírito pode ser uma experiência bem agradável.

E em meus passeios por este reino de luz ainda estou por achar pelo menos um que trocaria de boa vontade esta vida livre no mundo espiritual pela antiga vida no plano terrestre.

Experto crede!

X. A ESFERA DAS CRIANÇAS

Uma das inúmeras questões que coloquei a Edwin, logo depois de minha chegada no muno espiritual, concernia ao destino das crianças que, como tais, tinham passado para os planos espirituais.

Há um período nas vidas terrenas a que nos acostumamos chamar de ‘flor da idade’. Há também a flor da idade na vida espiritual, e é em torno deste período que as almas avançam ou retornam, de acordo com a idade em que sua transição aconteceu. Quanto tempo levará depende somente deles, já que tem a ver com a progressão espiritual e a evolução, portanto com os jovens este período usualmente é muito curto. Os que passam para o mundo espiritual depois deste período da flor da idade, mesmo que sejam mais velhos ou bem mais idosos, irão, com o tempo, ficar com a aparência jovem, apesar de que vão amadurecer em sabedoria e espiritualidade. Não se deve concluir daí que todos eventualmente atingimos um nível uniforme de idade. Externamente, parecemos jovens; perdemos aqueles sinais de passagem dos anos que nos causam bastante distúrbio na mente quando estamos encarnados. Mas nossas mentes tornam-se mais maduras conforme vamos crescendo em sabedoria e sapiência e maior espiritualidade, e estas qualidades mentais se manifestaram em todos com que entramos em contato.

Quando visitamos o templo na cidade e, à distância, vimos que o visitante brilhante a quem viemos honrosamente a conhecer, ele mostrava aos olhos uma aparência de perfeita – e eterna – juventude. Também o grau de sabedoria, sapiência e espiritualidade que ele emanava, e que pudemos sentir com nossas mentes, era irresistivelmente grandiosas. Acontece o mesmo, em vários graus, com todos os que nos visitam, vindos dos mais elevados planos. Se, portanto, existe este rejuvenescimento de pessoas completamente amadurecidas, o que dizer, então, de quem passa ao mundo espiritual ao nascer?

A resposta é que elas crescem como cresceriam se estivessem no plano terrestre. Mas as crianças aqui – de todas as idades – recebem um tratamento e um cuidado que nunca seria possível na terra.

A criança cuja mente ainda esteja formada não está contaminada pelos contatos terrenos e, ao passar ao mundo espiritual, sente-se num reino de grande beleza, presidido por almas de igual beleza. Este reino das crianças foi chamado de ‘creche do céu’, e certamente quem teve a sorte de ter visitado dirá que melhor nome não poderia ter. Foi, portanto, em resposta à pergunta original que Edwin propôs que Ruth e eu o acompanhássemos numa visita à creche do céu.

Dirigimo-nos à fronteira entre o reino mais elevado e o nosso, e viramos em direção à casa de Edwin. Já podíamos sentir a atmosfera mais rarefeita, apesar de não ser tão pronunciada que causasse inconveniência ou desconforto. Percebi que esta atmosfera tinha mais cores, muitas mais que nas regiões deste plano. Era como se fachos de luz estivessem se encontrando e espalhando suas irradiações sobre toda a paisagem, Esses fachos de luz estavam sempre em movimento, entrelaçando-se entre si e produzindo uma mistura de cores mais delicada e bela, como na sucessão do arco-íris. Eram extremamente repousantes, mas também continham vitalidade e, como pareceu a Ruth e a mim, iluminação e alegria. Sentimos que tristeza e infelicidade seriam totalmente impossíveis por aqui.

O campo assumiu uma cor mais brilhante em seu verde, as árvores não eram tão altas, mas eram tão simétricas quanto as demais deste reino, e cresciam perfeitamente.

Depois de termos andado uma distância pequena, a atmosfera tornou-se clara pelo facho de luz, e mais parecida com a nossa esfera. Mas havia uma diferença estranha e sutil que confundia o visitante em sua primeira visita, e vinha, como Edwin nos contou, da espiritualidade essencial das crianças que moravam ali. Alguma coisa similar a isso pode ser encontrada quando alguém é privilegiado ao passear num reino mais elevado do que aquele onde normalmente reside. É quase como se fosse um grande grau de força ascensional no ar, à parte do notável efeito de elevação de mente.

Vimos muitos edifícios diante de nós, à proporção que andamos na grama macia. Não eram muito altos, mas eram amplos em extensão, e eram situados em lugares bastante agradáveis, entre árvores e jardins. Flores, desnecessário dizer, cresciam abundantemente por toda parte, em canteiros artisticamente arranjados, também em declives gramados e embaixo das árvores. Percebi que, em alguns lugares, as flores que têm suas contrapartes no plano da terra crescem sozinhas, aquelas que são do mundo espiritual estão separadas delas. Disseram-nos que não havia razão especial para tal segregação, mas que assim foi feito para demonstrar a distinção entre as duas categorias de flores, as espirituais e as terrenas. Lindas como as flores terrenas, são as que crescem também aqui, mas não pode haver comparação com as que existem só no mundo espiritual. Aqui, novamente ficamos limitados pela experiência terrena ao tentarmos descrevê-las. Não só as cores são mais ricas, mas as conformações das flores e a folhagem apresentam tal abundância e beleza de desenho sem paralelo, que não temos exemplo terreno para usar numa comparação. Mas não suponha que estas flores magníficas venham de estufas. Longe disso. A superabundância, mais a grande força e a variedade de seus perfumes, rapidamente tiraria qualquer idéia de raridade. Não era o caso de se cultivar a beleza do desabrochar delas, perdendo-se o perfume. Todas elas possuíam a qualidade comum a tudo que cresce por aqui, que é emanar energia, não só por meio de seus aromas, mas também através do contato. Eu já tinha tentado a experiência de segurar uma flor com as mãos em concha – foi Ruth que me ensinou – e senti uma corrente de força vital fluindo pelos meus braços.

Víamos lindos lagos e lagoas pequenas, em cuja superfície estavam florescendo as mais lindas flores aquáticas, de lindas colorações. Em outra direção, podíamos ver grandes áreas de água, como uma série de lagos, com muitos barcos pequeninos flutuando serenamente.

Os prédios eram construídos de uma substância que tinha a aparência de alabastro, e tinham tonalidades de variadas cores, como estamos acostumados a ver nas sutis variações no arco-íris da terra. O estilo de arquitetura parecia, na maior parte, com os de nosso reino; alguns dos prédios traziam em sua fachada uns entalhes magníficos de objetos naturais, como árvores e flores, enquanto outros traziam relevos sobre as atitudes normais no mundo espiritual.

Mas o que mais nos surpreendeu foi ver, espalhados pelos bosques, pequenos chalés, como aqueles que acreditávamos que estariam somente nos livros de contos infantis. Havia casas diminutas com as vigas inclinadas – lindamente inclinadas – com telhados vermelhos e janelas com treliças, cada uma com um pequeno e charmoso jardim só seu.

Logo se concluiria que o mundo espiritual tomou da terra estas criações fantásticas para as crianças se deliciarem, mas não é o caso. Na verdade, toda esta concepção de casas em miniatura emanou, em primeira instância, do mundo espiritual. Quem quer que seja o artista que recebeu nossa impressão original, ela se perdeu no mundo terreno no decorrer dos anos. Esta tal artista é conhecida por nós aqui, entretanto, onde ela continua seu trabalho na esfera das crianças.

Estas pequenas casas são grandes o suficiente para permitir que um adulto tenha espaço bastante para se mover sem bater a cabeça! Para as crianças, elas parecem ter o tamanho certo, sem darem a sensação de estarem perdidas dentro delas. Aprendi que foi pela mesma razão que os grandes prédios deste reino não eram muito altos. Ao não serem feitos muito altos, nem as salas muito amplas, ficam em conformidade com as mentes das crianças, as quais ainda não estão completamente formadas, onde os espaços parecem maiores do que realmente são, e onde os edifícios espaçosos demais fariam um efeito de deixá-los diminuídos.

Um grande número de crianças mora nestas habitações, cada uma presidida por uma criança mais velha, que é perfeitamente capaz de atender qualquer situação que possa surgir com os outros 'residentes'.

Ao passearmos, vimos grupos alegres de crianças, umas jogando com seus amigos, outras sentadas na grama enquanto uma professora lia para elas. Outras ainda podiam ser observadas lendo atentamente e ouvindo com interesse marcante à professora que estava explicando sobre as flores para elas, numa aula de botânica. Mas era botânica de um tipo diferente da terrena, tanto quanto são diferentes as flores espirituais. As distinções entre as flores da terra e as flores espirituais eram amplamente demonstradas através das duas espécies plantadas em separado.

Edwin nos levou a uma das professoras, e explicou a razão de nossa visita. Fomos instantaneamente bem recebidos e a professora teve a bondade de nos responder a algumas questões. Seu entusiasmo pelo trabalho aumentava seu prazer, disse ela, em nos contar qualquer coisa que quiséssemos saber. Quanto a ela mesma, ela estava no mundo espiritual há vários anos. Ela tinha tido suas próprias crianças quando esteve na terra, e ainda se interessava muito pelo seu bem estar, e isto tinha levado à escolha do atual trabalho. Isto foi tudo o que ela nos contou a seu respeito. Não era muito informativo, e buscamos saber mais sem que ela nos dissesse. O que ela não nos contou – e foi Edwin quem nos deu detalhes mais tarde – era que ela tinha tido muito sucesso com seus filhos na terra, e agora eles se ajuntaram à sua mãe neste trabalho, que foi óbvio que ela teria quando viesse ao mundo espiritual. Desnecessário dizer, era o trabalho onde ela realmente colocaria seu coração – cuidar de crianças.

Não foi necessário que ninguém nos contasse que ela era admiravelmente moldada para este trabalho. Ela irradiava encanto e confiança, bondade e alegria, as quais passava às crianças. Ela entendia a mentalidade das crianças – era, de fato, uma criança adulta! Tinha um vasto conhecimento de coisas muito interessantes, especialmente das coisas que interessam às crianças; tinha uma fonte inexaurível de histórias interessantes para seus pequenos e, mais importante de tudo, conseguia ser – e demonstrava isso – uma delas. Não acho que tenhamos conhecido ninguém mais feliz que esta alma graciosa.

Nesta esfera, nosso amigo nos contou, podiam ser encontradas crianças de todas as idades: bebês, cuja existência na terra foi de apenas alguns minutos, ou aqueles que não tiveram uma existência, pois nasceram 'mortos', ou ainda os jovens de dezesseis ou dezessete anos na contagem da terra.

Acontece sempre que as crianças que crescem fiquem nesta mesma esfera, tornando-se elas mesmas os professores por um período, até que outro trabalho leve-os a outro lugar.

E os parentes? Eram sempre os professores dos próprios filhos? Raramente, ou nunca, como informou nosso amigo. Pela prática raramente seria possível, já que os pais estariam sempre inclinados em se prejudicarem em favor de seus filhos, e há outros entraves. Os professores são sempre almas com ampla experiência, e não há muitos pais no plano da terra que seriam capazes de cuidar de crianças espirituais imediatamente após a transição deles. Se

os professores foram pais na terra, ou não, todos eles terão um curso longo para treinamento antes que sejam julgados competentes ao posto de professor das crianças, ou para estarem conformes, e se sustentarem, com as elevadas e rígidas normas do trabalho. E, claro, devem estar ajustados, pelo seu temperamento, para manter o posto de professor.

O trabalho não é árduo, como você julgaria no plano terreno, mas demanda uma multiplicidade de atributos especiais.

O crescimento mental e físico da criança no mundo espiritual é mais rápido que na terra. Lembre-se do que lhe contei sobre a retentiva absoluta da memória aqui. Esta retenção começa tão logo a mente seja capaz de captar algo, e isso começa cedo. Esta precocidade aparente é perfeitamente natural aqui, porque a mente jovem absorve conhecimento perenemente. O temperamento é cuidadosamente guiado ao longo de linhas puramente espirituais, por isso alguém tão jovem possuir conhecimento não leva à arrogância da precocidade na terra. As crianças são treinadas estritamente em temas espirituais em primeiro lugar, e então são ensinadas sobre o mundo terreno, se já não viveram ali, ou se suas vidas na terra foram muito breves.

O governante do reino atua, no geral, *in loco parentis*, e todas as crianças, de fato, vêem-no como pai.

Os estudos das crianças têm uma gama bastante ampla. São ensinadas a ler, mas muitas outras matérias do currículo terreno são totalmente omitidas como sendo supérfluas no mundo espiritual. Seria mais exato dizer que é dado às crianças algum conhecimento de um tema em particular, do que mesmo ensinado a elas.

Quando elas crescem, são capazes de escolher por si mesmas o tipo de trabalho que lhes convém, e assim, pela especialização em seus estudos, as crianças serão equipadas com as qualificações necessárias. Algumas delas, por exemplo, escolhem voltar ao plano da terra temporariamente, para trabalhar conosco no exercício da comunicação, e se tornam instrumentos muito eficientes, gostando muito de suas visitas. Tais visitas têm a vantagem de acrescentar muito à sua experiência. Aumenta sua profundidade no entendimento dos julgamentos e tribulações – e os prazeres – de ser encarnado.

Há sempre uma pergunta que surge nas mentes das pessoas da terra, a respeito das crianças que já vieram para cá: Poderemos reconhecer nossas crianças quando nós mesmos chegarmos no mundo espiritual? A resposta é, enfaticamente, sim, sem sombra de dúvida. Mas como, se elas cresceram no mundo espiritual, e fora de nossas vistas, como poderá ser? Para responder isso, é necessário saber um pouquinho mais sobre si mesmo.

Você deve saber que quando o corpo físico dorme, o corpo espiritual sai temporariamente, ficando ainda conectado a ele por um cordão magnético. Este cordão é verdadeiramente vital, entre o corpo espiritual e o corpo terreno. O espírito, desta forma, ficará na proximidade do corpo terreno, ou gravitará para a esfera que sua vida terrena permitir que entre nela. O corpo espiritual gastará parte da vida do corpo terreno nos planos espirituais. E é nestas visitas que encontramos os parentes e amigos que vieram para cá antes, e, similarmente, nestas visitas os pais podem encontrar seus filhos e ver seu crescimento. Na maioria dos casos, não se permite os pais nos planos dos filhos, mas há muitos lugares onde tais encontros podem acontecer. Lembrando do que eu disse a respeito da retenção do subconsciente, você verá que, em tais casos, o problema de não reconhecer os filhos não acontece, porque os pais viram seus filhos e observaram seu crescimento por todos os anos, da mesma forma que teriam feito se a criança ficasse na terra.

Deve haver, claro, um vínculo suficiente para a união entre os pais e a criança, ou, de outra forma, esta lei não entraria em operação. Onde isso não existe, a conclusão é óbvia. Esta

união de afeição ou interesse carinhoso também existe em todas as relações humanas no mundo espiritual, quer entre marido e mulher, quer entre pais e filho, ou ainda entre amigos. Sem tal interesse ou afeição, tudo é problemático quando há algum encontro, exceto fortuitamente.

O reino das crianças é uma municipalidade em si, inspirada pela Mente maior, pode prover o bem estar, conforto e educação, e o prazer e a alegria de seus jovens habitantes. Os prédios educacionais são tão bem equipados quanto os maiores estabelecimentos em nossa própria esfera. De fato, em muitos aspectos são até melhores, pois têm todo o equipamento para a difusão do conhecimento e o aprendizado aos que não o têm nem no mínimo grau, e que devem iniciar bem do comecinho, como teriam feito se estivessem na carne. Isto é concernente às crianças que passaram ao mundo espiritual em sua primeira infância. Crianças que deixam o mundo em seus primeiros anos continuarão seus estudos de onde os deixaram, eliminando do anterior tudo aquilo que não terá uso posterior, e acrescentando tudo o que é espiritualmente essencial. Tão logo atinjam a idade adequada, as crianças podem escolher seu futuro trabalho, e estudar de acordo com ele. Quais podem ser esses trabalhos, disso falarei mais tarde.

Toda a questão da sobrevivência dos infantes me confundia consideravelmente quando eu estava encarnado. Ruth disse que não tinha idéia alguma sobre esse tema, além de supor que as crianças deviam sobreviver, porque sentiu intuitivamente que acontecia assim com os adultos. A sobrevivência de um fazia supor a sobrevivência do outro, num mundo onde tudo é ordem e lei – que é o que ela presumia que o mundo espiritual fosse.

Edwin ficou perplexo como eu. Você pode imaginar nossa surpresa, então, quando nos apresentaram o reino das crianças, para vermos a provisão mais do que adequada para o povo jovem que passou para os planos espirituais em tenra idade. É uma instituição que provê a maior e mais ampla distribuição – a do Pai, Ele mesmo – não envolvendo credos ou crenças, nem doutrinas nem dogmas, nem rituais ou formulismos. Não envolve nada, de fato, a não ser o ato pleno de superar a ‘morte’ do corpo físico, e o governo das mesmas leis que nos governam a todos, infantes ou adultos – apenas o sair do corpo físico, e entrar, para todo o sempre, no mundo do espírito.

E as crianças, como se espera, têm as mesmas oportunidades, os mesmos direitos à sua herança espiritual, tanto quanto nós temos aqui, jovens ou velhos.

E todos temos a grande meta – a felicidade perfeita e perpétua.

XI. OCUPAÇÕES

O mundo espiritual não é apenas um mundo de oportunidades iguais para todas as almas, mas as oportunidades vêm numa escala tão vasta que nenhuma pessoa encarnada pode fazer a menor concepção desta magnitude. 'Oportunidades para o quê?', vão perguntar. Oportunidades para um trabalho bem, útil, interessante.

Espero que agora eu já tenha transmitido que o mundo espiritual não é um plano de inatividade, nem um plano onde seus habitantes gastam suas vidas numa atmosfera de exercícios religiosos, formalmente devotando 'preces e exaltações' ao Grande Trono numa corrente incessante. Há uma corrente incessante, certamente, mas vem de maneira bem diferente. Ela flui de todos os nossos corações, por sermos felizes por estar aqui, e agradecidos por tudo.

Quero tentar passar a você uma leve idéia da imensa gama de ocupações nas quais alguém pode se engajar nestes reinos.

Seus pensamentos logo vão se voltar para as muitas e variadas ocupações do mundo terreno, cobrindo cada nuance das atividades da terra. Mas além das ocupações da terra está a constante necessidade de se ganhar a vida, de prover o corpo físico com comida e bebida, roupa e habitação de alguma espécie. Agora você já sabe que estas últimas quatro considerações não têm existência entre nós. Comida e bebida nunca precisamos; as roupas e a habitação nós providenciamos em nossas vidas na terra. Como nossas vidas foram na terra, assim nossas roupas e nosso domicílio serão, quando chegarmos aos planos espirituais. Não temos, como você vê, necessidade física de trabalho, mas realmente temos uma necessidade mental de trabalhar, e é por causa desta última que trabalhar é um prazer entre nós.

Imagine-se num mundo onde ninguém trabalha para viver, mas todos trabalham pela alegria de fazer algo que servirá a outros. Apenas imagine isso, e começará a entender alguma coisa da vida nos mundos espirituais.

A grande maioria das ocupações terrenas não tem nenhuma aplicação no mundo espiritual. Mesmo sendo úteis e necessárias, pertencem essencialmente ao período terreno da vida. O que, então fazer das pessoas que ocupavam aquelas posições que acabei de mencionar? Eles descobrirão, imediatamente após estarem completamente cômicos de seu novo estado, que deixaram suas vocações terrenas para trás, para sempre. Verão que o mundo espiritual não oferece o mesmo, ou similar, trabalho para eles. Mas isso não causa tristeza ou infelicidade, porque a necessidade da subsistência física não existe mais e, no lugar disto, tais pessoas sentem-se gloriosamente livres para se engajarem em algum trabalho novo. Não precisam pensar sobre o que seria a sua aptidão, logo acharão algo que atraia sua atenção e capte seu interesse. Não leva muito tempo para que se agrupem a seus companheiros de aprendizado em alguma ocupação nova e tenham completo prazer.

Até aqui mencionei o trabalho de forma abstrata. Deixe-me ser mais específico e considerar algumas das atividades do mundo espiritual. Primeiro, tomemos o que chamaríamos de lado puramente 'físico' da vida espiritual, e para tal propósito devemos fazer nova visita à cidade.

A caminho de lá, andamos por magníficos jardins que, em algum tempo, foram todos projetados e criados. Aqui está, poderíamos dizer, o primeiro meio de emprego que encontramos. Muita gente na terra ama jardins e paisagismo. Alguns se engajaram nesta atividade ao serem chamados, e gostaram muito de tê-lo feito. O que pode haver de melhor, do

que continuar no próprio trabalho aqui no mundo espiritual, sem restrições das exigências físicas, livres e desembaraçados, e com os recursos inexauríveis do mundo espiritual a seu comando? Sua ocupação é deles mesmos. Eles podem – e o fazem – parar quando quiserem, e podem voltar sempre que desejarem. E não há ninguém que exerça imposições sobre ninguém. E qual é o resultado? Alegria para todos, pois criando um lindo trabalho de arte em horticultura, eles acrescentam mais beleza a um reino já belo e, ao fazerem isso, trazem alegria a muitos outros. Desta forma seu trabalho tem continuidade, mudando, re-arranjando, planejando, embelezando, construindo novos, e sempre adquirindo habilidade e mais habilidade ainda. Desta forma continuam, até que chegue a hora em que desejam mudar de trabalho, ou sua progressão espiritual leva-os a novos campos para manifestar empenho em outros reinos.

Agora vamo-nos ao hall da música, e vamos ver que trabalho podemos encontrar ali. Alguém, claro, teve que projetá-lo, e outros, construí-lo. Eu já lhes contei sobre a construção do anexo à biblioteca. Em todas as operações principais de construção, o método empregado é sempre o mesmo, mas os métodos do mundo espiritual têm que ser aprendidos; e o trabalho dos arquitetos e dos construtores, com seus vários assistentes especialistas, está entre alguns dos mais importantes no mundo espiritual. Como todos os tipos de ocupação são abertos a qualquer um que tenha gosto por eles, ser um arquiteto ou construtor, da mesma forma, está disponível para todos os que expressem sua preferência em continuar a sua ocupação terrena, ou para quem deseje voltar-se para coisas novas. O desejo de fazer é realmente tudo o que se requisita, apesar de que, naturalmente, a aptidão é de grande valia. Mas é surpreendente a rapidez com que se obtém habilidade pelo estímulo da vontade. O ‘querer fazer’ traduz-se para ‘ser hábil’ em curto espaço de tempo. Interesse aguçado e o gosto pelo trabalho é tudo o que se pede.

Dentro do hall da música, encontramos bibliotecas de músicas, onde estudantes ficam ocupados com seus estudos e os alunos com seus professores músicos. A maioria das pessoas que encontramos desta forma está aprendendo a ser músico; isto é, estão aprendendo a tocar um ou mais instrumentos. E alguém tem que provê-los dos tais instrumentos necessários. O hall da música faz isso, mas alguém teve que criá-los para o hall da música. E assim, os fabricantes de instrumentos do plano terrestre acham-se à vontade em sua atividade, se quiserem continuá-la no mundo espiritual.

Agora, pode-se achar que a vida de uma pessoa na terra em uma forma particular de trabalho seja suficiente para a média das pessoas, e, quando elas vêm para o mundo espiritual, a última coisa que querem fazer é retomar a sua última ocupação com sua interminável rotina maçante. Mas mantenha em mente tudo o que lhe contei a respeito de liberdade nestes reinos, e o fato de que ninguém é compelido, nem por força das circunstâncias, ou pela mera necessidade de subsistência, a fazer qualquer trabalho no mundo espiritual. Lembre-se de que todo trabalho é assumido de boa vontade, livremente, pelo amor de fazê-lo, pelo orgulho de criar algo, pela vontade de ser servil aos seus companheiros e ao reino em geral, e você verá que o fabricante de instrumentos – para colocar uma ocupação entre milhares – é tão feliz quanto todos nós nestes reinos. Desta forma, ele continua a construir seus instrumentos, traz alegria a si mesmo e a muitas pessoas que, prazerosa e proveitosamente, trarão alegria a mais outras ainda, através do fruto de suas mentes.

Casualmente, devo mencionar que não é imperativo que alguém adquira um instrumento musical apenas através do hall da música. Qualquer um que seja hábil em fabricá-lo pode desejar oferecer a outra pessoa, com tudo o que necessite musicalmente. Em muitas casas por aqui, há – e não apenas como enfeite! – um lindo piano, feito por mãos inteligentes que

aprenderam os métodos espirituais de criação. Estas coisas não podem ser compradas. São galardões espirituais. Não valeria de nada tentar possuir o que não temos o direito. Devemos simplesmente ficar sem eles, sem meios de se alcançar. Ninguém pode criar para nós, seja lá o que for. Se isso é tentado, vai se perceber que os poderes não terão função para aquilo. Se você me perguntar quem ou o quê governa estas coisas, poderia apenas lhe dizer que não sei, além de saber do fato de que se opera uma lei espiritual.

Antes que saíamos do hall da música, vamos dar uma olhada na biblioteca. Aqui há partituras aos milhares, junto com as várias partes que os instrumentalistas tocam. A maioria das grandes orquestras daqui obtém suas músicas no hall da música. É aberto para quem queira pegar emprestado algo que queiram, mas alguém tem que duplicar. E esta é uma outra ocupação importante e produtiva. Os bibliotecários, que tomam conta de todas estas músicas e que atendem aos desejos das pessoas em suas necessidades, preenchem outro cargo útil. E assim os detalhes poderiam ser multiplicados, cobrindo toda gama de empenhos musicais, desde aquele apenas ama e aprecia a música, até os que são instrumentalistas e maestros na arte musical.

No hall dos tecidos encontramos a mesma atividade, a mesma alegria entre os que ali trabalham. A qualquer momento, tenho a liberdade, se eu quiser, para ajuntar-me aos estudantes que estão aprendendo a fazer a trama das mais lindas tapeçarias. Acontece, entretanto, que meu interesse está em outra parte, e minhas visitas ao hall são apenas para recreação. Ruth despende seu tempo regularmente aqui, estudando, e tornou-se especialista em tecelagem de tapetes. É parte de sua ocupação na vida espiritual, e é parte de sua recreação também. Ela já fez lindas peças de tapeçaria, das quais Edwin e eu temos duas delas penduradas em nossas paredes.

Nós podemos obter qualquer material de que necessitemos em todos os halls, ou, no caso da música, podemos pedir a algum artesão para fazer o que precisamos. Jamais teremos uma recusa, nem teremos que esperar um tempo interminável para recebermos o que queremos. Existem muitos artesãos para suprirem a necessidade de todos nós.

No mesmo hall, há estudantes aprendendo a arte do desenho e são instruídos por mestres na arte. Os experimentos sempre acontecem na produção de novos tipos de roupagens e novos desenhos. Estes materiais variados nada têm a ver com nossas roupagens espirituais. É um assunto pessoal. Os produtos do hall de tecidos são usados para propósitos gerais como, por exemplo, na decoração de nossas casas e dos edifícios e prédios maiores. No caso das representações teatrais históricas, as quais já mencionei a você, seus organizadores recebem uma grande contribuição do hall de tecidos para todas as roupagens autênticas.

Bem, eu lhe dei dois ou três exemplos do que uma pessoa pode fazer por aqui. Há milhares mais, cobrindo o grande campo de atividades tão grande quanto pode ser visto na terra. Pense nos médicos que vêm ao plano espiritual e ainda mantêm seu trabalho aqui. Não que necessitemos de doutores, mas eles podem trabalhar aqui com seus colegas na investigação das causas das diversas doenças e males da terra, e podem ajudar na sua cura. Muitos médicos espirituais guiaram a mão de um cirurgião terreno enquanto realizava uma operação. O doutor da terra estava, provavelmente, alheio ao fato, e ridicularizaria qualquer sugestão de que estivesse recebendo assistência de uma fonte invisível. O doutor espiritual fica feliz em servir, sem se importar a quem serve. É a tarefa cumprida que lhe importa, e não quem levará o crédito. O doutor encarnado, em tais casos, faz algumas descobertas pessoais bastante ilustrativas quando, finalmente, chega ao mundo espiritual.

O cientista, também, continua suas pesquisas quando chega aqui. Em qualquer ramo da ciência em que esteja empenhado, encontrará bastante, mais do que bastante, campo onde focar sua atenção ainda por muito tempo. E é assim com os engenheiros, e muitos e muitos outros. De fato, seria impossível, - ou não é impossível, mas um pouco tedioso -, talvez, percorrer toda a longa lista de ocupações tão bem conhecidas do plano da terra, das quais temos a contrapartida no mundo espiritual. Mas, por agora, você deve ter uma idéia do que o mundo espiritual tem para oferecer. Tudo o que temos nas nossas casas e nos nossos halls, em nossos lares e em nossos jardins, tem que ser feito, ser decorado, ou criado, e requer alguém para fazer isso. A necessidade é constante, o abastecimento é constante, e sempre será assim.

Há outro departamento, da indústria, entretanto, que é vitalmente necessário, e é peculiar ao mundo espiritual.

A porcentagem é baixa, deploravelmente baixa, de pessoas que chegam ao mundo espiritual com algum conhecimento de tudo sobre a nova vida e do mundo espiritual em geral. Todas as incontáveis almas sem este conhecimento devem ser cuidadas e ajudadas em suas dificuldades e perplexidades. Este é o principal trabalho do qual Edwin, Ruth e eu participamos. É um tipo de trabalho que atrai muitos ministros das igrejas de todas as denominações. Sua experiência na terra deixa-os em boa colocação, e todos eles – talvez eu devesse dizer todos nós! – sabem que agora são membros de um ministério, com um propósito, servindo a uma causa, e todos nós temos o mesmo conhecimento da verdade sobre o mundo espiritual, sem credos, sem doutrinas ou dogmas, um corpo coeso de trabalhadores, homens e mulheres.

Nos grandes halls de repouso há enfermeiras competentes e doutores espirituais prontos para tratar daqueles cuja última doença tenha sido longa ou dolorosa, ou cuja transição ao plano espiritual tenha sido violenta ou repentina. Há muitas destas casas, especialmente para estes últimos. Estas casas são um monumento à vergonha para a terra, por serem obrigadas a existirem. As transições podem ser violentas ou repentinas – por ora isto é inevitável, mas é de se ter vergonha eterna na terra que tantas almas cheguem aqui com ignorância aflitiva do que os espera depois do desencarne. Estes halls de repouso têm se multiplicado consideravelmente desde que cheguei aqui no mundo espiritual, e, conseqüentemente, a necessidade de mais enfermeiras e doutores tem aumentado. Mas é sempre suprida.

Como este serviço pertence apenas ao mundo espiritual, temos faculdades especiais onde os que desejam assumir este tipo particular de serviço tornam-se totalmente familiarizados com ele. Aqui, eles aprendem muito sobre o que é cientificamente concernente ao corpo espiritual e à mente espiritual. Recebem conhecimentos gerais das diretrizes da vida espiritual, já que terão que lidar com pessoas que, na maioria, nem sabem de seu novo estado. Terão que saber dos fatos da intercomunicação entre nosso mundo e o seu, já que tais pessoas perguntam sobre este item tão importante no instante em que percebem o que lhes aconteceu em suas vidas. É espantoso ver quantos deles querem voltar para o plano da terra para tentar contar aos que deixaram para trás a grande descoberta que fizeram sobre o fato de estarem vivos e em outro mundo!

Em inúmeros casos, as pessoas precisam de um longo descanso depois de seu desenlace. Elas podem ficar acordadas durante todo este período de repouso, e os atendentes têm que ser um armazém de informações. A curiosidade de tais almas é usualmente bem dividida entre o mundo espiritual e a terra. Requer uma grande bagagem de conhecimento sobre o mundo espiritual, assim como muito tato e discrição da parte das enfermeiras e doutores.

Ao mencionar uma ocupação qualquer, faço-o inteiramente sem prejuízo à outra, e não porque aquelas que já descrevi prevaleçam sobre as outras. Uma ou duas delas foram escolhidas para serem descritas a você, porque têm a aparência de serem bastante ‘materiais’, e para apontar o que tentei demonstrar repetidamente antes – que estamos vivendo num mundo espiritual prático, onde ficamos ocupados com nossas tarefas individuais e práticas, e que não gastamos o tempo de nossas vidas espirituais num alto estado de religiosidade, nem estamos perpetuamente absortos em meditação pia.

Mas o que acontece com a pessoa que nunca fez nada de útil durante sua vida na terra? Tudo o que posso dizer é que tal pessoa não virá para cá, para este reino, até que tenha trabalhado por isso. A entrada é por serventia, apenas.

Para se fazer uma lista completa de todas as ocupações espirituais seria um trabalho muito volumoso, já que parecem ser intermináveis. De fato, minha mente fica quase entorpecida por pensar neste incontável número e na minha habilidade em fazer justiça em tema tão vasto. Só na esfera científica, milhares e milhares de pessoas estão engajadas e felizes, tanto sondando os segredos do plano terrestre, como investigando os do mundo espiritual.

Estando a ciência e a engenharia tão fortemente aliadas no mundo espiritual, descobertas inalcançáveis estão sempre acontecendo, e as invenções sempre sendo aperfeiçoadas. Estes inventos não são para nós, mas para vocês – quando o tempo amadurecer, não agora. O mundo terreno tem dado fracas exibições do que tem sido enviado para lá, daqui do mundo espiritual, ao derrubar os usos que lhes foram dados em seu benefício. O homem tem exercitado seu livre arbítrio, mas o tem feito numa direção que tem trazido a destruição. A mente humana está apenas na infância, e um infante torna-se perigoso quando é livre para usar o que destrói. Até aqui, muita coisa foi retida da terra, até que o homem atinja um estado mais elevado de evolução. Este dia seguramente chegará, e uma torrente de invenções virá, emanada do mundo espiritual para o de vocês.

Nesse meio tempo, o trabalho continua, na pesquisa, na investigação, em descobertas e invenções, e é trabalho que absorve grande hostes de pessoas interessadas, e as provê com empregos úteis em suas vidas espirituais. Nada perturba a rotina ordenada de nosso trabalho. Enquanto o trabalho continua, podemos nos afastar dele por um tempo, tanto para descansar como para buscar nova linha de empreendimento. Não temos disputas, nem motins domésticos, nem rivalidades que produzam insatisfações e dissabores. Não temos gente descontente. Podemos ter vontade de fazer algo maior, mas isso não é descontentamento, é a prontidão que denota os passos de nosso progresso espiritual. O mais humilde de todos nós deve sentir que qualquer que seja seu trabalho, por mais insignificante que possa parecer, comparado a outros aparentemente maiores, realiza algo vital e significativo que trará seu inevitável galardão, que ninguém nos impede de ter, ninguém nos leva embora. No mundo espiritual, trabalhar é estar profundamente feliz – pelas muitas razões que lhe descrevi.

Não há ninguém aqui que não endossaria minhas palavras de todo o coração e sem reservas!

XII. PESSOAS FAMOSAS

Sair da terra e residir permanentemente no mundo espiritual é a revolução pessoal que podem imaginar. É verdade que, para muitos, todos os laços são cortados, mas quando passamos ao mundo espiritual encontramos novamente os parentes e amigos que vieram antes de nós. A este respeito, começamos um novo período de nossas vidas, totalmente diferente, uma nova vida que começa quando entramos no mundo do espírito.

Os encontros com parentes e amigos são algo que deve ser experimentado para se alcançar toda a significação e a alegria de voltar a se unir. Tais encontros só acontecem quando há simpatia mútua e afeição. Não será considerado outro tipo, por ora. Estes encontros continuarão por um tempo depois da chegada do novo residente. É natural que, com a novidade sobre o lugar e as condições, sejam gastos uns momentos para a troca de notícias, e para se escutar tudo o que aconteceu nas vidas espirituais daqueles que foram 'defuntos' antes de nós. Eventualmente, tempo virá em que os recém-chegados vão cogitar sobre o que fazer com suas vidas espirituais.

Agora, devo dizer que, para a maioria de nós, no plano terrestre temos uma existência dupla – uma vida em casa e uma vida conectada com os nossos negócios ou ocupações. Nesta última, associamo-nos, talvez, com um grupo completamente diferente de pessoas. É normal, portanto, na ordem natural das coisas aqui no mundo espiritual, que muito do mesmo estado de coisas também exista. O cientista, por exemplo, encontrará, antes de tudo, suas conexões familiares. Quando a questão de trabalho surgir, ele se verá entre seus antigos colegas que já passaram para o mundo espiritual antes dele, e novamente vai se sentir mais do que em casa. E ficará mais do que feliz pelo prospecto da pesquisa científica que se abre diante dele. Acontece o mesmo com o músico, o pintor, o autor, o engenheiro, o doutor, o jardineiro, o pedreiro, ou com o homem que tecia tapetes numa fábrica, apenas para mencionar uma fração das muitas ocupações, tanto da terra quanto do mundo espiritual. Pode-se ver que a questão que muita gente coloca, - isto é, 'o que acontece com as pessoas famosas no mundo espiritual?' – praticamente se responde por si mesma.

A fama no mundo espiritual é bastante diferente da fama na terra. A fama espiritual traz em si distinções bem diferentes das distinções terrenas, e são obtidas apenas de uma forma – a serviço de outros. Soa simples demais para ser possível, mas é o caso, e ninguém vai mudar isso. Se alguém famoso na terra virá residir nos reinos de luz, imediatamente depois de seu desenlace, isso é com ele. A lei se aplica para todos, independentemente da posição terrena.

Um certo questionamento a respeito do destino dos mais conhecidos na terra acontece à maioria das pessoas que estão no começo de seus estudos psíquicos. O mero fato de serem bem conhecidos é suficiente. Mas ninguém desperta mais curiosidade que as pessoas historicamente famosas. Onde estarão eles – os mestres de todos os ramos da evolução terrena, os nomes que são familiares pelos livros de história? Eles devem estar em algum lugar. Certamente estão. Um bom número deles pode ser achado nos reinos trevosos, onde estão morando por incontáveis séculos, e prevê-se que continuem ali por mais incontáveis séculos. Outros estão em elevados planos de luz e beleza, onde suas nobres vidas na terra encontraram seu justo galardão. Mas há muitos, uma grande maioria, que se encontram nos reinos dos quais tentei dar a você uma descrição.

Não posso fazer nada melhor do que dar um exemplo, do qual, para o nosso propósito, consegui alguns detalhes. É sobre a passagem ao mundo espiritual de um personagem da

realidade. Tomei este exemplo porque, apesar de ser extremo, demonstra, de forma mais clara que qualquer outro, os princípios que governam a vida em geral no mundo espiritual.

Neste caso em particular, sabemos antes que este personagem estava para chegar ao mundo espiritual. Seus compatriotas estavam naturalmente interessados no que ia acontecer. Sua família, como qualquer outra família por aqui, estava pronta e esperando por sua chegada. Uma breve doença foi a causa de sua passagem para cá, e, tão logo o desenlace aconteceu, ele foi levado para a casa de sua mãe, que tinha tudo pronto para ele. A casa era bem comum, similar, falando de forma geral, a outras por aqui. As notícias de que ele chegara se espalharam. Não havia nenhuma alegria generalizada, como a que acontece na terra quando se chega são e salvo em casa, mas uma alegria foi sentida por todos aqueles diretamente ligados a esta figura tão conhecida e amada. E ali ele ficou por um tempo, apreciando a segregação e a liberdade de ação e a simplicidade de vida que lhe fora negada na terra. Ele precisava descansar depois de sua vida ativa e da doença que terminou seu período na terra. Numerosas pessoas que fizeram parte de seu círculo oficial e de seu círculo privado, e que vieram para cá antes dele, perguntavam sobre ele, mas ainda não o tinham visto. Houve, é claro, uma grande reunião familiar, e assim que ele descansou o suficiente, ele desejou ver as maravilhas de sua nova vida.

Ele reteve bastante de sua forma anterior e de sua aparência pessoal. Os sinais da doença e do cansaço mental e físico desapareceram, e ele parecia alguns anos mais jovem. O descanso atingiu seu propósito, como sempre acontece.

Enquanto ele passeava, era reconhecido pelo que tinha sido, e respeitado por isso, mas foi respeitado e festejado ainda mais pelo que agora era. Bem, você pode achar que tão logo ele encontrasse e confraternizasse com seus compatriotas, estes demonstrassem algum embaraço, talvez, e exibissem um ar de desconfiança, como necessariamente fariam se estivessem na terra. Mas, durante aquele período de recuperação, muita coisa lhe foi explicada sobre as condições da vida no mundo espiritual, seus métodos, suas leis, e seus agradáveis costumes. Estas revelações deixaram-no muito feliz, e ele soube que assim que saísse da temporada de exclusão na casa de sua mãe para se aventurar lá fora, ele poderia fazê-lo com uma liberdade que só é encontrada nos planos espirituais, onde os habitantes o encarariam sob o prisma que ele gostaria de ser encarnado – o de um homem desejoso de se agrupar a estes companheiros em sua alegria e felicidade. Ele sabia que seria tratado como um deles. Quando, entretanto, na companhia de membros de sua família, ele passeou através destes reinos numa viagem de descobertas que é comum entre os recém-chegados, ele não sentiu nele, nem causou em outros, nenhum sentimento de desconforto mental. Ninguém se referiu à sua posição terrena, a menos que ele mesmo mencionasse o fato, e não houve suspeita de interrogatórios ou mesmo curiosidade ignorante.

Você pode pensar que alguém que ocupou uma posição tão elevada no plano da terra provocaria nos outros um sentimento de pena pela mudança de posição relativa que aconteceu. Mas nestes reinos não se externam tais sentimentos, nem seria permitido, pela razão de que nunca acontecerem ocasiões para tanto. Nós deixamos nossas importâncias terrenas para trás, e não nos referimos a elas exceto para mostrar, pelas nossas experiências, a outros ainda encarnados, o que devem evitar. Não revivemos nossas memórias para a autoglorificação, ou para impressionar nossos interlocutores. De fato, ficariam ainda menos impressionados, e apenas conseguiríamos nos fazer de bobos! Aqui, reconhecemos a verdade, e a nossa verdade é para todos verem. São os valores espirituais que contam, e apenas isso, independentemente do que fomos na terra. As perspectivas e os pontos de vista alteram-se completamente quando se chega no mundo espiritual. Não importa quão poderosos tenhamos

sido na terra, é somente nosso mérito espiritual que nos levará ao lugar certo no mundo espiritual, e são os feitos de nossa vida, sem se olhar a posição social, que, em nossa transição, nos assegurarão nossa própria residência. A posição é esquecida, mas os fatos e os pensamentos são as testemunhas pró ou contra nós, e tornamo-nos nossos próprios juizes.

Não é difícil de se concluir, então, que quando o personagem real chegou no mundo espiritual, como outros de sua família antes dele, não encarou nenhuma dificuldade ou situação complicada. Foi justamente o contrário, já que toda a situação parecia se simplificar por si mesma e providenciar a solução. Bem, o que se aplica neste caso extremo, aplica-se igualmente a todos os que foram famosos no plano terrestre. Mas como isso acontece com alguns cientistas muito conhecidos, por exemplo, ou um compositor ou pintor? Para nós – e para eles – eles serão aprendizes, e aprendizes humildes, também, em qualquer ramo da ciência ou arte a que suas vidas terrenas tenham conduzido. Para vocês, ainda encarnados, eles têm nomes famosos, e quando temos ocasião de nos referirmos a eles ao conversarmos com vocês, usamos os nomes pelos quais eles são conhecidos. Aqui, no mundo espiritual, eles não gostam de serem chamados de mestres ou gênios. Seus nomes, apesar de famosos, nada significam a eles, pessoalmente, e eles repudiarão severamente qualquer coisa que, mesmo remotamente, lembre a adoração ao “herói” que o mundo lhes devotava. Eles são apenas um de nós, e assim querem ser – e são – tratados.

No mundo espiritual, a lei de causa e efeito aplica-se igualmente a todas as pessoas, independentemente de seu *status* terreno anterior. Esta lei não é coisa nova. Sempre existiu, e assim cada nome famoso que pode ser encontrado nas crônicas das nações passa estritamente pela jurisdição desta lei. A alma que passa sua vida terrena na obscuridade, conhecido apenas por alguns, é sujeito à mesma lei tanto quanto a alma cujo nome seja uma palavra familiar entre as nações. Quando se vive nestes reinos, inevitavelmente encontra-se, mais cedo ou mais tarde, com alguma pessoa cujo nome é conhecido no plano terrestre. Mas estas pessoas famosas não têm ligação com o mundo terreno. Deixaram-no para trás, e muitos deles, que vieram para cá centenas de anos terrestres atrás, ficam felizes por não precisarem se lembrar de suas vidas na terra. Estes, que sofreram uma violenta transição, ficam felizes em considerar apenas o presente e deixam o passado selado em suas memórias.

As pessoas da terra podem achar estranho que, ao andarmos por estes reinos, encontramos pessoas que viveram no plano terreno há centenas – e, em alguns casos, milhares – de anos atrás. Um encontro do passado, como era, com o eterno presente. Mas isso não é estranho para nós aqui. Pode ser, para os mais recentemente chegados para cá, mas aí há muitas outras coisas que podem parecer estranhas – antes. A discrição é uma coisa que aprendemos logo a exercitar, e incorpora-se ao fato de nunca espreitarmos os atos e circunstâncias das vidas terrenas de outras pessoas. Isso não significa que nos excluimos de discussões sobre nossas vidas terrenas, mas a iniciativa sempre virá da pessoa concernente. Se ela deseja contar a alguém sobre sua vida na terra, sempre encontrará ouvidos simpáticos e interessados aguardando.

Você pode ver, então, que nossas vidas na terra são estritamente nossas. A discrição que exercitamos é universal entre nós – demonstramos e recebemos. E não importa qual seja nossa posição anterior na terra, somos unidos nestes reinos, espiritualmente, intelectualmente, temperamentalmente, e nas características humanas conforme nossos gostos e desgostos. Somos um; atingimos o mesmo estado de ser sobre o mesmo plano de existência. Cada face nova que entra nestes reinos recebe a mesma cordial recepção, sem referência ao que tenha sido na terra.

Todos encontramos por aqui muitas pessoas que foram famosas na terra, em todos tipos de lugares e desempenhando todos os tipos de ocupação, algumas numa continuação de seus afazeres na terra, e algumas, talvez, inteiramente diferentes. Podemos, igualmente, nos aproximar de todos sem formalidade de nenhum tipo. Não precisamos de instruções para os homens e mulheres a quem a terra conhece como famosos. Seus dons estão à disposição de todos, e felizes são, sem dúvida, os que assistem os outros, os que vêm em busca de ajuda por causa de suas dificuldades, tanto em arte quanto em ciência, ou em qualquer outra forma de atividade. Os grandes, que atingiram sua grandeza através de várias expressões de seus gênios, consideram-se a si mesmos apenas unidades ínfimas de um vasto todo, a imensa organização do mundo espiritual. Todos estão se esforçando – como nós também – pelo mesmo propósito, que é o progresso espiritual e desenvolvimento. Eles são gratos por cada ajuda naquele sentido, e felizes por poderem colaborar sempre que possam.

As riquezas e honras do mundo terreno parecem bem vulgares e baratas em comparação com as riquezas espirituais e honras que estão prontas para serem conquistadas por aqui. E estas riquezas e honrarias estão disponíveis a cada alma no instante em que adentram o mundo espiritual. Elas são o seu direito inato, do qual ninguém poderá privá-la, e este direito é seu tanto antes quanto depois de conquistá-las. As grandezas terrenas podem parecer bastante tangíveis, enquanto lá estamos. Podemos ver quão tangíveis são, tão logo nossa passagem para cá acontece. Aí é que descobrimos que é a grandeza espiritual que é concreta e permanente. Nossa proeminência terrena se esvai quando colocamos os pés no mundo espiritual e nos é revelado o que somos, não o que fomos.

Várias pessoas famosas da terra contaram-me a respeito de seu despertar no mundo espiritual, e disseram-me sobre o choque da revelação que receberam quando se viram pela primeira vez como realmente são.

Mas freqüentemente a grandeza da posição terrestre anda passo a passo com a grandeza de alma, e desta forma a progressão espiritual e o desenvolvimento continuam sem interrupção desde o momento da passagem.

XIII. ORGANIZAÇÃO

Você já percebeu que o mundo espiritual é um lugar vasto e, com a terra em mente, você pode concluir que tem uma organização administrativa em todos os ramos, proporcional à sua demanda. Você está certo, é assim. Mas nossas necessidades não são as suas. Entre vocês, em seu mundo corruptível, há guerra constante contra o desgaste de material e a degeneração. Entre nós, em nosso mundo incorruptível, não temos disso. O nosso é um estado bem além da Utopia, em qualidade. Mas é um estado onde o pensamento é seu elemento básico.

Eu já relembrei você de como, quando eu vi meu jardim espiritual pela primeira vez, fiquei maravilhado pela sua regularidade e pela excelente preservação, e fiquei imaginando como era mantido desta forma, quem seria o responsável. Edwin me contou que não requeria praticamente nenhum esforço para a sua manutenção. Ele queria dizer que, como já aprendi, era necessário que meu pensamento no jardim permanecesse inalterado, e contanto que meu ego tivesse afeição pelas flores, grama e árvores, o jardim responderia aos meus pensamentos e floresceria por eles. Se eu desejasse alterar o arranjo dos canteiros, ou qualquer outro, poderia facilmente pedir para algum especialista vir em meu auxílio – e ele ficaria feliz em fazê-lo. Isto é quanto a manutenção do meu jardim.

Minha casa é provida pela mesma lei. E assim é com todos os jardins e casas pertencentes a outras pessoas deste reino. Estes, entretanto, são o que você chamaria interesses mais, ou menos, privados. São assim em um aspecto, mas o fato de eu poder encontrar um especialista em jardins que poderá fazer as mudanças mais radicais na minha casa e no jardim, de fato, que pode construir-me uma casa inteiramente diferente, com jardins em torno totalmente diferentes dos que tenho agora, isto mostra que uma organização de algum tipo – e bastante considerável – deve existir em algum lugar.

Os pensamentos unidos dos habitantes de todo o reino darão sustentação a tudo o que cresce nele, as flores, as árvores e a grama, e a água, também, seja de lago, rio, ou mar – já que a água é completamente viva no mundo espiritual. É quando chegamos na cidade e andamos pelos pavilhões de aprendizado que a organização torna-se exteriormente mais observável.

No hall da música, por exemplo, vemos muitos estudantes ocupados trabalhando em suas lições e estudos. Encontramos outros fazendo pesquisas musicais e mergulhando em livros de músicas antigas; outros estão fazendo arranjos em músicas para algum concerto, consultando as estantes para trabalhos adequados, e algumas vezes discutindo estes trabalhos com seus compositores. Há muitos professores, muitas pessoas capazes prontas para nos dar assistência naquilo que inquirimos ou em nossas dificuldades, e podem providenciar soluções aos nossos problemas, porque a equipe deste hall – assim como o de todos os outros – são, eles mesmos, especialistas.

Nominalmente, o governante do reino é o diretor de todos os halls, e todas as principais decisões devem, claro, ser encaminhadas a ele. Mas ele aponta gente competente para o conjunto de trabalhadores dos halls, e lhes dá liberdade em todas as suas funções.

Cada hall terá seu próprio diretor, mas não se pense que este 'superior' é inatingível, personagem destacada, apartado das vistas de todos, somente visto em ocasiões relativamente raras. É justamente o oposto. É sempre visto andando pelo hall, e dá as boas

vindas, pessoalmente, a todos os que para lá vão, tanto como aprendizes, ou como 'meros amantes' da música, ou para fazerem pesquisas musicais.

Eu lhe contei como continuamos com nossos trabalhos pelo período em que tivermos prazer ou proveito com eles. No momento em que nos sentimos com vontade de mudar de trabalho ou de ter outra diversão, cessamos aquele trabalho e voltamo-nos para o que desejamos. As pessoas de todos os halls de aprendizado não são diferentes dos outros, a este respeito. Eles certamente precisam de mudanças e recreação, e vemos que o pessoal alterna suas posições conforme a demanda da ocasião. Enquanto alguns se afastam, outros assumem seus lugares. É a coisa mais natural do mundo e a mais prática. Nunca tememos chamar algum especialista e ficar desapontado porque ele não está lá. Poderemos ter toda a ajuda que necessitamos e, se for vitalmente necessário consultar aquele que está ausente, um pensamento instantâneo responderá nossa pergunta, ou, com igual rapidez poderemos visitar sua casa. Não temos que pensar que somos intrusos.

Bem, quando eu lhe digo que o serviço em todos estes halls continua constantemente, simplesmente porque é dia perpétuo nestes reinos, penso que você percebe que nossas concepções de organização começam a assumir suas proporções certas.

Muitas das pessoas ligadas aos halls de aprendizado têm estado lá por um grande número de anos, como vocês consideram o tempo. São tão devotadas aos seus trabalhos que, apesar de terem progredido e virtualmente pertençam a uma esfera mais elevada, preferem permanecer onde estão por um período considerável ainda. Eles se retiram, de tempos em tempos, para seus próprios reinos, e então voltam renovados para retomarem seus trabalhos. Eventualmente o momento chegará, quando então renunciarão à sua posição para residirem permanentemente em seu próprio plano, e então outros, igualmente capazes, tomarão seu lugar. E assim por diante, continua por incontáveis séculos, e continuará por mais incontáveis séculos – uma continuidade incessante de servir aos outros nestes reinos. E esta regra se aplica a todos os vários halls de aprendizado. O trabalho no mundo espiritual funciona incessantemente; os trabalhadores descansam e mudam, mas o trabalho nunca cessa. A pressão do trabalho pode flutuar, como acontece na terra. Quando temos nossas grandes celebrações e festivais, durante os quais somos honrados pela presença de visitantes dos reinos mais elevados, acontece que um grande número de pessoas estará presente no templo, ou em outros lugares, e durante aquele tempo haverá uma apreciável diminuição de algumas atividades. Somos naturalmente desejosos de estar nos festivais em companhia dos outros, e assim fazemos. Mas os serviços nunca sofrem por isso. Acontece assim porque os habitantes deste reino sempre consideram os outros, e nunca pediremos a outros aquilo que seria um desapontamento para eles, como seria o caso se alguém insistisse em alguma atenção em um dos halls enquanto todos estivessem, como estavam, num feriado. Isto concerne a todos os halls da cidade onde alguma interrupção temporária do trabalho não seria de grandes conseqüências.

Nas casas de repouso, entretanto, os doutores e as enfermeiras estão em atendimento constante, independentemente do que esteja acontecendo em outras partes do plano. Seu devotamento às tarefas é constantemente recompensado, já que durante as celebrações do reino, os visitantes ilustres dos reinos superiores fazem um passeio às casas de repouso onde pessoalmente cumprimentam cada um dos trabalhadores. Estes podem seguir depois amigavelmente para as suas famílias e as festividades.

Toda esta administração pertence propriamente ao mundo espiritual, por assim dizer, e concerne apenas ao mundo espiritual. Há outros serviços que concernem aos dois mundos juntos, o seu e o nosso. Como, por exemplo, a chegada, ou a aproximação, de um espírito para

os planos espirituais. A regra é que todas as almas que passam para cá tenham alguma atenção. Depende delas quanta atenção terão. Algumas afundam com espiritualidade tão baixa que impedem qualquer aproximação que seria efetiva. Nós não vamos considerar estes por ora, mas somente os que se destinam aos reinos de luz.

Sem antecipar o que desejo dizer relativo ao inter-relacionamento entre os nossos dois mundos, devemos, para os atuais propósitos, considerar uma investigação no tema da transição, como ela afeta um grande número de pessoas aqui.

Nós vamos supor que você está no mundo espiritual, e que além de saber da verdade que é a comunicação com a terra, você não tem nenhuma experiência dos laços estreitos que existem entre os dois mundos. Você deixou, ainda supondo, para trás um amigo pelo qual sentia – e ainda sente – uma cálida afeição, e você imagina quando ele virá residir permanentemente no mundo espiritual. Ocasionalmente, você recebeu seus pensamentos de afeição elevando-se da terra, pelos quais você soube que ele não o esqueceu. Você nunca havia tentado, diremos assim, se comunicar com ele porque, pelos seus conhecimentos da terra, sabe que ele fecharia a cara diante de tal idéia. Seria possível descobrir se ele está quase por se juntar a você no mundo espiritual, e se estiver, como fazer? A resposta a tal questão revela a existência de uma das grandes organizações destes planos.

Na cidade há um imenso edifício que exerce a função de um escritório de registros e investigações. (Na terra vocês têm seus múltiplos escritórios de investigações. Por que não teríamos os nossos?) Aqui uma grande hoste de pessoas está disponível para responder todos os tipos de perguntas que podem surgir dos recém-chegados e dos que habitam aqui há mais tempo. Ocorrerão ocasiões em que necessitaremos de uma solução para algum problema que tenha surgido. Podemos consultar os nossos amigos sobre o assunto, mas descobrimos que eles estão tão desinformados quanto nós. Podemos, claro, apelar para alguém de um plano mais elevado, e receberemos toda a ajuda que queríamos. Mas os seres mais elevados têm seus trabalhos a fazer, da mesma forma que temos os nossos, e evitamos interrompê-los desnecessariamente. Assim, levamos nossos problemas a este grande edifício na cidade. Entre suas várias tarefas importantes, está a de manter o registro de todos os recém-chegados a este reino em particular. É um serviço útil, e muita vantagem obtém os muitos espíritos que têm interesse nisto. Mas um serviço ainda mais importante é o de saber de antemão sobre os que estão quase chegando aqui neste reino. Esta informação é acurada e infalivelmente segura. É captada através de variados processos de transmissão de pensamento, do qual aquele que perguntou não vê nada, ou quase nada. Ele é meramente presenteado com a informação requerida. O valor deste serviço pode ser prontamente imaginado.

Em tempos normais sobre o plano da terra, quando as transições mantêm um nível constante, é bastante valioso, mas em tempos de grandes guerras, quando as almas passam para o mundo espiritual aos milhares, as vantagens de tal departamento são quase incalculáveis. Amigo pode encontrar amigo, e juntos podem se unir para socorrer outros que estão passando para os planos espirituais.

Conhecimentos prévios dos eventos terrestres, nacionais ou privados, pertencem a certa ordem de seres no mundo espiritual e, quando é conveniente, este conhecimento é comunicado a outros que, por sua vez passam aos que estão envolvidos. Entre os primeiros que recebem o pré-conhecimento de uma guerra pendente estão as diferentes casas de repouso. A agência de investigação será similarmente informada.

Você está ansioso, então, para saber quando seu amigo estará quase chegando ao mundo espiritual para residir; você quer saber quando sua 'morte' vai acontecer. Seu primeiro passo é ir a uma agência de investigação. Lá você será rapidamente orientado a consultar a

pessoa certa para as suas necessidades. Você não será passado de um ‘trabalhador’ a outro, nem será submetido a outras formas de transferências. Tudo o que vai ser requisitado de você é o fornecimento do nome de seu amigo, e será perguntado o foco de sua atenção sobre ele, a fim de se estabelecer a ligação de pensamento necessária. Quando tudo estiver cumprido, vão lhe pedir que espere um curto período de tempo – pela contagem de seu tempo, será de alguns minutos. As forças requeridas são postas em ação com uma rapidez assustadora, e nos será apresentada a informação da data da chegada de seu amigo. A data real pode significar muito pouco para alguns de nós, como eu já tentei lhe esclarecer, porque é em torno do evento que fundimos nossas mentes, e não em torno da hora em que ele está acontecendo. Pelo menos, apesar de nossa condição de proximidade ao plano terreno, temos que estar seguros de que, quando um evento está próximo, seremos informados sobre ele sem falhas. No meio tempo, vão nos dar uma idéia da proximidade do evento ou do caso contrário, que deveremos entender de acordo com a medida de nosso conhecimento da passagem do tempo terrestre.

A organização que existe por trás deste serviço deveria dar-lhe uma idéia do que é vasto todo o departamento de ajuda e investigação. Há muitos outros. Este mesmo prédio abriga pessoas que podem dar respostas para as inúmeras questões que vêm das mentes dos aqui, especialmente entre os recém-chegados, e sua extensão cobre toda a gama da atividade espiritual. Mas o que é mais do nosso atual assunto, este departamento emprega milhares de pessoas, úteis e felizes. Muitos espíritos pedem para serem colocados neste trabalho, mas é necessário ter algum treinamento primeiro, por mais satisfatórios que possam ser seus atributos pessoais, pois requer conhecimento absoluto, em qualquer departamento que desejarmos trabalhar, já que deveremos estar lá para o expresso propósito de prover de informações os que têm necessidade delas.

Deixe-me passar outro exemplo da organização espiritual, e para este propósito devemos visitar o hall de ciência.

Há inúmeras pessoas no plano terrestre que têm mente para a mecânica, e que tomam como meio de vida material um ou outro ramo da engenharia. Outros são interessados em engenharia como uma diversão agradável, diferente de seus trabalhos usuais. As oportunidades no mundo espiritual só neste campo são enormes, e este trabalho científico é conduzido sob condições precisamente similares a todos os outros trabalhos aqui – sem restrições, livremente, e com os recursos ilimitados e a perfeita administração do mundo espiritual por trás de tudo. Esta forma de trabalho atrai milhares, jovens e maduros. Todos os grandes cientistas e engenheiros estão conduzindo suas investigações e pesquisas neste mundo dos espíritos, assistidos por muitos ajudantes entusiasmados de todas as frentes da vida material e pelos que trabalharam naquelas frentes quando estavam encarnados.

A maioria de nós aqui não se contenta com um tipo de trabalho; engajamo-nos em outra forma de trabalho como parte de nossa recreação. Você vê, temos uma vontade constante de estarmos fazendo algo útil, algo que será para benefício de outros. Mesmo que o serviço seja pequeno, será avaliado como um serviço. Ter duas formas de trabalho para alternarmos é dar a estimativa mais baixa. Muitos de nós temos uma dúzia de canais pelos quais pode se engajar sendo útil. Fica óbvio, então, que o abastecimento de tarefas úteis é inteiramente adequado para milhares de milhares de nós. E todas as formas de trabalho, e cada uma delas, têm sua forma particular de organização. Não há coisas como métodos baseados na casualidade. Cada tipo de trabalho tem aqueles encarregados que são especialistas, e a administração não admite confusão ou exageros. Não há desgoverno, pois tudo corre com a fluidez de uma maquinaria perfeitamente construída, sendo conduzida por mãos eficientes.

Que não se conclua que somos infalíveis. Seria uma estimativa errônea, mas sabemos que quaisquer que sejam os erros que cometemos, estamos sempre certos de que nossa perfeita organização virá em nosso socorro e nos ajudará a colocar as coisas no devido lugar. Os erros não são encarados como produto de uma ineficiência brilhante, mas são vistos como lições muito boas para nós, pelas quais podemos tirar o maior proveito. Mas não é porque encontramos esta simpatia pelos nossos erros, que ficamos descuidados só por causa disso, pois temos nosso orgulho natural e apropriado do nosso trabalho, que nos força a fazermos o nosso melhor, sempre – e sem erros.

Tentar passar a você algo como um exame acurado da organização administrativa do mundo espiritual seria uma tarefa de gigante, e bem além de meu poder descritivo, fora a impossibilidade de colocar em palavras o que só pode ser entendido por um habitante destes planos.

Talvez um dos fatos mais notáveis da vida no mundo espiritual seja a organização da vida, que é tão perfeita que nunca parece haver qualquer traço de pressa ou confusão, apesar do fato de podermos realizar tantas ações do tipo 'material' com a rapidez do pensamento, o qual é a nossa força motriz. Esta rapidez é uma segunda natureza para nós, e raramente a notamos. Está sempre lá, e é por causa dela que nosso grande sistema de vida, e a organização do viver em geral, trabalham tão bem e tão discretamente.

Na terra há um orgulho e uma ostentação por terem alcançado a era da velocidade. Em comparação com a nossa rapidez de movimentos, bem, vocês mal estão se movendo! Vocês deveriam esperar até virem morar conosco. Aí, então, é que saberão o que é velocidade verdadeira. Então saberão, também, o que é eficiência verdadeira, e como é uma organização verdadeira.

Não há nada igual a elas sobre a terra.

XIV. INFLUÊNCIA ESPIRITUAL

É hábito da maioria dos homens olhar para o mundo espiritual e ao plano da terra como dois planos à parte, separados e distintos. Olham para os dois mundos como sendo independentes um do outro, apartados entre si, e ambos inteiramente desinformados e desavisados um do outro. Que o mundo espiritual possa ter influência sobre a terra para a vantagem dela foi demonstrado ser falso, pelo atual estado de desordem que existe pelo mundo inteiro.

Há outra escola de pensamento, que consiste dos que fizeram estudos superficiais do que chamam de ocultismo. Estas pessoas acreditam que a terra, sendo indiscutivelmente muito terrícola, e o mundo espiritual sendo incontestavelmente muito espiritualizado, estes dois mundos são, por estas razões, automaticamente impedidos de qualquer intercomunicação.

Estas duas linhas de pensamento estão inquestionavelmente erradas. Os dois mundos, o seu e o meu, estão em constante e direta comunicação, e estamos completamente informados do que está ocorrendo no plano terrestre a todas as horas. Não digo, nem por um minuto, que todos nós sabemos o que acontece com vocês. Aqueles de nós que estão em comunhão ativa com vocês, estão familiarizados com seus afazeres e com os fatos de seu mundo em geral. O resto de nós, os que não têm interesse ativo no plano terreno desde que o deixaram, podem estar desatualizados de muitas coisas concernentes a vocês; os seres sábios nos reinos mais elevados possuem todo o conhecimento do que vem da terra.

Eu gostaria de indicar um ou dois canais pelos quais a influência do mundo espiritual é exercida sobre a terra.

Primeiro, tomemos a influência pelo lado pessoal.

Cada alma que nasceu, ou vai nascer, na terra, tem determinado para ele – ou ela –, um espírito guia. Em épocas passadas, algo desta idéia deve ter sido filtrada através das mentes dos antigos clérigos, pois eles adotaram a pia noção da dádiva, a cada encarnado, de um protetor invisível, a quem chamaram ‘anjo guardião’. Estes anjos guardiões algumas vezes foram vistos na arte contemporânea, onde os artistas esboçaram uns indivíduos insípidos usando roupagens brancas brilhantes e suportando em seus ombros um par de asas enormes. Toda a concepção sugeriria, pelas reais implicações, uma distância, ou um grande espaço, entre o anjo guardião e a alma que ele deveria estar guardando. Poderia se dizer que ele não era capaz de se aproximar de seu encarregado por causa do extremo refinamento espiritual por um lado, e por repelir a brutalidade terrena por outro.

Vamos trazer esta invenção inexata do cérebro dos artistas para algo mais prático.

Os guias espirituais constituem uma das maiores ordens em toda a organização e administração do mundo espiritual. Habitam um reino próprio, e vivem há muitos séculos no mundo espiritual. São desligados de todas as nacionalidades que existem sobre a terra, e trabalham à parte das nacionalidades. Uma grande parte deles vem dos países do oriente, e dentre os índios norte-americanos também, porque os habitantes daquelas regiões sempre foram, e são, possuídos de dons psíquicos, e, por esta razão, cientes da intercomunicação entre os dois mundos.

O guia principal é escolhido, para cada um do plano terrestre, conforme um plano determinado. Muitos guias são temperamentalmente parecidos com seus encarregados nas mais sutis características deste, mas o que é mais importante é que os guias entendem e compreendem as falhas de seus encarregados. Muitos deles, de fato, tiveram as mesmas

falhas quando estavam encarnados e, entre outros serviços úteis, tentam ajudar seus guiados a superarem tais falhas e fraquezas.

Um grande número dos que praticam a comunicação com o mundo espiritual já se encontrou com seus guias espirituais e estão em contato íntimo com eles. São, de fato, afortunados. Os guias, também, ficam mais felizes que nunca, quando estabelecem uma ligação direta com aqueles cujas vidas estão ajudando a direcionar. É seguro se dizer que a maioria dos guias espirituais conduz seus trabalhos totalmente desconhecidos daqueles a quem servem, e suas tarefas são, por isso, tanto mais pesadas e difíceis. Mas também há outros cujas vidas na terra tornam praticamente impossível aos seus guias a aproximação numa distância razoável. Isto naturalmente os entristece, ao verem os erros e loucuras em que os guiados estão mergulhando, e os guias são obrigados a ficarem afastados deles por causa da parede espessa de impenetrabilidade materializada que construíram em torno de si mesmos. Tais almas, quando finalmente chegam ao mundo espiritual, acordam para a completa percepção do que perderam agindo desta forma durante suas vidas na terra. Em tais casos, o trabalho dos guias não terá sido totalmente em vão, pois mesmo aos piores espíritos chega a ocasião, mesmo que passageira, onde a consciência fala, e é usualmente o espírito guia que implanta melhores pensamentos naquele cérebro.

Nem por um instante deve-se pensar que a influência do espírito guia nega ou viola a posse ou a expressão do livre arbítrio. Se, no plano material, você precisou vigiar alguém para não dar um passo em falso na corrente de tráfego nas ruas, o fato de você puxar pela mão para pará-lo de nenhuma maneira usurpou o exercício do livre arbítrio. Um espírito guia tentará avisar, quando seus avisos podem ser captados pelo guiado; ele tentará guiá-lo na direção certa apenas pela sua vontade, e ficará por conta do guiado, no exercício do livre arbítrio, obedecer ao aviso ou rejeitá-lo. Se ele o rejeita, poderá apenas amaldiçoar a si mesmo, se acontecer um desastre ou um problema com ele. Ao mesmo tempo, os guias espirituais não estão ali para viverem a vida de ninguém. Isto, cada um faz por si mesmo.

Tornou-se hábito no meio de certa classe de indivíduos na terra ridicularizar toda a instituição dos guias. Chegará o tempo em que, amargamente, vão se arrepender de sua loucura, e vai ser no dia em que encontrarão no mundo espiritual o seu próprio guia, que provavelmente conhece mais sobre sua vida do que eles mesmos! Nós, no mundo espiritual, podemos ignorar tal argumento ridículo, porque sabemos que o dia inevitavelmente virá, quando chegarem ao mundo espiritual, em que sentirão grande remorso – ah, em muitas vezes, pena de si mesmos – os que, em sua suposta sabedoria, fizeram-se bobos.

Sem ser os espíritos guias, há outra fonte prolífica de influência que deriva do mundo espiritual. Eu já falei, por exemplo, de como as mãos dos doutores terrenos são guiadas, ao operarem, por mãos de um doutor espiritual. Em muitos outros setores da vida espiritual a inspiração é usada da mesma forma que foi usada desde a aurora dos tempos. O homem encarnado faz muito pouco por si mesmo; e ele é o primeiro a perceber isto, quando chega aqui para morar. O homem pode agir em certas ações mecânicas com precisão e exatidão. Pode pintar um quadro, tocar um instrumento, manipular máquinas, mas todas as maiores descobertas que estão a serviço do plano terrestre vieram, e sempre virão, do mundo espiritual. Se o homem, empregando seu livre arbítrio, escolhe colocar tais descobertas a serviço do mal, então pode contar a si mesmo as calamidades que se seguirão. A inspiração para qualquer causa ou pesquisa vem do mundo espiritual, e de nenhum lugar mais. Se for para o bem da humanidade, a fonte é igualmente boa; se a inspiração não for obviamente para o bem da humanidade, então a fonte é inquestionavelmente malévola. O homem tem nas próprias mãos as fontes de inspiração para as quais se inclinará – a do bem e a do mal.

Lembre-se de que lhe contei que uma pessoa será tão espiritualizada no momento após a sua ‘morte’, quanto era no momento anterior. Não há mudanças acontecendo, transformando uma vida terrena maldosa em bondosa.

Uma igreja ortodoxa tem a visão, que infalivelmente é ensinada, de que os que voltam para o plano da terra e se fazem notados são demônios! É uma pena que a igreja seja tão cega, porque se pode dizer que estão tentando – ineficazmente – reprimir as forças do bem, enquanto estão ignorando as verdadeiras forças do mal. Se encorajassem as forças do bem para se aproximarem deles, as forças do mal logo seriam expelidas. As igrejas, de qualquer denominação, sofrem de ignorância abismal. Através dos tempos até agora, agiram de forma ignorante e cega, disseminando ensinamentos fantásticos no lugar da verdade, pavimentando o caminho através da ignorância universal para procriar tais ensinamentos falsos, para que as forças do mal operem.

Um ministro da igreja cumpre os serviços e os ofícios prescritos por sua seita particular, e sufoca toda a inspiração ao agarrar-se aos credos e dogmas que são absolutamente falsos. Se ele fosse interrogado sobre o tema, responderia que acredita em inspiração – de uma forma vaga e remota. Na longa caminhada, ele achará muito menos problemático adotar os pensamentos religiosos de alguma outra pessoa encarnada, e confiar em sua própria esperteza para qualquer pensamento original. Mas sugerir que o mundo espiritual não tenha outra influência sobre o mundo da terra que não seja o mal, seria completamente contra seus princípios.

É um hábito mental estranho que persiste na crença de que é sempre a força do mal vinda do mundo espiritual que tenta fazer seu poder cair sobre o plano da terra. Atribuem às forças do mal poderes que, parece, são negados às forças do bem. Por quê? E por que as igrejas têm medo mortal de ‘entrar em contato com os espíritos’ – como são advertidas a fazerem no principal Livro sobre o qual colocam tanta confiança? Ignoram este texto, e apontam o dedo acusador para a suposta mulher do Éden.

O mundo espiritual trabalha constantemente para fazer seu poder, sua força e sua presença sentida por toda a terra, não somente de forma pessoal, mas, através de indivíduos, para uma esfera mais ampla, pelo bem das nações e das diplomacias nacionais. Mas muito pouco pode ser feito, porque a porta está quase sempre fechada para os seres mais elevados do mundo espiritual, cujo campo de visão e cuja sabedoria, conhecimentos e entendimento são vastos. Pense nos males que poderiam ser varridos da face da terra sob a guia altamente competente de sábios mestres do mundo espiritual. O mundo dos espíritos faz o seu melhor através dos limitados canais disponíveis. Mas é certo se dizer que não há problema na terra que não possa ser resolvido com a ajuda e as advertências e a experiência daqueles seres que acabei de mencionar. Mas isto envolveria uma coisa – uma adesão implícita a qualquer coisa que advertam ou aconselhem. Quanto líder, de assuntos nacionais ou religiosos, que está aqui conosco no mundo espiritual, e fica completamente penalizado quando olha para trás e vê as oportunidades perdidas de se fazer uma mudança revolucionária para a melhora de seus compatriotas. Ele confessará que teve esta idéia em mente – ele não sabia então que fora inspirada pelo mundo espiritual – mas permitiu que fosse afastada. Estas almas olham para o estado para o qual a humanidade degradou. A humanidade, com efeito, permitiu que as forças malignas levassem a isso. Mas os malévolos, tão amados pelas igrejas, apareceram de direções diferentes daquela que a mesma igreja alega que vieram. Os homens e as mulheres que praticam a comunicabilidade conosco, com seriedade e honestidade, e que gostam de encontros felizes com seus amigos espirituais tanto quanto com os nobres mestres das altas esferas, estes são acusados de tratos com o ‘diabo’. É de se enrubescer! Os verdadeiros

diabos estão bem longe e ocupados, em lugares onde podem produzir resultados maiores para sua malévolos satisfação.

Você dirá que minha exposição está bem pessimista; que realmente, afinal de contas, a terra não é tão má como o quadro que pinte. É perfeitamente verdadeiro, porque trabalhamos para enviar ao mundo terreno apenas uma ou duas de nossas idéias, pensamentos e preceitos. Mas pode muito bem ser dito que apesar da universal desordem da terra, se tivéssemos retirado cada elemento de nossa influência, a terra, em breve, seria reduzida a um estado de completa e absoluta barbárie e caos. E a razão é que o homem pensa que pode seguir sozinho, apenas com seus próprios poderes e vôos. Ele está convencido de que não precisa da ajuda de nenhuma fonte. Quanto à assistência do mundo espiritual – se tal lugar existe – é impensável! Se existir um lugar como o mundo espiritual, tem-se bastante tempo para pensar sobre isso quando se chega lá. Por ora, então, eles são tão superiores que sabem de tudo, e podem gerenciar seus problemas perfeitamente, sem ajuda de um sombrio mundo espiritual. E quando muitos homens chegam para cá, para o mesmo mundo espiritual que haviam desdenhado, vêem sua própria pequenez e a pequenez do mundo que acabaram de deixar. Mas, por mais pequeno que seja o pensar no mundo, o homem ainda precisa de ajuda para conduzir seus problemas – e é outra descoberta que ele faz quando chega para cá.

A terra é linda, a vida sobre ela poderia ser linda também, mas o homem pisa nela e se coloca contra. O mundo espiritual é muitíssimo mais belo, mais belo do que a mente do homem encarnado poderia talvez imaginar. Tentei mostrar a você apenas um relance ou dois dele. Mas seu mundo parece-nos bastante escuro, e nós tentamos bastante trazer um pouco de luz a ele. Tentamos fazer com que saibam de nós, que sintam nossa influência. Nossa influência é grande, mas deve aumentar mais ainda, além do âmbito atual. Quando nós e nosso mundo formos aceitos completamente, vocês, então, saberão o que significa viver no plano terrestre.

Mas temos um longo, longo caminho a percorrer ainda.

XV. OS REINOS MAIS ELEVADOS

Eu falei a você, em inúmeras ocasiões, sobre as esferas mais elevadas. Há dois caminhos, e apenas dois, de se penetrar nestes estados superiores. O primeiro é através de nosso próprio desenvolvimento e progresso; o segundo é por convite especial de algum habitante destas regiões. Qualquer outra forma nos é barrada por barreiras invisíveis de impenetrabilidade espiritual.

Eu gostaria de contar a você sobre um convite especial que recebemos para visitar aqueles reinos superiores.

Estávamos sentados em uma das salas inferiores de minha casa, de onde todas as belezas exteriores podiam ser admiradas com perfeição. Além de uma grande distância, podia ser vista a cidade lá longe tão claramente como se estivesse perto, a uma pequena distância. Edwin e eu estávamos conversando, enquanto Ruth estava sentada ao piano, tocando uma música agradável que parecia mesclar-se harmoniosamente, não só como nossa conversa, mas com todo o nosso colorido ambiente.

Ruth não tinha se recuperado de sua surpresa inicial de ter recebido um piano em sua casa. Ela tinha sido concertista em sua vida terrena, e já nos tinha contado sobre o excitante momento, quando se sentou diante de seu 'instrumento espiritual', como ela o chamava, e ouviu o primeiro acorde. Ela disse que não sabia o que ia acontecer, nem como descrever o som que seu toque emitiu! Ficou simplesmente encantada com o resultado de sua simples ação, pois o som de seu 'piano espiritual' era algo que jamais imaginara possível, porque estava afinado perfeitamente e era de uma sonoridade de alta qualidade. Sua surpresa não terminara ainda. Ela percebeu que sua destreza aumentara cem vezes ao deixar o corpo material, e que havia levado toda sua técnica para o mundo espiritual. Depois descobriu que suas mãos, quando estava ao instrumento, apenas ondulavam sobre as teclas sem esforço consciente, e que sua memória trazia a música como se estivesse diante dela.

Na ocasião presente, ela estava enchendo o ar com sons doces, ajudando-nos em nosso descanso e recreação, pois tínhamos acabado de completar uma tarefa particularmente complexa durante o curso de nosso trabalho atual. Nós três trabalhamos juntos – ainda fazemos isso – e normalmente descansamos e nos divertimos juntos. De fato, Edwin e Ruth gastam mais de seu tempo em minha casa do que nas casas deles! Falando de mim, não queria que fosse diferente.

De repente, Ruth parou de tocar e correu para a porta. Imaginando o que poderia ser que causara tão abrupta interrupção, Edwin e eu fomos até ela. Ficamos muito surpresos ao vermos, andando pelo gramado, duas figuras brilhantes, de quem já fiz menção anteriormente. Um deles era o Egípcio que me proporcionara tanta advertência benéfica quando eu tinha acabado de chegar aos planos espirituais, e que, desde então, demonstrava um interesse bondoso em meu bem estar. O outro era seu 'mestre', que tinha acompanhado o grande visitante celestial naquela ocasião, no templo na cidade.

O mestre do Egípcio era um homem de cabelos muito negros e, combinando com esta cor, um par de olhos que transmitia o grande senso de humor e alegria. Depois eu soube que nosso visitante era um Caldeu.

Adiantamo-nos para cumprimentar nossos dois visitantes, e eles expressaram seu prazer em terem vindo até nós.

Conversamos alegremente sobre vários assuntos, e Ruth foi persuadida a concluir a música que estava tocando quando eles chegaram. Ao final, comentaram que apreciavam seu talento, e então o Caldeu abordou o tema pelo qual tinham nos visitado.

Ele veio, disse ele, com um convite da grande alma por quem nos reuníamos para reverenciar naquele memorável dia no templo, para que nós o visitássemos em sua casa no plano elevado em que reside.

Nós três ficamos silenciosos por um momento. Ruth e eu não soubemos exatamente o que dizer, além de expressar que sentíamos o privilégio que estava contido em tal convite. Edwin, entretanto, veio em nosso socorro e atuou como nosso porta-voz. O Caldeu ficou muito divertido com o nosso embaraço e apressou-se em nos assegurar que não havia nada para temermos em tal encontro. Devíamos ver que isto seria impossível. Penso que o que mais nos perturbava, ou, pelo menos, nos confundia, seria a razão pela qual fomos convidados para tal visita, e como iríamos até lá. De fato, não tínhamos a menor noção de onde seria 'lá'. Quanto a nossa primeira pergunta, o Caldeu disse que saberíamos quando chegássemos em nosso destino. Quanto a como chegar ao nosso destino, o por quê, isto era o que ele e seu muito querido amigo, o Egípcio, vieram fazer.

Tentamos explicar nossos sentimentos, mas não conseguimos; pelo menos, foi o que senti pela minha tentativa. Penso que Edwin e Ruth foram mais felizes que eu, apesar de que o Caldeu nos ajudava com a sua franqueza e seu acurado senso de humor.

Eu realmente creio que o Caldeu é a alma mais alegre em todo o mundo espiritual. Eu menciono isto especificamente, porque parece haver uma idéia nas mentes de alguns que, quanto mais elevado seja o grau hierárquico, mais sérios devem ser os espíritos. Esta noção é totalmente falsa. O reverso é que é verdadeiro. A alegria franca que vem verdadeiramente do coração, que não fere ninguém e não é dirigida em detrimento de ninguém, mas que é emanada no sentido de fazer com que outros fiquem felizes, esta alegria é bem vinda e encorajada no mundo espiritual. Não há uma inscrição "*Abandonai todos os sorrisos, vós que aqui adentrais*"! escrita nos portais destes reinos. A sugestão que *quanto maior na espiritualidade, mais severo deve parecer* é, acima de tudo, uma noção horrível, e lembra muito os santarrões de algumas castas de religiosos terrenos. Sabemos como e quando rir, e assim fazemos. Não apreciamos semblantes tristes com nenhuma contrição por trás. Por isso, quando digo que nosso distinto anfitrião, o Caldeu, elevou nossas mentes com seu júbilo – e foi bem competentemente assistido, diria que ajudado e auxiliado pelo gentil Egípcio – você deve saber que ele não perdeu nada de sua grande dignidade e pompa de seu alto grau hierárquico. E que não se pense que rimos por tudo o que dizia, já que ele falou pouco. Não moramos num plano de fazer-criar; rimos porque a vontade era genuína. Não era a risada espúria dos que dependem de outros de posição superior.

Edwin perguntou quando faríamos a jornada. O Caldeu respondeu que ele e seu bom amigo Egípcio vieram para nos levar com eles agora. Eu estava tranquilo – todos estávamos – por não saber do procedimento real para se fazer tal jornada, mas o Caldeu logo tomou as rédeas para o processo de nos conduzir. E ele nos liderou em direção ao limite de nosso reino.

Enquanto andamos através de bosques e campos, perguntei ao Egípcio se ele poderia me dizer alguma coisa sobre o grande ser que iríamos visitar. Ele me contou pouco, apesar de eu saber que ele conhecia muito mais do que revelou! Com certeza, eu não entenderia se ele contasse tudo o que sabia, por isso ele, com sua sabedoria, reteve informações. Eis, então, o que ele me contou.

A personagem ilustre, para cuja residência estamos nos dirigindo, era conhecido de vista de todos os habitantes dos reinos de luz. Sua vontade era sempre um comando, e sua palavra,

lei. O azul, branco e dourado de sua roupagem, evidente em enormes proporções, revelavam o estupendo grau de sua sabedoria, espiritualidade e conhecimento. Havia milhares que O chamavam de ‘meu amado Mestre’, o diretor de quem o Caldeu era Seu braço direito. Quanto a esta função especial, ele era o governante de todos os reinos do mundo espiritual, e exercia coletivamente esta função que o governante particular de um reino exerce individualmente. Todos os governantes, portanto, eram de sua responsabilidade, e ele unia os reinos e fundia-os em um só, fazendo-os um vasto universo, criado e sustentado pelo Grande Pai de tudo.

Tentar definir a imensa magnitude de seus poderes no mundo espiritual seria buscar o impossível. Mesmo se fosse possível, o entendimento falharia. Tais poderes não têm contrapartida, nem comparação, com nenhum poder administrativo no plano terreno. As mentes terrestres podem apenas evocar estes dirigentes que governaram grandes reinos na terra, que mandaram em vastos territórios; isto pode ser, mas se fizeram temidos, e os que viveram submetidos por eles foram seus servos e escravos. Nenhum rei da terra durante toda a narrativa da história do mundo jamais presidiu um estado tão vasto quanto este que é presidido por este ilustre personagem de quem estou falando. E seu reino é governado pela grande lei universal da verdadeira afeição. O medo não existe, nem pode existir, nem na menor fração infinitesimal, porque não há, nem pode haver, a menor causa para isto. Nem jamais haverá. Ele é a grande ligação visível entre o Pai, o Criador do Universo, e Seus filhos.

Mas, não obstante a suprema elevação de sua posição espiritual, ele desce de sua residência celestial para nos visitar aqui nestes reinos que eu tentei descrever a você em ocasiões anteriores. E é permitido a outros, de grau incomparavelmente menor, visitá-lo em Sua própria casa.

Não há nada não substancial, vago ou irreal neste ser real. Nós já o vimos naqueles dias de grandes festividades que temos no mundo espiritual. Ele não é uma ‘experiência espiritual’, alguma grande elevação da alma produzida no nosso interior por meio de alguma fonte invisível. Ele é uma pessoa real, de realidade tão vívida quanto nós mesmos – e nós somos mais reais que vocês do plano terrestre, apesar de que vocês não estejam tão cômicos disto ainda! Estou colocando a você desta forma rude para que não haja engano a respeito do que tento contar. Há noções erradas de que os seres dos mais altos planos são tão etéreos que são praticamente invisíveis, exceto por outros do mesmo grau, e que são absolutamente e completamente inatingíveis; que nenhum mortal de grau inferior poderia nem ao menos vê-los e sobreviver. É comum se dizer que estes seres são tão imensuravelmente elevados que o resto de nós levará eras para que nos seja permitido colocarmos nossos olhos sobre eles, mesmo que de uma grande distância. Isto é completamente sem sentido. Muitas almas destes reinos conversaram com algum destes grandes espíritos, e ficaram totalmente ignorantes do fato. Todos nós temos certos poderes que são aumentados quando passamos de uma esfera para outra, em nossos passos progressivos do nosso desenvolvimento espiritual. E um dos principais destes poderes é o de nos ajustarmos, de sintonizarmos a nós mesmos de acordo com o lugar onde estamos. Não há nada mágico nisso, é altamente técnico – bastante longe da maioria dos mistérios científicos do mundo terreno. No mundo espiritual chamamos isto de equalização de nosso alcance vibracional, mas temo que vocês ainda não entendam – e não compete a mim tentar explicar!

O Egípcio me forneceu estes pequenos detalhes, e eu suplementei com meu próprio conhecimento que é, de fato, bem pequeno.

Enquanto isso, divaguei um pouquinho.

Agora estávamos perto da casa de Edwin, e estávamos passando rapidamente de nosso reino para outro de atmosfera mais rarefeita. Num curto espaço de tempo, estaria nos

causando algum desconforto progredirmos. Instintivamente paramos nossa caminhada, e sentimos que o momento crucial de nossa caminhada chegara. Era exatamente como o Caldeu havia dito: não tínhamos nada a temer. O procedimento era perfeitamente normal e acima de sensações.

Antes de tudo, ele veio por trás de nós e impôs suas mãos sobre nossas cabeças por um breve momento. Isto, disse-nos, era para nos dar um poder extra para mover-nos no espaço. Sentimos um formigamento sob suas mãos que era muito agradável e divertido, e sentimos que estávamos ficando mais leves, apesar de que dificilmente acharíamos que seria possível. Podíamos também sentir um calor gostoso percorrendo. Este era meramente o efeito do poder, nada por si mesmo. O Caldeu colocou Ruth entre Edwin e eu, e então ficou bem atrás dela. Colocou sua mão esquerda no ombro de Edwin e sua mão direita sobre o meu e, como estava usando um manto – que percebemos ser ricamente bordado –, ele formava um perfeito abrigo cobrindo nós três.

Não se deve pensar que um silêncio dignificante caiu, ou que foi imposto, entre nós durante estas preliminares. Ao contrário, o Caldeu e o Egípcio, de fato, todos os cinco estivemos conversando alegremente, eles contribuindo na maior parte de nossa felicidade. Não estávamos embarcando em uma peregrinação melancólica. Longe disto. É verdade que estávamos sendo levados a distantes reinos, longe de nossas habitações habituais, mas não havia razão para uma solenidade pesada nem para assumirmos uma intensa seriedade que não sentíamos. O Caldeu fez com que se dispersasse qualquer destas emoções de nossa parte. Esta visita, disse, com efeito, era para ser gloriosamente alegre. Que mostrássemos rostos felizes, então, e corações iluminados. Não há lugar para a tristeza nos altos planos, como nos nossos. Esperavam que exibíssemos, disse ele, rostos alegres que fossem um reflexo de nossos sentimentos íntimos. Mas seria impossível não ser jovial na presença do Caldeu e seu companheiro. E estou certo de que creditamos a eles toda a sua assiduidade ao nosso lado, pois penso que nós demos a outros de nossa alegria espiritual intrínseca.

O Caldeu nos disse que ao impor suas mãos sobre nossas cabeças teria o efeito de, além de aumentar o poder para viajarmos, ajustar também nossa visão para uma intensidade extra de luz que encontraríamos no reino superior. Sem esta compensação, nós nos veríamos em angústia considerável. Neste ajuste, nossa visão não foi diminuída internamente, porém uma espécie de película foi superposta exteriormente, da mesma forma que na terra vocês usam lentes protetoras para os olhos contra a luz e o calor do sol. Não estávamos usando tais aparatos, claro; o Caldeu apenas colocou seus poderes de pensamento. O que ele fez, precisamente, não posso dizer, mas o processo, seja lá qual tenha sido, ele aplicara muitas vezes antes, e era, desnecessário dizer, completamente eficaz.

O Egípcio, em seguida, tomou nossas mãos entre as dele, e percebemos um acesso de poder refrescante fluindo em nós.

O Caldeu nos pediu que ficássemos completamente passivos, e que lembrássemos que estávamos em uma jornada para nossa alegria e não num teste para a nossa resistência espiritual. ‘E agora, meus amigos,’ disse ele, ‘nossa chegada está sendo esperada. Partamos!’

Imediatamente sentimos estar flutuando, mas esta sensação parou repentinamente depois do que pareceu ser um segundo de tempo, apesar de não termos sentido nenhum movimento. Uma luz brilhou diante de nossos olhos. Era extremamente intensa, mas de forma nenhuma assustava. Foi-se, tão rapidamente quanto veio, e, coincidentemente com seu desaparecimento, pude sentir chão sólido sob meus pés. E então a primeira visão deste reino elevado abriu-se diante de nossos olhos.

Estávamos em um domínio de uma beleza sem paralelos. Não há imaginação na terra que possa visualizar esta beleza inexprimível, e posso apenas dar-lhe pouquíssimos detalhes do que vimos no limitado vocabulário do plano terrestre.

Estávamos no reino de um rei – ficou logo evidente. Ficamos numa elevação acima da cidade; nossos bons amigos tinham nos levado para este local em particular expressamente para nos mostrar esta vista soberba. Não seria possível, disseram, ficar mais que um tempo limitado aqui, e era desejo do mestre do Caldeu que víssemos tanto quanto fosse possível neste período.

Estendendo-se diante de nós, um amplo rio, parecendo calmo, pacífico, dominando encantadoramente, como o sol celeste que tocava cada pequena onde com sua miríade de tonalidades e nuances. Ocupando a posição central da paisagem, e sobre a margem direita do rio, estava um terraço, construído à margem das águas. Parecia ser composto do mais delicado alabastro. Uma ampla escadaria levava ao edifício mais magnificante que a mente poderia contemplar.

Tinha vários andares, cada um deles sendo arranjado numa série de ordens, de tal maneira que cada um ocupava uma área gradualmente menor, até que o topo fosse alcançado. Sua aparência exterior era, ou totalmente sem, ou quase sem adorno algum, e era óbvio o porquê de ter que ser assim. Todo o edifício era feito exclusivamente de safiras, diamantes, e topázios, ou, pelo menos, do equivalente celestial deles. Estas três pedras preciosas constituíam a incorporação cristalina das três cores, azul, branco e dourado, e correspondiam às cores que vimos antes, nas roupagens de nosso celestial visitante em nosso templo, e as quais ele ostentava num grau intenso. O azul, o branco e o dourado do palácio-jóia, tocados pelos raios puros do grande sol central, eram intensificados e aumentados milhares de vezes, e cintilavam para todas as direções seus fochos da mais pura luz. Realmente, todo o edifício apresentava, para o nosso olhar desconsertado, um vasto volume de irradiação faiscante. Nós imediatamente pensamos no topázio da terra, e na safira e no diamante, e ponderamos como aquelas pedras pequenas eram apenas pequeninos objetos que poderiam ser seguros entre o polegar e o indicador. Aqui estava uma imensa mansão brilhante inteiramente construída com estas pedras preciosas, e de pedras que os encarnados jamais viram – nem jamais verão enquanto estiverem encarnados.

Nossa primeira pergunta era a razão ou a significação da construção especial deste edifício que estava diante de nós. Não havia significação especial nos materiais reais dos quais o palácio era construído, assim nos informou o Caldeu. As pedras preciosas eram próprias do reino que estávamos agora visitando. No nosso os edifícios são opacos, apesar de serem um pouco translúcidos na superfície. Mas são pesados e brutos em comparação com os dos reinos superiores. Atravessamos muitas outras esferas para alcançar esta, mas se tivéssemos parado para observar as terras através das quais passamos, teríamos visto a transformação gradual acontecendo, até que os materiais de aparência pesada de nosso reino tornassem-se transmutados na cristalina substância em que nossos olhos agora se maravilhavam.

Mas as cores tinham certamente um significado especial, ao qual já aludi.

Podíamos ver, em torno do palácio, muitos acres dos jardins mais encantadores, dispostos de tal forma que, à distância e do ponto elevado que ocupávamos, eles apresentavam um padrão intrincado e imenso, como num tapete oriental soberbamente tecido. Disseram-nos que ao vermos de perto, ou ao andarmos pelos jardins, o desenho se perderia, mas nos veríamos no meio de um delicado arranjo de canteiros e macios gramados aveludados.

Já que não conseguíamos desviar os olhos da glória superlativa do palácio e suas terras, o Caldeu gentilmente desviou nossa atenção para o remanescente da paisagem.

Ela se estendia por incontáveis milhas e milhas – ou assim parecia a nós. O âmbito de nossa visão foi aumentado nesta região rarefeita além da concepção humana, e parecia literalmente uma vista infinita espreado-se diante de nós, com mais milhas terrenas que é possível contemplar. E, através de toda esta ampla extensão, podíamos ver outros prédios magníficos, construídos de pedras ainda mais preciosas – de esmeraldas e ametistas, para nomear apenas duas, e o que de longe parecia pérola. Cada um dos diferentes prédios estava colocado no centro dos mais extasiantes jardins, onde as árvores cresciam com uma inimaginável riqueza de cores e grandeza de forma. Onde puséssemos nossos olhos, podíamos ver o cintilar dos edifícios adornados com jóias, refletindo em retorno os raios do sol central, a miríade de cores das flores e as cintilações da água do rio que fluía diante de nós, à longa distância.

Enquanto olhávamos encantados a cena, um repentino raio de luz pareceu vir do palácio diretamente para o Caldeu, e foi reconhecido por um raio em resposta, que ele enviou de volta ao palácio. Nossa presença no reino era conhecida, e tão logo regalamos nossos olhos com a paisagem, fomos convidados a andarmos até o palácio, onde nosso anfitrião estava esperando para nos receber. Foi esta a mensagem contida no raio de luz, interpretada pelo Caldeu. Nós, portanto, logo seguimos em direção ao palácio.

Pelo mesmo meio de locomoção que nos trouxe até esta esfera, rapidamente nos vimos andando no terraço ao lado do rio, e subindo um lance de escadaria que levava à entrada principal do palácio. O trabalho em pedra do terraço e dos degraus eram de branco puro, mas ficamos mais surpresos pela aparência de maciez sob os pés, já que era como andar no veludo macio de um gramado bem cuidado. Nossos passos não emitiam som, mas nossa roupagem farfalhava enquanto andávamos, de outra forma nosso caminho seria silencioso, exceto pela nossa conversa. Havia, é claro, muitos outros sons para serem ouvidos. Não adentramos num reino de silêncio! Todo o ar era pleno de harmonia enviada pelos volumes de cor que abundavam por todos os lados.

A temperatura nos pareceu mais alta que a de nosso reino. O Caldeu nos disse que realmente era mais alta do que a que podíamos sentir, mas nossas mentes foram sintonizadas para a diferença de temperatura, assim como foram sintonizadas para a intensidade de luz. Uma suave brisa era agradavelmente sentida quando tocava nossas faces com seu hálito celestialmente perfumado.

Ao entrarmos no palácio, eu adoraria ter podido me demorar mais, para examinar mais de perto os materiais inesquecíveis com os quais é feito o prédio, mas o tempo urgia. Nossa estadia não poderia se prolongar além de nossa capacidade de resistir à atmosfera rarefeita e à intensidade da luz, apesar da carga de força espiritual que o Caldeu e o Egípcio nos deram. Enquanto caminhávamos, entretanto, demos uma olhada passageira na grandeza que nos envolvia.

Tão lindamente proporcionais eram os vários aposentos e as galerias, que não havia aquela sensação predominante de grandeza em nenhum deles, como seria de se esperar num edifício de tais dimensões. Para todos os lugares onde olhássemos, poderíamos ver paredes cobertas de pedras preciosas e o piso feito de pedras preciosas. Nas paredes havia quadros de cenas pastorais, nos quais o artista usou cada gema conhecida pelos homens mortais – e muitas outras desconhecidas – como material de seu trabalho. Estes quadros, quanto à técnica utilizada, são de mosaico, mas o efeito produzido aos que os observassem é de luz fluída, se podemos usar tal termo. Os elementos constituintes das figuras emitem seus raios de luz em

todas as cores que o tema demanda, e o efeito aos olhos é o de parecerem vivos. As cores em si são magníficas, e contêm mais tonalidades e nuances de tons que os pigmentos terrenos permitem. Parece inconcebível que as pedras preciosas pudessem existir em tão ampla gama de cores – mas, estamos no mundo espiritual e também num reino elevado do mundo espiritual.

À medida que andamos pelos corredores encontramos os seres mais amistosos e graciosos, e por eles fomos cumprimentados, dando-nos as suas boas vindas. Ser bem-vindo, de fato, era a sensação mais dominante que nos envolvia desde que colocamos nossos pés no palácio. Não havia frieza; em todos os locais estava o calor da amizade e da afeição.

Finalmente chegamos diante um pequeno aposento, e o Caldeu nos contou que atingimos o ponto mais alto de nossa jornada. Eu não me senti nervoso, exatamente, mas fiquei imaginando quais seriam as formalidades que deveriam ser observadas; e como eu as desconhecia totalmente – nós desconhecíamos, exceto, claro, nossos dois cicerones - eu estava naturalmente hesitante. O Caldeu, entretanto, tranqüilizou-nos pedindo que o acompanhássemos e meramente observássemos as regras ditadas pelo bom senso.

Entramos. Nosso anfitrião estava sentado perto da janela. Assim que nos viu, levantou-se e veio em nossa direção, cumprimentando-nos. Em primeiro lugar, agradeceu ao Caldeu e ao Egípcio por terem nos trazido a ele. Então deu a mão a cada um de nós e disse-nos que éramos bem-vindos à sua casa. Havia várias cadeiras perto daquela onde ele estava sentado, e sugeriu que talvez apreciássemos sentarmos ali, ao lado dele, e olhar a paisagem. Esta era, como explicou, sua paisagem favorita.

Chegamos perto da janela, e pudemos ver à nossa frente um canteiro das mais magníficas rosas brancas, de um branco tão puro quanto um campo nevado, que exalavam um perfume que exaltava tanto quanto os botões de onde vinham. Rosas brancas, contou nosso anfitrião, eram as flores que ele preferia, entre todas as outras.

Sentamo-nos e eu tive a oportunidade, enquanto ele falava conosco, de observá-lo de perto, quando antes só pude fazê-lo à distância. Vendo-o assim, em sua própria casa e em seu ambiente, sua aparência era, de forma geral, parecida com a que se apresentou quando nos visitou no templo de nosso reino. Havia, entretanto, diferenças, vendo-o aqui; diferenças que eram mais em termos de intensidade de luz. Seu cabelo, por exemplo, pareceu ser dourado quando ele veio a nós. Aqui parecia ser de luz dourada brilhante, quase da cor do ouro. Parecia ser jovem, da juventude eterna, mas podíamos sentir as incontáveis eras de tempo, como é medido na terra o tempo, que estavam por trás de tudo.

Quando ele falou, sua voz era pura musicalidade, sua risada como águas cascadeantes, mas nunca pensei ser possível alguém emanar tanta afeição, tanta bondade, tanta consideração e atenção; e jamais pensei ser possível alguém ter tanta sabedoria como a deste rei celestial. Sentia-se que, abaixo do Pai Celestial, ele tinha a chave de toda a sabedoria e conhecimento. Mas, pode soar estranho, apesar de nos terem transportado por distâncias insondáveis até a presença deste maravilhoso e transcendente ser, agora, em sua presença, sentíamos-nos verdadeiramente em casa, perfeitamente à vontade com ele. Ele riu conosco, brincou conosco, perguntou-nos o que achamos das suas rosas, e se o Caldeu cuidou para que nossa caminhada até ali foi alegre. Falou com cada um de nós individualmente, demonstrando um conhecimento exato de todos os nossos interesses, coletivos e pessoais. Então, finalmente chegou à razão de nos ter convidado para visitá-lo.

Em companhia de meus amigos, explicou ele, eu havia visitado os reinos trevosos, e transmitido o que havia visto por lá. Ele pensou que seria de um bom contraste se fôssemos visitar o reino mais elevado, e vermos por nós mesmos algumas de suas belezas, para mostrar

que os habitantes de reino tão elevado não são sombras irreais mas, ao contrário, são como nós, capazes de sentir e demonstrar emoções sutis como eles, capazes de entendimento humano, de pensar humano, e tão suscetíveis ao riso e à alegria espontânea como nós éramos. E ele pedira que o visitássemos para que ele próprio nos dissesse que estes reinos, os quais agora visitávamos, estavam ao alcance de cada alma nascida na terra, que ninguém nos tiraria este direito, e que, apesar de levar muito tempo para se alcançar tais reinos, há toda a eternidade para se atingir esta finalidade, e há meios ilimitados para nos ajudarem em nosso caminho. Este, disse ele, é o grande e simples fato da vida espiritual. Não há mistérios agregados a isto, tudo é perfeitamente escampo, e não é restrito por crenças complicadas, religiosas ou outras. Não requer adesão a nenhuma forma de religião ortodoxa, a qual, por ela, não teria autoridade de assegurar a nenhuma alma sequer, poderes de afiançar a 'salvação' daquela alma. Nenhum grupo religioso que jamais existiu pode fazer isso.

E assim, este reino de incomparáveis belezas era livre e aberto a todos os que trabalham no caminho para cá, vindos desde os reinos mais baixos e sujos. Pode levar eras para se cumprir, mas é a grande e soberba finalidade das vidas dos milhões de almas da terra.

Nosso bom amigo, o Caldeu, mencionou ao seu 'mestre' que nossa estadia estava quase atingindo seu limite. Este disse então que sentia muito que assim fosse, mas que os poderes que foram invocados para nós tinham suas limitações e, por isso, para nosso conforto, deveríamos trabalhar dentro delas. Entretanto, acrescentou, haverá outras ocasiões, e desta forma estendeu o convite a nós.

Nós nos levantamos e não pude resistir à tentação de ver as rosas pela janela. Espiei mais uma vez e ficamos prontos para partir.

Nosso gracioso anfitrião disse que nos acompanharia até a colina de onde tivemos nosso primeiro relance deste reino. Seguimos uma rota diferente daquela que usamos para chegar ao palácio. Que surpresa foi quando vimos que levava diretamente ao canteiro das rosas. Parando, nosso anfitrião colheu três dos mais lindos botões que olhos mortais podem ver, e presenteou um a cada um de nós. Nossa alegria aumentou ainda mais quando soubemos que com a afeição que colocaríamos neles, os botões jamais murchariam ou morreriam. Minha única ansiedade era que, ao levá-los ao nosso reino, talvez ficassem esmagados pela densidade, a que não estavam acostumados, de nossa atmosfera mais pesada. Mas nosso anfitrião nos assegurou que não aconteceria, pois seria sustentada pelos nossos pensamentos neles e naquele que presenteou, e entre um e outro haveria este amplo suporte, e assim ficaria.

Finalmente alcançamos nosso ponto de partida. Palavras não expressariam nossos pensamentos, mas nossos pensamentos passaram infalivelmente a ele que nos tinha dado esta suprema felicidade, este antegosto de nosso gozo – e do destino de toda a terra, de todo o mundo espiritual. E com uma bênção sobre nós, e com um sorriso de muita afeição, de tanta benignidade inefável, despediu-se de nós com um *Deus os abençoe*, e mais uma vez nos vimos em nosso reino.

Eu tentei escrever-lhe alguma coisa do que vimos, mas não encontrei as palavras para descrever tudo, porque não posso traduzir o que é puramente espiritual em palavras terrenas. Meu informe irá, portanto, ficar bem, bem curto.

E assim, também, será com os assuntos que tratei. Dar a você um informativo compreensível de tudo o que vimos no mundo espiritual preencheria muitos volumes, e por isso escolhi o que achei que seria de maior interesse e benefício. Meu desejo mais sincero é que tenha captado seu interesse, tirado você por momentos das tarefas urgentes da vida terrena e levado a um relance do mundo além do mundo no qual agora você vive.

E se eu trouxe alguma coisa de conforto, ou de boa esperança, então grande é minha recompensa, e eu diria a você:

Benedicat te omnipotens Deus.

